Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio <<de>>,

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 3

Lisboa (1786)

Port. 36 m-3
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020056-2

Port. 36 m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO TERCEIRO.

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO III.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1786.
Com Licença da Real Meza Censoria.

BIBLIOTHECA
REGIA
MONACENSIS.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO IX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e obras do Grande Rei D. Affonſo Henriques, I. Rei de Portugal.

A VIDA, e acções de D. Affonſo Henriques, Principe excellente, que entre nós ſempre conſervará memoria veneravel, ſaõ o alto objecto, com que já ſe chega encontrar a minha penna; raſteira nos voos para ſubir Era vulg. 1128

a

Era vulg. a tanta eminencia; humilde para expôr eloquente as virtudes, as façanhas, o heroiſmo do primeiro Pai da noſſa Patria, do Gigante do valor; Alcides Luſitano, que ſobre a ruina dos Monſtros firmou incontraſtavel a baze do Reino, puro na Fé, amado pela piedade, até entaõ guardado nos ſeios da Providencia para levar o Nome do Senhor ás Gentes eſtranhas. Do Principe, que na fama do ſeu proprio, e no eſtrondo da magnanimidade ſe tece o elogio, entro a eſcrever a vida animoſo, pela certeza, de que todos os meus defeitos ſeráõ imperceptiveis, ou que ficaráõ abafados debaixo da grandeza do primeiro, e occultos na extenſaõ da ſegunda.

No fim do Tomo precedente moſtrei eu ao Rei D. Affonſo Senhor do ſeu Eſtado, quando ſe depôz delle ſua Mãi a Rainha D. Thereſa no anno de 1128. Alli tratei os ſucceſſos dos dous annos ſeguintes até o de 1130, em que falleceo aquella Princeza, que deixou a ſeu filho na poſſe

man-

manſa, e pacifica do Reino, que por direito lhe tocava. Alli deſatei todas as dúvidas, que enchiaõ de preoccupações aos noſſos Eſcritores para involverem os principios da Hiſtoria de D. Affonſo em tantas confusões, que a poucos delles deixavaõ com o deſembaraço de Hercules para cortarem tantas cabeças á Quiméra. Alli moſtrei como elle, ainda naõ reconhecido Rei o era na peſſoa de ſeus pais pela inſtituiçaõ do Reino, que nunca fora Condado; que o Rei de Leaõ D. Affonſo VI. naõ tinha authoridade para o privar da ſua regalia; que ſeparando-o da ſua Coroa, que por direito de conquiſta o poſſuia, naõ podia fazello, ſenaõ com o titulo, que lhe era proprio, com o meſmo, que elle conſervou deſde a ſua origem no dominio de tantas, e taõ diverſas Nações. Era vulg.

Alli lancei as primeiras linhas para debuxar o caracter magnifico do noſſo Principe, que na idade mais tenra, reconheceo o eſpirito da Religiaõ pelo muro mais firme do Imperio,

pe-

Era vulg. pela felicidade incontraſtavel da Peſſoa. O excercicio das armas o Pai lho deixára por herança, elle o amava por inclinaçaõ. Principiou cedo a perder o medo, como ſe vio nas ſuas primeiras expedições, para toda a vida ficar impavido, arroſtar os perigos ſem ſuſto, levantar a alma ſobre todas as imagens, que a fantaſia repreſenta pavoroſas. Concebia as idéas com extenſaõ, que ajuſtava ás medidas do animo, nunca coarctado a ambitos, que tiveſſem ſatisfeito o coraçaõ, ſó do ſeu tamanho; maior que qualquer empreza. Exemplos, e doutrinas alheias, e actos proprios lhe adquiríraõ os habitos da piedade, do valor, da prudencia, da juſtiça, da magnanimidade, das virtudes todas, que formaõ hum Heróe completo, digno da attençaõ das idades.

1130 No primeiro de Novembro de 1130 quando morreo a Rainha D. Thereſa, já D. Affonſo Henriques tinha acalmado as perturbações inteſtinas, que eraõ capazes de tranſtornar huma dominaçaõ, que naſcia. Com as armas li-

livres para as empregar na guerra da Religiaõ, naõ tardáraõ os Mouros em lhe dar promptas occaſiões para D. Affonſo moſtrar ſobre elles a elegancia das ſuas gentilezas. O Rei de Badajóz com exercito numeroſo entrou talando as campanhas da Beira, que regou com Sangue Chriſtaõ, e foi arvorar os pavilhões ſoberbo nos muros de Trancoſo. Naõ ſoffreo D. Affonſo eſta injuria na face dos ſeus Eſtados, e marchando com as ſuas trópas em demanda dos inimigos, fez caminho pelo Hermo venturoſo, aonde os filhos de S. Bernardo com o Monge Joaõ Cirita deſafiavaõ da terra, com a pureza da vida, a Angelica dos Eſpiritos do Ceo. Pedio-lhes as ſuas Orações para alcançar de Deos o bom ſucceſſo das armas, e acompanhado do ſeu Prior Aldeberto, ſe fez na volta de Trancoſo, que já achou poſſuida pelos Barbaros, pouco temeroſos da viſita.

Era vulg.

1131

Dos titulos do Moſteiro de S. Joaõ de Tarouca, que D. Affonſo mandou fundar para os Santos Monges, agradecido aos ſerviços, que lhe fizeraõ

Era vulg. raõ neſta jornada ; conſta, que no primeiro encontro derrotára os Mouros, caminhando a victoria ao paſſo, que Aldeberto affervorava a ſua Oraçaõ : Que fugindo o Mouro desbaratado, encontrára hum grande reforço, que marchava em ſeu ſoccorro, e retrocedêra a dar ſegundo combate, em que tambem ficou vencido : Que a guarniçaõ de Trancoſo, vendo o Rei de Badajóz duas vezes desbaratado, ſe entregou a D. Affonſo, que colheo tres palmas em hum conflicto.

Como nas reſultas deſta acçaõ D. Affonſo queria firmar ſegura a baze das muitas, para que o Ceo o deſtinava; naõ contente com a fundaçaõ do Moſteiro de Tarouca, determinou levantar no de Santa Cruz de Coimbra hum antemural, que a ſua piedade entendeo faria a Monarquia incontraſtavel. He eſte Edificio hum dos mais magnificos da Chriſtandade, ſempre luminoſo em Virtudes, brilhante em Sciencia, exemplar na edificaçaõ dos ſeus Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, que deſde entaõ o poſſuem como

mo Chéfe da ſua Provincia Luſitana. Era vulg.
O Arcediago D. Telo, com doze companheiros, foi o ſeu primeiro Fundador. Pôz-ſe a primeira pedra no dia 28 de Junho, e creſcendo com o zelo dos Fundadores a fama das ſuas virtudes, em poucos dias ſubio a 72 o número dos Conegos. O Rei D. Affonſo abrio ambas as mãos á ſua liberalidade para eſta fabrica ſumptuoſa, e para a da Ponte ſobre o Mondego, que ſaõ dous Padrões immortaes da grandeza do ſeu animo. Ajuntou á pompa do edificio a profuſaõ das rendas, tantas, e taõ conſideraveis, que tirando-ſe depois huma parte dellas para o Biſpado de Leiria, e Univerſidade de Coimbra, ainda ficou o Moſteiro hum dos mais ricos das Heſpanhas.

Entre os companheiros do Arcediago D. Telo ſaõ merecedores de memoria diſtincta S. Theotonio, que veio a ſer primeiro Prior de Santa Cruz; Joaõ Peculiar, que foi Arcebiſpo de Braga; Odorio, Biſpo de Viſeo; e Siſnando, Varaõ douto, que oc-

Era vulg. occupou o lugar de Prior de Monte-Mór o Velho. Muitas qualidades illuſtres faziaõ recommendavel a D. Tello, que ſobre patricio eſclarecido de Coimbra, ſe ornava de virtudes, e ſciencia; tinha peregrinado á Paleſtina, e ſeria Biſpo na ſua Patria, ſe a facçaõ do Principe D. Affonſo naõ tiveſſe prevalecido ao partido da Rainha ſua Mãi, que determinava elegello. Nas controverſias, que logo ſe moveraõ entre os Conegos da Cathedral, e os novos Fundadores, deo elle próvas de zelo ardente, naõ o embaraçando a idade, e os trabalhos paſſados para deixar de ir a Italia, aonde conſeguio do Papa Innocencio II. pacificar a diſcordia, antes que tomaſſe a perturbaçaõ mais corpo.

Naõ ſe eſquecia a caſa de Traſtamara de moſtrar contra o noſſo Principe o eſpirito ſediciosſo. D. Bermudo, irmaõ do Conde D. Fernando, cunhado de D. Affonſo, por marido de ſua irmã a Infante D. Urraca, teve penſamentos de ſe fazer Senhor de Portugal, e ſe rebellou com o Caſtello de

Ce-

Ceres. Sem perda de tempo ſe lançou Era vulg.
D. Affonſo ſobre o rebelde, que huns dizem fora morto na eſcalada, outros, que o Rei o prendêra, e forçára a tomar o habito Monacal no Moſteiro de Sobrado, aonde viveo penitente, e acabou juſto. Deixou deſcendencia illuſtre em duas filhas, D. Sancha, que caſou com Sueiro Viegas, filho de Egas Moniz, e a ſegunda D. Thereſa, mulher de Fernaõ de Ayras Batitela, pai de Joaõ Fernandes de Lima o Bom: huma, e outra Senhora origens de familias preclariſſimas de Portugal.

Como D. Affonſo ſempre trazia 1135
firme a idéa de fazer aos Mouros huma viva guerra, que era o unico meio para dilatar a Religiaõ, e extender os confins do Reino; levantou deſde os fundamentos o Caſtello de Leiria, nas terras montuoſas ſobre hum vivo penhaſco, que aos Mouros ſe fizeſſe reſpeitavel, lhe aſſeguraſſe nas invasões a retirada, impediſſe aos Barbaros as muitas, que faziaõ no campo de Coimbra, aonde o Mouro Eujuni, al-

Era vulg. alguns annos antes, havia executado crueldades inauditas com hum exercito de 300ᵭ homens. D. Affonſo, que naõ eſtava prevenido para atacar eſta multidaõ em campo aberto, a eſperou animoſo em annos verdes dentro dos muros da Cidade; reſoluto a ſalvar-ſe, ou a perder-ſe com ella; ſem corage para ver de longe o ſeu eſtrago, ou o ſeu triunfo. Huma peſte voraz cortou a Eujuni o intento, a D. Affonſo a gloria da defenſa; mas ſe para ella, ſobrou o valor, e faltou o conflicto, a prudencia ſe moſtrou advertida na fundaçaõ do Caſtello de Leiria, que cobrindo a Cidade, as correrias naõ ſeriaõ frequentes, nem os aſſaltos impreviſtos.

Os annos que ſe tinhaõ paſſado, naõ haviaõ ainda poſto em equilibrio os humores dos dous Affonſos de Portugal, e Caſtella; o primeiro pertendente á ſucceſſaõ dos Reinos de Leaõ; o ſegundo á de Portugal, ambos com motivos differentes: o Portuguez affectando o direito, que a elles tinha a Rainha ſua Mãi; o de Caſtella ſentido

do

do da desmembraçaõ, e liberdade de Portugal, e da tenacidade do seu Principe lhe naõ querer largar as terras conquistadas em Leaõ, e Galliza. Estes foraõ os motivos, que estimuláraõ ao Rei de Castella para romper com seu primo o de Portugal, e dizem, que entaõ D. Garcia, Rei de Navarra, fizera liga com D. Affonso Henriques para este invadir as terras de Galliza, em quanto elle atacava por outra parte a Castella. Nós avançamos as conquistas naquelle Reino, visinhas as Praças, que nelle possuiamos, naõ nos servindo de pequeno soccorro os dous Condes D. Gomes Nunes, e D. Rodrigo Peres Veloso, que sustentavaõ o nosso partido contra os outros Condes D. Rodrigo Vela, e D. Fernaõ Peres, faccionarios do Rei de Castella.

Era vulg.

Na terra de Lima tinha D. Affonso Henriques edificado o Castello de Celmes, que soffreo a primeira invasaõ daquelle Rei. Elle o rendeo; fez prisioneiros Fidalgos de grande espirito; conquistou algumas Praças de pou-

1136

Era vulg. pouca importancia, e contente com esta sombra de vantagem, se recolheo á sua Corte satisfeito. O nosso Principe se portou do mesmo modo em Galliza, aonde sobre as conquistas proprias, avançou o dominio com as muitas Fortalezas, que os dous Condes amigos lhe entregáraõ; e bem contrapezada a empreza do Castelhano com a sua, voltou a descançar na Pátria á sombra das victorias. Porém como na terra de Lima lhe ficava Celmes presidiada de inimigos, naõ quiz deixar em seu poder esta força, que determina ganhar na retirada. Os Condes Peres, e Vela, que lhe percebêraõ o intento, vem com exercito formado envestillo junto ao lugar de Cerneja. Naõ altera D. Affonso a marcha á vista dos contrarios, que atacados, e vencidos, muitos cavalleiros honrados perdem a vida, e o Conde D. Rodrigo Vela a liberdade.

Mais airoso com esta victoria, partio D. Affonso a largas jornadas para soccorrer o Castello de Herena, que os Mouros sitiavaõ. Que idades

taõ

taõ proprias, em que humas com outras ſe enlaçavaõ as occaſiões, para ſer cada ſoldado hum Heróe! Preſumimos, que eſte Caſtello de Herena era o de Thomar, que foi poſſuido pelos Templarios, e dizem o povoára o Meſtre D. Galdim, que concorreo no tempo do Rei D. Affonſo. Ignoramos ſe a Ordem era já Senhora delle neſte anno, em que os Mouros o ſitiáraõ, e D. Affonſo achou perdido, quando chegava a ſoccorrello: Conquiſta ás noſſas armas ſenſivel, aſſim pela ſua importancia, como pela viſinhança de Santarem, que nos convinha ter rodeada das noſſas forças, para nos facilitarem o rendimento deſta Praça, igual na reputaçaõ á importancia do noſſo dominio. O rio Nabaõ dividia eſte Caſtello das ruinas da Cidade de Nabancia, que por haver nella aſſiſtido Santa Irene, pode ſer ſe chamaſſe Herena o Caſtello, aſſim como Santarem tomou do ſeu nome o de Santirene. Era vulg.

Por eſte tempo vagáraõ as duas Cathedraes de Braga, e Porto, com

Era vulg. pouca differença entre huma, e outra vacatura. Na de Braga havia ſido Arcebiſpo D. Payo Mendes, irmaõ dos bravos Capitães Sueiro Mendes o Bom, e Gonçalo Mendes da Maya o Lidador. Baſta declarar-lhe eſtes irmãos para nós lhe conhecer-mos a qualidade: a das virtudes lhe exaltou o naſcimento, e a liberalidade para com a ſua Igreja, ainda hoje nella o faz lembrado. Na do Porto falleceo Hugo, Prelado cheio de zelo, e ardor pelos cultos da Religiaõ; circunſtancias, que o fizeraõ amado dos Principes do ſeu tempo; que inclináraõ a Rainha D. Thereſa para enriquecer a ſua Sé com as mercês, que já referi, e agora movêraõ ao Rei D. Affonſo para lhe dotar a Igreja de Meinedo, que he hum dos ſeus Arcediagos, e o Couto de Pena Cova, com outras doações, que a tem diſtinguido entre as mais brilhantes de Portugal.

Succeſſivamente occupou eſtas duas Igrejas D. Joaõ Peculiar, hum dos doze companheiros do Arcediago D.

Telo, Fundadores de Santa Cruz de Coimbra. Era hum Francez, digno das maiores attenções pelos ſeus merecimentos, e parece foi hum dos Varões veneraveis, que o Arcebiſpo de Toledo D. Bernardo trouxe na ſua companhia, quando voltou á Heſpanha da jornada de Roma. He fundação ſua o Moſteiro de S. Chriſtovaõ de Lafoẽs, aonde fez vida Eremitica, que foi a ſua primeira occupaçaõ em Portugal: Eſcóla ſanta, aonde o eſpirito ſe prepara com os ardores da vida contemplativa para ſer tocha inextinguivel nas opperações, e exercicio da activa. Daquelle Moſteiro, plantado no ſagrado horror do hermo, ſahio o illuſtre Cenobita a acompanhar a D. Telo na fundaçaõ de Santa Cruz, aonde as virtudes dos Fundadores faziaõ indiſſoluveis os ligamentos, que prendiaõ em vinculos de caridade as pedras racionaes do edificio. Entaõ póſta ſobre o candelabro eſta luz, que eſtivera occulta debaixo da medida no primeiro Convento, ella brilhou de modo, que illuminou o Porto, lo-

Era vulg.

Era vulg. logo derramou novos reſplandores em Braga.

1137, Eſtes annos goſava Portugal o
e beneficio da paz ; acçaõ, que repre-
1138 ſentava fazer pé atraz na poſtura para deſcarregar com mais violencia o golpe ſobre a vanguarda. D. Affonſo, para naõ eſtar nella ocioſo, cuidou em enobrecer as terras do ſeu Dominio, que lho mereciaõ, ou na grandeza, ou pelos ſerviços. Declarou-ſe reconhecido á ſua Corte de Guimarães, que ſempre lhe fora fiel. Para ſe moſtrar grato aos obſequios de vaſſallos taõ diſtintos, deo á ſua Villa honrado Foral, com preheminencias particulares, com iſençaõ de tributos, tanto ás peſſoas, como ás fazendas. Beneficios quaſi ſemelhantes recebêraõ Miranda, Cea, outros muitos Lugares; e o Moſteiro de S. Romaõ de Neyva o de hum Reguengo Real com todas as ſuas pertenças: que eſte Alexandre Luſitano dava tudo, reſervando para ſi a eſperança dos vaſtos Dominios, que concebia na idéa arrancar do poder dos Mouros no Continente de

Heſ-

Heſpanha á ponta da ſua eſpada invencivel : alto aſſumpto, para que já a Hiſtoria me convida. Era vulg.

CAPITULO II.

O Rei D. Affonſo Henriques paſſa o Téjo, e ganha ſobre Iſmar, e cinco Reis Mouros a milagroſa batalha do Campo de Ourique.

OS eſpiritos ſublimes de D. Affonſo Henriques, a coragem façanhoſa dos Portuguezes, tudo animado pelas victorias precedentes, ganhadas contra Caſtelhanos, e Mouros, já naõ cabiaõ na extenſaõ curta de terreno, a que entaõ ſe limitavaõ os confins da Monarquia. Medindo elles as emprezas projectadas pela dilataçaõ do valor, reſolvêraõ, que o Téjo naõ ſerviſſe de Barreira aos ſeus Eſtados; mas que vadeando as ſuas correntes, paſſaſſem com as conquiſtas ſobre os Mouros, até onde a fortuna lhes abriſſe o paſſo, ou para reduzirem Portugal ás confrontações primeiras da an- 1139

Era vulg. antiga Luſitania, ou para lhe darem mais eſpaços pelas terras, que os Mouros poſſuiaõ, com excluſiva do direito dos Reis de Leaõ, em razaõ da ſua poſſe immemoravel de quatro ſeculos. Á idéa ſe ſeguio a execuçaõ, e aliſtando D. Affonſo hum exercito de onze, ou treze mil homens, todos diſcipulos da ſua Eſcóla, creaturas do ſeu valor, mais amigos do combate, que da guerra; elle o entende baſtante para huma empreza, por concebida, temeraria, executada, incrivel.

Em Coimbra paſſou o Rei reviſta ao punhado de gente, que tinha de ſer o eſcandalo da formidavel Potencia Mauritana; e poſtado na vanguarda da trópa deſtemida, antes de romper a marcha, he provavel, que com o ſentido deſtas vozes a animaria: « Vaſſallos fideliſſimos, companheiros » meus muito amados, Nós vamos » emprehender huma façanha, que naõ » paſſou pela imaginaçaõ dos Cyros, » dos Alexandres, dos Ceſares, dos » Pompeos. Elles em tantas expedi-

» ções,

» ções, de que foraõ authores, buſ- Era vulg.
» cavaõ a gloria vã, ou os intereſſes,
» ignorantes dos fins da guerra. Nós,
» mais illuſtrados, que elles, vamos
» certos, em que vencidos, morremos
» felices pelo noſſo Deos, vencedo-
» res honramos a Patria com a victo-
» ria. Ha quatro ſeculos que geme
» opprimida debaixo do jugo mais
» tyranno. A nós de que nos ſerve ſo-
» breviver á ſua ruina? Que nos im-
» porta a vida ſem liberdade? Qual
» póde ſer o noſſo goſto, vendo o
» Evangelho em Heſpanha abatido,
» o Alcoraõ exaltado? Vamos; reſ-
» gatemos a Religiaõ, ſalvemos a Pá-
» tria, ou morramos com ella pela Fé.
» Lembrai-vos, que ſois Luſitanos,
» coſtumados a vencer pelo esforço,
» naõ pelo número. Eſtou certo, que
» nunca deſamparareis o voſſo Princi-
» pe; e como ſempre haveis eſtar ao
» meu lado, Eu ſerei o primeiro nos
» perigos para vós naõ ſeres ſegundos
» na gloria; Eu vencerei para vós ven-
» ceres comigo, ou Eu morrerei para
» vós naõ temeres morrer, aonde o voſſo
» Chéfe morrer. »

Fal-

Era vulg.

Fallando assim o bravo Principe, os instrumentos marciaes daõ final de se romper a marcha com caras ao Téjo. Vadeado este caudoloso rio, entrou o exercito na fertil Provincia, que estava á discriçaõ do Rei Ismar, depois que tirou a vida ao de Badajóz. Elle quiz impedir a D. Affonso entranhar-se pela Provincia; mas sendo forçado a amparar-se á sombra daquella Praça além do Caya, a campanha ficou livre para a talarmos ao nosso arbitrio. Em Africa, e Hespanha convida Ismar vinte Regulos, cinco delles Reis poderosos, para ajuntarem com as suas as forças proprias, formarem hum exercito espantoso, acodirem á causa commua, ao credito do Alcoraõ, acabarem por huma vez com a Hydra de Hespanha, sem lhe deixarem cabeça, que se levante, nem halito, que respire. Enchêraõ-se os valles, coroáraõ-se os montes com a multidaõ de 400$ Mouros, como dizem, para fazerem frente a doze, ou treze mil Portuguezes, que naõ se assustaõ com

os

os perigos, quando os emprehendem Era vulg.
pela Fé, pelo Rei, e pela Patria.

Já os noſſos Eſtandartes haviaõ tremolado por todo o Alem-Téjo, e chegando ao Campo de Ourique, acampa o exercito nos planos da Villa de Caſtro-Verde, no ſitio que chamaõ Cabeça de Rei. Daqui principiamos a ver desfilar do monte, aonde hoje eſtá huma Hermida de Noſſa Senhora de Ara-Cœli, as formidaveis eſquadras de Iſmar, que cobriaõ as dilatadas campinas de toda a circunferencia, aviſinhando-ſe ao noſſo acampamento. Hum theatro todo de horror na realidade, e apparencia, perturbou os animos, que no primeiro lançar dos olhos, medíraõ as deſproporções ſem darem liberdade ao juizo para calcular nos motivos as vantagens. Os Varões mais conſtantes, macilentos daõ a ler com as tintas dos roſtos os caracteres do temor na alma. Sem fallar murmuraõ; callaõ eloquentes; valeroſos deſcobrem a covardia; rodeiaõ o Principe, para que ſe veja nelles, ou os veja; e porque

Era vulg. que as faces immutadas naõ o perturbaõ, o medo rompe o ſilencio, e ſe adverte a fallar reſpeitoſo, naõ repára nas vozes languidas, com que ſe explica.

Elles dizem: Senhor, que vos arruinais, e nos perdeis. Muitos Mouros; poucos Portuguezes. Contra cada hum de nós ha cem Barbaros. Que Heróe combateo campo a campo, roſto a roſto hum cento de inimigos? Nós eſtamos rodeados de todo o poder de Africa. Se peleijamos morremos. Mulheres viuvas, filhos orfãos ſerá a conſequencia triſte da noſſa temeridade. Peçamos a paz, e repaſſemos o Téjo, que he foſſo profundo para a noſſa ſegurança, ſem pertendermos mais largura de terra, que nos poem os corações em tanto aperto. Nós nos perdemos ſem gloria contra hum poder, que os batedores do campo chamaõ infinito. Reſervemos as vidas para melhor occaſiaõ: Vós, que ſois a noſſa alma, ſalvai-vos das mãos da anguſtia, até que chegue outra opportunidade com certeza de gloria.

Ouve Affonſo ſem perturbaçaõ as vozes roucas. Naõ reſponde palavra; mas animando o roſto com a fortaleza, o moſtra alegre, e fero, impavido, e jucundo, riſonho, e circunſpecto. Manda, que o exercito ſe forme em batalha; e paſſeando pela frente das ſuas fileiras, em acenos mudos, mas energicos; no ſobir, e declinar os olhos; no movimento das mãos; nos geſtos graves dos membros; Cabos, e ſoldados entendêraõ, que elles indicavaõ eſte conceito, que o valeroſo Principe entre ſi formava: Muitos Mouros, poucos homens: muitos homens, poucos ſoldados: turba mercenaria, nada guerreira; avarenta dos deſpojos, pouco ambicioſa da gloria. Sem Fé, entregue á Providencia ordinaria: ſectaria do erro, indigna dos auxilios Divinos. Grande cópia de armas; fracos pulſos, que naõ merecem os esforços do Deos dos Exercitos. Numeroſa cavallaria; Cavalleiros ſem deſtreza, que vem a talar, naõ a combater. Neſte meſmo campo Viriato com Luſitanos gentios desbaratou formi- Era vulg.

Era vulg. midaveis, muito mais valerosos Romanos: Affonso com Portuguezes Christãos ha de duvidar de vencer a multidaõ de Mouros covardes? Elle, que peleija pela Religiaõ, pela Patria, pela honra, ha de contar número de inimigos, ou medir a extensaõ da sua coragem? Vem chegando a noite; amanhecerá outro dia, e as luzes de nova Aurora desterraráõ dos coraçóes os crespusculos da tarde, que representaõ gigantes os phantasmas.

Assim discorrendo Affonso, manda ao seu exercito, que descance. Recolhe-se á sua tenda para revolver no fundo do animo a deliberaçaõ, que deve tomar em lance de tanto aperto. Estes saõ os esgalhos do Sceptro, que lastimaõ a mesma maõ, que lisongeaõ. Para divertir a molestia dos cuidados, o Principe abre huma Biblia, que tinha na tenda, e acaso se encontra com a memoravel victoria de Gedeaõ, que na frente de 300 Hebreos derrota com morte de 120$ homens o campo dos quatro Reis Madianitas. D. Affonso julga este encontro, para mys-

myſterioſo, opportuno; para acciden- Era vulg.
te, raro. Elle levanta o coraçaõ, e os olhos ao Ceo; falla no fundo da alma ao Deos, que penetra o centro dos eſpiritos, e lhe diz: Vós ſabeis, que por honra voſſa me empenho neſta guerra: naõ ſou taõ juſto como Gedeaõ; mas o meu Povo he mais ſanto, que o ſeu: vós agora ſois o meſmo Deos de entaõ; o Deos, que ſempre he, e de mais Homem como nós, e por amor de nós. Dobradas cauſas vos obrigaõ a multiplicar os ſoccorros. Eſta he voſſa; vós a dirigi; animai a voſſa gente; auxiliai os ſoldados Luſitanos, de quem ſois Chéfe. Ditas eſtas palavras, D. Affonſo, rendido ao pezo dos cuidados, ſuavemente adormece ſobre o Livro Sagrado.

Tanto que a natureza opprimida fez fechar os olhos ao corpo fatigado, o coraçaõ, que vigiava, repreſentou á phantaſia, que hum Velho venerando lhe fallava: que lhe promettia ſem dúvida a victoria: que o inaugurava amado de Deos, inſtrumento feliz da ſua gloria, clarim ſonoro da exaltaçaõ

do

Era vulg. do ſeu Nome. Neſte doce enleío ſe deleitava D. Affonſo, quando o ſeu Camariſta Joaõ Fernandes de Souſa entra na tenda, e lhe dá parte: Que hum Anciaõ reſpeitoſo, que diz ter com ſua Alteza negocio grave áquella hora, pede audiencia. Manda Affonſo, que entre ſe he Chriſtaõ. Apenas o Principe lhe põe os olhos, conhece a realidade da imagem, que lhe acabava de lhe repreſentar o ſonho. Commovido, e attento eſpera ouvir o Emiſſario, que o conforta, o anima, e com as meſmas vozes, que ſe lhe figuráraõ dormindo, lhe promette a victoria, á viſta do Salvador glorioſo á face da ſua carne mortal. Affirma-lhe ſer amado de Deos, que nelle, e nos ſeus deſcendentes tinha poſto os olhos da ſua miſericordia até á decima ſexta geraçaõ: que nella ſería a prole atenuada; mas que neſſe meſmo eſtado Deos tornaria a vella para abençoalla: que ao ouvir o ſom da campainha da ſua Hermida, aonde havia 66 annos o guardava a Divina Providen-

ſtencia, ſahiſſe ao campo; por que Je- Era vulg.
ſu Chriſto queria fallar-lhe.

D. Affonſo trata ao Embaixador com o reſpeito, que merece a Auguſta Peſſoa, que repreſenta. O Hermitaõ ſe retira cortez; D. Affonſo perde o ſomno conſolado, e conta os inſtantes da noite como naõ incluidos na ordem do tempo, que em eſperanças de goſto ſublime ſempre tem eſpaços longos. Na ſegunda vigia ſoa a campainha, e Affonſo, que eſpera deſperto o ſinal para receber a coroa, que ſe promette aos vigilantes, armado de eſpada, e rodella, ſahe ao Arraial, prompto para a execuçaõ das ordens do ſeu Chéfe. Levanta a viſta ao Ceo, donde eſpera o ſeu auxilio, e da parte Oriental vê ſahir delle hum globo de luz brilhante, precurſora daquella, que Oriente he o ſeu Nome, e já ſahe a apparecer Sol de Juſtiça, que lhe traz a ſaude nas ſuas pennas. Aſſegura-ſe, que entre raios ſcintillantes Jeſus Chriſto apparecêra crucificado a D. Affonſo; a Cruz dez covados levantada da terra; Jeſus Chriſto rodeado

Era vulg. do de innumeravel multidaõ de Anjos na figura de mancebos, veſtidos de branco, galla ordinaria da ſua Corte, que ſempre veſte a cor da innocencia.

A preſença do Rei dos Reis, Deos da Mageſtade, em ſuaves tranſportes humilha, enche de temor, e reſpeito ao bravo Affonſo. Tira as armas, deſpe os veſtidos, marcha deſcalço a ver a viſaõ grande. Sendo lagrimas doces o primeiro pezo das ſuas vozes, reſpeitoſo, e reverente chora, falla, e diz: A mim, Senhor, que tenho huma Fé viva, correis o véo á Imagem inviſivel do Padre, e me pondes patente o caracter da ſua ſubſtancia? Deſcobri-vos, manifeſtai-vos a eſſes barbaros incredulos, para que abandonando os erros, vos conheçaõ. O Redemptor benigno com voz cheia de ternura, derramando a graça, que tem nos labios, lhe reſpondeo: Eu naõ te appareci neſta figura para augmentar a tua Fé; mas para confortar o teu valor na empreza, que he minha; para firmar em ti o Reino, que he meu: Confia, que naõ vencerás

ſó

ſó eſta batalha; mas todas aquellas em que te empenhares contra os inimigos do meu Nome. Acharás a tua gente animada para o combate, e te pedirá conſintas entrar nelle com o titulo de Rei, que quererá conferir-te. Tu o aceita, naõ repugnes; que ſou o Fundador, e Diſſipador dos Imperios do Mundo, e em ti, e na tua geraçaõ quero fundar para mim hum Reino, que levará o meu Nome ás Nações eſtranhas. Para que os teus deſcendentes conheçaõ, que da minha maõ recebem o Imperio, comporás as ſuas Armas do preço, com que comprei o Genero Humano, e daquelle por que foi comprado dos Judeos. Aſſim ficará ſantificado eſte Reino, amado de mim pela pureza da Fé, exaltado pela piedade. Era vulg.

Ouvida a doçura, a efficacia, a magnificencia deſta promeſſa, Affonſo adorando ao Senhor com o roſto em terra, lhe diz: Grande Deos das miſericordias, que merecimentos ſaõ os meus para uſares comigo de piedade taõ ſingular? Se he hum ef-

Era vulg. feito da voſſa meſma bondade, dilatai-a, Senhor, ſobre os Succeſſores, que me prometteis; conſervai fiel, e livre de perigos a gente Portugueza; ſe contra ella tendes ordenado algum caſtigo, venha ſobre mim, e meus deſcendentes, e ſalvai o Povo, que amo como filho. Promette Jeſus Chriſto a Affonſo, que nunca apartará delle os olhos da ſua miſericordia, pelo haver eſcolhido para ſeu Operario em Regiões remotas. Deſapparece a viſaõ, e o preconizado Rei, cheio de alentos Divinos, ſe recolhe á ſua tenda, culpando a noite, que lhe retarda vagaroſa a gloria do mais formoſo dia. Aqui teve origem a tradiçaõ conſtante, que digo no Prefacio do I. Tomo, naõ me conformando com a opiniaõ dos criticos ſeveros, que querem tiveſſe principio viciado no tempo do Rei D. Joaõ o I. por occaſiaõ da guerra com Caſtella.

Em fim amanhece o dia 25 de Julho de 1139 em que a Igreja Santa célebra a Feſta do grande Patrono, Soldado de Heſpanha o Apoſtolo Sant-

Iago,

Iago, agouro feliz da futura victoria. Era vulg.
D. Affonso, com figura terrivelmente agradavel, apparece no campo, e vê na sua gente novas imagens de outros homens bem diversas, das que examinára na tarde precedente. Todos respiraõ corage, vomitaõ chammas, ardem incendios; impacientes pela batalha, pedem ao seu Chéfe o conflicto. D. Affonso, que na mudança naõ pensada conhece a maõ occulta, que a move, faz celebrar em muitas partes o Sacrificio tremendo do Altar: elle, com a maior parte do exercito, recebe o Sacramento de conforto, muniçaõ dos fortes, que sem desfalecimento os sobe triunfantes ás fragosidades mais escabrosas. Depois monta a cavallo, e fazendo tremolar a sua Bandeira, ordena o exercito para a batalha.

Na vanguarda postou 3ↀ Infantes, que reservou para si com 300 cavallos escolhidos. A retaguarda de igual numero, a mandou cobrir por Lourenço Viegas, e Gonçallo de Sousa, este genro, e aquelle filho do seu

Era vulg. Ayo Egas Moniz. Os lados direito, e eſquerdo da linha de batalha foraõ entregues ao valor, e diſciplina de Martim Moniz, e de Mem Moniz, Fidalgos igualmente illuſtres, que animoſos. O Principe, que até entaõ tudo obrára em ſilencio, pondo-ſe em lugar, aonde foſſe viſto de todos, moſtrando no roſto os ſinaes do triunfo, com eſte conceito lhes falla. « Valeroſos Portuguezes, hontem eu,
» e vós vacilavamos no que deviamos
» fazer; eu com ſemblante de irreſo-
» luto, vós com apparencia de teme-
» roſos. Amanheceo novo dia, que
» nas ſombras da noite deixou ſepul-
» tadas as dúvidas. O voſſo Principe
» vos ordena, que marcheis, naõ a
» diſputar a batalha; mas a colher os
» fructos da victoria. Toda eſſa chuſ-
» ma de Barbaros eſtá entregue nas
» voſſas mãos: Vós ſois os inſtrumen-
» tos do combate, o noſſo Deos o
» Author do triunfo; a acçaõ voſſa,
» a gloria delle. Pela hora feliz, que
» já chega, nós ſahimos das noſſas
» caſas. Nella em hum ſó acto, ſeraõ

» mui-

» muitas as vantagens. Nós honrare- Era vulg.
» mos a Deos, dilateremos os con-
» fins da Patria, firmaremos livre o
» noſſo Reino, os noſſos nomes voa-
» ráõ cheios de gloria pelos ambitos
» da Eternidade. Nada mais vos digo:
» porque naõ pareça, que animando-
» vos para a batalha, me eſqueço de
» que ſomos Portuguezes. »

O ecco deſtas vozes foi o ruido univerſal de Chéfes, e ſoldados, que movidos do meſmo eſpirito, clamavaõ ao ſeu Principe lhes permitiſſe declarallo Rei á face de todos antes de entrar na batalha: que a juſtiça aſſim o inſtava, elles o queriaõ, a occaſiaõ de tanto empenho o neceſſitava, já para honra dos Luſitanos em tantas idades eſcravos, já para terror dos Mouros havia quatro ſeculos dominantes. Naõ podia repugnar D. Affonſo á obſervancia da ordem, que antes recebêra do Rei dos Reis; e dado o ſinal do conſentimento, as tropas, vibrando as lanças, cortando o ar com as eſpadas, atroando os ares com os clarins, fazem ſoar por todo

Era vulg. o horiſonte as vozes : Real, Real, por D. Affonſo Rei de Portugal. Os Mouros, que ouviaõ o eſtrondo, e ignoravaõ o motivo, furioſos de que na ſua preſença, em tal lance, tiveſſem taõ poucos homens lingua para fallar palavras de alvoroço, que indicavaõ eſperanças de vencer; a paſſo largo nos acomettem, e começa a memoravel acçaõ da formoſa jornada de Ourique.

Cobrindo o Rei a vanguarda, he o primeiro, que rompe a batalha, e ao bravo Rei de Sylves, que o buſca, com o primeiro bote de lança o deita em terra morto. Já a vozeria dos Barbaros, o eſtrondo dos inſtrumentos, os gemidos dos agonizantes he horror, he confuſaõ, he eſpanto. Saltaõ pelo campo as cabeças ſem ſentido, as pernas, e braços ſem dono; humas entranhas fervem, outras palpitaõ: perde a côr o campo; largo tempo, nadando em ſangue, nenhum dos eſquadrões perde terreno. O Rei, que ſe achava nos lugares de maior perigo, para que aquelles, que naõ podeſ-

deſſem animar-ſe ouvindo-o, o imitaſſem vendo-o: Ordena ao Alferes Garcia Mendes, que rompa a vanguarda dos inimigos, e arvore o Eſtandarte Real no meio delles. Aqui ſe reveſte a corage dos eſpiritos do furor. O Rei ſegue ao Alferes, e ſuperior a ſi meſmo, fulminando a eſpada como raio para todos os lados, quem alcança o primeiro golpe, eſcuſa ſegundo. D. Pedro Paes, D. Diogo Gonçalves Valente, D. Lourenço Viegas, Mem Moniz, e Martim Moniz, vendo o ſeu Rei mettido em tanto empenho, ſe avançaõ á refrega como leões, e obraõ tantas maravilhas, que os Mouros os olhaõ com eſpanto, os noſſos com reſpeito. Era vulg.

Diogo Gonçalves, que ao lado do Rei obrava aſſombros, cahio carregado do pezo das ſuas meſmas façanhas. Hum Mouro ſe lança a cortar-lhe a cabeça; mas ſeu cunhado Fernaõ Mendes de Bragança o atraveſſa, degola outros, toma hum cavallo, e ſalva do perigo o fatigado Heróe

com

Era vulg. com efte foccorro. Elle, que recobra os efpiritos, volta á efcaramuça, e coroado de novas gentilezas, deixa a vida nas mãos do canfaço. Dos muitos cafos de taõ plaufivel dia he panegyrifta o difcurfo, já que o tempo nos roubou as memorias, os maiores applaufos o defcuido. Na confufaõ dos golpes, o feu pezo fazia dobrar a vanguarda inimiga, aonde o Rei, coberto de pó, e de fangue, banhado o rofto em fuor efcuro, com afpecto aos Barbaros terrivel, aos noffos grato; verificava na fuperioridade mais que humana o conforto Divino, que o movia. Tudo fe rende aos feus pés; mas o retroceffo dos Barbaros ainda naõ he final da victoria; que a multidaõ a cada paffo lhe poem tropeços, e de huma cabeça cortada fe reproduzem muitas. Para reparar a confufaõ, antes que foffe quebra, Ifmar acode com todas as forças, e rodeado o noffo campo, naõ ha braço ociofo; todos faõ reprefentantes, e naõ fica hum fó para expectador de Scena taõ viftofa.

Os

Os noſſos lados, e retaguarda redobraõ a fúria do combate, que aviva a elegancia com as proezas de Gonçalo Mendes da Maya o Lidador, e mais Fidalgos, que o ſeguem. Já ſenaõ diſtinguem Capitães de ſubalternos; cada ſoldado he hum Chéfe; elle ſe dá as ordens, e as executa. Dura com eſte horror a batalha, e ſendo meio dia, a victoria naõ ſe declára. Entaõ o Rei, que pode ver a embaraçava hum eſquadraõ intrepido da guarda de Iſmar, que cobria ſeu ſobrinho o deſtemido Homar Atagor; elle o inveſte, na meſma marcha o rompe, degolla o alentado Homar, os Mouros ſe deſordenaõ, e elle clama victoria. Á voz, e exemplo do Principe corre de tropel a ſua gente ſobre os derramados, que levaõ na vanguarda a Iſmar já fugitivo, e por toda a parte os noſſos vaõ encontrando rendidos, naõ contrarios; deſpojos do medo, naõ inimigos com valor. Depois de ſeis horas de batalha, os braços naõ perdêraõ as forças para cortar cabeças. No recinto de tres le- Era vulg.

Era vulg. leguas naõ se pizavaõ mais que cadaveres, e as ribeiras de Cobres, e Terges corrêraõ sangue, que impellído da chuva, que sobreveio, tingio as aguas do Guadiana, aonde aquellas ribeiras se recolhem. A cima de 200ↀ se suppoem os mortos; mas contemplo aos nossos poucos, e naõ ociosos para fazerem esta denumeraçaõ monstruosa com tanto vagar, que naõ errassem na conta. Da nossa parte faltaraõ alguns Fidalgos, entre elles Martim Moniz, senaõ he o mesmo, que morreo depois na tomada de Lisboa, e outros bravos soldados, que honráraõ a Deos com o sangue, a Patria com a victoria.

Affonso, igualmente circunspecto, que destemido, vendo a grande mortandade, o terror dos Mouros, a sua fugida precipitada, os seus empenhados no alcance, que poderia ser origem de alguma desordem na trópa cançada com tantas horas de combate: Faz tocar a recolher, para que no campo se congratulem da victoria em abraços mutuos os amigos, que tive-

veraõ mãos para esmagar debaixo dos golpes aos contrarios. Tres dias celebrou o exercito no mesmo arraial o seu triunfo com louvores perenes ao grande Deos das Batalhas: recolheo despojos immensos, que deixáraõ a Pátria rica, os soldados contentes: fez muitos prisioneiros, que andavaõ pelos bosques errantes, e desmandados, para ser mais apparatosa a sua entrada triunfal em Coimbra, que recolheo em si a gloria de huma das vantagens mais sublimes em armas, que foi vista no mundo em muitas idades. No dia da Assumpçaõ da Senhora entrou o exercito vencedor nesta Capital; assistio aos Officios Divinos, que celebrou o seu Bispo D. Bernardo, e em huma eloquente Homilia, que recitou o Arcebispo de Braga D. Joaõ, ouvio o primeiro pregaõ sagrado do seu valor, na origem, e no applauso gravado em Fastos Divinos. Era vulg.

Naõ se lembrou mais a nossa magnanimidade, ou a nossa incuria de honrar o lugar, aonde se obrára a chéfe-acçaõ, em que os Portuguezes ele-

Era vulg. elegêraõ Rei, formáraõ Reino, restituíraõ a liberdade, fizeraõ immortal o seu nome. Padrões, Obelyscos, Monumentos, nada levantamos nos áridos desertos do Campo de Ourique para marcarem á posteridade o sitio venturoso do maior milagre, que obrou o nosso espirito. Até ao tempo do Rei D. Sebastiaõ, que honrou com a sua presença aquelles valles, apenas se viaõ as paredes arruinadas da Ermida do veneravel Velho, que da parte de Deos veio fallar a D. Affonso na noite antes da batalha. Nem esta memoria de successos taõ eminentes os nossos antigos quizeraõ conservar inteira. Porque assim a vio, D. Sebastiaõ se lastimou, e mandou levantar sobre as ruinas illustres hum Templo, que hoje he a Igreja Parrochial da Villa de Crasto-Verde, e nelle hum arco, aonde fez esculpir esta Inscripçaõ, que compôz o nosso Resende: Aqui neste Campo, estando para peleijar o Rei Ismar, e outros quatro Reis Mouros, que traziaõ exercito innumeravel, o venturoso Rei D. Affon-

fonſo Henriques foi acclamado primei- Era vulg.
ro Rei dos Portuguezes, e animado por Chriſto noſſo Salvador, que lhe appareceo crucificado, a peleijar valeroſamente. Com pouca gente fez tanta deſtruiçaõ nos inimigos, que as correntes dos rios Cobres, e Terjes ſe accreſcentáraõ com o ſangue derramado. Porque huma proeza taõ memoravel, e eſtupenda naõ eſqueceſſe no lugar, aonde aconteceo, o Rei D. Sebaſtiaõ, primeiro do nome, que igualou o reſpeito do esforço militar ao deſejo, que teve de accreſcentar a gloria dos ſeus Antepaſſados, renovou a memoria della com eſte titulo, que mandou levantar.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se das Pessoas principaes, que se acharaõ na Batalha do Campo de Ourique: Prova-se a appariçaõ de Jesu Christo ao Rei D. Affonso, e se escreve a formaçaõ das Armas do Reino.

NA Aula militar do grande Conde D. Henrique se haviaõ disciplinado os espiritos intrepidos, que fizeraõ ostentaçaõ dos actos grandes do seu valor na sublime Escóla do herioco Rei D. Affonso Henriques. Ás nossas idades chegáraõ as memorias de alguns dos aguerridos Aventureiros, que o acompanháraõ na jornada de Ourique, entre os quaes saõ bem dignos da lembrança da Historia os tres irmãos Fernando, Rui, e Nuno Mendes de Bragança, que no dia do glorioso combate mostráraõ, que lhes circulava nas veias o Real sangue dos Reis de Armenia, por huma filha sua, que de Mendo Alaõ de Bargança

ça teve filho em Hespanha a D. Fernando Mendes o Velho. Deste Fidalgo, e de huma filha do Rei D. Affonso VI. nasceo Mem Fernandes, que casando com D. Sancha Viegas, filha de Egas Gosendez, foraõ os pais dos tres Heróes, que nas obras do seu valor na batalha déraõ as próvas mais constantes da sua alta qualidade. Era vulg.

Semelhantes heroicidades obráraõ o fidelissimo Ayo Egas Moniz, seus filhos Sueiro Viegas, Moço Viegas, e o Alferes Garcia Mendes. Alguns daõ este emprego a Pedro Paes; mas tendo Garcia tantas próvas a seu favor, naõ devemos privallo da gloria de ser elle hum dos primeiros instrumentos da victoria, quando acompanhado dos seus soldados, arvorou o Estandarte Real no centro da vanguarda inimiga, aonde foi o maior ardor da batalha, e o principio da derrota dos Mouros. Lourenço, Fernando, e Egas Mendes de Gundar, todos tres irmãos, desempenháraõ ser filhos do alentado Mem de Gundar, Capitaõ do Conde D. Henrique, e entre elles

o

Era vulg. o Fernando o de companheiro inseparavel do famoso Gonçalo o Lidador. Este bravo, e seu sobrinho Pedro Paes, depois Alferes do Rei, foraõ dous instrumentos gloriosos da victoria. O Lidador já neste tempo estava cheio de merecimentos, por haver servido ao Rei D. Affonso VI., ao Conde D. Henrique, ultimamente a seu filho, sempre de modo, que cada huma das suas acções elle a obrava, como se fosse a primeira para merecer, a ultima para se coroar. Semelhante applauso nos merecem Diogo Gonçalves, filho de Gonçalo Oveques, Godinho, e Egas Fafes, filhos de Fafes Luz, Alferes do Conde D. Henrique, Payo Guterres, Martim Anaya, Gonçalo Dias o Cide, D. Fuas Roupinho, Fernaõ Pires, Martim Moniz, com os mais cabos, e soldados, aos quaes sentimos naõ saber os nomes, assim como lhes qualificamos as obras, para deixarmos á posteridade memoria illustre dos Fundadores da nossa Monarquia.

De

De Martim Moniz, e de Mem Era vulg.
Moniz, que mandavaõ os lados do exercito, disse a maior parte dos nossos Escritores, que eraõ filhos do grande Egas Moniz; mas he certo, que todos se enganáraõ, assim porque nenhum delles usou do patronimico de Viegas, como porque estes Fidalgos procediaõ de familia muito differente, de que outros Authores déraõ noticia.

A appariçaõ de Jesu Christo na figura de Crucificado ao Rei D. Affonso na noite precedente á batalha, he hum ponto da nossa Historia, que tem levado as attenções da Critica mais delicada. Bem sei, que a Escritura de juramento do Rei, feita aos vinte e nove de Outubro de 1152, e descoberta no Cartorio de Alcobaça pelo Doutor Fr. Bernardo de Brito no anno de 1596, dá occasiaõ para se fazerem sobre ella varias reflexões. A primeira he, que hum Monumento desta importancia estivesse guardado no Archivo de huma Communidade de homens doutos o longo espaço de 444 annos, que

Era uulg. correm do de 1152, em que elle foi lavrado, até o de 1596, em que o descobríraõ, sem que em tanto tempo houvesse hum Monge applicado, que precedesse a Brito no invento. A segunda he, que todas as firmas da Escritura saõ de huma mesma letra, que fornece hum indicio vehemente de ser a obra supposta, fabricada ao arbitrio dos interessados na gloria da Naçaõ. Porém antes que eu trate da fé deste pergaminho, em quanto á appariçaõ devo dizer, que ella tem a seu favor a tradiçaõ constante desde a idade do Rei D. Affonso até a presente sem dúvida, nem hesitaçaõ de Portuguez algum, que todos de pais a filhos recebemos esta noticia, revestida do caracter de certeza, como deixo dito.

Depois as nossas Chronicas, e muitas Historias estrangeiras compostas antes, e depois do apparecimento, ou achado do pergaminho, confirmaõ a fé da tradiçaõ. Entre os nossos diz Duarte Galvaõ na Chronica do Rei D. Affonso: Que meia hora ante manhã

nhã se tocára a campainha, que o Ermitaõ dissera: que o Principe sahíra da sua Tenda, como elle mesmo affirmára, e déra noticia na sua historia, e que vira ao Senhor na Cruz, na fórma que o Ermitaõ lhe promettêra: Que pelas cousas do dito Rei andarem por culpa dos tempos em mui desfallecida lembrança de escritura, quiz Deos, segundo parece, que ficassem algumas em confirmada fama. Manoel de Faria e Sousa diz com a sua costumada elegancia: « Rompia el alva, Era vulg.
» quando oida la señal, salió de su Pa-
» vellon armado, y a la parte del
» Oriente le llevò la vista un rayo,
» que con claridad notable se estendia
» por el aire; multiplicando-se nubes
» de resplandores, y abiertas le mos-
» traron colocado en un Throno de
» Angeles a Christo crucificado, ani-
» mandole con fuerzas para vencer
» tantos Barbaros, y con Insignia pa-
» ra su Reino. Favor bien acreditado
» con tradiciones, escritos autenticos,
» y Authores estrangeros. »

Era vulg. Antes que pondere as razões, que fazem crivel a verdade do citado pergaminho, que entre todos os Documentos he o mais cathegorico, e decisivo, exponho a substancia delle, e a sua figura. He formado de letra antiga já gastada da diuturnidade, e corrupção dos tempos, com o sello do Rei D. Affonso, e outros quatro de cera vermelha, pendentes de fios de seda da mesma cor. Nelle diz, e jura o Rei diante dos Bispos de Braga, e Coimbra, de S. Theotonio, e dos Grandes da sua Corte: Que elle víra com seus olhos indignos a Jesu Christo estendido na Cruz por esta fórma: Que estando com seu exercito no Campo de Ourique para dar batalha a Ismar, e outros quatro Reis Mouros, que mandavaõ infinitos milhares de homens; a sua gente attribulada, afflicta, arguindo o empenho por temerario: elle enfadado do que ouvia, começára a cuidar no que havia resolver: Que como tivesse na sua Tenda hum Livro, que continha os dous Testamentos, lêra nelle a victoria de

Ge-

Gedeaõ, e dissera entre si: Bem sabeis, Senhor Jesu Christo, que por amor vosso emprehendi esta guerra contra vossos adversarios; em vossa maõ está dar-me, e aos meus fortaleza para vencermos estes blasfemadores do vosso Nome: Era vulg.

Que ditas estas palavras adormecêra sobre o livro, e começára a sonhar, que via hum homem velho, que lhe dizia: Affonso, tem confiança, vencerás, destruirás estes Reis Infieis, desfarás sua potencia, o Senhor se te mostrará: Que estando nesta visaõ, chegára Joaõ Fernandes de Sousa seu Camareiro, dizendo: Acordai, Senhor, que está aqui hum homem velho, que vos quer fallar: Que elle lhe respondêra: Entre se he Christaõ: Que tanto que entrou conheceo ser o mesmo, que víra no sonho, e lhe dissera tivesse coraçaõ: que venceria, e naõ sería vencido: que era amado do Senhor, que sem dúvida pôz sobre elle, e sobre sua geraçaõ depois delle os olhos da sua misericordia até a décima sexta descendencia, na qual se

di-

Era vulg. diminuiria a ſucceſſaõ ; mas que nella aſſim diminuida, Elle a tornaria a olhar, e a veria: Que o meſmo Senhor lhe mandava dizer, que quando ouviſſe a campainha da ſua Ermida, na qual vivia havia 66 annos guardado no meio dos Infieis com o favor do Todo Poderoſo, ſahiſſe fóra do Real ſem criado algum para lhe moſtrar a ſua grande piedade: Que elle obedecêra, e proſtrado em terra com muita reverencia, venerára o Embaixador, e quem o mandava: Que poſto em oraçaõ aguardando o ſom, na ſegunda vigia da noite ouvíra a campainha, e armado com eſpada, e rodela ſahíra fora dos Reaes:

Que ſubitamente vira da parte direita contra o Naſcente hum raio brilhante, que clarificando-ſe pouco a pouco, ſe fazia maior, e que pondo os olhos naquella parte, de repente víra no meſmo raio o ſinal da Cruz mais reſplandecente que o Sol, e a Jeſu Chriſto fixado nella; de huma, e outra parte grande cópia de Mancebos luminoſos, que cria ſerem os Santos

tos Anjos: Que vendo esta visaõ, depozéra o escudo, a espàda, os vestidos, os çapatos, e lançado de peitos em terra começou a rogar por seus vassallos sem algum temor: A que fim me appareceis, Senhor? Quereis por ventura accrescentar a Fé a quem tem tanta? Melhor he vos vejaõ os inimigos, e creiaõ em vós; que eu, que desde o Bautismo vos conheci por Filho de Deos, e da Virgem, assim vos conheço agora: Que a Cruz maravilhosa estava dez covados levantada da terra, e que o Senhor fallando de hum tom suave, lhe dissera: Naõ te appareci deste modo para accrescentar tua Fé; mas para fortalecer teu coraçaõ neste conflicto, e fundar os principios do teu Reino sobre pedra firme: Confia, Affonso, porque naõ só vencerás esta batalha, mas todas as outras, em que peleijares contra os inimigos da minha Cruz: Tua gente acharás alegre, esforçada para a peleija, e te pedirá, que entres na batalha com titulo de Rei: Naõ ponhas dúvida; quanto te pedirem conce-

Era vulg.

Era vulg. cede ; que Eu ſou o Fundador , e Deſtruidor dos Reinos , e dos Imperios ; e quero em ti , e teus deſcendentes fundar hum Imperio para mim, por cujo meio o meu Nome ſeja levado ás Nações eſtranhas : Para que teus deſcendentes conheçaõ quem lhes dá o Reino , comporás o Eſcudo de tuas Armas do preço com que Eu remi o Genero Humano , daquelle por que Eu foi comprado pelos Judeos , e ſer-meha Reino ſantificado , puro na Fé , amado por minha piedade :

Que tanto que elle ouvíra eſtas couſas , proſtrado em terra o adorára , e diſſera : Por que merecimentos , Senhor , me moſtrais taõ grande miſericordia ? Ponde voſſos olhos benignos nos Succeſſores , que me prometteis , guardai , e ſalvai a gente Portugueza : Se acontecer , que tenhais contra ella aparelhado algum caſtigo , executai-o antes em mim , e em meus deſcendentes , e livrai eſte Povo , que amo como unico filho : Que conſentindo niſto o Senhor , diſſe : Nunca ſe apartará delles , nem de ti a minha

mi-

misericordia ; porque tenho por elles aparelhado grandes searas, e os escolhi para meus segadores em terras muito remotas : Que ditas estas palavras, desappareceo, e elle cheio de confiança, e suavidade se tornára para o seu Real : Que por passar tudo na verdade, elle o jurava aos Santos Evangelhos de Jesu Christo tocados com suas mãos, e mandava a seus Descendentes, que para sempre succederem, que em honra da Cruz, e cinco Chagas de Jesu Christo trouxessem em seu Escudo cinco escudos partidos em Cruz, e em cada hum delles os trinta dinheiros, e por Timbre a Serpente de Moysés, por ser figura de Christo; e que este fosse o Trofeo da sua Geraçaõ : Que se alguem intentasse o contrario, fosse maldito do Senhor, e atormentado no Inferno com Judas traidor : Feita a Carta em Coimbra aos 29 de Outubro do Anno de Christo 1152, e firmada : Eu el Rei D. Affonso : Joaõ Metropolitano Bracarense : Joaõ Bispo de Coimbra : Theotonio Prior : Fernaõ Peres Védor da Ca- Era vulg.

Era vulg. Caſa: Vaſco Sanches: Affonſo Mendes Governador de Lisboa: Gonçalo de Souſa Procurador de Entre-Douro e Minho: Payo Mendes Procurador de Viſeo: Sueiro Martins Procurador de Coimbra: Mem Peres o eſcreveo por Meſtre Alberto Cancellario de el Rei.

Eſte he o famoſo Monumento, que animando a tradiçaõ, prova ſem diſputa a Appariçaõ de Jeſu Chriſto ao Rei D. Affonſo antes da batalha. Ás duvidas, que ſe lhe oppoem, reſpondo em quanto á primeira, que em nada derrota a verdadeira fé da Eſcritura conſervar-ſe ella 444 annos no Archivo de Alcobaça, ſem que no decurſo de quatro ſeculos, e meio houveſſe algum eſpirito curioſo, que a deſcobriſſe. Qual de nós ignora a pouca applicaçaõ dos genios Portuguezes naquelles ſeculos eſcuros para a indagaçaõ dos Monumentos veneraveis da antiguidade? Nelles ſe occupavaõ os ſoldados em obrar maravilhas, ſem ſe embaraçarem em animar os Faſtos. Os Eſcritores da Hiſtoria mais ſe

ſe ſerviaõ da tradiçaõ, que dos documentos para toda a qualidade de próvas. Os Eccleſiaſticos, que naõ ſe contentavaõ com ſaber ler pelos ſeus Breviarios, faziaõ todo o eſtudo na Eſcritura, e obras dos Padres, que unicamente entendiaõ proprios das ſuas profiſsões. A eſpeculaçaõ da Theologia, eſpecialmente da Myſtica, formava todo o plano das ſuas idéas. Por iſſo, naõ ſó a citada Carta; mas outras muitas Eſcrituras reſpeitaveis, bem póde ſer, que ellas paſſaſſem pelas ſuas mãos picando-as, como abrolhos; as ſuas letras antigas pelas viſtas ferindo-as, como eſpectros. Naõ era deſte caracter o memoravel antiquario o Doutor Fr. Bernardo de Brito; e como elle examinou o ſeu Cartorio de Alcobaça com olhos de ver, foi-lhe facil achar. Era vulg.

A ſegunda dúvida de ſerem da meſma letra as firmas da Eſcritura, que a denunciaõ ſuppoſta, iſſo ſó tem lugar na imaginaçaõ dos ignorantes do coſtume daquellas idades. Entaõ os confirmadores, e teſtemunhas das

Car-

Era vulg. Cartas, naõ punhaõ nellas individualmente as ſuas firmas; mas hum ſó declarava por todos quem eraõ as teſtemunhas, e confirmadores nas ditas Cartas. Deſta verdade ſaõ próva os noſſos pergaminhos originaes, e eſpecialmente aquelles em que ſe nomeaõ as Cathedraes, que eſtavaõ vagas, as quaes he evidente, que naõ lançavaõ eſtas firmas. O certo he, que quando Fr. Bernardo de Brito deſcobrio a Eſcritura, que foi no anno de 1596, quando reinava em Portugal Filippe II. que ainda depois viveo dous annos: o Abbade de Alcobaça, que entaõ era Fr. Lourenço do Eſpirito Santo, homem de grandes virtudes, e talentos, elle a trouxe á Corte de Lisboa, e a apreſentou aos Miniſtros do Governo, que a julgáraõ por verdadeira, e fiel. Naõ contente com eſta approvaçaõ, o meſmo Geral a levou a Madrid, e a offereceo ao Rei Filippe, que depois de a mandar examinar pela critica mais ſevéra, e judicioſa, de todos foi venerada, e elle a eſtimou por antiguidade taõ reſpeitoſa,

quan-

quanto era ſublime o objecto, que ella marcava conſtante, indubitavel, digno de toda a fé humana. Era vulg.

Outra conſequencia da verdadeira Appariçaõ de Jeſu Chriſto ao Rei D. Affonſo ſaõ as Armas do Reino, que o meſmo ſenhor lhe mandou formar para Diviza, de que o Imperio era ſeu. Do tempo do Conde D. Henrique até ao da batalha, as Armas Reaes eraõ no Eſcudo huma Cruz potente. Depois della o Rei D. Affonſo, na forma do preceito Divino, diſpôz o ſeu Eſcudo com as cinco Quinas, ou Chagas, poſtas em Cruz, e em cada Quina os trinta dinheiros. Porque eſte numero naõ cabia em ſitio taõ curto, foi reformado o Brazaõ, e mettidos em cada Quina cinco dinheiros, contados duas vezes os da Quina do meio, para fazerem o número dos trinta; e por timbre a Serpente de Moyſés, figura de Jeſu Chriſto. D. Affonſo III. que veio a ſer ſenhor do Reino do Algarve, accreſcentou por eſta razaõ no Eſcudo huma orla de dez Caſtellos de ouro em pur-

Era vulg. purpura ; mas D. Sancho I. quando principiou a conquiſta do meſmo Reino, já nelle tinha mettido os Caſtellos, que o Rei D. Joaõ II. reduzio a ſete.

As noſſas Armas Reaes da ſórte que hoje ſe uſaõ, ſaõ em campo de prata cinco Quinas de azul formadas em Cruz. Cada huma dellas he carregada de cinco bezantes de prata poſtos em aſpa, com huma orla de purpura carregada de ſete Caſtellos de ouro. Sobre o Eſcudo hum Elmo de ouro todo aberto, poſto em frente guarnecido com penachos do eſmalte do Brazaõ, e ſobre elle huma Coroa Real. O Eſcudo, cercado com os collares das tres Ordens Militares, o da de Chriſto pendente no baixo delle a Cruz, ſuſtentado por dous Anjos, e nelle gravadas as Armas do Reino. Sobre a Coroa Real eſtá o Timbre, que he a Serpente ; a Diviſa : *In hoc ſigno vinces*, e por baixo o Grito de Guerra : *S. Jorge*. Deſte brilhante Eſcudo, que naõ foi logo compoſto immediatamente depois da bata-

lha

lha de Ourique, mas quando deo op- Era vulg.
portunidade o tempo, he augusta, e verdadeira origem a Appariçaõ, e preceito de Jesu Christo feito, e imposto ao Rei D. Affonso, naõ em alusaõ aos cinco Reis Mouros vencidos, como pensáraõ Mariana, e outros taes emulos como elle das glorias de Portugal, que tem huma Instituiçaõ Divina.

CAPITULO IV.

Continua-se com os successos da vida do Rei D. Affonso Henriques.

A GLORIOSA victoria do Campo de 1140
Ourique, que a acclamaçaõ de D. Affonso para Rei, o credito das nossas armas, parece que foraõ estimulos picantes em D. Affonso, Rei de Leaõ, para renovar contra seu primo o de Portugal as pertençóes á successaõ do Reino. Ainda elle em Coimbra naõ despira as armas, e já o chamava esta nova guerra. Mais vingativo, que soldado, entrou o Leonez em Portu-

gal

Era vulg. gal com grandes forças, que quiz representar maiores no terror dos estragos. O nosso D. Affonso, que nas Escólas da humildade tinha aprendido a naõ soffrer arrogancia, nas do heroismo a naõ tolerar atrevimentos: Ataca, derrota, faz prisioneiro ao Conde D. Ramiro de Flores, e detem o passo ao Rei de Leaõ; toma-lhe conta do que acabava de obrar nas suas terras, e em segundo glorioso combate, prende a seu irmaõ D. Fernando Furtado, ao consul Poncio-Cabreira, a Bermudo Peres, a outros muitos Fidalgos, e obriga a sua soberba a valer-se do Arcebispo de Braga, para que lhe conceda a paz. Ella se ajustou com tanta igualdade de ambas as partes em substancia, e accidentes, que bem denotava ser negociaçaõ entre Reis livres, sem idéas, nem imaginaçóes de superioridade do Leonez para com o nosso Soberano, que se via Rei reconhecido pelos seus Póvos, sem mais dependencia, que a de Deos.

Ser-

Servio eſta diſcordia entre Chriſ- Era vulg.
tãos de grave prejuiſo aos negocios da Religiaõ, e de grande felicidade aos intereſſes, e vantagens dos Barbaros. Com ella recobrou alentos o desfalecido Rei Iſmar, que approveitando a diverſaõ, cahio ſobre a Praça de Leiria, que por falta de ſoccorro ſe rendeo ás ſuas armas depois de morta a maior parte da ſua guarniçaõ, e de roto em feridas o ſeu gentil Capitaõ Payo Guterres. Toda a Eſtremadura ſentio os damnos cauſados por hum contrario colerico, e vingativo, que atacava a Naçaõ com dous odios. Feita a paz com os Leonezes, e ferrando a barra do Porto huma eſquadra de 70 náos Francezas, que navegavaõ para a guerra Santa da Paleſtina; o Rei com eſtes hoſpedes, naõ ſó determinou caſtigar nos Mouros a confiança; mas tirar do ſeu poder a Cidade de Lisboa, que já principiava a levar-lhe as attenções. Na ida, ou na volta deſta jornada, elle recobrou Leiria; e ainda que entaõ naõ pode lograr o primeiro projecto, deixou ar-

Era vulg. rasados os arrabaldes da Cidade, e toda a Estremadura tremendo ao esforço dos seus pezados golpes.

Depois de tantos triunfos, vendo D. Affonso, que por ordem expressa de Deos, os vassallos com eleicaõ livre o haviaõ acclamado Rei de Portugal, determina dar ao titulo a ultima demonstraçaõ sensivel, e obsequiosa; pedindo delle confirmaçaõ ao Successor do Apostolo S. Pedro o Papa Innocencio II. por huma Carta feita em Dezembro de 1142, em que lhe dizia: Que elle, conhecendo, que Jesu Christo havia entregue as Chaves do Ceo a S. Pedro, determinára tomar ao Santo Apostolo por seu Advogado para com Deos para merecer o seu favor: Que por isso offerecia a sua terra ao mesmo Apostolo, e á Santa Igreja de Roma com censo, e tributo annual de quatro onças de ouro. Respondeo o Papa a esta Carta com ternura paternal, assegurandolhe: Que o recebia na protecçaõ do Santo Apostolo, e da Igreja Santa, que o confirmava em Rei de Portugal

com a honra, e dignidade dos mais Reis, e que ao Arcebiſpo de Braga dava poder para cada anno cobrar o tributo, que remetteria á Santa Sé Apoſtolica. Pagou D. Affonſo Henriques em ſua vida eſte voluntario cenſo, que todo era esforço da piedade, nada inducçaõ obrigatoria de hum Reino, que naõ era Feudo, nem dependencia da Igreja para ſer eſtimado forçoſamente tributario. Seu filho o Rei D. Sancho parece ſe occupou deſta idéa, e ſe eſcuſou ao pagamento, que depois ſatisfez alguns annos D. Affonſo III. por piedoſo, ou por dependente; mas depois da ſua morte já mais os Portuguezes reconhecêraõ tal tributo, nem os Papas ſe cançáraõ em o pedir. Era vulg.

Tendo o Rei dado eſte paſſo edificante, a que ajuntou outro bem conforme na ſugeiçaõ, que fez da Monarquia á Santa Virgem de Claraval; reconhecimento, que teve a duraçaõ do primeiro: Reſolveo-ſe a convocar Cortes em Lamego para eſtabelecer as Leis fundamentaes do Reino, que 1143

Era vulg. com os maiores esforços tem impugnado os noſſos emulos. Nellas foi determinado: Que reinaſſe ſobre Portugal o Senhor Rei D. Affonſo, e a ſua Succeſſaõ Varonil, ſegundo a ordem do naſcimento, com preferencia dos mais velhos aos mais moços: Que morto o Rei ſem deſcendencia, lhe podeſſe ſucceder ſeu Irmaõ, que ſeria Rei em ſua vida ſómente; porque para reinarem os ſeus filhos, primeiro ſeriaõ eleitos pelos Biſpos, e pelos Eſtados, e de outra ſórte naõ reinariaõ: Que perguntando Lourenço Viegas da parte do Rei aos Biſpos, e mais ſenhores ſe queriaõ, que as Filhas entraſſem na ſucceſſaõ da Coroa, ſobre que elle deſejava ſe fizeſſe huma Lei: os Biſpos, e Senhores, depois de huma conteſtaçaõ longa, aſſentáraõ, que as Filhas do Senhor Rei reinaſſem; mas deſta maneira:

Que naõ tendo o Rei de Portugal Varaõ, e tendo Filha, ella ſeja Rainha depois da morte de ſeu Pai, com tanto porém, que ella ſe caſe com hum Senhor Portuguez, o qual

naõ

naõ uſará do nome de Rei, ſenaõ depois de ter da Rainha filho macho; e que quando elle acompanhar a Rainha, ſempre irá ao ſeu lado eſquerdo, e nunca cingirá a Coroa: Que eſta Lei ſe obſerve ſempre, e a Filha mais velha do Rei naõ tenha marido, que naõ ſeja hum Senhor Portuguez, para que naõ ſucceda, que Principes Eſtranhos ſejaõ Senhores do Reino: Que ſe ſuccedeſſe a Filha mais velha do Rei caſar com Senhor Eſtrangeiro, com Principe de outra Naçaõ; ella naõ ſería reconhecida Rainha; porque elles naõ queriaõ, que os ſeus Póvos foſſem obrigados a obedecer a hum Rei, que naõ naſceſſe Portuguez; ſendo elles os ſeus ſubditos, os ſeus compatriotas, que ſem outro ſoccorro mais, que o do ſeu valor, e a expenſas do ſeu ſangue elegêraõ o Rei: Que eſtas eraõ as Leis reſpectivas á ſucceſſaõ da Coroa de Portugal, que Alberto, Cancellario do Senhor Rei, leo em alta voz: os Póvos as applaudíraõ, e reſpondêraõ: *Ellas* ſaõ boas, ſaõ juſtas, e proteſtáraõ Era vulg.

Era vulg. raõ naõ queriaõ outras, foſſe para ſi, ou para os ſeus deſcendentes, que como elles as obſervariaõ para ſempre:

Que Lourenço Viegas diſſe aos Póvos, que o Senhor Rei perguntava, ſe queriaõ elles, que tambem ſe fizeſſem Leis reſpectivas á Nobreza, e á Juſtiça: Que elles reſponderaõ, que conſentiaõ, em que ſe fizeſſem, com tanto que ellas foſſem conformes ás Leis Divinas, e ſaõ as ſeguintes: Que todos os que ſaõ do ſangue Real, elles, e ſeus deſcendentes ſejaõ reconhecidos Principes: Os Portuguezes, que houverem combatido pela Peſſoa do Rei, por ſeu Filho, por ſeu Genro, em defenſa do Eſtandarte Real, ſejaõ Nobres; mas que os deſcendentes dos Mouros, os filhos dos Judeos, nem dos Infieis, naõ poſſaõ aſpirar á Nobreza: ſe hum Portuguez for feito priſioneiro de guerra pelos Barbaros, e morrer no cativeiro ſem haver renunciado a ſantidade do ſeu Bautiſmo, nem a da ſua Religiaõ, os ſeus filhos ſejaõ nobres: Aquelle que matar hum Rei inimigo, ou ſeu filho,

ou que ganhar o ſeu Eſtandarte Real, ſerá reconhecido por nobre: A antiga Nobreza ſerá ſempre eſtimada como tal, e aquelles que tomáraõ armas pelo noſſo ſerviço no famoſo dia da Batalha de Ourique, ſeráõ nobres, e nomeados os Noſſos antigos vaſſallos: Se hum nobre for taõ fraco, que fuja no tempo, em que deve combater; ſe ferir huma mulher com eſpada, ou lança; ſenaõ expozer a ſua vida pela liberdade da Peſſoa do Rei, pela do Principe ſeu filho, pela defenſa do Eſtandarte Real; ſe for convencido de perjuro, e de haver occultado ao Rei a verdade das couſas, que elle quizer ſaber; ſe fallar mal da Rainha, ou das ſuas filhas; ſe abandonar o ſerviço do Rei para tomar partido no dos Mouros; ſe furtar, e blasfemar do Santo Nome de Deos; em fim, ſe attentar contra a Peſſoa do Rei, eſte homem nobre ſerá degradado de todo o caracter de nobreza, e toda a ſua poſteridade: Era vulg.

Que ſendo eſtas as Leis concernentes á Nobreza, Alberto, Cancella-

Era vulg. lario do Senhor Rei, as leo em alta voz: Que os Póvos as applaudíraõ, respondêraõ, que estavaõ boas, eraõ justas, e affirmáraõ naõ queriaõ outras, tanto para elles, como para os seus descendentes, que como elles sempre as observariaõ inviolavelmente: Que os naturaes do Reino obedeceriaõ ao Rei, ás suas Ordenanças, aos Alcaides dos Lugares postos por elle para julgarem segundo as Leis de equidade, que seriaõ executadas, e os vassallos obrigados a submetter-se-lhes: Que o reo convencido de furto, pela primeira, e segunda vez seria posto em público meio nu á vergonha; mas se reincedisse, o marcariaõ na testa com hum ferro quente; se continuasse a furtar, se lhe formaria processo, e se fosse condemnado á morte, os Juizes naõ executariaõ a Sentença sem ordem expressa do Rei: que se huma mulher casada cometesse adulterio, e o marido com boas próvas a chamasse a Juiso, e delle ao Senhor Rei, ambos os adulteros seraõ condemnados a morrer no fogo; mas que se o ma-

ri-

rido naõ quizeſſe, que foſſe queimada, entaõ naõ ſe queimaſſe o complice; porque naõ era juſtiça morrer hum reo, e outro naõ: Que qualquer homicida, ſeja quem for, tiveſſe pena de morte, como tambem aquelle, que violaſſe huma donzella, que ficaria ſenhora dos bens do violador, e ainda que foſſem deſiguaes, caſaſſem ambos: Era vulg.

Que ſe alguem tomaſſe por força a fazenda alheia, queixando-ſe o dono á Juſtiça, eſta a faria reſtituir: Que aquelle que feriſſe outro com ferro, páo, ou pedra, o Juiz lhe faria reſtituir o damno, e pagar dez maravedis: Que aquelle que fizeſſe injuria a Miniſtro de Juſtiça, ao Alcaide, ao Portador do Rei, ou ao Porteiro; ſe o ferir, lhe fizeſſem ſinal com ferro quente; quando naõ, pague cincoenta maravedis, e que reſtituiſſe o damno: Que eſtas eraõ as Leis reſpectivas á Juſtiça, que Alberto, Cancellario do Senhor Rei, leo em alta voz: os Póvos as applaudíraõ, reſpondêraõ, que eſtavaõ boas, eraõ

juſ-

Era vulg. juſtas, e accreſcentáraõ, que elles naõ queriaõ outras, aſſim para elles, como para os ſeus deſcendentes, que como elles as obſervariaõ inviolavelmente.

Entaõ ſe levantou Lourenço Viegas que era o Procurador do Rei, e diſſe aos Póvos: Vós quereis, que o Senhor Rei vá as Aſſembléas do Rei de Leaõ; que lhe pague tributo, ou a outra peſſoa eſtranha, naõ ſendo o Senhor Papa, que lhe confirmou o titulo de Rei? A eſta pergunta ſe levantaõ todos de repente puchando pelas eſpadas, e com ellas na maõ, dizem a vozes altas: Nós ſomos livres, o noſſo Rei he livre como nós: nós devemos a noſſa liberdade á noſſa corage: Se o Rei conſentir em fazer couſa ſemelhante, elle ſerá indigno de viver, e ainda que Rei, naõ reine entre nós, nem ſobre nós. A eſtas palavras o Rei, com a Coroa na cabeça, a eſpada nua na maõ, elle ſe levanta, e diz aos Póvos: Vós ſabeis os perigos a que eu me tenho expoſto, os lances a que me tenho arroja-

do

do para vos procurar eſta liberdade, que de preſente gozais no meu Reino. Eu vos tomo por teſtemunhas, como tal me ſirva eſta eſpada, que Eu cinjo, para vos ſuſtentar, para vos defender. Bem dizeis, que qualquer Rei, que conſentir em huma acçaõ indigna do ſeu caracter, elle naõ merece viver. Meu filho, ou meu neto, que elle foſſe, deſde já Eu os declaro incapazes de reinar, indignos de me ſucceder, eſtranhos ao Throno, que Eu occupo. Com applauſos, e acclamações geraes dos Póvos, a eſtas ultimas palavras do Rei, ſe houveraõ por celebradas as Cortes; feitas, e confirmadas as Leis fundamentaes da Monarquia taõ diſputadas. Era vulg.

Tantos negocios importantes para o eſtabelecimento, que ella neceſſitava, com o Eſtado, que entaõ naſcia, naõ impediraõ, que o Rei em cada hum dos annos paſſados fizeſſe entradas nas terras dos Mouros, ainda que a inſenſatez dos ſeculos nos roubou a memoria das acções, que nellas ſe obráraõ. Daqui em diante,

Por-

Era vulg. Portugal renovado Reino, resuscitada a sua primitiva gloria, livre, e independente, entrou a mostrar idéas de Conquistador, já olhando a defensiva por impropria ao seu caracter. Principiárão aquelles Portuguezes a animarse com os espiritos dos antigos Lusitanos, que nao cabendo no recinto do seu terreno, buscavao campo espaçoso para dilatar os corações. Os
1144 seus estimulos se avivárao com a quebra, que os Cavalleiros do Templo tiverao junto a Soure, atacando hum exercito de Barbaros, que commandava Auseri, bravo Alcaide de Santarem. Muitos dos cavalleiros perdêrao a vida, alguns a liberdade, e entre estes o Santo Varao Martinho seu Vigario, que o Ceo conduzia pelo caminho dos trabalhos.

1146 Nós ignoramos os successos destes annos até ao do casamento do Rei, que vendo-se senhor de hum Estado consideravel, para perpetuar a successao se recebeo com D. Mafalda, filha de Amadeo III. Conde de Saboia, e da Condeça Mafalda de Albon: Casa

tao

taõ illuſtre, que nella igualmente compete a ſublimidade do ſangue com a magnificencia da antiguidade. Deſte feliz conſorcio naſcêraõ D. Henrique a 5 de Março de 1147 que naõ reinou: D. Sancho, que ſuccedeo a ſeu Pai, naſceo em Coimbra a 11 de Novembro de 1154: D. Joaõ, que morreo minino: D. Urraca, que foi primeira mulher do Rei D. Fernando II. de Leaõ, com o qual caſou no anno de 1160 ſeparáraõ-ſe por parentes no de 1171: D. Mafalda, que eſteve contratada para caſar com D. Affonſo II. Rei de Aragaõ; mas naõ contraíraõ o matrimonio: D. Thereſa, que os Eſtrangeiros chamaõ Mathilde, e caſou com Filippe I. Conde de Flandres, em Agoſto de 1148, e por morte de ſeu marido, ſuccedida em 1190 caſou ſegunda vez com Eudo III. Duque de Borgonha, em 1194, e foraõ ſeparados por parentes em 1195. Ella falleceo a 6 de Maio de 1218, e jaz no Convento de Claraval na Capella dos Condes de Flandres: D. Sancha, que morreo ſem eſtado. Era vulg.

Fó-

Era vulg.

Fóra do matrimonio teve o Reí filhos a Fernando Affonſo, que ſe preſume foi Alferes de ſeu Pai depois da batalha de Badajóz, aonde morreo Pedro Paes, que até entaõ occupou aquelle cargo: a D. Pedro Affonſo, que teve muita amizade com o Padre S. Bernardo, e tanta devoçaõ á ſua Ordem, que dizem fora ſeu Monge no Moſteiro de Alcobaça: tambem ſe affirma fora ſeu filho D. Affonſo, que alguns confundem com o ſobredito D. Pedro, e paſſou á Paleſtina, aonde pelos ſeus merecimentos, e qualidade foi criado Graõ-Meſtre da Ordem militar do Hoſpital. Tambem daõ ao Rei duas filhas naturaes, que foraõ D. Thereſa, declarada pelo Conde D. Pedro mulher de Sancho Nunes Barboſa, da Caſa do Conde D. Nuno de Cela-Nova; e D. Urraca, que o meſmo Conde eſcreve caſára com D. Pedro Affonſo, neto de Egas Moniz.

O prazer do caſamento do Rei naõ lhe impedio o juſto pezar da morte do ſeu fideliſſimo Ayo, o illuſtre Fidalgo, que acabo de nomear, e

neſ-

neſte anno paſſou a receber o premio dos ſeus catholicos merecimentos. Foi ſepultado no Moſteiro do Paço de Souſa, e no ſeu ſepulchro gravado eſte Epitaphio: Aqui deſcança o Servo de Deos, inclyto varaõ Egas Moniz, na éra de 1184. He o anno de Jeſu Chriſto 1146. Era vulg.

Já neſtes annos o Rei ſe occupava dos penſamentos de conquiſtar Santarem; empreza, que ſe difficultava pela grandeza da Villa, pelo inexpugnavel do ſitio, e que ſe fazia importante para tirar do poder dos Barbaros hum freio ás noſſas expedições, e hum baluarte, que ſervia de mais ſegurança a Lisboa. Reſoluto a executar o que meditava, manda a Santarem, com pretexto de tratar negocios com o ſeu Alcaide Auſeri, a hum Fidalgo bem inſtruido na guerra, chamado Mem Ramires, para ſe informar do eſtado da Praça, e ver ſe tinha lugar para ſer levada por ſorpreza. Cumprio Ramires os ſeus deveres, e na volta aſſegurou ao Rei que a empreza podia conſeguir-ſe, e ſe offereceo para ſer

o

Era vulg. o primeiro, que arvoraſſe a bandeira Real nos muros de Santarem, como exactamente cumprio. Eſta informaçaõ tirou as dúvidas, e communicada a reſoluçaõ aos Capitães Lourenço Viegas, Pedro Paes, e Gonçalo de Souſa, o Rei eſcolhe 250 ſoldados intrepidos para o acompanharem na expediçaõ, a que pedia bem aguerridos muitos mil homens, hum cerco longo, esforços naõ vulgares.

1147 Com eſte campo volante ſahio o Rei de Coimbra para Alfafar, dahi a Dornelos, donde deſpedio a Martim Moab, para intimar a Auſeri, que naquelle dia eſpiravaõ as tregoas. Continuou a marcha em ſilencio até a Serra de Albardos, aonde o Rei, tratando com ſeu irmaõ D. Pedro a ardua empreza, em que o zelo da Fé, e o eſpirito do valor o mettiaõ; lembrou-lhes os milagres, que o ſervo de Deos Bernardo fazia em França; que ſe o invocaſſe com algum voto, tinha por certo havia alcançar de Deos o bom ſucceſſo das armas. Dizem, que entaõ promettêra o Rei fundar

pa-

para os ſeus Monges o Moſteiro de Era vulg.
Alcobaça ſe tomaſſe a Villa, e do- tallo com toda a terra, que dalli deſ- cobria até ao mar: que á meſma ho- ra o Santo, que eſtava em França na Cidade de Langres, fizera levantar al- guns dos Monges, que entaõ dormiaõ, e lhes ordenou, que ſem demora par- tiſſem para Portugal a tomar poſſe dos bens, que o ſeu Rei acabava de lhes doar por hum voto: evidencia bem ſenſivel da acceitaçaõ, que tinhaõ os rógos de D. Affonſo na preſença do acatamento Divino.

Feito o voto, foi continuando a marcha até a Mata de Pernes, aon- de raiou o dia; e mandando o Rei fazer alto aos ſeus Aventureiros, lhes declarou: Que elle vinha reſoluto a inveſtir Santarem com taõ poucos ſol- dados, confiado em Deos, que naõ media proporçóes para conceder vi- ctorias; fiado nelles, que eſtimava, naõ por quantos; mas por quem eraõ. Aſſegura-lhes, que nos ſemblantes imperturbados, que lhes obſerva ao ouvir de repente a propoſta de hum

Era vulg. empenho, por demasiadamente sublime, nem ainda para pensado; elle lhes está lendo huma próva constante, de que vem mais a triunfar, que a combater. Protesta, que se tem experiencias longas de ser elle na sua companhia o primeiro nos perigos, agora o veraõ tanto mais inseparavel, quanto vem resoluto a ganhar, ou morrer em Santarem. A este conceito se comovêraõ os campeões impavidos, e ternos pela conservaçaõ do Rei, quanto ferozes por se lançarem já aos Barbaros: pedem-lhe eleja lugar seguro, aonde os veja obrar, separados delle com as almas taõ unidas, que naõ affrouxará o seu ardor sem triunfo completo, ou morte geral, qualquer dos lances glorioso, com tanto que viva, para os authorisar depois, hum por feliz, outro por honrado.

Naõ houve instancia efficaz, que despersuadisse o Rei dos seus intentos; circunspecto em emprehender, tenaz em disistir. Ordenou, que naquelles campos descançasse o dia a trópa occul-

culta, que na noite ſeguinte tinha de formar para a gloria de Portugal dias brilhantes. Quando ella eſcureceo, os noſſos continuáraõ a marcha á ſurdina, e chegados ao valle, que fica entre o monte Iria, e a fonte de Thamarma, mandou o Rei pôr pé em terra, formou hum eſquadraõ, de que deo a vã-guarda ao pratico Mem Ramires para ſer o primeiro em ſobir, e arvorar no muro o Eſtandarte, como promettêra; elle cobrio a retaguarda, e ſem ſer ſentidos, chegáraõ a coſer-ſe com a muralha. Ainda naõ tinhaõ ſobido mais que Ramires, e dous camaradas, quando deſpertáraõ os Mouros, que clamáraõ, como havia Chriſtãos na Praça. Ramires invoca Sant-Iago, começa a refrega, o Rei reſponde debaixo, como ecco: Sant-Iago, Virgem Maria, ſoccorrei os voſſos; aqui eſtá o voſſo Rei, naõ eſcape hum ſó Barbaro das voſſas mãos. Entaõ a trópa dividida em dous córpos marchou aos deſtinos premeditados. Hum, que cobria o Rei, caminhou ſobre a direita para a par- Era vulg.

 te

Era vulg. te de Alphañ : outro , mandado por Gonçalo Gonçalves , ſe moveo á eſquerda para occupar a entrada da rua Serecigo , e impedir aos Mouros apoderar-ſe da pórta de Thamarma.

Tinhaõ ſobido pelas eſcadas 25 bravos , que aproveitando-ſe da confuſaõ dos inimigos , pelo meio dos ſeus magotes eſpavoridos , e atonitos , com Ramires na ſua téſta , corrêraõ a romper a fechadura da pórta. Elles o conſeguíraõ intrepidos , e felices. Entrou o Rei o primeiro , e com os joelhos em terra , fixa no Ceo o coraçaõ , como hoſtia viva , racional obſequio , que offerece a Deos. Cheio de conforto Divino ſe levanta , tira pela eſpada , e como leaõ rugindo entra pela Praça fortiſſima , defendida da gente mais bellicoſa , e com golpes a cada lado , deſoccupa as ruas , por onde paſſa. Os cadaveres ſaõ tropeços da marcha , a reſiſtencia deſeſperada o quer ſer da victoria ; mas o Rei mandando fazer as mortes indiſtintas , ſem differença de ſexo , e idade ; o horror dos gemidos , o tropel

da

da gente, o clamor das mulheres, e meninos, o eſcuro da noite cauſou hum eſpanto taõ geral, que o Alcaide Auſeri apenas teve acordo para fugir; nos mais até faltou para ſe ſentirem morrer. Amanheceo o fauſto dia, que preconiſára a noite com a viſta de huma Eſtrella de grandeza extraordinaria, que deſpedindo hum raio luminoſo, declinou para o mar; tambem preſagiado aos Mouros, que quando lhes foi intimado o rompimento da trégoa, víraõ voar pela regiaõ do Meio-Dia hum touro com azas de fogo, ſegundo dizem. Era vulg.

Nelle ſentíraõ os Mouros o ſeu eſtrago eſpantoſo, o Rei a ſua felicidade incrível, conſeguida em menos de huma hora no rendimento da Praça mais importante, que entaõ era hum dos antemuraes do Reino. Na meſma qualidade da acçaõ conheceo elle a evidencia do milagre, e entaõ começou a effectiva correſpondencia entre elle, e o Padre S. Bernardo, que dalli em diante lhe ſervio de ſoccorro bem efficaz com as ſuas orações.

Era vulg. ções. O Alcaide Auſeri levou com tanta precipitaçaõ a retirada, que foi parar a Sevilha. O ſeu Rei eſtava na torre del Oro, quando aviſtou os Cavalleiros ao longe, e funeſtamente preſago diſſe para os ſeus, que entre elles vinha Auſeri: que ſe ao paſſar o rio elles deſſem de beber aos cavallos, Santarem eſtava perdida, ſe contiuaſſem a marcha com a meſma preſſa, o ſeu deſtino era pedir ſoccorro. Como o Rei viſſe, que ſuccedia a primeira parte do ſeu diſcurſo, retirou-ſe confuſo, ſem poder diſſimular o deſgoſto de huma perda, que lhe promettia conſequencias triſtes.

O tempo nos occultou os nomes, e as proezas dos 250 guerreiros, que acompanháraõ ao ſeu Rei em huma facçaõ de tanto eſtrondo. Se tiveſſemos Hiſtoriadores como Roma, e Grecia, ainda hoje os clarins da Fama animariaõ o ſeu pregaõ. Apenas a eſcuridade nos deixou memorias de Mem Ramires, de Lourenço Viegas, de Martim Moab, de Moigema, de Mem Moniz de Candarey, progenitor

dos

dos Machados, Senhores de Entre Homem, e Cavado, de Pedro Paes, dos Gonçalos de Soufa, e Gonçalves, efte que ignoramos fe foi o povoador de Soure, ou outro Capitaõ do mefmo nome: Heróes fublimes, aos quaes deve a Patria render hum reconhecimento refpeitofo em todas as idades. Era vulg.

CAPITULO V.

De outras conquiftas do Rei D. Affonfo Henriques, efpecialmente a de Lisboa.

O RENDIMENTO de Santarem fez huma concuçaõ tal na Eftremadura, que tremêraõ todas as fuas Praças. O Rei, que queria affinalar-fe na conquifta de todas, quantas os Mouros poffuiaõ na Provincia, refolveo naõ differir mais tempo o fitio de Lisboa, como a mais importante para a fua gloria, e para o repoufo do feu Eftado. Bem via elle, que os Mouros tinhaõ 200$ homens em eftado de com-

Era vulg. combater, e de defender a Cidade: que as ſuas forças em comparaçaõ das dos inimigos, nada ſignificavaõ: que animar elle a eſperança na temeridade, era offender o valor. Porém confortado pelas promeſſas Divinas, pela juſtiça da cauſa, pela experiencia dos ſucceſſos, pelo temor dos Barbaros, diſpoſtas as couſas de Santarem, que ſe rendeo em Março, já no ſeguinte Abril elle campeava com o ſeu exercito nos contornos de Lisboa. Elle diſcorria pelas terras dos Mouros com tanta ſegurança, com o eſpirito taõ firme, como ſe as forças foſſem iguaes, ou como ſe tiveſſe huma certeza taõ conſtante do que lhe havia ſobrevir, que lhe deſterraſſe os motivos de duvidar.

Apreſenta-ſe o deſtemido Rei ſobre Lisboa; e a pezar das grandes ſahidas, que os Mouros faziaõ da Praça para impedirem os ſeus trabalhos, Affonſo os avança, rebate os inimigos, continúa nos aproches. Quando aſſim ſe occupava, ſorpreza-o a noticia, de que tomava porto em Lis-

boa

boa huma grande fróta, que entende ser o golpe mortal das ſuas eſperanças; o ferro, que lhe corta a confiança, que podia ter na fortuna das ſuas armas, no valor dos ſeus ſoldados, na opportunidade de huma occaſiaõ taõ propria. Naõ duvida, que a fróta de hum ſoccorro formidavel, que vem firmar na poſſe dos Africanos a Capital de Portugal; mas o juſto receio depreſſa ſe diſſipa, e ſe converte em prazer ſummo a extrema melancolia. Affonſo reconheceo pelo Eſtandarte da Cruz, que era huma Armada de Cruzados deſtinada a fazer a guerra aos Infieis. Vai aviſtar-ſe com o ſeu Chéfe, que era Guilherme de Longa-Eſpada, Duque de Normandia, e o perſuade, que o ſeu merecimento naõ ſería menor para com Deos, menos diſtinta a gloria entre os homens, ſe ajudaſſe a arrancar huma Cidade Chriſtã do poder dos Barbaros; ſe em lugar de ajuntar as ſuas armas na Syria aos exercitos de Conrado III., e de Luiz de França contra os Sarracenos, elle a uniſſe em Portu-

Era vulg.

Era uulg. tugal ao de Affonſo Henriques contra os Africanos. A menos perſuasões ſe renderiaõ huns homens, que encontravaõ no caminho o meſmo, que hiaõ procurar taõ longe das ſuas caſas, que era glorificar a Deos em guerra ſanta.

Deſembarcáraõ os Cruzados, dos quaes ſabemos taõ pouco, que além do Principe ſeu Commandante, apenas conſervamos os nomes de Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel, os dous irmãos Guilherme, e Roberto La-Corni, e D. Jordaõ. Ajuntáraõ as ſuas com as noſſas trópas para ſer batida Lisboa por dous lados; nós da parte Oriental, aonde agora eſtá o convento de S. Vicente; os Cruzados da Occidental no campo, que he hoje do de S. Franciſco da Cidade. Foraõ felices auſpicios do bom ſucceſſo da empreza a derrota de 5ꝡ cavallos, que vinhaõ ſoccorrer a praça, e 1ꝡ500 dos noſſos paſſáraõ a eſpada junto a Sacavem. Naõ deſmaiáraõ com ella os de Lisboa, que ſendo muitos em número, formáraõ hum contra-muro

de

de peitos fortes nas partes, aonde as fortificações eſtavaõ arruinadas, ou imperfeitas; brechas, a que os noſſos particularmente derigiaõ os esforços mais vigoroſos, e aonde achavaõ nos ſitiados huma reſiſtencia bem igual. Sim era grande a mortandade, que faziamos entre os Barbaros; mas nova gente ſubſtituia a Praça dos que acabavaõ de morrer. Os ſeus Officiaes, que temiaõ esfriaſſem no ardor á viſta de tantos, e taõ certos perigos, naõ lhes davaõ tempo de meditar nos proprios eſtragos. Aſſim a naçaõ infiel, que a ſua corage naõ era mais que hum furor, e eſſe paſſageiro, naõ tinha lugar, nem de ſentir os effeitos do medo, nem de o conhecer. Era vulg.

Nós ao contrario nos animavamos mutuamente para irmos forçar os Agarenos nos ſeus meſmos póſtos; olhavamos a ſua reſiſtencia por hum avance da noſſa gloria; reſpeitavamos a morte como hum trofeo, que arvorava a noſſa piedade. Quanto mais a entrada da Cidade ſe nos diſputava, mais

Era vulg. mais o noſſo ardor creſcia. Laſtima he, que à ignorancia em idades pelo valor taõ formoſas, nos roubaſſe os feitos individuaes de cinco mezes de acções de honra, que deviaõ occupar os ambitos dos ſeculos. Se faziaõ ſahidas, ſe arruinavaõ os noſſos aproches, eſtes Infieis compravaõ bem cara qualquer vantagem pela multidaõ de gente, que lhes matavamos em toda a occaſiaõ, que das muralhas os tiravamos ao campo. Como aquelles que eſcapavaõ deſtas ſortidas, naõ ficavaõ em eſtado de ſervir, a Cidade ſe enchia de invalidos, que derramavaõ nella o terror; cauſa dos sãos naõ acodirem á defenſa, ſenaõ conſtrangidos, e por força. Nós ſim perdiamos gente; mas eſta perda animava a contumacia para ſe avancarem as maquinas ſem receio de huma morte, que ſe eſtimava premio glorioſo de merecimentos.

Em hum recontro morreo o illuſtre Alemaõ Henrique, natural da Cidade de Bona. Succedeo huma noite dous moços ſurdos, e mudos dei-

ta-

tarem-ſe a dormir no campo de S. Vicente, aonde eſtava o ſeu ſepulchro. O Santo Henrique lhes apparece em ſonhos, e lhes revela, que Deos pelos ſeus rogos, e pelos dos mais Servos ſeus mortos no ſitio, e alli enterrados, era ſervido reſtituir-lhes o ouvir, e fallar. Acordaõ os moços louvando a Deos, e aos ſeus ſervos a vozes altas; alborata-ſe, e enche-ſe de prazer todo o exercito com hum teſtemunho taõ ſenſivel da piedade de Deos ſobre elle; do Deos, que vivos os ampara, mortos os glorifica. Pouco depois deſte caſo, morre ás mãos dos Barbaros hum criado do meſmo Henrique, e lhe daõ ſepultura inferior, apartada da de ſeu Amo. Apparece Henrique ao Inſpector daquelle Cemiterio, e lhe ordena ajunte o cadaver do ſeu criado com o delle na meſma cova; porque para com Deos, e entre os Juſtos naõ havia excepçaõ de peſſoa. Redobra-ſe o alvoroço no campo com a repetiçaõ deſtes teſtemunhos, e já entre elle as idéas de vencer, ou morrer formaõ huma gloria Era vulg.

ria

Era vulg. ria indiſtinta; a do primeiro acto temporal, a do ſegundo eterna.

Em heroicidades de virtude, e valor ſe paſſáraõ cinco mezes, até que chegou o dia 25 de Outubro, em que a Igreja fazia memoria dos Santos Criſpim, e Criſpiniano, eſcolhido pelos noſſos Chéfes para darem hum aſſalto geral ao Emporio da Luſitania, entaõ eſcandalo enorme da ſua piedade. Avançou-ſe a deſtemida tropa; começou o combate; dura ſeis horas; eſpada em maõ he entrada Lisboa; nella perde a vida com a mais honrada morte o famoſo Martim Moniz, que ſe atrevaſſa na porta, ainda hoje chamada do ſeu nome, para ſervir à ella por tranca de abrir, aos ſeus de ponte para a entrar; ſaõ degollados 200$ Mouros, e nada mais ſabemos das façanhas eſpantoſas, que forçáraõ a render-ſe Lisboa defendida por hum preſidio monſtruoſo.

Concluidas as congratulações do jubilo por tamanha victoria entre Portuguezes, e Eſtrangeiros, o Rei grato ao memoravel ſerviço, que acaba-

bavaõ de lhe fazer, lhes offerece todas as riquezas, e a parte da Cidade, que elegeſſem, ſe nella quizeſſem ficar moradores. Acceitáraõ a primeira offerta; e mais ricos com a gloria, que com os deſpojos, deſpedidos dos noſſos com ternura, foraõ gozar nas ſuas Patrias o deſcanço deleitavel á ſombra de huma reputaçaõ ſublime. Deſtes Heróes Eſtrangeiros quizeraõ eſtabelecer-ſe entre nós D. Childe Rolim, ao qual, ou a algum filho ſeu, foi dado o ſenhorio da Villa da Azambuja: D. Ligel, que ſe caſou com D. Dordia, filha de Pedro Viegas: os dous irmãos Guilherme, e Roberto La-Corni, ſenhores da Atouguia, que deo appellido aos Fidalgos ſeus deſcendentes: D. Jordaõ, que foi o primeiro povoador da Lourinhã, de que depois ſe lhe fez mercê: D. Alardo, que teve o Senhorio de Villa Verde, e ainda hoje o ſeu nome em appellido junto ao de Barba, ſe conſerva em familias eſclarecidas deſte Reino. Era vulg.

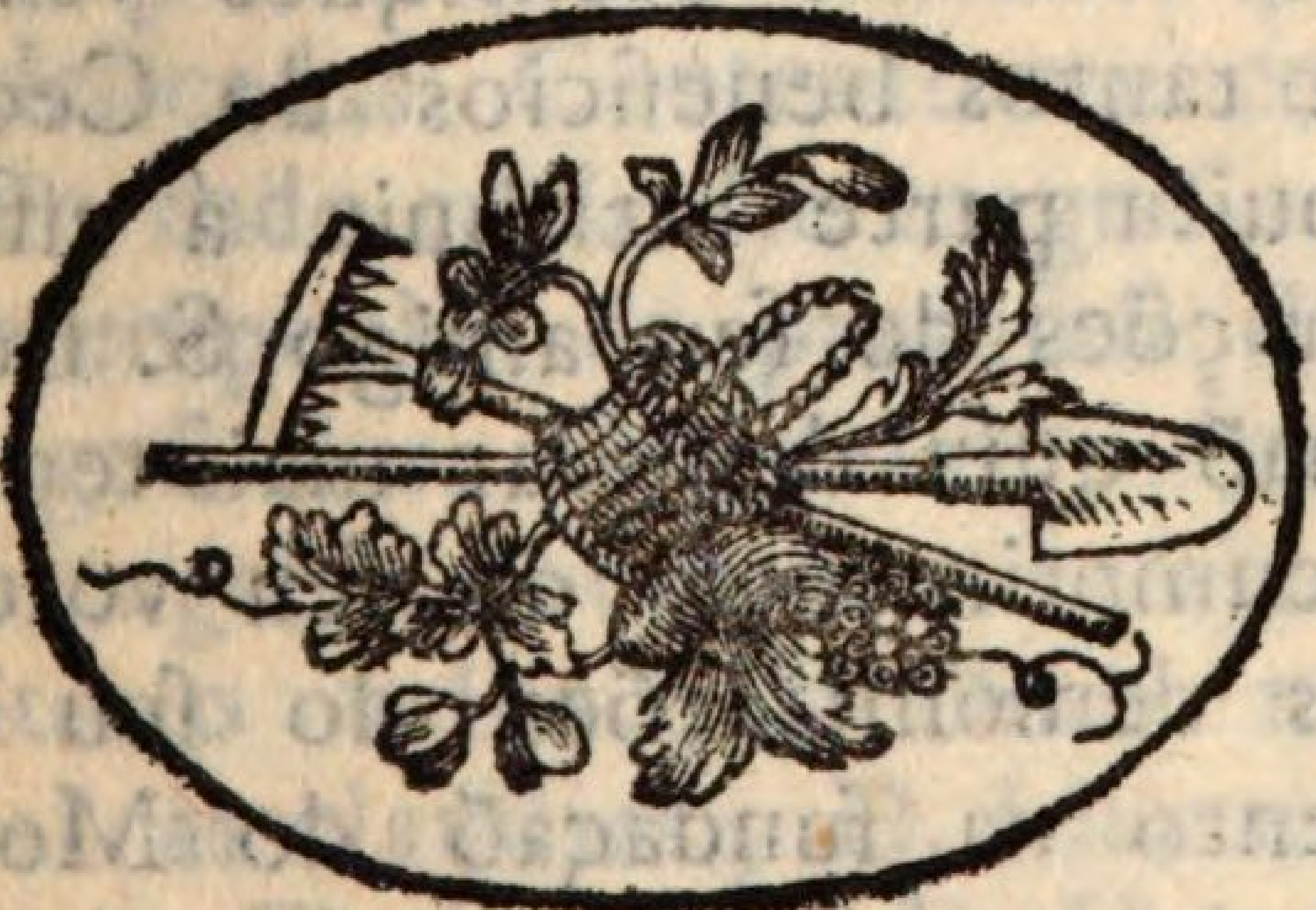
Da conquiſta de Lisboa foraõ conſequencia os rendimentos de Sintra,

Al-

Era vulg. Almada, e Palmela, que os Mouros reſtauráraõ depois, e o Rei tornou a ganhar, como adiante veremos. O Rei triunfante ſe demorou em Lisboa o tempo preciſo para regular os negocios do ſeu reſtabelecimento; diſpôr o governo; repartir as terras; deſtribuir as riquezas; premiar os ſoldados, que companheiros inſeparaveis nos perigos, tambem o deviaõ ſer nos intereſſes. Expiados os erros, e ſordidez do Mahometiſmo, ſe rendêraõ a Deos graças ſolemnes por huma conquiſta taõ vantajoſa, na qual a gloria do ſeu Nome parecia equivocar-ſe com a de D. Affonſo. Entaõ, aſſim como dominava em Portugal o valor, aſſim reinava a ignorancia. Igualmente havia falta de Eccleſiaſticos, e de letras, e as letras nos Eccleſiaſticos eraõ taõ poucas como elles. Por eſta razaõ nos obrigava a neceſſidade a mendigar pelos Paizes eſtranhos ſugeitos habeis para lhes conferirmos os noſſos Biſpados. Lisboa conquiſtada entrou logo no ſeu número por determinaçaõ do Papa Eugenio III., e foi nomeado ſeu

pri-

primeiro Biſpo o Eſtrangeiro Gilberto, homem de piedade conhecida, que conſagrando huma grande Meſquita, ſe deſtinou para Igreja Cathedral. Elle fez logo ſugeiçaõ ao Arcebiſpo de Braga, e com a ſua prudencia ſoube unir em hum ſó eſpirito os Portuguezes, Mouros, e outras Nações do Nórte, que ficavaõ povoando a Cidade. Era vulg.



LIVRO X.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Fundaçaõ de Alcobaça, e outros ſucceſſos da vida de D. Affonſo Henriques.

Era vulg. DOM Affonſo Henriques reconhe-
1142 cido a tantos beneficios do Ceo, de
ou que muita parte attribuia á efficacia
1147 das Orações de ſeu amigo S. Bernar-
ou do, naõ quiz demorar mais tempo o
1152 juſto cumprimento do ſeu voto, as
devidas demonſtrações do ſeu agradecimento na fundaçaõ do Moſteiro de Alcobaça para morada dos ſeus Monges. Aqui abrio a magnificencia do Rei ambas as mãos, naõ ſó para a ſumptuoſidade da fabrica, que he huma das brilhantes da Europa; mas para a liberalidade das mercês com que a dotou. Fez doaçaõ ao Moſtei-

ro de trinta e huma Villas, em algum tempo taõ conſideravelmente ricas, que ſuſtentavaõ com decencia quaſi mil Monges, e depois deſmembradas para patrimonio de outros Conventos, de Terças Eccleſiaſticas, e Commendas, nunca eſtas québras amolgáraõ a integridade, e ſolidez do ſeu corpo. Naõ me canço em deſcrever a grandeza deſte taõ vaſto, como auguſto edificio, em que me precedêraõ outras pennas, por mais intereſſadas, por melhor inſtruidas, muito mais delicadas. Contento-me com dizer que tudo nelle he magnifico, como deſempenho da profuſaõ de muitas Mageſtades. Os primeiros tres Reis de Portugal edificáraõ a Igreja, e o dormitorio velho. D. Diniz mandou fabricar as clauſtras; D. Manoel a Sacriſtia; o Cardeal Rei D. Henrique os dormitorios novos, e os Paços que hoje ſervem de hoſpedarias. Era vulg.

Entre as primicias illuſtres, que recolheo eſte Moſteiro, foi huma a da converſaõ de D. Pedro Affonſo, que nelle tomou o habito de Monge, e

Era vulg. nós naõ ſabemos ſe era irmaõ, ou filho natural de D. Affonſo Henriques, nem he facil tirarmos eſta próva da letra F. do ſeu epitaphio, que na lingua Latina tanto póde ſignificar *Frater*, como *Filius*. Nelle perſeverou Monge D. Pedro até a ſua morte, e nelle foi ſepultado ao lado do Evangelho na Capella mór, com o dito epitaphio, que he o ſeguinte, gravado no ſeu monumento: Aqui deſcança D. Pedro Affonſo, Monge de Alcobaça, F. de D. Affonſo, Illuſtriſſimo Rei primeiro de Portugal, que com ſeu trabalho, e induſtria deo eſta terra á Ordem de Ciſter, applicando-ſe a eſte Moſteiro de Alcobaça na éra de 1185, na qual el Rei D. Affonſo I. de Portugal ganhou Santarem: ao qual D. Pedro Affonſo o Abbade D. Domingos mandou trasladar do clauſtro, aonde primeiro eſteve ſepultado, a eſte lugar em dia de S. Joaõ Bautiſta na éra de 1331.

1148 Á tomada de Lisboa ſe ſeguio huma torrente de victorias. Os ſeis annos primeiros foraõ levados em con-

tar triunfos, que tivêraõ por conſe- Era vulg.
quencia o rendimento de todas as Praças da Eſtremadura, de muitas no Além-Téjo, por onde o Rei feliz começou a avançar as conquiſtas. Como toda a extenſaõ dáquem do Téjo eſtava já ſujeita ás noſſas armas, ellas quizeraõ dálem delle ir encontrar-ſe com o Guadiana, talvez com idéas de irem fechar os termos no Guadalquivir, como depois ſe vio executar. Naquella Provincia foi vigoroſa a reſiſtencia dos Barbaros, portentoſas as noſſas façanhas, mas que importa, ſe tudo ficou ſepultado no fundo dos monumentos, ſem Inſcripçóes para conforto da memoria!

No meio de tantas glorias ſentio 1157
o Rei a perda da Rainha D. Mafalda, que a 4 de Novembro deſte anno paſſou a melhor vida na Cidade de Coimbra, aonde deixou lembrança ſaudoſa, merecida das ſuas virtudes. Dellas foraõ Padrões immortaes a reedificaçaõ da Igreja de S. Pedro de Rates, as fundaçóes do Moſteiro de Leça, do Hoſpital, e Igrejas de Canaveſes. O

Rei,

Era vulg. Rei, incapaz da ociosidade, que já antes estava desembaraçado dos Mouros, rendidos huns, outros tributarios, todos medrosos, gastava o tempo em fazer construir Mosteiros, em trabalhar nas fortificações das Cidades, e Praças fronteiras do Reino. Mas naõ cessando a infidelidade dos Barbaros de dar occasiões para novos rompimentos; o Rei, que naõ queria as armas com ferrugem, algum delles dissimulava, para naõ perder no castigo a conjuntura de dilatar os progressos. Opprimia-se o espirito de D. Affonso com a consideraçaõ, de que nos annos passados a fortaleza de Alcacere do Sal obrigasse a sua corage a levantar della o primeiro sitio na face de huma Armada de Cavalleiros Cruzados, que lhe deraõ soccorro; e resolveo a todo o risco soldar esta quebra para tirar aos Mouros a presumpçaõ, ou a confiança.

1158 Outra vez se apresentou o Rei sobre Alcacere, que em dous mezes de sitio soffreo constante, quanto entaõ sabiaõ metter em uso o valor, e arte

te de atacar para render. Hum ſucceſſo pouco vulgar, que ſó teve ſegundo na peſſoa do meſmo Rei, ainda com maiores vantagens, como veremos em ſeu lugar, fez deſalentar os Mouros, naõ para deixarem de ſe defender; mas para recearem, que lhes sería poſſivel entregar-ſe. Vinhaõ em ſoccorro da Praça 500 cavallos Africanos, e dez mil infantes: o Rei com ſeſſenta lanças os eſpera em ſitio, que cobriſſe a temeridade, e ajudaſſe a victoria. Elle ſe aproveita da deſordem da marcha; e carregando os inimigos em fórma, que primeiro sentíraõ os golpes, que viſſem as mãos, donde elles vinhaõ: deſcompoem-nos, dobra-os, reſiſtem duvidoſos, grande parte he paſſada á eſpada, o reſto foge, e a troco da ferida de huma perna, compra o Rei o mais bem aſſinalado triunfo. Naõ quiz elle dar tempo aos da Praça para lhes paſſar o ſuſto, e depois de poucos dias, no do grande Bautiſta, reſolve inveſtir Alcacere com hum aſſalto geral. Foi eſte eſpantoſo; nós ſabemos, que eſpada em Era vulg.

maõ

Era vulg. maõ leváraõ os noſſos a Praça, que foi ſantificada das expiações barbaras, e ridiculas dos Agarenos.

1162 Em ſucceſſos glorioſos, de nós ignorados, ſe paſſavaõ os annos, felices nos progreſſos para o eſtabelecimento da Monarquia, que no terreno bem cultivado da reputaçaõ já lançava fundas as raizes. Naõ deo pequena a toda a Patria o tranſito glorioſo do grande S. Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, ſobrinho do eſtimavel Biſpo da meſma Cidade D. Creſconio, honra de Ganfei, Lugar do ſeu naſcimento; de Coimbra, theatro das ſuas virtudes; de todo Portugal, que ſe faz reſpeitavel por tal filho: Aquelle Varaõ grande, ao qual hum Rei da eſtatura de D. Affonſo Henriques ſe dobrava para lhe tomar a bençaõ de joelhos: Varaõ, que imitador do Caſto Joſé do Egypto, fugio airoſo largando a capa nas mãos das meretrizes: que na perigrinaçaõ da Paleſtina, no Inſtituto Monacal, nas obrigações da Prelaſia, na vida, e na morte deo tantas provas da heroi-

roi-

roicidade das ſuas virtudes, que os Era vulg.
Póvos as referem, o ſeu louvor toda a Igreja o annuncia.

Pelo meſmo tempo ſe illuſtrou Portugal com a formaçaõ da Ordem Militar de Avis que eu, com todas as mais do Reino, e da Chriſtandade, já eſcrevi no ſegundo Tomo da Aula da Nobreza. Incançavel o Rei em idéas de vantagem, e na execuçaõ de todas ellas; quando as armas reſpiravaõ, naõ tinha ſocego em levantar Caſtellos, dotar, e fundar Moſteiros, viſitar, e reforçar as Praças. Eſtando 1165
na de Alcacere, foi informado, que era pouco numeroſa a guarniçaõ de Ceſimbra. Determina-ſe a inveſtilla, e o meſmo foi atacalla, que rendella. Daqui marchou com ſeſſenta cavallos, e poucos homens de pé a examinar a fortificaçaõ de Palmela, que deſejava metter no número das ſuas conquiſtas. No fundo daquellas matas eſtava D. Affonſo embrenhado, quando ſentio a marcha do Rei de Badajóz, que com 4ↀ cavallos, e 60ↀ Infantes vinha ſoccorrer Ceſimbra, ignorante

Era vulg. rante do ſeu deſtino. Eſte he o ſegundo lance, em que o Rei ſe fez imitador de ſi meſmo, como prometti moſtrar na narraçaõ do primeiro ſuccedido ſobre Alcacere. Naõ ſe cançou D. Affonſo em contar o número dos inimigos, ſenaõ em obſervar a deſordem da marcha. Nada tinha de militar, mais que trazer na ſua vanguarda baſtantemente avançado hum corpo de batedores, que vinhaõ entretidos, antes em vozes de alegria, que na obſervaçaõ de hum campo apto para ſorprender.

Perſuade D. Affonſo aos ſeus, que enviſtaõ eſte magote deſmandado, que ſendo forçado a dobrar ſobre o exercito, lhe communicaria o terror, e a deſordem. Inſpirações ſoberanas, que o Chéfe dos Reis lhes communica para a execuçaõ de huns eventos ſublimes, que ſaõ deſignios da ſua inſondavel Providencia! Todos duvidaõ na execuçaõ de huma ordem temeraria, como ſe os juizos vulgares dos vaſſallos podeſſem penetrar os impetos occultos, que movem o eſpirito

to dos Principes para emprehender. D. Affonſo ſem dizer palavra, deixa cahir a viſeira, enriſta a lança, firma o eſcudo, bate as eſporas ao ginete, e dizendo, ſigaõ-me: Sahe do boſque o Leaõ eſpantoſo, acompanhaõ-no rompendo as ſelvas os Tigres, antes covardes, já indomitos; lançaõ-ſe á vanguarda dos Barbaros, e o primeiro repentino arremeço he logo ſinal conſtante da victoria. Eſpantados os Mouros da furia, e dos golpes, ao ouvir as vozes, *viva o noſſo Rei*; elles perdem a corage, e o campo; entendem, que todo o exercito Portuguez os ataca, e ſem lhes dar acordo o medo para tomar novo conſelho, voltaõ caras; vaõ ſendo atraveſſados pelas cóſtas; cahem precipitados ſobre o groſſo do exercito, que cortado do meſmo terror panico, ſegue o exemplo da fugida, que lhe pareceo o mais ſeguro. Vai o Rei no alcance, até que cançado, e todos os ſeus, de matar, faz ſinal de recolher. Era vulg.

Se ſuccedeſſe eſte caſo entre Gregos, e Romanos, que Epinicios ouvi-

Era vulg. viriamos de ſemelhante victoria ? Dizem os noſſos Chroniſtas , que foi conſequencia ſua render-ſe Palmela : que o Rei aviſára a Ceſimbra vieſſe o exercito unir-ſe com elle : que todos os ſeus ſemblantes lhe moſtráraõ a melancolia dos corações por ſenaõ acharem em feito taõ honrado , que entaõ repartido por mais , naõ o ſeria tanto. Eſte tropeço deſtruido , deixou o paſſo franco em toda a campanha , aonde tremoláraõ vencedores os noſſos Eſtandartes ; mas com tanta laſtima dos noſſos eſpiritos , quanto he reprehenſivel o ſilencio da Hiſtoria nos applauſos merecidos do valor mettido em tantas occaſiões , dignas de
1166 honrar Faſtos eternos. O Rei lhe levantou hum Padraõ immortal com inſcripçaõ ſimples na Doaçaõ , que fez do Caſtello de Santa Olaya ao Moſteiro de Santa Cruz por eſtas palavras : Que conſiderando quantas mercês lhe fizera o Senhor , deſde a mocidade até a velhice , como lhe déra o Reino , e o ampliára , rendia-lhe a ſua ſubmiſ-

ſaõ ,

saõ, entre outras offertas, com a do Castello de S. Olaya. Era vulg.

Nas primeiras conquistas do Além-Tejo havia o Rei tomado a Praça de Béja, que os Mouros se restituíraõ, e nós reconquistamos no anno de 1162 sem sabermos mais do modo desta empreza, que dizer-nos a Historia dos Godos: Como na éra de 1200 (he a de Jesu Christo 1162) hum dia antes das Calendas de Dezembro, na noite da Vespera do Apostolo S. André a Cidade Pacence, que he Béja, foi acomettida pelos homens de el Rei D. Affonso, Fernaõ Gonçalves, e outros soldados communs, e por elles foi ganhada com maravilhoso esforço, e assim ficou em poder dos Christãos. Agora neste anno feliz de 1166 o memoravel Giraldo Sem-Pavor, assim chamado pelo pouco que mostrava nos mais arriscados combates, fez á Patria o assinalado serviço de tirar do poder dos Mouros a famosa Cidade de Evora com hum estratagema igualmente animoso, e bem ideado.

Era vulg. Era Giraldo hum Fidalgo muito valente, que cahio em hum delicto grave, como homem fragil, e temeroſo da juſtiça do Rei D. Affonſo, ſe refugiou na Provincia do Além-Tejo, para onde o ſeguio huma numeroſa trópa de vadios alentados, que com ſemelhante homem na ſua téſta, viviaõ de roubar, e commetter inſultos indiſtinctamente em terras de Chriſtãos, e de Mouros. Como exercicio taõ vil naõ podia deixar de ſe fazer eſpantoſo na alma de hum Fidalgo coſtumado a empregar-ſe em acções illuſtres; concebe a alta idéa de expiar o ſeu delicto com a empreza generoſa da tomada de Evora, que o Rei appetecia, e a ſua grande fortaleza difficultava. Communica Giraldo os ſeus penſamentos aos camaradas, que como homens de valor, ainda que mal empregado, nenhum dúvida arriſcar-ſe em huma façanha, que debaixo do eſtrondo de conſeguida, abafaria o rumor dos ſeus eſcandalos paſſados. Ponderáraõ no modo da ſorpreza, que naõ podia ſer occulta a huma

Ci-

Cidade toda rodeada de planos, aonde naõ ſe moveria a gente ſem ſer deſcoberta a todas as ſentinelas dos muros. Elles víraõ, que ſó no alto, aonde agora eſtá o Moſteiro de S. Bento haviaõ matas, e quebras de terreno capazes de armar ciladas; mas que ſobre a maior eminencia eſtava a torre da Atalaia, que vigiava o campo para fazer á Cidade ſinaes, de que nelle andàvaõ inimigos, e era neceſſario ganhalla. Era vulg.

Porém reſoluta a empreza a todo o riſco, Giraldo com a ſua gente ſe chega á Atalaia, que huma Dama, filha do Alcaide, guardava a huma janella dormindo, em quanto ſeu Pai deſcançava na cama. Elle a ſobe induſtrioſo, arroja a Moura da janella, degola o Pai, e com ambas as cabeças na maõ moſtra aos ſeus, que o primeiro paſſo eſtá dado felizmente. Dividida a ſua trópa em dous corpos, hum para apparecer na campanha, e chamar fóra da Cidade a guarniçaõ: outro, que elle mandava, para enveſtir a pórta, por onde ella ſahiſſe,

faz

Era vulg. faz ſinal a Atalaia, de que inimigos tálaõ a terra. Com a noticia, que deraõ as ſentinellas da muralha, de que o corpo dos Chriſtãos naõ era conſideravel, ſahe hum groſſo da melhor trópa para lhe caſtigar o atrevimento. Giraldo, que com a ſua gente marchava a toda a preſſa, ganha a pórta, aonde ſe lhe ajunta o ſegundo corpo; e deixando-a bem guardada, entrou pelas ruas a matar quanto reſiſtiſſe. Naõ foi muito o ſangue; porque elles tiveraõ a advertencia de ir correndo os ferrolhos de todas as portas, e deixáraõ fechada a maior parte dos moradores. Os Mouros, que ſe recolhiaõ vaidoſos de ter poſto em fugida aos Chriſtãos, vendo a entrada da Praça impedida; ouvindo os gemidos dos que morriaõ; o clamor dos que gritavaõ fechados nas caſas; o horror da noite, a ignorancia da fórma do ſucceſſo, tudo os preoccupa, poucos reſiſtem, muitos morrem, os mais ſe poem em fugida.

Amanhece o fauſto dia, em que Giraldo, e os ſeus ſalteadores apparecem

cem com caras de Heróes. Rendêraõ-se humildes os Mouros fechados; huns se retiráraõ, outros quizeraõ ficar comnosco, e residíraõ em Evora até ao tempo do Rei D. Manoel; a Cidade foi entregue ao saque. Giraldo fez logo saber ao Rei o que acabava de obrar em beneficio da Patria, em honra do seu serviço; rendendo obediencia, offerecendo a Cidade, pedindo para si, e para os bravos companheiros do seu valor a aboliçaõ dos antigos crimes. Ouvio D. Affonso aos Emissarios com summo prazer, e concedendo quantas graças se lhe pedíraõ, encarregou ao mesmo Giraldo o governo da Cidade; bem certo, que quem com tanta corage a ganhára foragido, melhor a defenderia quando honrado. Logo lhe foi pósta guarniçaõ, entre ella a dos illustres Cavalleiros da Ordem de Aviz, de que ainda se conserva memoria na Torre chamada da Freiria. Desta façanha de Giraldo formou as suas Armas a Cidade de Evora; e della as tomou a familia dos Cogominhos pelo seu as- Era vulg.

Era vulg. cendente, que acompanhou com os ſeus homens de armas a Giraldo, e della lhes deixou por honrada deviſa em campo vermelho cinco chaves Mouriſcas de prata em aſpa, e por timbre duas chaves das armas em aſpa atadas com hum troçal vermelho.

CAPITULO II.

Referem-ſe outras conquiſtas do Rei D. Affonſo Henriques, e os ſucceſſos da guerra com ſeu genro o Rei de Leaõ.

1166 SE os noſſos antigos Portuguezes foſſem taõ inclinados a eſcrever as ſuas façanhas, como a obrallas, ſó as deſte anno feliz eraõ baſtantes para encher muitos volumes. Porém o empenho de emprehender, e executar callados, apenas ſe deixa ouvir de muito longe nos eccos da tradiçaõ em hum ſuçurro, que nas idades da noſſa illuminaçaõ, quando nos liſongea ſublime, nos laſtima paſſageiro. Humas a outras ſe preparavaõ as occaſiões de glo-

gloria, que faziaõ o valor brilhante, Era vulg.
a Monarquia poderoſa. Exaltada a reputaçaõ com o modo maravilhoſo do rendimento de Evora, reſtituido a ella o ſeu Biſpo D. Sueiro, ſe entaõ naõ foi criado de novo; o Rei incanſavel no trabalho, que o coſtume fazia inſenſivel á ſua idade, torna a entrar na ſua Provincia do Alem-Téjo, ſolemniza a tomada de Evora com huma corrente de victorias, que precedèraõ, e ſe ſeguíraõ ás conquiſtas de Moura, Serpa, Alconchel, e Coruche. Aqui continuamos nós a moſtrar, que o rio Guadiana naõ era limite marcado para as noſſas expediçóes, ſenaõ as Praças dos Mouros em qualquer terreno, que eſtiveſſem ſituadas em Heſpanha. O rendimento da Praça de Elvas tambem ſe entende ſer fructo deſta expediçaõ, em que as noſſas armas corrêraõ livres, e dominantes por toda a Provincia, já olhando a Betica como theatro para as ſuas repreſentaçóes futuras.

Aqui parece que tomáraõ novo 1167
corpo os ciumes de D. Fernando II.

Era vulg. Rei de Leaõ, para nos inquietar com huma nova guerra. Naõ foi della cauſa o repudio, que D. Fernando fez da Rainha D. Urraca ſua mulher, filha do noſſo Rei D. Affonſo, como penſáraõ todos os Chroniſtas Portuguezes, que bebêraõ eſta noticia mal averiguada na Hiſtoria de Duarte Galvaõ; porque depois da guerra ſe celebrou aquelle caſamento; como ſe próva com huma deducçaõ Chronologica inegavel. Tambem os Eſcritores Caſtelhanos lhe deraõ de duraçaõ o tempo, que corre do anno de 1169 até o de 1180; quando he certo, que ella começou depois da conquiſta ſobre os Mouros de Além-Téjo, que foi no principio do anno de 1167, e teve fim no de 1168, em que o Rei D. Affonſo Henriques ſe reſtituio ao ſeu Reino da prizaõ, em que o teve ſeu ſobrinho o de Leaõ.

Sendo na realidade duvidoſos os verdadeiros motivos da guerra, dizem, que D. Affonſo a rompêra, ganhando em Galliza o Caſtello de Cedófeita, que o Rei D. Fernando viera

restaurar; e naõ o podendo levar á força, o imaginado milagre de hum raio, que cahira nelle, aterrára os Portuguezes para lhe abrirem as portas sem resistencia. Tambem se attribue ao nosso Infante D. Sancho, que entaõ era hum minino de dez annos, a jornada de Arganhal, que huns presumem vencêra o Rei de Leaõ, outros que a victoria ficára indecisa. A D. Affonso se concedem muitas vantagens em Galliza, aonde do tempo de seu Pai ainda conservava a Cidade de Tuy; dominio, que agora avançou com toda a terra de Toronho, Lima, e outras novas conquistas, que depois largou em cambio da sua liberdade. Porém o successo constante desta guerra he o de Badajóz, que dominavaõ os Mouros tributarios do Rei de Leaõ. Naõ entendeo D. Affonso, que este reconhecimento podia ser direito para aquelle Principe estimar como sua huma Praça, que os Barbaros dominavaõ pelo da conquista havia 400 annos. Vem sitialla como dos Mouros, sem o embaraçar Era vulg.

Era vulg. a juſtiça do Rei de Leaõ; ataca-a, e a rende.

1168 D. Fernando acode em peſſoa ao ſoccorro de huma Praça, que eſtimava como ſua em razaõ do tributo, que lhe pagava. Antes delle chegar, diz Duarte Galvaõ, que enviára Menſageiros a D. Affonſo, que da ſua parte lhe repreſentáraõ, deixaſſe a Praça, pois ſabia, que era ſua, e do ſeu Reino: Que D. Affonſo reſpondêra naõ havia deixalla; e que entaõ da parte do ſeu Rei o deſafiáraõ. Naõ ſe eſcuſou elle ao empenho, e ainda que era inferior em forças, mandou formar o exercito em batalha, e eſperou na Praça a chegada do Leonez. Com a noticia de que a ſua vanguarda já combatia com a do inimigo, D. Affonſo a toda a preſſa quer vir á batalha; mas ao ſahir a porta, a que os ſeus deixáraõ o ferrolho mal corrido, com a violencia do galope deo nelle huma pancada taõ violenta, que quebrou a perna, e ficou mal ferido o cavallo. Neſte eſtado ſe embaraçou na eſcaramuça; mas o ginete naõ poden-

dendo soffrer a violencia dos repelões, já desfalecido, cahio com o Rei, que os nossos quizeraõ defender como Leões; mas dando-lhes em cima o grosso dos inimigos, a troco de vidas importantes, e da liberdade do Rei, que foi prezo, o de Leaõ ganhou a victoria, e a Praça. Era vulg.

Nem sempre a fortuna he favoravel ao Varaõ forte. Foi vencido Affonso, que sempre vencêra; prezo o Rei, que dera liberdade á Patria; embotadas as armas, que haviaõ cortado tantos louros. Destinos altos da Providencia, para que o homem na sua idéa naõ seja magnificado sobre a terra. Com summo respeito foi o Rei de Portugal tratado pelo de Leaõ, que com igual desvelo, que delicadeza, se applicou ao reparo da sua saude; que o fez curar com a veneraçaõ, e caricias de filho; mas em hum coraçaõ generoso, no triste estado da sórte, nada sería bastante para lhe suspender a vehemencia da dor na face dos estimulos do aggravo. Sempre magnanimo D. Affonso, houve de

ce-

Era vulg. ceder ao tempo para reſtituir a liberdade: mas nunca ſubmetter o caracter para offender a ſoberania. Naõ ha duvida, que no ajuſte da paz prometteo ao Rei de Leaõ fazer-lhe entrega das Praças neſta guerra conquiſtadas em Galliza, e das mais que antes della poſſuia, e de que eſtivera de poſſe a Rainha ſua Mãi pelo direito, que tinha ao Reino de Leaõ.

Porém que o Rei D. Affonſo ſe obrigaſſe, quando foſſe em eſtado de montar a cavallo, ir aſſiſtir ás Cortes daquelle Reino; que para ſe eſcuſar de o fazer, com quebra da palavra Real, no reſto da ſua vida ſempre andára em carruagem: iſſo he huma quimera inventada por hum ignorante dos negocios de Heſpanha, como foi Lucio Marineo Siculo, ao qual cegamente, ſem ponderaçaõ, nem exame, ſeguiraõ os noſſos Hiſtoriadores antigos, e alguns dos Caſtelhanos, menos o Arcebiſpo D. Rodrigo, D. Lucas de Tuy, o noſſo deſafeiçoado Mariana, e a Chronica geral, que em ponto taõ importante naõ fallaõ hu-

ma ſó palavra; omiſſaõ, que era im- Era vulg.
poſſivel em huns Authores taõ illuminados, taõ zeloſos do credito, dos intereſſes, das regalías da ſua Patria. As pazes ſe fizeraõ ſem mais convençaõ, que a da entrega de Badajóz, e mais Praças de Galliza; as quaes ratificadas, o Rei voltou livre ao Reino para ſuavizar nos corações a magoa, que a ſua infelicidade fizera inconſolavel.

Aſſim como ella deixou a D. Af- 1170
fonſo no corpo defeituoſo, nas forças debil; tambem deo ouſadia aos inimigos para preſumirem vencer ao Heróe até entaõ invencivel, e aos ſeus Capitães, que com a reputaçaõ do ſeu nome ſempre eraõ vencedores. Recobráraõ eſpiritos os Mouros, e ſuppozeraõ a fraqueza do Rei deſalento das noſſas armas, nova corage das ſuas, hum meio infallivel para a reſtituiçaõ das ſuas perdas. Elles pertendêraõ próvar o ſeu conceito pela Comarca de Béja, que havia annos olhavaõ com reſpeito, por eſtar entregue a ſua defenſa ao famoſo Lidador Gon-

ça-

Era vulg. çalo Mendes da Maia, que coroou os da vida, e o ultimo dia da ſua morte com duas victorias, para nos deixar a materia da lembrança poſthuma em triunfos dobrados. Era entaõ temído em Heſpanha o Mouro Almoleimar, que entre nós ſe quiz acreditar de valeroſo com moſtrar, que naõ temia a corage, a experiencia, a reputaçaõ do velho Lidador. Entrou elle talando as terras da ſua juriſdiçaõ com furor, que deſaffiaría, ſó por compaſſivo, outro qualquer eſpirito menos ſenſivel, que o do noſſo Heróe. Sahe aos Barbaros com hum eſquadraõ intrépido, a maior parte Fidalgos diſciplinados nas Aulas das ſuas aventuras; e foi o primeiro repelaõ taõ rápido, que deſpedaçadas as lanças, as eſpadas ſe empenháraõ no combate.

Pozeraõ ambas as tropas pé em terra: avançaõ-ſe peito a peito huns a outros contrarios, todos com credito de valeroſos, faceis a acabar, diſficultoſos em ceder. Os golpes dos noſſos eraõ intoleraveis; mas os Mouros

ros os recebêraõ morrendo; poucos se desviáraõ delles fugindo. Foi passado á espada o Capitaõ Almoleimar com a maior parte da sua trópa: o Lidador ficou aberto em feridas, taõ formoso com os matizes do seu sangue, que era hum objecto da enveja universal. Quizeraõ os seus recolher-se a curallo dos golpes, e celebrar o triunfo, quando apparece no campo outro exercito, que marchando antes a soccorrer a Almoleimar, agora corria a vingar-lhe a morte. Persuadiaõ os nossos se retirasse do novo conflicto o seu Chéfe, que esgotado de sangue, abbreviaria a vida; mas naõ foi possivel conseguir esta justa demanda de hum Heróe, que quiz acabar com as armas na maõ, como morte correspondente para quem fizera vida da gloria das armas. Depois de pedir aos Fidalgos, que em morrendo elegessem por Capitaõ a seu genro D. Egas Gomes de Sousa, os impetos da alma arrojaõ o corpo a ser o primeiro em romper a vanguarda dos inimigos. Neste mesmo Era vulg.

Era vulg. mo impulſo o Lidador peleija, morre, e vence.

1171 Os meſmos motivos, que animáraõ a Almoleimar para investir a Comarca de Béja, enchêraõ de corage a Albojaque, Rei de Sevilha, para vir com hum exercito numeroſo cercar a propria peſſoa de D. Affonſo, que entaõ ſe achava em Santarem. A impoſſibilidade de montar a cavallo para ſahir a campo contra os inimigos, era huma tortura inſoffrivel ao Real eſpirito, coartado na face dos Barbaros, contraido ao recinto das paredes da Praça. Leva a noite ſem ſocego; invoca o Deos das Batalhas; pede o ſoccorro de S. Miguel, Chéfe das Eſquadras Celeſtes, e no dia ſeguinte faz ſaber aos ſeus, que lhe diſſuadiaõ o ſahir da Praça: Como era indigno ſe diſſeſſe do Rei de Portugal, coſtumado a derrotar Mouros a centos de milhares, que elles o tinhaõ ſitiado dentro em Santarem: que lhes agradecia a offerta de ſahirem elles a campo, e ficar o ſeu Rei na Villa: que a manobra antes ſe fizeſſe pelo contrario;

rio ; ficando nella os mais, sahindo Era vulg.
elle com os menos , ou para vencer mais gloriofo , ou para morrer em campo aberto : que nada podia poupar em huma acçaõ , de que dependia o credito paſſado , toda a reputaçaõ do futuro , a honra da vida , e a fama poſthuma. Naõ embaraçou eſta reſoluçaõ deciſiva a voz , que correo, de que D. Fernando de Leaõ a jornadas largas marchava a Santarem : ignorante D. Affonſo ſe o deſtino de ſeu genro era aproveitar a occaſiaõ de deſpicar os aggravos antigos , ſe ſoccorrello em tal aperto como bom viſinho , e fiel parente. Eſta meſma noticia acompanhada de dúvidas , foi o eſtimulo para o Rei naõ dilatar contra os Mouros a batalha , que ſendo vencida , o deixava apto para dar ſegunda ao Rei de Leaõ , ſe chegaſſe á ſua preſença com ſemblante de inimigo.

Entendêraõ os Mouros a ſeu favor a vinda do Rei de Leaõ , e animados com eſta eſperança , reforçáraõ o cerco , já augurando-ſe a feli-

ci-

Era vulg. cidade da mais conſideravel preza. D. Affonſo, invariavel na primeira idéa, verdadeiramente fórte na face do maior perigo; faz-ſe conduzir em andas ao campo, e enveſte a arrogancia, a confiança, a vaidade dos Mouros. Elles ſuſtentaõ o pezo da batalha com tantas certezas de vencer, que nos atropelaõ, mataõ o Alferes Real, arraſtaõ o noſſo Eſtandarte. D. Affonſo, incapaz de ſoffrer eſta injuria feita á ſua viſta, ſem arriſcar a peſſoa; baixou do carro militar, e armado de eſpada, e rodela, ſeguido dos ſeus, de tal ſórte mudou o ſemblante do combate, que os Mouros começáraõ a perder terreno, foi reſtituido o Eſtandarte, mortos os Barbaros mais deſtemidos, o Rei occupado de tal terror, que a toda a redea ſe fez na volta de Sevilha, com tanta vaidade como ſoldados. Correo a fama da victoria a tres jornadas de Santarem, aonde ſe achava o Rei de Leaõ, que mandou congratular della a D. Affonſo, ſentido de naõ participar a honra de taõ honrado feito, que vinha buſ-

buſcar na ſua companhia; mas que como já naõ lhe eraõ neceſſarias as ſuas armas, elle voltava, e para todas as occaſiões ſemelhantes officioſo lhas offerecia. Era vulg.

Recebeo D. Affonſo ao Embaixador com as demonſtrações do maior agrado; agradeceo a ſeu Genro a obrigaçaõ em que o punha, a que ſe moſtrava grato regalando-lhe os deſpojos mais precioſos, que achára no campo vencido. He tradiçaõ conſtante, que quando o Rei ſe lançou aos inimigos, apparecêra ao ſeu lado huma Aza, donde ſahia huma eſpada, que fazia nos Mouros grande eſtrago: que elle attribuira eſta viſaõ a favor eſpecial do Arcanjo S. Miguel; e que em honra ſua inſtituíra a Ordem Militar da Ala, que naõ paſſou na duraçaõ além da vida do Rei D. Affonſo. Foi fructo deſta victoria huma trégoa de cinco annos entre Chriſtãos, e Mouros; beneficio, de que ſe ſervio D. Affonſo para regular os negocios interiores do Reino; para poder com ſegurança mandar as ſuas gentes ao ca-

bo

Era vulg. bo de S. Vicente buſcar as Reliquias deſte Martyr invicto, que já tinha procurado em peſſoa com a infelicidade de naõ as deſcobrir; porque naquelle tempo Lisboa, que lhes havia dar ſólio mageſtoſo, ainda eſtava em poder dos Mouros.

1173 Na batalha do Campo de Ourique fez o Rei priſioneiros alguns Mozarabes, deſcendentes dos Chriſtãos de Valença, que trouxeraõ os oſſos de S. Vicente para o Promontorio Sacro, e lhe deraõ eſta noticia, que conſervavaõ por tradiçaõ dos ſeus Maiores. D. Affonſo, deſejoſo de poſſuir o precioſo theſouro, pouco tempo depois foi ao Sacro Promontorio, e feitas as diligencias mais exactas, naõ quiz a Providencia, que a terra, que o occultava, entaõ o deſcobriſſe. Dous daquelles Mozarabes ſe eſtabelecêraõ com os noſſos em Lisboa, aonde viviaõ com Chriſtandade edificante. Corria o anno de 1173 quando Deos lhes inſpirou perſuadirem aos ſeus patricios foſſem por mar ao Promontorio, e no lugar, de que lhes de-

derão confrontações individuaes, buscassem as Reliquias Sagradas, que sem duvida estavaõ nelle. Promptamente os Capitães pios, e guerreiros armáraõ huma embarcaçaõ, em que fizeraõ a pequena viagem; e invocando os auxilios Divinos com espirito ardente, oraçaõ fervorosa, jejuns, e mortificações austéras, buscáraõ o sitio, que traziaõ bem marcado, e descubríraõ com todos os sinaes indicados pelos religiosos Mozarabes. O grande Pai de familias poz patente aos seus servos o thesouro escondido no campo; e para naõ duvidarem, que era o mesmo, o authorisou com hum milagre. Succedeo querer enriquecerse com hum dos ossos do Santo hum dos aventureiros piedosos: immediatamente ficou cégo: fez, que fosse restituido ao lugar dos outros, para logo recobrou a vista. Recolheraõ-se a Lisboa com o prazer daquelles vencedores, que cativa a preza, se alegraõ na divisaõ dos despojos. Era vulg.

Chamavaõ os Mozarabes ao lugar do depósito a Igreja dos Córvos,

Era vulg. em razaõ deſtas aves, que acompanhavaõ o Corpo do Santo, e deſde entaõ atégora naõ tem deixado de aſſiſtir na meſma parte, aonde eſteve, que hoje he Convento dos Capuchos reformados da Provincia da Piedade. Alli vem os noſſos olhos, que aſſiſtem perennemente dous Córvos: que cada dia vai hum Religioſo ao Clauſtro, e chamando-os com o nome de Vicente, acodem a receber a ſua raçaõ: que quando ſahem os Religioſos aos Lugares viſinhos, elles voando, muitas vezes os acompanhaõ, e com elles ſe recolhem ao Convento: que quando morre algum dos companheiros, naõ havendo córvos em todos aquelles diſtrictos, entaõ apparece hum bando, e mettendo-ſe nelle o que ficou vivo, eſcolhe novo ſócio, e deſapparecem os mais. Aſſegura-ſe com toda a Fé Humana a verdade deſte ſucceſſo, que naõ julgo ſe he hum milagre continuado, ou hum acaſo contínuo, e ſó confeſſo, que Deos he admiravel nos ſeus Santos. Elle o Deos, que faz maravilhas ſó.

Com alvoroço indiſivel recebêraõ os de Lisboa as Reliquias adoraveis, e ordenada pelo piedoſo Roberto, Deaõ da Sé, huma Prociſſaõ ſolemne, foraõ nella collocadas á veneraçaõ pública dos Fiéis. Era vulg.

CAPITULO III.

Expedições do Infante D. Sancho, mandadas fazer por ordem de ſeu Pai, e outras dos ſeus Capitães.

APENAS eſpiráraõ os cinco annos 1178
de trégoa, que D. Affonſo Henriques havia ajuſtado com o Rei de Sevilha depois da batalha de Santarem: eſtando a Monarquia reſpeitavel, o Eſtado em paz á ſombra das victorias; mas viva a lembrança da injúria feita á peſſoa do Rei no ſitio poſto por Albojaque áquella Praça, ancioſo o deſejo do Principe em levar as armas, e avançar as Conquiſtas além do Guadiana pela Provincia Bética: Chama a ſeu filho o Infante D. Sancho, e lhe propõe o muito, que tinha tra-

Era vulg. balhado, ſem ſe poupar a perigos; para lhe formar hum Reino em forças, em reputaçaõ conſideravel: que era natural os Mouros intentarem no fim da trégoa a reſtituiçaõ de algumas Praças no Alem-Téjo, e que ſe lhes deviaõ prevenir os deſignios: que elle o deſejava fazer em peſſoa, naõ ſó para aſſegurar a Provincia; mas para os viſitar na Capital de Sevilha: que o embaraçava para a execuçaõ das ſuas idéas a impoſſibilidade de montar a cavallo; e neſta deſconſolaçaõ ſó o alentava ter nelle hum filho, que na frente das trópas em nada lhes deixaria ſentir a falta do Pai. D. Sancho lhe beijou a maõ reverente, e agradecido: Promete-lhe applicar todos os esforços para ſe moſtrar viva cópia do ſeu Original; creatura da ſua natureza, e diſciplina; filho no ſer, e nas obras.

Em Coimbra ſe paſſou reviſta ao luzido exercito, que o Rei entregou ao Infante, e o veio acompanhando a pé até paſſar a ponte. Aqui foi o lugar da deſpedida, em que a Mageſta-

tade naõ pode occultar a ternura, sem se opprimir o espirito para na respiraçaõ communicar o valor. Rodeado dos bravos Heróes do seculo de D. Affonso Henriques, o Infante chegou a Evora, aonde se deteve para chamar os alentados Fronteiros, que haviaõ ser os seus guias na marcha, e informar-se do estado dos Mouros para formar o plano da campanha ajustado á probabilidade das vantagens. Entrou o exercito pelas terras inimigas, que levou a ferro, e fogo para fazer na Provincia geral o terror. Naõ podiaõ crer os Mouros, que os Portuguezes intentassem pizar os terrenos, aonde depois da perda de Hespanha os pés dos Christãos já mais haviaõ dado passo. Como a marcha os desenganava, de que tinha por destino fazellos mostrar a Sevilha, naõ quizeraõ consentir, que as suas paredes respeitaveis soffressem esta affronta, e com trópas muitas vezes superiores, esperáraõ ao Infante nos dilatados planos entre a sua Corte, e Villa-Raza. Alvoraçáraõ-se os espiritos Era vulg.

dos

Era vulg. dos noſſos com eſta deſejada noticia, que obrigou o Infante a formar o exercito em cinco eſquadrões, que encarregou a outros tantos Capitães experimentados, reſervando para ſi o da vã-guarda, por mais perigoſo o mais honrado. Nós ſentimos naõ chegarem ás noſſas idades os nomes deſtes grandes homens, que certamente naõ ſaõ os meſmos que nos deixou em memoria Duarte Galvaõ; porque a maior parte delles eraõ já mortos.

Arroſtáraõ-ſe os campos ao romper do dia, o mais formoſo para o eſquadraõ do Infante, que no primeiro repelaõ ſe deixou ver dos noſſos com admiraçaõ, dos Mouros com eſpanto. Elles, que conhecêraõ nas obras o eſpirito, que o animava, o carregaõ com as maiores forças. Dous dos mais viſinhos, que dizem eraõ commandados pelos Condes D. Pedro de Aſturias, e D. Ramiro, ſoccorrem a noſſa vã-guarda, e fazem geral a refrega. A deſeſperaçaõ dos Mouros largo tempo ſe poem em parallelo com o noſſo valor. De ambas as partes ha

mor-

mortes, feridas, golpes eſpantoſos, nenhuma cede, e parece que cada ſoldado eſtá reſoluto a deixar a cabeça, aonde no principio da acçaõ plantou os pés. O noſſo Alferes Real, que diz Galvaõ ſer ainda o bravo D. Pedro Paes, e Brandaõ prova, que era Fernando Affonſo: elle, que até entaõ eſtivera no centro da eſquadra com a firmeza de huma montanha, e o Eſtandarte arvorado; vendo na ſua frente o de Sevilha rodeado dos mais bravos homens, grita ao grande D. Mem-Moniz, e a outros Fidalgos, que tinha ao lado, que todos ſe avancem com elle a arraſtar a inſignia ſoberba dos Barbaros. Aqui ſe travou horrenda a batalha, e aqui principiou glorioſa a victoria. Eſpada em maõ foraõ os noſſos rompendo as fileiras dos Mouros, como o furacaõ violento, que arrebata, quanto enconrta por diante. D. Mem Moniz com a meſma corage do dia do Campo de Ourique, abrindo o paſſo até ao lugar, aonde eſtava o Alferes Mouro, com duas cutiladas o deitou a terra, e Era vulg.

lan-

Era vulg. lançando-se a elle, lhes arrancou das mãos o Estandarte, de que se servio para varrer a campanha.

Para naõ verem esta injúria os Mouros, voltaõ as costas, que offerecem sem resistencia á ponta das nossas lanças. O Infante lhes segue o alcance, e entra com elles de envolta em Triana, donde facilmente faria o mesmo em Sevilha, se a vã-guarda, que fugia, naõ arriscasse o exercito pela salvaçaõ da Praça, cortando a ponte. Entaõ foi geral o estrago nos inimigos, que lançando-se ao rio, se affogavaõ, e os que ficavaõ em terra, aos fios das espadas pereciaõ. Quasi geral vio o barbaro Rei dos muros de Sevilha a mortandade dos seus vassallos sem a poder remediar; e o Infante coberto de gloria, e indignaçaõ pela difficuldade de passar o rio para descarregar sobre a Praça o ultimo golpe, volta ao acampamento dos Mouros, aonde se fez senhor de despojos immensos, que deixáraõ aos seus soldados ricos, e contentes.

Era vulg.

Depois do Infante celebrar a victoria no campo os dias necessarios, como nelle naõ appareciaõ inimigos, resolveo occupar as forças nas conquistas, que tinha principiado antes da batalha. Foraõ tantas por toda Andaluzia, que diz a Historia dos Godos, que o Rei D. Affonso Henriques neste tempo era senhor de toda a terra, que fica entre os rios Mondego, e Guadalquivir. Niebla, entaõ praça muito forte, determinou fazer parar o Infante na carreira das victorias; mas naõ a salvou o valor, senaõ o destino. Quando intentamos esta empreza de Andaluzia, a Cidade do Alem-Téjo, que mandou mais gente para se ajuntar ao exercito, foi a de Béja, que ficou sem mais guarniçaõ, que a paisanage. Dous Alcaides Mouros, que dizem se chamavaõ Alboazil, e Halé, para divertirem o Infante da sua expediçaõ com a conquista de Béja, vieraõ por-lhe apertado cerco. Soffrêraõ os paisanos com grande valor os primeiros assaltos; mas hum delles ágil, e destemido, julgan-

Era vulg. gando por impoſſivel a defenſa ſem ſoccorro, teve induſtria para enganar huma noite as guardas dos Mouros, e veio a Niebla dar parte ao Infante do perigo da ſua Patria.

Ajuntou conſelho de guerra, aonde foi determinado, que eſtava primeiro defender o proprio, que conquiſtar o alheio: que ſe devia abandonar o ſitio de Niebla para ſoccorrer a Béja. Sem demora o Infante ſe poem em marcha com a cavallaria, e mais tropa ligeira, ordenando ao groſſo do exercito caminhaſſe a jornadas ordinarias eſcoltando as bagages. Os batedores inimigos deraõ parte aos Alcaides da vinda do Infante na téſtà de hum deſtacamento, ſeparado do reſto das tropas. Quizeraõ os covardes largar o campo antes de ver de quem fugiaõ; mas os Alcaides. e os valentes reſolveraõ acometter o Infante antes de unir as forças. Eſperou-os a pé firma, e travada a batalha com valor igual, da parte dos Mouros com a vantagem do número, a victoria eſteve indeciſa eſpaço largo. Porém

rém mortos os dous Alcaides, passada Era vulg.
á espada a flor das suas trópas, o resto do exercito se poz em fugida antes de roto. Mandou o Infante seguir o alcance sem perdoar a genero algum de vivente, para que soubessem os Mouros como cortava a sua espada nos primeiros golpes. Ignoramos se foi ella a que descarregou outros sobre hum filho do Imperador de Marrocos, que nos representaõ desbaratado sobre Abrantes pouco depois desta victoria de Béja.

Quando o Rei de Leaõ ficou senhor de Badajóz depois da acçaõ, em 1179
que prendeo ao Rei D. Affonso, entendeo conveniente dar della o governo a hum Mouro, chamado Aben-Abel, por ser bemquisto dos habitadores seus nacionaes; mas o Mouro, longe de responder á confiança, que D. Fernando fizera delle, abusou della taõ indignamente, que sem demora entregou a Cidade ao Miramolim dos Almohades, origem de todas as irrupções dos Barbaros em Portugal depois do primeiro sitio de Santarem.

Des-

Era vulg. Deſte Miramolim era filho o Aben-Jacob derrotado ſobre Abrantes, e ſeus Capitães os Mouros animoſos, que neſte tempo talavaõ o Alem-Téjo, rendêraõ Coruche, e o Infante ſucceſſivamente foi derrotando em encontros repetidos, de que ao longe ouvimos huns éccos em Hiſtorias alheias, que nos fazem perceber, que houvéraõ; mas naõ como foraõ eſtes glorioſos combates. Gamir, Rei de Merida, foi hum deſtes aventureiros, que depois de devaſtar a campanha, fez tremolar os ſeus Eſtandartes á viſta do Caſtello de Porto de Mós, defendido pelo reſpeitavel nome de D. Fuas Roupinho. Naõ quiz eſte bravo ver-ſe ſitiado ſem traçar á ſua offenſa deſpique maior, que a reſiſtencia.

1180 Encarrega a defenſa do Caſtello a huns poucos de homens, que excediaõ em valor á meſma confiança do Capitaõ, e com os mais corre ás praças viſinhas pedindo aos ſeus Commandantes lhe engroſſem o número com parte das ſuas guarnições. Quando o entendeo baſtante para a idéa,

que

que formava o ſeu eſpirito impavido; apreſenta-ſe huma tarde na ſerra quaſi vertical ao Porto de Mós aonde ſem ſer viſto, ſe recreou em ver a gentileza com que os ſeus ſoldados reſiſtiaõ a hum aſſalto deſeſperado dos Mouros. Quizeraõ os intrepidos Portuguezes, que acompanhavaõ a D. Fuas, lançar-ſe aos Barbaros, naõ ſuccedeſſe levarem o Caſtello em preza na face da ſua corage. D. Fuas os deteve, advertindo-lhes naõ os aſſuſtaſſe o aſſalto; que ſabia a qualidade da gente, que tinha no Caſtello; naõ quizeſſem com huma avançada intempeſtiva malograr o projecto brilhante, que trazia concebido. Todos ficáraõ immoveis, ſendo até a noite expectadores invejoſos da mais illuſtre defenſa, das proezas incriveis, que huns pares de homens obravaõ ſobre a multidaõ dos Mouros reſolutos, por honra do Capitaõ, e ſua. A eſcuridade das ſombras ſeparou cercados de cercadores; eſtes taõ cortados do ferro, do pejo, da fadiga, que vio a tropa de D. Fuas, como elles naõ cuidavaõ mais, Era vulg.

que

Era vulg. que em refazer as forças laças com o ſomno profundo.

Agora he tempo, (diſſe D. Fuas aos ſeus) que o Senhor entregou eſſa quantidade de Barbaros nas noſſas mãos: deſçamos o monte; demos ſobre elles; façamos eterno o ſeu ſomno. Poſtado D. Fũas na vã-guarda da patrulha, viſtoſa na reſoluçaõ, ſem viſta na quantidade, baixaõ a montanha ſem ſer ſentidos, e paſſeando os arraiaes dos contrarios, vaõ deixando os Mouros na poſtura, em que os achavaõ. Quando a morte principiou a ſer nelles ſenſivel, já o campo eſtava juncado de córpos ſem alma. Os primeiros que acordavaõ para morrer tocáraõ a rebate com os gemidos de agoniſar. Os mais cançados, que os ouviaõ, duvidoſos do que era, eſtendiaõ os membros opprimidos, antes que ſe lançaſſem ás armas animoſos. Em fim, conhecida a cauſa do ruido, a chuſma tumultuaria rodeia a barraca do ſeu Rei Gami, menos diſpoſta a defendello, que a conſolar-ſe com que ſeja elle o ultimo, que morra.

ra. A trópa de D. Fuas vai ſobre elles, matando a ſeu ſalvo covardes, e valentes, que tudo foi paſſado a fios de eſpada, a excepçaõ dos poucos, que fiados nos pés encontráraõ a ſalvaçaõ na fugida. No meio da confuſaõ, no furor da mortandade, tiveraõ os noſſos advertencia de perdoar ao Rei Gami, fazendo-o priſioneiro; e D. Fuas pelas proprias mãos a hum Infante ſeu Irmaõ, com outros ſenhores de conta, que o meſmo D. Fuas em peſſoa veio a Coimbra apreſentar ao Rei D. Affonſo, que eſtimou igualmente a importancia da preza, e os authores della. Era vulg.

Outro elemento eſtava preparado para theatro do valor, e do fim de D. Fuas. Neſte meſmo anno da ſua victoria huma Armada de Africanos cometteo inſultos intoleraveis nas noſſas cóſtas, eſpecialmente nas de Lisboa, e Setuval. Foi o Rei D. Affonſo informado deſtes inſultos, quando D. Fuas ſe achava em Coimbra, levando os merecidos applauſos de triunfante. Eſtimou o Rei a opportunidade

da

Era vulg. da occaſiaõ para remunerar os merecimentos de tal vaſſallo, mettendo-o no novo empenho de ſervir a Religiaõ, o Rei, e a Patria. Deſpede-o com cartas ao Governo de Lisboa, para que logo ſe faça preſtes a armada das galez, que havia entregue ao commandamento de D. Fuas para ſahir a caſtigar nos Barbaros o attrevimento de infeſtarem os ſeus mares. Depois de tantas idades tornáraõ a apparecer ſobre elles os Portuguezes, que eſtavaõ deſtinados para devaçar os ſeus recoſtos nos climas, e Regiões mais apartadas. D. Fuas ſe encontrou ſobre o Cabo de Eſpichel no dia 29 de Julho com a Armada inimiga, que ſoltando flamulas, e galhardetes, empavezada, e guerreira, ſe fez na volta dos noſſos com ſemblante, de que antes vinha a celebrar o triunfo, que a entrar na batalha. Quanta coragem cobraõ os contrarios, quando ſuppoem aos inimigos biſonhos na guerra! Taes pareciaõ entaõ os Portuguezes ſobre as ondas; mas animados por D. Fuas, que nellas ſoube manejar

jar o tridente, investio, e rendeo a galé Capitania do General Dalxemi; fazendo as outras o mesmo ás que couberaõ á sua repartiçaõ. Era vulg.

Com o espectaculo das galés tomadas, mais vistoso por primeiro, entrou D. Fuas pela barra de Lisboa, aonde os moradores bordavaõ as margens do Téjo para congratularem com acclamações, e vivas aos authores do insolito triunfo. O seu écco fez nos ouvidos do Rei som taõ harmonioso, que mandou reforçar a Armada, e que D. Fuas obrasse com ella como bem lhe parecesse. Tornou o Capitaõ a sahir ao Porto no mesmo veraõ, e naõ achando inimigos nas cóstas de Portugal, e Algarve, demandou o Estreito, e se poz surto á vista de Ceuta. Temêraõ os Mouros o apparato naval, que entendêraõ já lhes levava a guerra á casa, naõ contentes os Portuguezes com a que lhes faziaõ na sua. Avistáraõ os nossos muitas embarcações, que tinhaõ sobre ferro naquella bahia, e resolutos a tomallas para resarcirem as despezas da ar-

Era vulg. mada, as investiraõ, e com morte de muitos Mouros as ganháraõ. Dous dias depois da victoria estiveraõ os nossos defronte de Ceuta, donde se fizeraõ na volta de Lisboa, que á vista da preza, os recebeo com alvoroços sem mais differença dos primeiros, que serem segundos.

1181 Para divertir as fadigas gloriosas desta feliz campanha, em que se seguíraõ humas a outras as victorias; D. Fuas sahio a entreter-se com o exercicio da caça para a parte, aonde agora está a Igreja de Nossa Senhora de Nazareth. Entaõ teve o encontro mais venturoso; descubrindo entre humas lapas aquella milagrosa Imagem, que Rodrigo, ultimo Rei dos Godos, e seu companheiro o Monge Romano haviaõ escondido na gruta veneravel no tempo da perda de Hespanha, como deixo referido no segundo Tomo. Era o dia de muita nevoa, e sahindo hum veado, D Fuas o foi seguindo a todo o correr do cavallo para o lado do mar, sem ver o perigo, em que se precipitava da eminente altura de hu-

huma rocha, ſenaõ quando o cavallo já ſuſpenſo todo o corpo no ar, ficou firme milagroſamente ſobre os pés na ponta do rochedo, aonde ſe conſervaõ os ſinaes. Invocou o ſoccorro da Santa Virgem, que lhe deo tempo para ſe apear ſem perigo, fazendo mais prolongado o prodigio, que o grato cavalleiro agradeceo á ſua Bemfeitora com a fundaçaõ da magnifica Igreja da Nazareth, hum dos Santuarios mais mageſtoſos das Heſpanhas. Era vulg.

No anno ſeguinte quizeraõ Deos, 1182
e a Santa Virgem premiar o piedoſo Heróe com huma morte precioſa na ſua preſença, honrada á viſta dos homens. O Rei D. Affonſo, ſatisfeito com os triunfos navaes de D. Fuas, ordenou, que com huma eſquadra de vinte e huma galés ſahiſſe a correr as coſtas do Oceano. Hum Oeſte rijo o levou a embocar o Eſtreito, aonde foi deſcuberto pelas vigias da armada dos Mouros, que eſtava em Ceuta, numeroſa de cincoenta e quatro galés bem eſquipadas, guarnecidas da melhor gente de Africa, convocada

Era vulg. para desaggravar as injúrias passadas. Ignorava D. Fuas este poder, e quando o conselho dos prudentes o persuadia a evitar o combate, os Mouros a toda a força de remo, tinhaõ rodeado as nossas galés, e foi impossivel evitar a batalha. Os nossos obravaõ proezas, que punhaõ os barbaros em admiraçaõ; mas opprimidos pela desproporçaõ do poder; D. Fuas aberto em feridas exalando a alma; todos cançados da rudez do choque; os melhores cavalleiros mortos, perdemos onze galés, humas tomadas, outras deitadas a pique, e as dez com grande trabalho poderaõ sahir da peleija, e recolher-se a Lisboa, que se consolou na perda por estimar os seus mórtos como Martyres.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da Invasaõ formidavel do Miramolim de Marrocos sobre Portugal, e batalha milagrosa, em que o Rei D. Affonso o desbarata.

OBRADO das nossas victorias terrestres, e navaes, o estrondo das nossas conquistas nas Provincias Lusitanas, e Betica, justamente fizeraõ conceber aos Mouros de Hespanha a idéa, que a haver nella dous Principes taõ incançaveis, como D. Affonso, sería de breve duraçaõ o seu dominio no nosso Continente. Passáraõ a Africa estes rumores, que recebiaõ espiritos do mesmo temor para chegarem mais animados aos ouvidos do Miramolim de Marrocos José Aben Jacob, segundo Rei dos Almohades, filho de Albohali, que anniquilára a familia dos antigos Almoravides. A este Principe, que anciosamente desejava dominar toda a nossa Peninsula, Mouros de Africa, e Hespanha lhe propu- 1184

Era vulg. puzeraõ: Como os Portuguezes, mal ſatisfeitos com a conquiſta das Provincias da Eſtremadura, e Alem-Téjo, ſe derramavaõ como Leões famintos em demanda de mais prezas pelos Reinos do Algarve, e Andaluzia: que em huns, e outros naõ havia campanhas ſeguras ás ſuas irrupções, Praças firmes ás ſuas eſcalladas: que com as proſperidades arrogantes, já o mar lhes naõ ſervia de freio para os conter de paſſar a Africa, devaçar as ſuas cóſtas, talar os ſeus campos, cativar os ſeus moradores: que ſe lhes deſſem tempo para ſe engroſſar, brevemente choraria Africa a ſua ruina, quando viſſe dentro em ſi com cáras de conquiſtadores os Portuguezes conquiſtados.

Fizeraõ eſtas vozes a impreſſaõ mais ſenſivel no Miramolim ambicioſo, e foraõ o Decreto para o rompimento de guerra contra nós, que exterminados da face da terra na imaginaçaõ ſoberba do Barbaro, faria depois geral o exterminio dos Chriſtãos da Heſpanha. Sem demora ſoou por Afri-

ca

ca a Gazua ſonora dos Cacizes para Era vulg.
ſe aliſtar a prole guerreira dos Agarenos, inimigos inexoraveis da Santa Cruz. Foraõ convidados treze Reis de Africa, e Heſpanha para ſe ajuntarem com outros tantos exercitos ao do Miramolim, e eſpremerem com o ſeu pezo todo o ſucco do noſſo valor, da noſſa nutriçaõ, da noſſa vida, e liberdade. Eraõ os Reis convidados Abuzeo de Abdera; Azum; Heyza Aben Muza; Abazach; Imahe; Abunizef; Zus; Calema de Chedela; o Rei de Bugia; Alborach de Sevilha; o de Cordova; o de Granada; o de Murcia, e Valença. Depois deſtes ſe nomea tambem o de Féz, e os Regulos do Algarve. A opiniaõ geral dos noſſos Chroniſtas he, que os exercitos deſtes Soberanos unidos ao do Miramolim formavaõ o número monſtruoſo de quatro centos mil cavallos, e quinhentos mil Infantes. A Hiſtoria dos Godos, que naõ os contou tanto pelo miudo, naõ ha dúvida, que nos diz: Como em Sevilha ſe ajuntou taõ copioſo exercito,

que

Era vulg. que ſó Deos , o qual pode contar as gotas de agua , quando chove , lhe podia ſaber o número.

Achavaõ-ſe o Infante D. Sancho em Santarem , e ſeu Pai em Coimbra, quando eſte apparato marcial , capaz de aſſuſtar outros eſpiritos , que naõ foſſem os ſeus , ſe movia de Sevilha contra elles. Portugal feliz , tanto mundo contra ti , tu ſó contra tanto mundo ? Com razaõ , que tu pódes tudo com o auxilio do Senhor , que te conforta ; do Senhor , que te ſoccorreo no Campo de Ourique , e agora marcha ſobre as penas dos ventos a achar-ſe comtigo nos de Santarem. Vaõ tremendo as noſſas campanhas com o movimento dos Barbaros ; attropeladas as plantas , abatidas as arvores , ſeccos os ribeiros , aballadas as pedras , a terra feita em pó tudo eſcurece , horroriſa , eſpanta. Porém os corações intrepidos , impavidos , generoſos naõ ſe perturbaõ , renovaõ os eſpiritos , eſperaõ indifferentes o triunfo , ou a morte , tudo para elles glorioſo , e deſejavel ; que morrer

com

com a Patria, ou ſalvar com ella, he honra igual; qualquer dos ſucceſſos dignos de fama immortal. Naõ ha Portuguez ocioſo; todos ſe occupaõ, huns em guarnecer, e fortificar as Praças do Alem-Téjo; o Infante com alguns em levantar em Santarem Palanques de madeira, que preſume fazer invenciveis a todo o poder dos Agarenos; D. Affonſo com os menos, determinado em Coimbra a vir attacar braço a braço ao Miramolim em campo, para moſtrar a todo o mundo, que he o primeiro Rei de Portugal, que funda a Monarquia nas promeſſas da Palavra Omnipotente, que derrota exercitos invenciveis com bandos de moſquitos, e zunidos de moſcas. Era vulg.

Cahe o primeiro impeto dos Barbaros ſobre Torres-Novas, que he arrazada até aos fundamentos em caſtigo da muita gente, que lhes degolla, antes que ſe renda. Daqui ſeguem a marcha para Santarem, aonde a prizaõ imaginada do Infante os liſongeia, como fructo o mais eſpecioſo, que ſe pro-

Era vulg. propoem colher nesta guerra. Dentro do seu palanque os esperaõ os bravos homens, aos quaes naõ sabemos mais nome, que o de Portuguezes. Soffrem o primeiro temeroso assalto com tanta constancia, como o rechedo immovel no meio do mar o combate das ondas furiosas. Á maneira dellas, os Mouros vaõ, e retrocedem; substituem muitos vivos a praça de cada morto; mas os promontorios naõ se aballaõ. Cessa o avance, ou porque acaba o dia, ou porque os Mouros já naõ podiaõ vêr sem horror a sua carnagem. Solemnizaõ os nossos os seus mórtos como primicias da Guerra Santa, que offerecem a Deos, e todos lhe votaõ ser Hostias pacificas, que deixáraõ immolar-se na defensa da sua causa para encontrar nellas cheiro de suavidade. Assim espirou o dia déz de Julho, presagio feliz do seguinte, que se esperava.

Os nossos amanhecêraõ nelle coroando as prostradas ruinas do Palanque, taõ affoutos, que sobre se mostrarem os mesmos homens, faziaõ vêr,

vêr, que os ſeus peitos deſcubertos Era vulg.
eraõ o muro mais firme da Praça. O Infante nos lugares do maior perigo parecia hum eſpirito, que por modo de expulſaõ fazia emanar de ſi todas as almas do heroiſmo para cada ſoldado obrar intrepido, como ſe foſſe huma parte da ſua ſubſtancia. Cinco dias ſucceſſivos durou a porfia contumaz com grande mortandade dos Barbaros, naõ ſem perda noſſa, ella já matizada com o ſangue precioſo do noſſo Infante ferido. A largas jornadas marchava o Rei D. Affonſo com a gente da Beira, de Entre-Douro e Minho a acodir á prenda da ſua alma, ſem lhe fazerem pezo 75 annos de idade, huma perna quebrada, nem duvidar de conſeguir a victoria com poucos homens de huma multidaõ immenſa de Infieis. A noticia deſta marcha os inquieta, e temem que baſte a viſta do Rei para os vencer, e ouvir no campo o ſeu nome para eſmaiar.

A primeira prova do ſeu medo foi eſperarem o Rei dentro das trinchei-

Era vulg. cheiras: manobra incrivel em exercito ſemelhante, ſe o reſpeito do Heróe naõ foſſe o ferro agudo, que antes da batalha os penetrou. O Infante com os cavalleiros gentis ſahio da praça, quando ſeu Pai appareceo no campo. Nós conjecturamos pelo deſtroço qual ſeria o furor deſte combate. Legoas de terra ficáraõ juncadas de cadaveres dos Mouros, entre elles alguns dos Reis, e das peſſoas de maior qualidade. O Miramolim morreo ao paſſar o Téjo das muitas feridas, que recebeo na batalha. Para a grandeza dos deſpojos faltou a cubiça, os ſoldados deſprezavaõ as riquezas; os Principes recolhiaõ a gloria. Eſte triunfo deſaſſombrou Heſpanha, firmou a noſſa Monarquia, conſummou a reputaçaõ de D. Affonſo, que acabou como Ciſne cantando os ſeus meſmos Epinicios; fez écco eſtrondoſo por toda a Europa, mais juſtamente merecido por cada huma das ſuas circunſtancias, que antes a famoſa victoria de Clavijo; que depois as memoraveis das Navas de Tolo-

losa, e do Salado, estimadas pela redempçaõ de Hespanha. Só em Portugal foi taõ insignificante o seu estrondo, que naõ quiz deixar-nos memoria de quem foraõ os Patricios, eternamente dignos de ser lembrados, merecedores de lembrança eterna, que o ganháraõ, nem ao menos o modo por que elles o conseguíraõ. Era vulg.

Como das reliquias deste estrago os Mouros podiaõ formar outra nova guerra; sitiáraõ a Praça de Alenquer; mas encontrando vigorosa a resistencia, foraõ descarregar o golpe na Villa aberta da Arruda, aonde desaffogáraõ a cólera nos pobres moradores para lavarem com taõ pouco sangue, e taõ mal derramado a nodoa inapagavel da covardia, que se imprimíraõ sobre Santarem. Entendêraõ que fariaõ o mesmo em Torres-Vedras: porém desenganados, de que buscar as occasiões era o meio de augmentar as perdas, destroçados, e corridos se recolhêraõ ás suas terras. Este foi o fim do apparato bellico, que revolveo Africa, inquietou Hespanha, e no fim

de

Era vulg. de poucas ſemanas veio a ficar eſmagado debaixo dos muros de Santarem, e eſpremido ás mãos de bem poucos Portuguezes.

Eſta foi a ultima façanha militar do Rei D. Affonſo Henriques, e o caſamento de ſua filha a Infante D. Thereſa com Filippe, Conde de Flandres, a ultima politica, que ſabemos do ſeu governo. Obrou outras innumeraveis, que podiaõ encher volumes; a maior parte nos eſconderaõ os homens; muitas nos occultou o tempo. Nós reſpeitaremos ſempre o Rei adoravel, que nos formou o Reino, ganhando palmos de terra a troco de ſangue: Veneraremos o Principe guerreiro, que coberto de ferro na campanha, fazia palpitar os corações; com huma ſobrepeliz de Conego no coro de Santa Cruz, edificava a piedade: o Principe conquiſtador, que deitava por terra os muros das Praças inimigas, e levantava para Deos grande número de Templos Sagrados; o Rei, que edificou para a Religiaõ Padrões magnificos; que para a Patria eſtabeleceo Monu-

numentos immortaes; que para o ſeu Era vulg.
nome fabricou gloria eterna, ſerá ſempre objecto ſaudoſo dos bons Portuguezes, honra de Portugal, gloria dos noſſos Faſtos, aſſumpto permanente do pregaõ da Fama.

D. Affonſo Henriques era hum Monarca, que reinava ſobre o ſeu Povo tanto por amor, e por clemencia, como por authoridade, e poder. A ſua prudencia no governo ſervio de modelo aos outros Reis ſeus Succeſſores. Deixou-lhes bem trilhados os caminhos da juſtiça, e piedade; do zelo da honra de Deos, e reſpeito á ſua Igreja; da fortaleza, e magnanimidade; da liberalidade, e clemencia; do amor dos Povos, e ſua felicidade: em fim, de todas as virtudes, que ſaõ as mais proprias das Coroas, e fazem aos Reis dignos da Mageſtade. Sentindo elle a ſua ſaude languida, e que a morte eſtava perto, da Cidade do Porto, aonde tinha ido aſſiſtir com o Infante D. Sancho ao embarque de ſua filha para Flandres, recolhe-ſe a Coimbra para empregar todo o reſto do

Era vulg. do tempo nos negocios da alma, ainda que delles se naõ tinha esquecido em quasi toda a carreira da vida.

CAPITULO V.

Da morte preciosa do Rei D. Affonso Henriques, e suas heroicas virtudes.

1185 SOBREVEIO ao Rei D. Affonso Henriques a ultima enfermidade, que foi prolongada, para que exercitando nella actos heroicos de paciencia, lhe servisse a tolerancia de expiaçaõ aos defeitos da humanidade. No mez de Dezembro se aggravou a queixa, que já promettia duraçaõ breve; mas sem lhe impedir a debilidade o fervor, com tanto recebeo o Rei os Santos Sacramentos da Igreja, e fez todas as operações de Catholico, que enchia de edificaçaõ a piedade mais delicada. No dia seis do mesmo mez do anno de 1185 com morte preciosa, entregou o espirito ao Creador aos setenta e seis annos de idade, e cincoenta

ta e cinco de Reinado depois da morte de ſua Mãi a Rainha D. Thereſa, ſuccedida em 1130. Todo o Reino deo as demonſtrações mais vivas de ſentimento na falta do Reſtaurador da ſua liberdade, do Fundador da Monarquia, do primeiro Pai da ſua Patria, Modelo de Reis, Terror dos Barbaros, Coluna da Igreja Luſitana; do Heróe, que na ſua vida principiou, eſtabeleceo, ampliou, polío, fortaleceo, e fez reſpeitavel o Reino. Era vulg.

Teve el Rei onze palmos de alto com taõ ajuſtadas proporções, que o repreſentavaõ hum formoſo homem. As forças eraõ á medida da eſtatura. Quem levava hum golpe, eſcuſava ſegundo, e elle em ſua vida deo muitos. Faziaõ, que reſpiraſſe Mageſtade os olhos vivos, e raſgados, o roſto comprido, a bocca groſſa, o cabello caſtanho eſcuro, largo ſobre os hombros. As idades veneráraõ por ſanto eſte filho de milagre; as ſuas acções abonaõ a veneraçaõ; os ſucceſſos poſthumos o titulo. Foi ſepultado no Convento de Santa Cruz de Coimbra

Era vulg. com pompa digna de tal Rei, correſpondente ao amor de taes vaſſallos; mas em ſepultura humilde; que entaõ a noſſa ſinceridade nem para os cadaveres dos Reis levantava ſoberbos os Mauſoléos. Nella foraõ gravados por Epitaphio os verſos ſeguintes:

Alter Alexander jacet hic, aut Julius alter,
 Belliger, Invictus, ſplendidus orbis honor.
Pacis, & armorum cauto moderamine doctus
 Alternare vices tempora tuta dedit.
Quid pietas Chriſti, vel quantum debeat iſti,
 Ad Fidei cultum Regna ſubacta docent.
Poſt Regni faſtus Fidei moderamine paſtus,
 In miſeros inopes accumulavit opes.
Quod Crucis hic Tutor fuerit, nec non Cruce tu-(tus,
 Ipſius clypeo Crux clypeata docet.
Vivax Fama, licet tibi tempora longa reſerves.
 Digna ſuis meritis dicere nemo poteſt.

El Rei D. Duarte principiou a ornar eſte humilde Monumento, que o Rei D. Manoel fez magnifico nas paredes da Capella Mór do meſmo Convento, aonde elle fez abrir novo Epitaphio Latino, que diz no noſſo Portuguez: « Affonſo Henriques primeiro Rei de » Portugal, pelo ſangue Real, Reli- « giaõ, e armas clariſſimo, o qual ven-

» ci-

» cidos em varias batalhas o Impera- Era vulg.
» dor D. Affonſo , Rei de Caſtella,
» em defenſa do ſeu Reino , e vinte
» Reis Mouros poderoſiſſimos, acom-
» panhados de grandes exercitos , em
» augmento da Chriſtandade , e naõ
» tendo elle da ſua parte mais que
» poucos ſoldados, a pureza da Fé ,
» e grandeza de animo , de que era
» dotado : livrou da eſcravidaõ dos
» Mouros , e reſtituio á Igreja de Je-
» ſu Chriſto Lisboa , Santarem , Evo-
» ra , e outras quatorze Povoações for-
» tiſſimas. Fundou , e enriqueceo li-
» beralmente eſte convento , o Moſ-
» teiro de Alcobaça , e outros mui-
» tos: Naõ ſó deixou ao Reino , e aos
» ſeus Deſcendentes as Armas , em
» que ſe repreſentaõ as Chagas de Je-
» ſu Chriſto o qual lhe appareceo ,
» mas geralmente a todos hum exem-
» plo admiravel. A ſua virtude he
» igual ás ſuas obras; naõ dá lugar a
» que em ſeus Elogios ſe paſſe a dian-
» te. Seus piedoſos Herdeiros mandá-
» raõ levantar eſte Sepulchro ao Prin-
» cipe inclyto , taõ benemerito da

Era vulg. » República Christã, de sua Patria, » Reino, e vassallos. Falleceo no an- » no do Senhor (segue este Epitaphio » a errada conta antiga) de 1185 ten- » do *setenta e trez* annos de seu » Reinado, e de idade *noventa e* » *hum*, no sexto dia do mez de De- » zembro. »

Até hoje se conserva incorrupto o seu cadaver, que em carne espera a resurreiçaõ; que Deos tem honrado com prodigios; que algum tempo em certo dia do anno se mostrava ao Povo, que concorria a beijar-lhe a maõ com profunda veneraçaõ, e respeito, como a Santo, e como a Rei. Quando el Rei D. Joaõ o I. ganhou Ceuta aos Mouros, appareceo D. Affonso Henriques no Coro de Santa Cruz a toda a Communidade vestido de armas brancas, e lhe disse, que fora com seu filho o Rei D. Sancho ajudar os seus vassallos na conquista de Ceuta. Deste caso verdadeiro, e de outros muitos succedidos em Santa Cruz, se serviraõ os Monges de Alcobaça para renderem ao Rei culto

pri-

privado com Antiphona, Verſo, e Oraçaõ, com Officios, e Miſſas celebradas com paramentos de Feſta. E quem póde duvidar, que de todas eſtas demonſtrações piedoſas ſaõ dignas as virtudes heroicas de hum Rei, que a maior, e melhor parte da vida encheo de edificaçaõ aos ſeus Póvos; e que ellas eraõ ouvidas, aonde chegava o écco do ſeu nome, e das ſuas victorias? Era vulg.

Era hum Rei, que todo o tempo, que lhe ficava livre do exercicio das armas, do expediente, e deſpacho dos negocios civís, todo gaſtava com Deos na oraçaõ, e contemplaçaõ, já no Moſteiro de Santa Cruz, já no de Alcobaça, ou no de S. Joaõ de Tarouca. Alli formava no coraçaõ as aſcenções ſublimes no valle das lagrimas; chegando-ſe ao Senhor para ſer illuminado. Nos Córos daquellas Communidades reſpeitaveis, o Principe, que na campanha parecia hum Leaõ intrepido, alli era hum cordeiro manſo, ligado para o ſacrificio de louvor como hoſtia viva, ra-

Era vulg. cional obsequio, que inculcava naõ se conformar com o seculo, quando tinha na sua maõ o amplo, e illimitado Poder temporal. Rei no Templo, e Bispo fóra delle, todo o seu esforço applicava para engrandecer, propugnar a Igreja. Restaurou as Cathedraes de Lisboa, Evora, Viseo, e Lamego; illustrou-as com Bispos benemeritos, e as enriqueceo com Doações copiosas; fez brilhantes as Collegiadas da Alcaçova de Santarem, e Guimarães; defendeo o Reino com paredes sagradas, e militares, que ambas resistem; as primeiras com as preces, que dellas sahem, as segundas ás ballas, que em si recebem.

Nos negocios da guerra foi D. Affonso hum Corifeo impavido, que nunca conheceo o medo. Com poucos, ou com muitos soldados sempre acometteo, e huma só vez deixou de vencer. Para isso foi necessario, que o destino lhe quebrasse huma perna para naõ se entender invencivel, assim como o grande Alexandre, que se conheceo homem mortal, quando se

ſe ſentio ferido. As duas batalhas do Campo de Ourique, e de Santarem; os dous choques de Alcacere do Sal, e Palmela, ſaõ quatro argumentos de ſublimidade, que elevaõ o eſpirito valeroſo de D. Affonſo ſobre o dos Capitães venerados na antiguidade. Leonidas, e Themiſtocles na Grecia, Fabio, e Marcello em Roma, ſe o excedêraõ na fortuna, porque tiveraõ quem lhes perpetuaſſe os Faſtos, naõ o igualáraõ nas obras, que ſe elevaõ tanto na elegancia, quanta era a vantagem Real, que lhes levava no caracter. De Rei, e homem, de General, e ſoldado, de Chéfe, e ſubdito fazia Affonſo os officios, quando lhe era neceſſario para ganhar as victorias, para animar as trópas, para naõ terencioſa a authoridade, nem o valor. Era vulg.

Para os expedientes da Paz, a nada ſenſivel, para todos igual, dava eſpiritos á dexteridade com a excellencia das idéas, com a nobreza da modeſtia, com a atracçaõ da affabilidade; no modo de propôr, de perſuadir, de mover, era fórte, inſinuan-

Era vulg. nuante, efficaz, actìvo, quando delicado. Com a grandeza das acções, com a venerabilidade da prefença, com o tom tocante das palavras animava a Mageſtade. Baſtava vello obrar, ouvillo dizer, e moſtrar-ſe, para ſe conhecer, que era Rei. Os ſyſtemas da Religiaõ marchavaõ na vã-guarda da ſua economia. O zelo pela Fé, a obediencia á Igreja, o reſpeito ao ſeu Chéfe, o ardor pela obſervancia dos Canones, e Diſciplina Eccleſiaſtica, tudo era do tamanho da ſua piedade. As próvas mais incontraſtaveis deſtas verdades ſaõ os muitos Moſteiros, que fundou, e dizem chegar ao número de cento e cincoenta; mas ſenaõ foraõ tantos, foraõ muitos. Outro teſtemunho naõ menos elegante foi a amizade eſtreita com S. Bernardo; a confiança, que tinha nas ſuas Orações; a eſtimaçaõ, que fazia dos ſeus Monges: a meſma lhe devêraõ os Conegos de Santo Agoſtinho, e as Sagradas Congregações do ſeu tempo.

Sublimou os Cavalleiros Templarios aos principios da grandeza, que de-

depois tiveraõ. Enobreceo o Reino com as Ordens de Aviz, e da Ala: admittio nelle as de S. Joaõ de Jerusalem, hoje de Malta, e a de Sant-Iago. Honrou a Gonçalo Mendes da Maia com o Titulo de Adiantado Mór, que foi o unico: a Gonçalo Roiz com o de Mordomo Mór: a D. Fuas Roupinho com o de Almirante: a D. Pedro Paes, e a Fernando Affonſo com o de Alferes Mór: ao Eſtrangeiro Alberto com o de Chanceller: a D. Gonçalo Viegas, filho de Egas Moniz, creou Graõ-Meſtre de Aviz. Concluo eſte breve, e incompetente Elogio do primeiro Fundador do noſſo Reino com dizer, que eſteve ſempre com a liberalidade em competencia: elle empenhado em eſgotalla prudente, e ella deſvelada em o fatigar officioſa. Era vulg.

LIVRO XI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Sancho I., e II. de Portugal.

Era vulg. NO anno de 1175, dez annos antes da morte do Rei D. Affonso Henriques, seu filho o Infante D. Sancho havia casado com a Rainha D. Dulce, filha de D. Ramon Berenguer, XV. Conde de Barcelona, Principe de Aragaõ, e de sua mulher D. Petronilha, Rainha de Aragaõ, filha de D. Ramiro II. o Monge. Abençoou Deos este matrimonio, que procreou feliz, e adoravel geraçaõ para illustrar a Igreja, e illuminar os Thronos. Destes Reis ditosos foraõ filhos a Infante D Constança, que nasceo em Maio de 1182, e falleceo a 3 de Agosto de 1202; a santa Infante D. Theresa,

que

que casou com D. Affonso IX. Rei de Leaõ no anno de 1190, e se separáraõ por parentes em 1195, falleceo a 17 de Junho de 1250, e jaz no Convento de Lorvaõ, aonde foi Religiosa: a santa Infante D. Sancha, que morreo a 13 de Março de 1229, e está sepultada no dito Convento de Lorvaõ, aonde tambem foi Religiosa. Era vulg.

Tiveraõ mais ao Infante D. Affonso, que succedeo no Reino, e nasceo a 23 de Abril de 1185: ao Infante D. Pedro, que nasceo a 23 de Março de 1187, e casou com Arambiaux, Senhora do Condado de Urgel, depois foi Senhor de Malhorca, fundou a Sé desta Cidade, e morreo a 2 de Junho de 1258: ao Infante D. Fernando, que nasceo a 24 de Março de 1188, foi Conde de Flandres em razaõ do seu casamento com Joana, Senhora do mesmo Condado, no anno de 1211, falleceo em Noyon a 26 de Julho de 1233, e jaz na Abbadia de Market junto a Lilla: ao Infante D. Henrique, que nasceo em 1189, e jaz em Santa Cruz de Coimbra: ao Infan-

Era vulg. fante D. Raimundo, que naõ ſabemos o anno do ſeu naſcimento, nem o da ſua morte: a Infante D. Mafalda, que caſou com Henrique I. Rei de Caſtella, no anno de 1215, voltou para Portugal em 1217, morreo no primeiro de Maio de 1256, e jaz no Convento de Arouca: a Infante D. Branca, que foi Senhora de Guadalaxára, falleceo a 17 de Novembro de 1240, e jaz em Santa Cruz de Coimbra: ultimamente a Infante D. Berenguella, que caſou com Valdemaro II. Rei de Dinamarca, e morreo ao primeiro de Abril de 1220.

Fóra do matrimonio teve o Reĩ D. Sancho outros muitos filhos. De huma ſenhora chamada D. Maria Annes de Fornellos lhe naſcêraõ Martim Sanches, que foi ſoldado valeroſo, e retirado de Portugal por deſgoſtos com ſeu irmaõ o Rei D. Affonſo, teve a Dignidade de grande Seneſcal com o Condado de Traſtamara: a D. Urraca Sanches, que foi mulher de Lourenço Soares. De outra Fidalga, por nome D. Maria Paes Ribeira, houve

ve filhos a D. Theresa, mulher de Affonso Telo de Menezes, que povoou Albuquerque, e he a origem das familias do seu appellido: a D. Constança, que acabou o Mosteiro de S. Francisco de Coimbra na vida do Santo Patriarca: a Gil Sanches, que foi Clerigo, e a Rodrigo Sanches, que morreo em hum encontro, que entre si tiveraõ os Portuguezes junto á Cidade do Porto. Era vulg.

Dos filhos legitimos de D. Sancho, o Infante D. Fernando, que foi Conde de Flandres por sua mulher Joanna, filha de Balduino, Imperador de Constantinopla; como Filippe Augusto, Rei de França, contribuio muito para este casamento, foi-lhe facil reduzir o Infante para ceder em seu filho primogenito Luiz as Cidades de Aire, e Sant'Omer. Quando D. Fernando se vio na posse do seu Condado, entaõ conheceo a falta, que comettêra, em se despojar do direito, que lhe parecia importante. Arrependeo-se do que tinha obrado, e entrou a trabalhar com effica-

cia

Era vulg. cia para ſeparar todos os Grandes dos ſeus Eſtados dos intereſſes do Rei Filippe, e inclinallos aos dos ſeus inimigos. Daqui ſe originou a guerra entre elle, e o Rei de França, que atacando a Flandres, fez nella conquiſtas conſideraveis. Na ſua auſencia as reſtituio D. Fernando, avançou outras nos Dominios de Filippe, e ajuſtou contra elle huma liga com o Imperador Otaõ IV., e com Joaõ Sem-Terra, Rei de Inglaterra, e outros Alliados.

O effeito deſta liga foi a batalha de Bouvines, que teve as conſequencias mais funeſtas. O Rei de França, depois de ferido, e o exercito quaſi roto, a ſórte ſe mudou a ſeu favor, derrotou os inimigos, e a D. Fernando, que ſe havia deſtinguido glorioſamente neſta acçaõ, o fez priſioneiro. Depois de eſtar alguns tempos na torre do Louvre, que foraõ perto de doze annos, a Rainha D. Branca, Mãi de S. Luiz, por hum esforço da ſua politica o reſtituio aos Eſtados para ſe ſervir delle contra os Principes

pes perturbadores da ſua Regencia. Era vulg.
Deixou duas filhas, D. Maria de Flandres, que eſteve contratada com Roberto, Conde de Artois, e D. Sybilla, que foi mulher de Guichardo III. Senhor de Beaujeu.

D. Pedro, outro filho legitimo do Rei D. Sancho, teve com ſeu irmaõ D. Affonſo II. diſcordias taõ pezadas, que o obrigáraõ a preferir a reſidencia das Cortes Eſtrangeiras á da propria Patria. Eſteve algum tempo na de Marrocos, donde paſſou para a de Aragaõ, e pelo ſeu caſamento foi Conde de Urgel; mas como naõ teve filhos, nem pode gozar pacifico a poſſe dos bens, que lhe dotou a Condeça ſua mulher, determinou-ſe a accommodar com D. Jaime, Rei de Aragaõ, que o deixou poſſuir os Reinos da Mayorca, e Minorca. Como eſte Dominio ſoffria entaõ irrupções repetidas dos Sarracenos, o Infante entregou os dous Reinos ao Rei de Aragaõ, e houve de ſe contentar com as Cidades de Segorbe, e Morella em Catalunha.

Tres

Era vulg. Tres dias depois da morte do grande Rei D. Affonſo foi acclamado ſeu filho D. Sancho com as ceremonias, que entaõ ſe coſtumavaõ. Como ellas entre nós eraõ as primeiras, a Corte ordenou huma pompa brilhante, no meio da qual hia o Rei por todas as ruas públicas de Coimbra, até chegar á Cathedral, aonde a Rainha já o eſperava. Aſſiſtíraõ ambos aos Officios Divinos, e depois recebêraõ as Coroas da maõ do Biſpo D. Martinho; voltando logo com a meſma comitiva entre acclamações, e vivas da plebe para o Paço. Trinta e hum annos tinha D. Sancho quando começou a reinar, e como pegou no Sceptro com mãos robuſtas, já bem coſtumadas a mover a eſpada, todos ſe promettiaõ as felicidades civís, acompanhadas das vantagens militares. Aſſim ſe entrou a ver nos ſeus principios de governar; porque tanto ſe applicou á reedificaçaõ, povoaçaõ, e augmento das Cidades, Villas, e Caſtellos; tanto favoreceo a agricultura, e as applicações dos homens,

que

que juſtamente foi chamado por Deviſa de honra o *Povoador*. Era vulg.

Naõ contava D. Sancho hum mez de Rei, já ſe apreſſava em render obediencia ao Chéfe viſivel da Igreja, em confirmar á Santa Cruz as Doações, que ſeu Pai lhe fizera, para que a piedade naõ lhe ſentiſſe a falta. Como a invencivel eſpada de D. Affonſo deixára os Mouros taõ cortados, e entre elles a reputaçaõ de D. Sancho, confirmada com a experiencia, era muito grande; naõ ſe atrevêraõ a inquietallo nos primeiros annos, de que ſe ſervio para adiantar os intereſſes domeſticos. Entaõ 1186
principiou elle a tratar com todo o deſvello do reparo, e povoaçaõ dos lugares; em attender com mercés, e deſpachos aquelles objectos, que tinhaõ ſido do agrado de ſeu Pai, eſpecialmente os Moſteiros de Santa Cruz, e Alcobaça; a Ordem Militar de Sant-Iago, á qual entregou os Caſtellos de Alcacere, Palmela, Almada, e Arruda; a de Avis, que recebeo delle os Caſtellos de Alcanede,

Era vulg. Alpedris, e ao ſeu Graõ-Meſtre D. Gonçallo prometteo o de Juromenha ſe Deos permitiſſe, que o ganhaſſe aos Mouros. Depois honrou com beneficios os Ricos-Homens, vaſſallos fidelisſimos, e inſeparaveis de ſeu Pai, com mais particularidade a Vaſco Fernandes, a Pedro Affonſo, a Fernaõ Veya, a Affonſo Hermigues, a Mem Gonçalves, que aſſim como ſe haviaõ diſtinguido no ſerviço, deo-lhes premios naõ vulgares.

1187 Já por eſtes tempos Portugal principiava a ſentir a conjuraçaõ dos Elementos, que o opprimiraõ com effeitos calamitoſos, ſem excepçaõ da peſte, e fome, que naõ deixáraõ obrar ao Rei D. Sancho as gentilezas, de que o ſeu eſpirito era capaz. Os Mouros ſe aproveitáraõ das noſſas afflicções para avançar os ſeus intereſſes; mas o Rei a tudo ſuperior, eſtimulado de que os ſeus póvos naõ o deixaſſem ir á reſtauraçaõ da Terra-Santa, conquiſtada por Saladino, ſendo convidado pelo Papa Urbano III.: para ao menos com as armas fazer

com-

companhia aos Principes bellicosos, Era vulg.
que acceitárаõ a Cruzada; determina
fazer a guerra aos Barbaros no Algar-
ve. Quando D. Sancho se occupava 1188
nestes pensamentos, a Providencia
lhe trouxe a Lisboa huma Fróta de
cincoenta náos do Nórte, que nave-
gavaõ para a Syria, e forçada de hum
rijo temporal ferrára aquelle porto.
D. Sancho convida os seus Cabos, e
os acha promptos para o ajudarem na
conquista de Sylves, que entaõ era
Cidade de tanta reputaçaõ, como ho-
je de miseria. O Rei lhes prometteo
todo o despojo, sem reservar para si
mais que o dominio daquelle azylo or-
dinario dos piratas de Africa.

Marchou D. Sancho com o exer-
cito por terra, levando a vã-guarda
com jornadas avançadas seu sobrinho
o Conde D. Mendo de Sousa. Os Es-
trangeiros vieraõ com a Armada, ou
á Bahia de Lagos, ou ao porto de
Villa-Nova, que manda o seu rio até
Sylves, mas taõ pouco fundo, que
apenas em maré cheia chegaõ á Ci-
dade pequenos barcos, e aquellas

Era vulg. duas legoas haviaõ os Cruzados andal-las por terra. O Conde D. Mendo, que chegou ao campo com a vã-guarda ao meſmo tempo, ſem eſperar por el Rei, os convidou para darem á Cidade hum aſſalto, que os valeroſos Cruzados naõ recuſáraõ. Foi taõ vigoroſo, que a pezar da reſiſtencia dos Mouros, forçáraõ os muros dos arrabaldes, de que hoje naõ ha veſtigios, nem de arrabaldes, nem de muros, e os leváraõ á eſcalla. Dizem, que a Cidade naõ teve logo o meſmo deſtino em razaõ da cubiça dos Eſtrangeiros, que cevados na preza ganhada, eſquecêraõ a gloria de conſummar o triunfo. Naõ eſtou por eſta opiniaõ á viſta dos muros da Cidade, que arruinados, como agora eſtaõ, moſtraõ bem a ſua fortaleza, e taõ bem preſidiados de Mouros, naõ era poſſivel antes de batidos, ſer levados de hum repelaõ.

Chegou el Rei com o groſſo do exercito ao campo; o noſſo alvoroço creſce; os Mouros deſmaiaõ, que vem ſobre ſi o conquiſtador triunfan-

te de Andalusia, e o escandalo glorioso do seu Miramolim sobre Santarem. Sem perda de tempo entraõ a laborar as maquinas, e a tremer as altas torres do recinto de Sylves; mas as cortinas mal rotas, e os animos impacientes pelo assalto, os nossos experimentáraõ nelle os effeitos do desacordo na perda de muitas vidas, que intentáraõ derrubar com os peitos muralhas fortes. Vio-se a necessidade de minar os seus alicerces; manobra, que sendo sentida dos Barbaros pelo ruido dos gastadores, as contraminároõ. Foi-se prolongando o cerco, trabalhando, peleijando, morrendo de ambas as partes, os nossos firmes, os Mouros contumazes, até que por meio de hum grande combate, e a troco de muito sangue, podemos fazer-nos senhores do poço principal, donde bebia a guarniçaõ, que se rendeo salvas as vidas. Acharaõ-se nesta conquista os dous Martinhos, Bispos de Coimbra, e do Porto, muitos cavalleiros illustres, e os Estrangeiros, que recolhendo os despojos promettidos, con-

Era vulg.

Era vulg. continuáraõ a ſua viagem. A Cidade naõ eſteve muito tempo no noſſo poder, e recobrando-a os Mouros, foi depois objecto de outro ſitio, de que a ſeu tempo fallará a Hiſtoria.

CAPITULO II.

Continua o Rei D. Sancho a conquiſta do Reino do Algarve, e ſe referem outros ſucceſſos.

1189 TODOS os noſſos Chroniſtas ignoráraõ as expedições do Rei D. Sancho no Reino do Algarve; os Caſtelhanos ás mais que ſe ſeguíraõ até ao tempo de D. Affonſo III. as tiveraõ por hum attentado: eſtes, e aquelles Eſcritores preoccupados da errada idéa da limitaçaõ da noſſa conquiſta, demarcada pelo Rei D. Affonſo VI. ſobre a terra dos Mouros, em que tinha tanto direito, como qualquer outro Principe, que era o das armas. Já vimos, que D. Affonſo Henriques teve bem longe de ſi ſemelhante penſamento, que o Rei D. Sancho agora moſtrou

com

com a experiencia lhe naõ paſſava pela imaginaçaõ. Vio no ſeu poder a Cidade de Sylves, entaõ a força mais principal do Algarve, colhida como hum fructo do ſeu valor; e para moſtrar, que a eſpada fizera legitima a ſua poſſe, mandou logo fundar a Igreja Cathedral, e nomeou por ſeu Biſpo ao Varaõ virtuoſo Nicoláo, que depois da perda de Heſpanha, foi o primeiro Prelado, que doutrinou aquelles Póvos. De Sylves marchou D. Sancho a continuar a conquiſta; ganhou Alvor, Abenabeci, que preſumo ſeria Alboſeira, com outras mais terras do Reino, e deſde logo começou a intitular-ſe Rei de Portugal, e do Algarve. Era vulg.

Eſtas paſſagens taõ importantes da noſſa Hiſtoria, tendo em caſa as próvas mais conſtantes da ſua verdade, todos os noſſos Antigos as ignoráraõ. Elles as ſaberiaõ ſe na Torre do Tombo, e no Archivo do Moſteiro de Grijó viſſem a Doaçaõ, que no anno de 1190 fez o Rei D. Sancho ao meſmo Moſteiro, na qual diz: Saibaõ to- 1190

Era vulg. todos os que ouvirem ler esta Carta, que eu Sancho, por graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve, faço ao Mosteiro de S. Salvador de Grijó, e ao seu Prior, para remissaõ dos meus peccados, e em memoria de D. Alvaro Martins, que foi morto na tomada de Sylves. Elles as saberiaõ se vissem outra Carta em Alcobaça, em que o mesmo Rei no anno de 1191 lhe doa o Castello de Abenabeci por estas palavras: Eu Sancho, por graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve, faço Carta de Doaçaõ á casa de Alcobaça, e a vós D. Martinho, Abbade do mesmo lugar, do Castello chamado de Abenabeci. Elles as saberiaõ se examinassem outra Doaçaõ feita ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra no mesmo anno da tomada do Algarve, que foi o de 1189, na qual lhe dá o Castello de Alvor, e nella refere, que deixára por Governador em Sylves a D. Rodrigo Sanches, e por Bispo a D. Nicoláo, que confirma a mesma Doaçaõ. Estes, e outros Monumentos semelhantes, saõ

os

os que desterraõ da Historia as preoccupações, que lhe introduzem os espiritos credulos, governados pelas tradições viciadas, ou pela fé de Authores, que naõ tem o caracter bem provado. Era vulg.

Flagello formidavel, innundaçaõ barbara se preparava a Portugal, quando D. Sancho coroado de tantos triunfos no Algarve, victorioso, e rico com despojos innumeraveis dos Mouros do Alem-Téjo, com a Dignidade Real confirmada pelo Papa Clemente III. applicava-se todo a multiplicar, e engrandecer as Povoações do Reino, a cultivar, e fazer ferteis os seus campos. Peste terrivel, fome extrema sobrevieraõ á felicidade, e bonança. O principio destes males foi acompanhado da invasaõ de Aben-Joseph, Miramolim de Marrocos, que com hum exercito de 400✝ homens entrou pelas nossas terras para vingar na gente, nos brutos, nas pedras de Portugal a morte, que haviamos dado a seu Pai na batalha de Santarem. Foi-se apoderando das praças de menos de-

fen-

Era vulg. ſenſa, talando, e conſummindo quanto lhe ficava pela reta-guarda, até chegar a Santarem, que por ſer o objecto do ſeu eſcandalo, levava-o deſtinado para o fazer theatro do ſeu furor. D. Sancho, que ſentia a conjuraçaõ dos Elementos, e dos homens declarada contra ſi, naõ tendo neſta extremidade outro refugio, que o de hum lugar forte, buſca para ſegurança o meſmo, que os Mouros levavaõ traçado para a ruina.

Sobre Santarem naõ ter já a qualidade de taõ defenſavel como algum dia, a deſconfiança do Rei ſe augmentava com a conſideraçaõ da pouca gente, que lhe reſtava da guarniçaõ das Praças para fazer frente a huma multidaõ de homens mais empenhados na vingança, que na guerra. Quando a fantaſia lhe propunha os tratamentos mais duros; recebe a noticia de haverem entrado em Lisboa nove náos de Dinamarquezes, e Flamengos, que hiaõ á Terra-Santa, entaõ o Cemiterio das inconſideradas Nações da Europa. Teve o Rei por myſterioſa eſta

ar-

arribada em tal conjunctura, e estimou a infelicidade dos Cruzados por hum soccorro mandado do Ceo para o ajudarem a livrar o seu Reino do poder do Miramolim. Envia-lhes huma deputaçaõ para os informar do estado, em que se acha, e da certeza que tem de lhes dever em tal conjuntura hum serviço igual áquelle, que os cruzados em outra occasiaõ haviaõ feito a seu Pai D. Affonso. Os nobres Estrangeiros tiveraõ por empenho honroso approveitar-se de huma occasiaõ taõ favoravel para assinalar o seu zelo. Destacáraõ 500 homens para Santarem, ao mesmo tempo, que outra náo de Londres, que com o temporal entrou na barra de Villa-Nova de Portimaõ, mandou parte da sua tripulaçaõ soccorrer a Cidade de Sylves, que os Mouros sitiavaõ, e renderaõ depois. Era vulg.

Com aquelle pequeno soccorro os Portuguezes recobráraõ os espiritos, e fizeraõ vêr por cortesia aos seus hospedes, que o grande número de inimigos, que tinhaõ na frente,

os

Era vulg. os havia aſſuſtado mais, que o medo de ſer combatidos; que naõ receavaõ o valor dos Barbaros, ſenaõ o temor, de que a multidaõ os opprimiſſe; mas que com o auxilio de camaradas taõ alentados, o Miramolim experimentaria diante de Santarem o meſmo, que ſuccedêra a ſeu Pai. Aſſim ſe diſpunhaõ mutuamente os animos para o formoſo dia, que eſperavaõ, quando o Ceo parece que quiz fazer evidente, que a noſſa defenſa elle a tomava toda á ſua conta. De repente ſe eſpalhou por Santarem a noticia, de que o Miramolim era morto; nova falſa, que ainda naõ ha muitas idades appareceo com o meſmo ſemblante em varios Eſcritos: que taõ difficultoſo he deſacreditar huma tradiçaõ errada depois de eſtabelecida. Logo ſe ſoube na Praça, que naõ morrêra o Miramolim; mas que lhe ſobreviera huma queixa taõ grave, que ſem mais conſideraçaõ levantára o ſitio de Thomar, e o exercito dividido ſe retirára para as ſuas terras.

D.

D. Sancho remunerou os Cruzados com maõ liberal, e voltáraõ para Lisboa, aonde a ſua Armada já ſe compunha de 63 navios, que commandavaõ os dous Capitães Roberto Sabloil, e Ricardo de Cambilla. Como nella vinhaõ muitos criminoſos coſtumados aos roubos, e lhes faltou a materia para a cubiça, começáraõ a tratar-nos arrogantes, a eſpoliar as caſas de Lisboa, a furtar ſem differença. De Santarem acodio o Rei D. Sancho com gente armada para ſuſpender eſta deſordem. Os noſſos, mal coſtumados a ſoffrer inſultos, toleravaõ com impaciencia os que comettiaõ os Eſtrangeiros. De huma, e outra parte ſe irritáraõ os eſpiritos, e vieraõ ás mãos. Houveraõ mortes de ambas as partes; nós prendemos 700, e ſenaõ foſſe a preſença de el Rei o tumulto paſſària a cruel. Tudo compôz a ſua prudencia, e reſtituidos os priſioneiros, os forçamos a fazer á véla, e ſahir do porto. Ao meſmo tempo partíraõ de Sylves os Inglezes, que nos ajudáraõ a defender a Cidade; Era vulg.

Era vulg. de; porque a doença do Miramolim, e a ſeparaçaõ do ſeu exercito, em Portugal, e no Algarve deſterrou todo o temor.

Concluíraõ-ſe os graves negocios deſte anno com o inconſiderado caſamento da Infante D. Thereſa com ſeu primo irmaõ D. Affonſo, Rei de Leaõ, ſem preceder diſpenſa do Papa, que em gráos ſemelhantes até aos Principes eraõ difficultoſos de as conceder naquelles tempos. Cinco annos teve de duraçaõ eſte matrimonio aparente, que ligáraõ os intereſſes, e o Papa deſatou pela ſua nullidade; obrigando com cenſuras aos Reis, que ſe ſeparaſſem; e tanto o ficáraõ nos animos ſogro, e genro, que logo lhe veremos as reſultas. O Povo facil, que ſentia creſcerem as calamidades, e eſperava nova viſita do Miramolim, tudo attribuia a caſtigo do Ceo, que moſtrava nelle deſapprovar hum caſamento, que a ſua Igreja na terra re-
1191 provava. O certo he, que as grandes vantagens dos annos precedentes entráraõ a declinar nos principios deſte an-

anno, naõ ſó em Portugal; mas em toda Heſpanha, que foi aſſolada pelos Mouros ao meſmo tempo, que a indignaçaõ Divina lhe deſcarregava golpes bem pezados. Principiáraõ as calamidades com a deſordem da guerra do Miramolim, que ſentido da ſua doença lhe embaraçar os effeitos do grande apparato marcial do anno paſſado, determinou no preſente esforçar contra Portugal todo o ſeu poder. Era vulg.

O ſeu exercito, que pelo grande número ſoffria muitas divisões, repartio-o para ao meſmo tempo fazer conquiſtas nos Reinos de Portugal, e do Algarve. Authores Eſtrangeiros nos deraõ as primeiras luzes deſta invaſaõ; do exercito formidavel do Miramolim; da conquiſta de Sylves, Alcacere do Sal, Almada, e Palmela; dos grandes eſtragos, que fez por outras das noſſas terras; da falta de forças, que experimentava D. Sancho, com o Reino todo atacado, para ſe oppôr em tantas partes a hum inimigo fórte, e inexoravel; da ceſſaõ, que fizera a

ſeu

Era vulg. ſeu irmaõ o Rei de Cordova de todas as Praças , que havia ganhado ſobre nós. O Povo ſempre interprete dos juizos de Deos, eſtas infelicidades , e as mais , que ſe foraõ ſeguindo , as ſentenciava bem merecidas pelo peccado do caſamento inceſtuoſo da Infante com o Rei de Leaõ, e eſte penſar funeſto lhe agitava a melancolia para ſoffrer os infortunios como paſmado.

1195 Em nada deſiguaes eraõ os ſucceſſos de Heſpanha, depois que em Portugal a fome ſe ſeguio ás deſordens da guerra, e logo a peſte, que foi o remate das noſſas deſgraças. O Arcebiſpo de Toledo D. Martinho havia feito conquiſtas nas terras dos Mouros ; mas o Miramolim , que ſe achava com as armas na maõ para vingallas , vaidoſo com as victorias ganhadas em Portugal , entrou por Heſpanha inſolente. D. Affonſo de Caſtella com a noticia deſta reſoluçaõ , pedio ſoccorro aos Reis de Leaõ , e Navarra , que devêra eſperar antes de ſe empenhar na batalha de Alarcos. Quize-

zeraõ os Castelhanos só para si a gloria deste dia, e a perdêraõ inconsiderados. O seu exercito foi desbaratado; o Rei fugio; morrêraõ os tres Bispos de Avila, Segovia, e Siguença. Os nossos Cavalleiros de Aviz, que acodíraõ em soccorro dos Castelhanos, a maior parte perecêraõ, entre elles o seu Graõ-Mestre D. Gonçalo Viegas. Este infeliz successo de Alarcos deixou aos Mouros taõ arrogantes, aos nossos taõ cortados, que nada resistia; Portugal, e Hespanha se choravaõ quasi redusidos ao antigo estado do seu cativeiro. Hum dos córpos vencedores em varias emprezas sobre os Castelhanos, veio destruindo os nossos campos até Santarem; e chegando a Alcobaça, degolou todos os Monges com o seu Abbade D. Fernando. Era vulg.

No fim deste anno, ou principio do seguinte foi o divorsio do Rei de Leaõ, e da nossa Infante D. Theresa por força das censuras do Papa Celestino III. A alliança dos dous Reis de Leaõ, e Portugal, havendo cahido com a deste matrimonio, fizeraõ-se 1197

Era vulg. a guerra por huma idéa de Religiaõ, fundamentada com que D. Affonſo poſtergava, deixava paſſar a lembrança de Catholico para dar abertamente favor aos Infieis. O Papa Celeſtino ſoccorreo a D. Sancho com huma Bulla de Cruzada, com data de 4 de Abril de 1197, na qual concedia as meſmas graças, que ſe facultavaõ aos Chriſtãos aliſtados para a guerra ſanta, e plena liberdade para ſe apoderar das Praças do Reino de Leaõ, e gozallas, como ſe foſſem ſuas. Porque eſtas ſórtes de guerras, em que ſe trata da Religiaõ, ordinariamente ſe movem ſobre o eixo do zelo daquelles, que as defendem, e que combatem por ellas; os Portuguezes entráraõ nos Eſtados de D. Affonſo, e ſe fizeraõ ſenhores das Praças de Tuy, de Sampayo, e de Ponte-Vedra em Galliza, que conſeváraõ largo tempo, e vieraõ a reſtituir os Reis futuros. Porém as trópas de Leaõ, e dos Mouros ſeus alliados, entráraõ em Portugal, e ſe ſervíraõ do direito de repreſalia.

Sendo taõ grandes as vantagens do Rei D. Sancho, o augmento dos ſeus Eſtados pelas conquiſtas feitas nos de Leaõ, a reputaçaõ do ſeu nome, e por tantas acções heroicas haver cativado as boas graças do Chéfe da Igreja: o Rei de Aragaõ, ainda laſtimado do ſucceſſo de Alarcos, que deixára Heſpanha na maior conſternaçaõ, veio a Coimbra em peſſoa para perſuadir a D. Sancho quizeſſe fazer a paz com ſeu ſobrinho, e poupar o ſangue dos Chriſtãos, taõ neceſſario para ſe derramar na guerra dos Infieis, temerarios, e inſolentes depois das paſſadas victorias, e conquiſtas, que fizeraõ em Portugal, e Heſpanha. Entendemos, que as inſtancias do Aragonez produzíraõ os ſeus devidos effeitos; porque daqui em diante naõ achamos noticia da continuaçaõ da guerra de Leaõ, nem a fórma dos ajuſtes da paz. Pelos antecedentes podemos ſuppor seriaõ vantajoſos ao Rei D. Sancho, que ficou com o dominio das Praças conquiſtadas; mas o goſto de tantos ſucceſſos felices foi contrapeza- Era vulg.

Era vulg. 1198 do pela morte da Rainha Dulce, ſuccedida ao primeiro de Setembro; Princeza por todos os titulos amavel, que foi ſepultada com a magnificencia devida ao ſeu caracter no Convento de Santa Cruz de Coimbra.

CAPITULO III.

Continua-ſe com outros ſucceſſos da vida do Rei D. Sancho.

AUGMENTOU-SE ao Rei D. Sancho a ſenſibilidade da ſua dor na mórte da Rainha com a do Papa Celeſtino, por lhe faltar nelle hum bom amigo; perda, que com difficuldade ſe reſtitue. Para elle fazer, que a eſquecia, ao menos na apparencia, mandou cumprimentar ao ſeu Succeſſor Innocencio III. pela ſua exaltaçaõ á Cadeira de S. Pedro. O Embaixador voltou ao Reino com a ſatisfaçaõ de bem tratado; o Rei ficou goſtoſo com as Bullas de Indulgencia, e muitas Reliquias precioſas. Já entaõ padecia a Igreja grandes calamidades, originadas

das do fanatiſmo de muitos homens, que imitavaõ com viſagens os geſtos da piedade, até que déraõ plena liberdade á petulancia, e ſe declaráraõ Hereges. Entre elles os mais indomitos, tumultuarios, e ſanguinolentos, caracter proprio da hereſia, foraõ os Albigenſes, que S. Domingos de Guſmaõ, entaõ Conego da Sé de Oſma, principiou a combaber, e entaõ fez fundar na Chriſtandade o Tribunal reſpeitavel da Inquiſiçaõ, com o concurſo efficaz dos Religioſos de S. Bernardo, e de ſeu grande amigo S. Franciſco de Aſſis, que ambos apertáraõ a amizade em laço perpetuo. Era vulg.

O Rei D. Sancho, vendo o ſeu Reino já deſaſſombrado do flagello da fome, da peſte, das tormentas, e da invaſaõ dos Mouros, cuidou em dilatar o coraçaõ para o empregar em acções do ſeu tamanho. Foi ampliando as Povoações do Reino; e como pouco antes havia fundado a Cidade da Guarda, agora a fez floreſcente, já com a idéa de ſer a Capital daquelle diſtricto, para onde depois ſe mudou 1199

Era vulg. dou a Cadeira Episcopal da Idanha, que ainda conservava o titulo de Cidade. Desta fez o Rei doaçaõ a D. Lopo Fernandes, Graõ-Mestre dos Templarios, para lhe engrandecer a sua Ordem, que senhora de huma Praça taõ importante, como entaõ era a Idanha, chamou a ella os cavalleiros dos Castellos de Penas Roxas, e Mogadouro em terra de Bragança, que entregou a D. Sancho. A mudança de Senhorio foi a decadencia da Idanha; porque o Rei attento a engrandecer a sua Cidade da Guarda, lhe deo muitos privilegios; declarou Infanções a todos os seus moradores, e no anno de 1205 já D. Martinho era Bispo da Guarda, mudado para ella de Idanha, que tanta veneraçaõ havia merecido aos Godos.

1200 Como o desejo de dilatar a Fé, e castigar os Mouros ardia no coraçaõ de D. Sancho, passou com todas as suas forças á Provincia do Alem-Téjo, aonde dilatou vantajosos progressos, e fez grandes conquistas. O Arcebispo D. Rodrigo nomea entre ou-

outras a da Cidade de Elvas; mas se elle a ganhou, he certo se tornou a perder, e que D. Sancho II. seu neto a restaurou, como veremos. Esta expediçaõ foi hum novo assumpto de gloria para o Rei, que todas as acções soube fazer uteis aos seus Póvos, e vantajosas á sua reputaçaõ. Nella restaurou Cezimbra, que os Mouros arrasáraõ até aos fundamentos, e a pôz em estado de huma Praça respeitavel. A nobre Villa de Monte-Mór, em sitio taõ agradavel, e commodo para a passagem da vida, lhe deveo novos principios, vantajosos progressos, e o mesmo foral da Cidade de Evora. Naõ soffre, que a Villa de Torres-Novas, ganhada pelo Miramolim, se conservasse em poder dos Mouros no coraçaõ do seu Reino. Sabemos, que D. Sancho lha arrancou das mãos, ignoramos o como, ainda que ha quem diga fora empreza do ardor do Infante D. Affonso, que a levára á escalla, sendo elle hum dos primeiros, que com a espada na maõ ferrára o muro. Era vulg.

As

Era vulg.

As virtudes da noſſa Infante, Rainha de Leaõ, a Santa D. Thereſa, depois da ſeparaçaõ do ſeu matrimonio começáraõ a ſer taõ edificantes á cabeça da Igreja, e ao noſſo Reino, que a primeira a enchia de louvores, lhe invocava a protecçaõ para o amparo dos Biſpos, ſuſtentaçaõ dos direitos, e regalias Eccleſiaſticas: o ſegundo, que ſe eſcandaliſava da relaxaçaõ, que as demaſiadas rendas temporaes haviaõ introduſido nos Monges Bentos de Lorvaõ, queria, que eſte Moſteiro ſe entregaſſe á Rainha, para que formando huma Communidade de Religioſas da Ordem de Ciſter, renovaſſe nelle o fervor ſanto dos primitivos moradores daquella Caſa. Aſſim o fez o Rei D. Sancho, que conſeguida a demiſſaõ do Abbade D. Juliaõ, por hum Breve de Innocencio III. que deſatou todas as dúvidas, entregou o Moſteiro á Rainha ſua filha, que na companhia de devotas virgens fez huma vida angelica, que collocou ſobre os Altares os ſeus ſimulacros.

Naõ

Naõ inquietavaõ os Mouros abatidos o ſoccego de D. Sancho, e como levou em paz o reſto dos ſeus dias, todos os deſvellos applicava aos negocios domeſticos. Era de grande conſideraçaõ o do caſamento de ſeu filho o Infante D. Affonſo, que neſte anno ajuſtou com D. Urraca, filha de D. Affonſo IX. Rei de Caſtella, e da Rainha D. Leonor de Inglaterra: Aliança, que eſtreitou a amizade dos dous Reinos, e lhes conſervou a paz por muitos annos. Aos Moſteiros de Santa Cruz, e Alcobaça fez doações importantes com maõ igualmente liberal, e piedoſa. Deo a D. Rolim o ſenhorio da Azambuja, depois de a haver mandado povoar, e o ſenhorio della paſſou aos Rolins, e Mouras ſeus deſcendentes. Sempre attento em deſempenhar a maior obrigaçaõ dos Reis, que he fazer felices os vaſſallos, promoveo quanto pode os ſeus intereſſes, como além de outros Póvos do Reino, experimentáraõ os de Entre-Douro e Minho neſtes ultimos annos do ſeu reinado. Foi venerador das Fami-

Era vulg.
1201
1202

Era vulg. milias Religiosas, espirito das Ordens Militares, remunerador dos Nobres, amparo do Povo. Forte, e robusto, lhe sobravaõ partes sublimes, que coarctavaõ as calamidades dos seus tempos; mas sem deixar de obrar, na guerra com fortuna prospera, na paz obras de estrondo. Dilatado de coraçaõ na liberalidade, na modestia quando feliz, na tolerancia quando opprimido.

1211 Assim passava D. Sancho os ultimos annos da vida, reinando nas almas dos seus vassallos, com as tribulações passadas sempre presentes para fazer da sua lembrança hum uso santo. Ainda que a fundaçaõ, e reparo de tantas Povoações, tantas, e taõ grandes conquistas, muitas, e repetidas liberalidades no Reino, em Roma, e em Jerusalem, naõ se podessem exercitar sem huma despeza enorme; deixou os seus cofres enriquecidos de 500 mil marcos de ouro, e de 1400 marcos de prata, sem contar os moveis preciosos. Naõ querendo, que o seu primogenito fosse só o herdeiro de tantas

ri-

riquezas, D. Sancho ordenou pelo ſeu Testamento, que ſeu filho em qualidade de Succeſſor, e primeiro, poſſuiſſe 200 mil marcos de ouro, e que o reſto ſe repartiſſe pelos infantes legitimos. Recomendou, que pelos ſeus Baſtardos, aos quaes naõ tinha por indifferentes, ſe diſtribuiſſem ſete mil marcos de ouro, e alguns de prata. Ao ſeu Succeſſor encarregou a ſatisfaçaõ de muitos legados pios, feitos em favor dos Moſteiros, dos Hoſpitaes, para a Redempçaõ dos Cativos, ſendo todas as ſuas diſpoſições, e Teſtamento approvado pelo Summo Pontifice. No ſeu tempo foi fundado o Convento de Coz para as Religioſas de S. Bernardo, e o de Santa Anna de Coimbra para as Conegas Regulares, que no anno de 1612 ſe mudáraõ para o Moſteiro, que lhes fundou o Biſpo D. Affonſo de Caſtello-Branco, e entaõ trocáraõ o habito antigo de Conegas pelo da Ordem Eremitica de Santo Agoſtinho. Era vulg.

Rodeado de huma Familia de Santos, D. Sancho acabou com morte

Era vulg. te de Justo no dia 29 de Março de 1211, aos 57 annos de sua idade, e 26 de Governo. Foi sepultado no Convento de Santa Cruz, aonde o seu cadaver depois de 400 annos se achou incorrupto. O Rei D. Manoel o fez transferir para a Capella Mór do mesmo Convento ao lado da Epistola, em frente do de seu Pai, que occupa o do Evangelho, ambos em Monumentos dignos das duas primeiras Magestades Portuguezas. A sua mórte causou huma tristeza geral no Reino: todos choráraõ a falta de hum Rei taõ bom. Foi D. Sancho de mediana estatura, de membros grossos, nervos robustos, de forças naõ vulgares. No meio das revoltas de alguns Condes, e Ricos-Homens soberbos, soube conservar o respeito devido á sua Dignidade com o uso de qualidades illustres de homem, e de grandes virtudes de Rei.

LIVRO XII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e acções do Rei D. Affonſo II., chamado o Gordo, III. de Portugal.

COM déz annos de caſado, e vinte Era vulg. e ſeis de idade ſuccedeo D. Affonſo II. a ſeu Pai D. Sancho. Entre os Principes da Europa foi D. Affonſo illuſtre, nas virtudes exemplar, nas armas valeroſo, e em tudo ſeria perfeito ſe arraſtado da avareza, naõ perſeguíra a ſeus irmãos pelo crime do Pai os deixar ricos. Muitos eſcandalos veremos produzir eſtas diſcordias; os Infantes abandonarem o Reino; ſuas irmãs fazer-ſe fortes nos Caſtellos; haverem queixas ao Papa, e ao Rei de Leaõ, eſte, que as favorece com as armas, aquelle, que as defende com

cen-

Era vulg. cenſuras; ultimamente, que o tempo deixando ouvir as razões, que articula o ſangue, ſer o que decida o proceſſo.

Teve D. Affonſo filhos da Rainha D. Urraca ſua mulher ao Infante D. Sancho ſeu Succeſſor, que naſceo a 8 de Setembro de 1202: ao Infante D. Affonſo, que reinou vivendo ſeu irmaõ, e naſceo a 5 de Maio de 1210, e no de 1235 caſou com Mathilde, Condeça de Bolonha: ao Infante D. Fernando, chamado o de Serpa, que levou ſoccorro ao Rei D. Affonſo de Caſtella na guerra, que teve com os Mouros, e caſou com D. Sancha de Lara, filha do Conde D. Fernaõ Nunes de Lara, Alferes Mór de Caſtella, de quem teve a D. Leonor: ao Infante D. Vicente, que morreo menino: a Infante D. Leonor, que naſceo em 1211, e caſou a 24 de Junho de 1229 com Waldemaro III. Rei de Dinamarca, e morreo de parto em 13 de Maio de 1231. O que pertence a eſta Infante, e o que della quiz imaginar o ſabio Fr. Joaõ Caramuel, como ſeu

per-

pertendido deſcendente, ſe póde ver Era vulg.
confutado por D. Joſé Barboſa no Catalogo das Rainhas de paginas 237 por diante.

1212
Breve foi o reinado de D. Affonſo nas pennas dos noſſos Eſcritores; pela eſterilidade dos ſucceſſos ainda mais curto. Em humas partes naõ tratáraõ os que deviaõ; outros os abbreviáraõ mais do que era juſto. Tudo poderia ſer por naõ equivocarem os principios do Governo de D. Affonſo com os meios, e fim delle; os primeiros raſoaveis, como acções imitadas dos dous precedentes; os ſegundos por parecerem antes fructos da avareza, que deſejo de conſervar o Reino indiviſo; o ultimo, porque na idéa do Arcebiſpo de Toledo D. Rodrigo Ximenes, que entaõ vivia, o Rei o regulára pela ſua vontade: primeiro a Chriſtandade arbitra do Rei; depois o Rei arbitro de ſi meſmo nas diſcordias com os irmãos, e deſavenças com o Eſtado Eccleſiaſtico, com o Arcebiſpo de Braga, e outros Prelados, que os raſgos da penna de

hum

Era vulg. hum bom irmaõ quereriaõ repreſentar deſconformes ao meſmo Chriſtianiſmo. Naõ ha dúvida, que D. Affonſo a penas ſobio ao Throno, applicou as ſuas attenções aos exercicios da piedade, como bom imitador do Pai, e Avô, dos quaes quiz ſer huma cópia em nada eſtranha.

Rendeo logo obediencia á Sé Apoſtolica, e pedio confirmaçaõ do Titulo Real ao Papa Innocencio III., ainda reconhecido tributario da Igreja, como os ſeus dous auguſtos predeceſſores. O Papa condeſcendeo a quanto lhe rogou com elogios entaõ bem merecidos da ſua probidade; louvando-lhe o bem, que ſeguia os juſtos veſtigios dos ſeus paſſados, por ſe reſolver a pagar tanto a elle, como aos mais Succeſſores de S. Pedro, que ſe lhe ſeguiſſem, os dous marcos de ouro em cada anno. A doaçaõ da Villa de Aviz á Ordem Militar, que della tomou o nome, foi outra das primeiras acções de D. Affonſo. Era entaõ Graõ-Meſtre D. Fernando Annes, que mudou os ſeus Cavalleiros de Evora

pa-

para aquella Villa, que ſe lhe concedia em remuneraçaõ dos ſerviços, que a Ordem fizera aos Reis D. Affonſo Henriques, e D. Sancho, com obrigaçaõ de fundar nella hum Caſtello, aonde permaneceſſe na obediencia dos Soberanos de Portugal. Era vulg.

Com igual condeſcendencia approvou D. Affonſo a entrega, que o Arcebiſpo de Compoſtella, como Juiz da Bulla Apoſtolica, mandou fazer do Convento de Lorvaõ a ſua irmã a Rainha D. Thereſa pelo ſeu Delegado D. Pedro, Biſpo de Lamego. Neſte meſmo anno, em que D. Affonſo levava as attenções pelos actos de Religiaõ referidos, e outros da ſua economia regular, os juizos livres entráraõ a ſer interpretes das ſuas intenções. Toda Heſpanha preparava armas, aliſtava gente, naõ ſoava mais que guerra, os Reis de Caſtella, Aragaõ, e Navarra ſe alliavaõ para reſiſtirem ao inimigo commum Mahomad, que havia ſuccedido a ſeu irmaõ o Miramolim Aben, e com hum poder eſpantoſo determinava outra vez reduzir toda

Era vulg. Hespanha á escravidaõ primeira. Todos os nossos Chronistas estranhaõ, e acremente notaõ naõ se achar D. Affonso em pessoa em huma acçaõ taõ illustre como a das Navas de Tolosa, de que dependia a salvaçaõ, ou a ruina de todo o nosso Continente. Huns tem por mais verosimil, que por estar desavindo com seu Sogro o Rei de Castella, cahira naquella falta: outros, que ella provinha da revolta, em que já andava o Reino pela discordia entre o Rei, e seus Irmãos, que tinhaõ o de Leaõ a seu favor, e que elle pospunha a guerra da Religiaõ aos seus interesses.

Fossem estas as razões de D. Affonso se naõ achar na jornada das Navas, ou naõ querer sahir do Reino inquieto, de que apenas tinha de posse hum anno naõ completo; he sem dúvida, que elle mandou a seu Sogro consideravel corpo de trópas, que se portou na batalha como devêra. Assim o affirma o Arcebispo de Toledo D. Rodrigo, que nella se achou em pessoa; D. Lucas, Bispo de Tuy, que vi-

vivia no meſmo tempo; e dos mais mo- Era vulg.
dernos, diz Fr. Joſé Alvares de la Puente na ſua Hiſtoria da ſucceſſaõ Real de Heſpanha: Que el Rei D. Sancho de Portugal naõ pode acharſe neſta batalha, porque falleceo eſte anno em Coimbra, aonde ſe enterrou no Moſteiro de Santa Cruz; mas nem por iſſo deixáraõ de vir alguns Terços de ſoldados daquelle Reino, ou já foſſem movidos do ſeu ſanto zelo, ou já foſſem enviados pelo novo Rei D. Affonſo II. O Arcebiſpo D. Rodrigo, como teſtemunha ocular, individua melhor a noticia, aſſim em quanto á porçaõ da noſſa gente, como a reſpeito do valor com que ſe conduzio. Atteſta, que ſe foraõ apreſentar ao Rei de Caſtella muitos cavalleiros de Portugal, e hum copioſo número de Infantaria, os quaes moſtrando-ſe na occaſiaõ valentes, e deſembaraçados ſupportáraõ bem os trabalhos della, e acomettêraõ os inimigos com animo ouſado.

Provada com eſtas authoridades veneraveis a grande cópia da noſſa

Era vulg. gente, que se achou na batalha das Navas de Tolosa, he redicula a opiniaõ de Mariana, e outros, que por deslustrarem a fama do Rei D. Affonso, julgaõ, que fora sem consentimento do Principe, como se hum exercito, e de Portuguezes, houvesse de sahir do Reino por caprixo proprio, ou D. Affonso fosse algum insensato, que lho consentisse. Sendo pois infallivel a assistencia das nossas armas naquelle glorioso combate, devo dar delle huma breve noticia. Como os formidaveis aprestos, que fazia o Miramolim Mahomad tinhaõ reduzido Hespanha á maior consternaçaõ, os seus Reis naõ perdêraõ a corage, antes determinárao oppor-se ao inimigo commum com o maior esforço. Para isso se alliáraõ os de Castella, Navarra, e Aragaõ. O Arcebispo D. Rodrigo foi mandado a Roma pedir a Cruzada ao Papa, e esta diligencia produzio o effeito taõ prompto, que de França, Italia, e outras partes vieraõ a Hespanha 12$ cavallos, e mais de 50$ Infantes, que acampáraõ

nas

nas viſinhanças de Toledo. O Rei de Aragaõ marchou na téſta de 20ȸ Infantes, e 3ȸ500 cavallos, das ſuas gentes, que unidas ao exercito Caſtelhano, e trópas Eſtrangeiras, ſahíraõ de Toledo a 21 de Junho com 60ȸ carros de bagagens. Era vulg.

A eſta expediçaõ precedêraõ Pragmaticas rigoroſas, em que os Reis alliados prohibiaõ todo o genero de profanidades, vicios, deſordens, e mandáraõ fazer Prociſsões, Rogativas públicas para applacar a Deos, que como tem os Reinos, e Imperios fechados na ſua maõ, he quem os favorece, e os caſtiga conforme lhe merecem. Os calores da marcha fizeraõ tanta impreſſaõ nos Eſtrangeiros, que grande parte delles nos deixáraõ no caminho, e voltáraõ caras para a Patria, com afflicçaõ dos ſeus cabos, que ſentíraõ ſemelhante deſacordo em huma occaſiaõ de tanta honra. No lugar de Alarcos, pouco antes theatro laſtimoſo da Chriſtandade de Heſpanha, D. Sancho, Rei de Navarra, veio ajuntar o ſeu exercito

Ere vulg. to com o dos Alliados, que Mahomad já determinava envestir pelo considerar muito diminuido com a grande deserçaõ dos Estrangeiros. O Miramolim com o seu desmarcado poder tinha tomado a garganta dos montes. Pôz-se em conselho se se devia retroceder a marcha; mas tomando-se a resoluçaõ mais perigosa pela mais honrada, foi determinado, que se ganhassem as eminencias da Serra Morena. D. Lopo de Haro com grande número de gente a investio, e no cume della tomou á vista dos Mouros o Lugar de Ferral.

O exercito o seguio, e trepando as fragosidades, se apoderou do Castello de Castro situado sobre penhas asperas. Hum Pastor foi guiando o exercito até hum plano, aonde os Reis o fizeraõ descançar de marchas taõ penosas. Formou-se elle em batalha com D. Diogo de Haro, Pai de D. Lopo, na vã-guarda, os Reis de Aragaõ, e Navarra nos lados, o de Castella com o Arcebispo D. Rodrigo, e mais Prelados na reta-guarda.

Os

Os Mouros ordenáraõ o ſeu, cercando a tenda do Miramolim de groſſas cadeas de ferro, e para defenſa da peſſoa, e lugar os Mouros mais deſtemidos. Começou o combate com tanta furia, que os Chriſtãos principiavaõ a ſer rechaçados; e quando o Rei de Caſtella a eſta viſta ſe queria arrojar ao maior ardor delle para acabar com a gloria de alentado; affirmaõ, que apparecêra no Ceo huma Cruz de varias cores, auxilio opportuno para os Chriſtãos, que recobrados de animo, entráraõ a fazer nos Mouros matança horrivel. Duzentos mil ſe contaõ mortos no campo em deſconto de vinte, e cinco, ou de cento, e quinze homens noſſos, para moſtrar Deos na deſproporçaõ, que toda a gloria era ſua. Era vulg.

Reſpirou Heſpanha com eſte prodigioſo triunfo, e juſtamente ſe prognoſticou para o futuro vantagens, que lhe haviaõ ſer correſpondentes. Toda a Europa ſe congratulou com os Reis vencedores, que ricos de deſpojos immenſos, tiveraõ para reſarcir

Era vulg. os gaſtos da guerra: cheios de reputaçaõ, fizeraõ immortaes os ſeus nomes. Á victoria ſe ſeguíraõ as conquiſtas, e em huma dellas, que foi a da Praça de Ubeda, ſe portáraõ os noſſos Portuguezes com tanto valor, e taõ pouco ſe poupáraõ aos perigos, que no aſſalto morreo D. Gomes Ramires, Graõ-Meſtre dos noſſos Templarios, como conſta do Livro da Noa, aonde ſe diz, que oito dias depois da batalha das Navas, os Chriſtãos ganháraõ a Praça de Ubeda, e alli fora morto o Graõ-Meſtre do Templo D. Gomes Ramires. Sem embargo, que o Arcebiſpo D. Rodrigo naõ falla no apparecimento da Cruz no dia da acçaõ, Gonçalo Argote de Molina, e outros Authores Caſtelhanos querem, que muitos dos Fidalgos, que nella ſe acháraõ, a tomaſſem por Armas, e as deixaſſem a ſeus deſcendentes.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Das differenças que o Rei D. Affonſo teve com ſeus Irmãos, da guerra com o Rei de Leaõ, e outros ſucceſſos.

QUANDO Heſpanha ſe occupava em huma guerra igualmente intereſſante, e glorioſa á Religiaõ, e aos Póvos; o Rei D. Affonſo de Portugal todo ſe empregava nos intereſſes proprios, reſoluto a deſapoſſar ſeus Irmãos, que ſempre tratára auſtéro, das heranças, que o Pai lhes deixára. Os Infantes D. Pedro, e D. Fernando, que lhe temêraõ a condiçaõ, ſe auſentáraõ, o primeiro para Marrocos, o ſegundo para Heſpanha. Depois do voluntario deſterro deſtes Principes principiou a guerra do Rei com as Infantes ſuas Irmãs ſobre a poſſe das Villas, e Lugares, de que ficáraõ ſenhoras, que eraõ Alenquer, Monte-Mór o velho, Aveiras, e outras heranças. Preſumíraõ as Infantes, que

o

Era vulg. o intento do Rei em querer, que as Villas lhe pagaſſem os direitos; que os Alcaides lhe juraſſem homenagem; que eſtes foſſem póſtos por ordem ſua, era o meſmo, que o de as esbulhar da ſua poſſe, contravir á obſervancia das mandas de ſeu Pai: idéa, que parecia verdadeira á viſta do manifeſto deſagrado com que ſeu Irmaõ as tratava. Pedem o ſoccorro das Cenſuras Apoſtolicas, o amparo das armas do Rei de Leaõ, e o Reino ſe prepara theatro de repreſentações funeſtas.

Eſtando as couſas neſta figura, a reſoluçaõ do Rei julgar alheadas á ſua Coroa as terras das Infantes, fizeraõ paſſar a realidade os ſuſtos imaginados. Á força de armas rendeo D. Affonſo a Aveiras, cercou Alenquer, e Monte-Mór, que os vaſſallos das Infantes defendêraõ; que o Rei de Leaõ veio ſoccorrer, entrando em Portugal por Entre-Douro e Minho; que os Papas Innocencio, e Honorio firmáraõ com o eſtrondo das Excomunhões, e Interditos. Durou eſte

plei-

pleito toda a vida de D. Affonſo, e Era vulg.
ainda que o Papa Innocencio III. lhe mandou levantar as Cenſuras, como naõ deſiſtia do projecto, continuou o negocio a tomar novo corpo no Pontificado de Honorio III. que deſejou concluillo. Para eſte fim paſſou huma Bulla aos Biſpos de Burgos, e Lugo, e ao Deaõ de Compoſtella, para que em quanto aos Direitos Reaes, que o Rei pertendia, fizeſſem guardar o uſo de Heſpanha em caſos ſemelhantes. Porém eſta, e as mais determinações, que ſe decidíraõ no Juizo contencioſo, naõ vieraõ a ter obſervancia, ſenaõ depois da morte de D. Affonſo, reinando já D. Sancho II.

Pelo que reſpeita á guerra, logo que as Infantes a tiveraõ por inevitavel, D. Thereſa, e D. Sancha ſe recolhêraõ com ſua Irmã D. Branca na Villa de Monte-Mór o Velho, que entaõ era Praça muito defenſavel, e fizeraõ preſidiar as ſuas. O Rei, depois de tomar Aveiras, ao meſmo tempo mandou ſitiar Alenquer, e veio em peſſoa ſobre Monte-Mór, con-

fiſ-

Era vulg. fiſcando as rendas de Lorvaõ, que eſtavaõ applicadas a D. Thereſa. Neſta deſordem fomentada pela ambiçaõ ſe diſſipáraõ as heranças, que ajuntára a economia de D. Sancho para deixar ricos os filhos, que huns aos outros ſe empobrecêraõ. D. Affonſo, Rei de Leaõ, que naõ podia eſquecer o amor a D. Thereſa, que fora ſua mulher, fez empenho peſſoal a defenſa das Infantes, e entrou por Portugal a fogo, e ſangue, acompanhado do Infante D. Pedro, irmaõ, e aggravado do noſſo Rei D. Affonſo. Foi eſta invaſaõ em Agoſto, quando as melhores trópas de Portugal ſerviaõ a Deos, e á Patria na jornada das Navas de Toloſa, e o reſto ſoffria a diviſaõ, que o fio da Hiſtoria nos eſtá moſtrando. Aſſim paſſáraõ os cercadores das Infantes a ſer cercados dos Leonezes, e o ſeu Rei a ficar arbitro da noſſa campanha.

Naõ tinhaõ os Portuguezes forças para reſiſtir a armas tantas, e taõ empenhadas. Aſſeguraõ, que o Rei de Leaõ, entrando por Galliza, tu-

do

do devaſtára, e que atacando ao de Portugal, o vencêra: Que nos ganhára onze Caſtellos, e Villas, entre as quaes ſe nomeiaõ Melgaço, Freixo, e que Valença porque reſiſtíra, a arrazára. Parece, ſegundo a opiniaõ de D. Lucas de Tuy, que o Rei de Caſtella com o reſpeito de vencedor de huma batalha tal, como a das Navas, conſeguio pacificar os dous Reis belligerantes, e fazer, que o de Leaõ nos reſtituiſſe as Praças ganhadas; bem póde ſer, que tantos bons officios foſſem huma remuneraçaõ dos grandes ſerviços, que naquella batalha acabavaõ de lhe fazer as noſſas gentes. Porém com a retirada do Leonez creſceo em D. Affonſo a contumacia, que he hum effeito proprio da ambiçaõ. As Infantes reforçáraõ entaõ os recurſos aos Pontifices; mas D. Affonſo, que havia combatido com corage a cólera de Leaõ, reſiſtio com intrepidez aos raios de Roma. Em fim, paſſados déz annos, ſerenou eſta tempeſtade, e o que naõ podêraõ concluir as Excomunhões, e as armas, veio a concilial- Era vulg.

lo

Era vul bo lo a meſma natureza; que em as paixões ſe pondo em calma para a razaõ ouvir em ſocego as razões, que articula, facilmente ſe ſubmette a vontade ao entendimento convencido.

Martim Sanches, irmaõ baſtardo de el Rei, deſgoſtado delle ſe havia tambem retirado ao Reino de Leaõ, e fez áquella Coroa os aſſinalados ſerviços, de que o Conde D. Pedro nos deixou illuſtre memoria. As acções mais ſublimes, que a merecem bem diſtinta foi o reſpeito ao Rei, e á Patria; áquelle, porque nunca contra a ſua peſſoa quiz medir as armas; á eſta, porque ſem faltar ao partido, que tomára, já mais lhe fez os damnos, que podéra. Aſſim temperava a prudencia, e valor de Martim Sanches as razões de irmaõ, quando aggravado; as de Patricio, quando deſterrado; as de grato, quando do Rei de Leaõ favorecido; de ſorte que humas de outras as ſuas obrigações naõ podeſſem queixar-ſe. Em lances de tanto aperto, moſtrava-ſe como homem, ſenhor das ſuas paixões; como aggrava-

va-

vado, cheio de moderaçaõ; como favorecido, fiel; como irmaõ, e patricio, reportado. Casou-se no mesmo Reino de Leaõ com D. Ello, filha de D. Pedro Fernandes de Castro, da illustre Familia do seu appellido, e descendente dos celebrados Juizes de Castella, que neste casamento principiáraõ a enlaçar as Roelas do seu Brazaõ com as Quinas Reaes de Portugal. Era vulg.

O Rei de Castella, que havia sido instrumento da paz entre o de Portugal seu Genro, e o de Leaõ, o fez avisar, para que quizesse achar-se em Palencia, aonde ambos confereriaõ sobre interesses communs, que igualmente respeitavaõ as duas Coroas Portugueza, e Castelhana. O nosso D. Affonso, que era prudente, e bravo, lhe mandou em reposta; que a demasiada credulidade de alguns Principes em occasiões semelhantes lhe servia de régra, e exemplo para repugnar na acceitaçaõ da offerta, que lhe fazia: que naõ duvidava nas vistas; mas no lugar dellas: que estava prompto para

ra

Era vulg. ra a conferencia, com tanto que foſſe na fronteira dos dous Reinos, e em parte para ambas as Mageſtades ſegura. Quer o Padre Mariana, que eſta reſpoſta do Rei de Portugal a huma demanda taõ juſta, foſſe a cauſa de ſe aggravar a queixa do de Caſtella, de que ſe lhe originou a morte. A ella ſe ſeguio a Regencia da Rainha viuva D. Berenguella na menoridade de ſeu filho D. Henrique, e o valimento de D. Alvaro de Lara, que era impugnado pela maior parte da Nobreza, e delle reſultou o extemporaneo caſamento do menino Henrique com a Infante D. Mafalda, irmã do noſſo D. Affonſo, que indo para Caſtella na idade de poder ſer mãi do noivo, eſteve naquelle Reino com o nome de caſada, e voltou para Portugal a viver, e morrer no eſtado de Virgem.

1215 Já por eſtes tempos as Ordens Mendicantes levavaõ as attenções da Igreja, e do Imperio. S. Domingos de Guſmaõ havia fundado a dos Prégadores para flagello dos Hereges Albigen-

genſes, e para alivio dos Biſpos no miniſterio, que lhes he indiſpenſavel, de enſinarem ao Povo as Doutrinas Santas, e de interpretarem as Eſcrituras Divinas. S. Franciſco de Aſſis, novo Abrahaõ da Lei da Graça, levantou na Familia dos Frades Menores huma coluna firme para ſoſter na terra a Caſa de Deos, que cahia. A outra Ordem agora renovada com fervor igual ao dos ſeus primitivos, foi a dos Eremitas de Santo Agoſtinho, que eſte grande Doutor da Igreja eſtabelecêra em Africa no quarto ſeculo em tempo do Imperador Honorio. A ultima Ordem Mendicante foi a dos Carmelitas, poſterior a todas neſta regalia; mas na antiguidade a todas anterior, ou ſe buſque no tempo da Lei Eſcrita, como fundada pelo Profeta Elias, ou ſe procure na da Graça, como eſtabelecida pelos Diſcipulos do Bautiſta, ou pelos Patriarcas de Jeruſalem. A piedade conſidera eſtas quatro Ordens outros tantos Baluartes plantados por Deos em cada hum dos angulos da Torre de David, Era vulg.

Era vulg. que edificou na terra para ſegurança dos Eleitos amparados á ſombra dos ſeus mil Eſcudos.

Por eſtes tempos foi celebrado o Concilio Lateranenſe, aonde ſe tratáraõ os negocios importantes daquelle ſeculo, e nelle aſſiſtíraõ os dous Arcebiſpos de Braga D. Eſtevaõ Soares da Silva, e de Toledo D. Rodrigo Ximenes, ambos eminentes em qualidades, e litteratura. Metteo eſte em uſo todos os esforços da ſua capacidade, acompanhados das Bullas precedentes, que entendia favoraveis á ſua pertençaõ, para que o negocio da primazia foſſe decidido a favor de Toledo. A tudo ſe oppôz a dexteridade viva do Arcebiſpo D. Eſtevaõ, e á viſta dos Documentos, que produzio, da próva de teſtemunhas, que deo; pôz a juſtiça taõ vantajoſa, ou tanto em equilibrio, que os Padres do Concilio naõ ſe reſolvêraõ a decidir a cauſa, que ficou no eſtado antigo, como ainda ſe conſerva. Tambem foi determinada nova Cruzada á Terra Santa: empenho Catholico, que por

ſer

ſer taõ immediato á gloriaſa batalha das Navas de Toloſa; eſta a que naõ foi em peſſoa o noſſo Rei D. Affonſo, aquella a que naõ podia ir: ambos eſtes projectos o eſtimuláraõ para moſtrar ao mundo, que imitava o fervor dos outros Principes Catholicos em fazer a guerra aos Barbaros do ſeu Reino, como já vamos a ver no Capitulo ſeguinte. Era vulg.

CAPITULO III.

Das expedições militares do Rei D. Affonſo II. contra os Mouros.

SE D. Affonſo ſe deixou atar as mãos 1217
pelos negocios domeſticos para naõ as empregar nos Mouros; elles naõ lhe abattêraõ o valor herdado, nem esfriáraõ o ardor do eſpirito para ſe eſquecer da guerra. Todos os penſamentos occupava nella, depois que a Praça de Alcacere do Sal ſe tinha feito temivel no poder dos Barbaros, que davaõ motivos para recear ſe apoderaſſem de todo o Paiz, que vai do

Era vulg. Téjo até ao Algarve, ſe promptamente ſe naõ oppozeſſe aos ſeus deſignios, e aos ſeus progreſſos. Quando D. Affonſo aſſim penſava, appareceo ſobre as noſſas praias a maior parte da grande Fróta Septentrional, que tendo navegado felizmente as cóſtas de Inglaterra, e de França com o deſtino da Terra Santa, por cauſa dos ventos contrarios havia parado nas noſſas. A tormenta que corrêra ſobre ella, havendo deſgarrado a muitos dos ſeus navios, a obrigou a entrar no porto de Lisboa, aonde foraõ tratados os navegantes com a maior caridade, e regallo pelo Santo Biſpo, que os noſſos Chroniſtas chamaõ Mattheus, e Fr. Antonio Brandaõ diz, que víra documentos por que conſta ſer o ſeu nome Sueiro.

Eraõ Commandantes deſta Eſquadra Guilherme, Conde de Holanda, e Jorge, Conde de Wide, aos quaes o Rei mandou huma deputaçaõ, formada do meſmo Biſpo de Lisboa, do Biſpo de Evora, dos Grandes Priores do Templo, e do Hoſpital, do gran-

de

de Commendador da Ordem de Sant-Iago, e de outros muitos Fidalgos da Corte. O Bispo de Lisboa, depois de lhes offerecer hum magnifico refresco em nome del Rei, como Chéfe da Deputaçaõ, lhes representou: Que a continuaçaõ da tempestade, que os fizera correr desde a altura da Cidade do Porto até á de Lisboa, naõ lhes permittindo com segurança a viagem do Levante, elles se fariaõ igualmente gloriosos se empregassem as suas forças contra os Sarracenos de Portugal, que os Infieis da Palestina: Que o seu Rei lhes pedia quizessem ajudallo na conquista de Alcacere do Sal, que os Barbaros lhe tinhaõ tomado, e deixassem á sua conta a infallivel approvaçaõ, que elle conseguiria do Papa sobre hum negocio desta natureza, que naõ differia em cousa alguma do merecimento da Cruzada. Os Condes, que pelo seu arbitrio naõ podiaõ dar resposta decisiva, prometteraõ aos Deputados propôr a materia em Conselho de guerra, de que lhe fariaõ saber a resoluçaõ para a enviarem ao Era vulg.

Rei,

Era vulg. Rei, que entaõ ſe achava em Coimbra.

No Conſelho ſe dividíraõ os votos. Os Frisões ſe ſuſtentáraõ tenazes em huma exactidaõ eſcrupuloſa, e delicada, de que naõ cumpriaõ com os ſeus votos ſe fizeſſem a guerra a outros Infieis, que naõ foſſem os da Paleſtina. Nada os pode mover; e largando as velas a cem dos melhores navios, ſe arrojáraõ temerarios a huma viagem, que lhes foi penoſa; que os levou deſgarrados a differentes portos de Italia, aonde paſſáraõ o Inverno ſem acçaõ. Ficáraõ em Portugal os dous Condes com outros cem navios para fazerem o ſitio de Alcacere, que foi famoſo pelo tempo, que durou, pela variedade dos ſucceſſos, que o illuſtráraõ, pelos grandes encontros, que ſe vencêraõ; empenhados dous partidos poderoſos com porfia, hum a defender, outro a ganhar huma força, que ambos reſpeitavaõ como chave de duas Provincias. Aviſou o Biſpo ao Rei da reſoluçaõ dos Cruzados, que foi recebida em Coimbra

bra com geral alvoroço; e dadas as ordens a D. Pedro, Meſtre dos Templarios, a D. Gonçalo, Prior do Hoſpital, a D. Martinho Barregaõ, Commendador Mór de Sant-Iago, para levantarem o maior número de gente, que lhes foſſe poſſivel, principiáraõ as trópas a mover-ſe para os campos da reſpeitavel Praça. Era vulg.

Portuguezes, e Eſtrangeiros ao primeiro golpe de viſta, além do ſeu Caſtello inexpugnavel, a obſerváraõ novamente fortificada com muitas obras exteriores, muros dobrados, nos ſeus flancos muitas torres, e ſobre tudo huma guarniçaõ numeroſa, reſoluta a defendella até a ultima extremidade. Logo aſſentáraõ, que o ſitio devia ſer formal, principiando pela ruina das obras avançadas, a que os Mouros ſe oppozeraõ com brava reſiſtencia. Quando nos occupavamos com a maior força neſtes trabalhos, fomos aviſados pelos noſſos batedores do campo, que quatro Reis Mouros de Andaluzia vinhaõ chegando com hum reforço conſideravel. Eraõ eſtes Reis o

de

Era vulg. de Cordova, o de Jaen, o de Sevilha, e o de Badajóz, que traziaõ 15$ cavallos, e 80$ Infantes. O noſſo campo, que ſe compunha dos Cruzados unidos a 20$ Portuguezes, ainda que taõ inferior em número ao dos inimigos, naõ parou na dúvida ſe havia, ou naõ dar-lhes batalha. Ella ficou reſoluta, e ſe eſperou o dia ſeguinte para a acçaõ, que vencida nos abriria as portas de Alcacere.

Com a luz da manhã ſe avançou o noſſo exercito ao dos Mouros, que nos receberaõ valentes, e depois de muitas horas de porfia, nos fizeraõ retroceder formados; mas com muitos mortos, e feridos, a buſcar o amparo das noſſas trincheiras. Naõ ſe atreveraõ a forçallas; porque o noſſo acordo neſta retirada, ſobre fortalecer os poſtos de mais perigo, moſtrou, que o retroceſſo era por entaõ ceder á fortuna, e naõ deſalento do valor. O veneravel Biſpo, que a todos animava, teve mais que fazer com os Cruzados, que ſentidos da perda paſſada, dúvidavaõ expor-ſe a ſegunda,

e

e quizeraõ tomar a resoluçaõ de embarcar-se para seguir sua viagem. Nestas dúvidas se passava a noite, quando hum grosso da nossa cavallaria, que chegava ao campo, lhe pedio se conservasse immovel, em quanto ella na madrugada fazia huma visita ao arraial dos Mouros, que descançados á sombra da vantagem precedente, entendia os acharia em estado da fazer nelles huma impressaõ taõ sensivel, que depois ficasse facil ao nosso exercito atacallos, e vencellos em nova batalha. Era vulg.

Foi approvado este arbitrio, e postada a tropa na vã-guarda do campo, esperando a hora para o avance; fixos os olhos, e o coraçaõ dos Soldados no lugar eminente, donde esperavaõ o auxilio Divino, quiz Deos mostrar-lhes com hum final sensivel, que era ouvida a sua Oraçaõ. De repente appareceo no Ceo o Estandarte da Cruz mais luminoso, que as Estrellas: alto pregaõ, que move todas as tropas para naõ deixar sahir a cavallaria ao combate por modo de sorpreza; mas

Era vulg. mas que marche todo o campo a dar huma batalha, para que o Ceo as convida com as vozes mudas do adoravel ſinal. Tudo pede o combate, porque aſſegura a victoria; e como naõ ha valente, e covarde, que deixe de reſpirar iguaes alentos de valor, a geral intrepidez para affrontar o fogo, e ferro dos Barbaros, firma aos Generaes na eſperança de vencer. Eſpantáraõ-ſe de a ver taõ reſoluta nos meſmos homens, que no dia antes lhes havia cedido o terreno; e confiados com eſta lembrança taõ freſca, teſtemunharaõ a ſua ouſadia, e corriaõ aos perigos com a firmeza, que lhes provinha da ſua multidaõ. Feria o Sol os olhos dos noſſos; mas como os ſeus raios naõ lhes impediaõ ver as eſquadras de Anjos veſtidos de branco, que ſe diz combatiaõ em ſeu favor: elles a tudo ſuperiores, ſuſtentáraõ taõ conſtantes as lanças dos Mouros, e as ſettas do Sol, que rompêraõ as fileiras inimigas; abríraõ o paſſo a golpes de eſpada; miſturáraõ-ſe com elles, e em actos de hum valor

eſ-

eſtupendo, os pozeraõ em derrota. Era vulg.

Os Generaes dos Mouros, ſorprendidos de tal acontecimento naõ penſado, vendo os ſeus melhores ſoldados, huns que fugiaõ covardes, outros que deixavaõ cahir as armas tremulos, queriaõ ordenallos; mas os golpes ſucceſſivos dos noſſos naõ lhes davaõ lugar. Morrêraõ no campo da batalha, e no alcance 30ꝺ Mouros, entre elles dous dos ſeus Reis. Deſpojos conſideraveis, e muitos priſioneiros foraõ as conſequencias felices deſta glorioſa victoria, ſuccedida no dia onze de Setembro. Os vivas, com que os noſſos a celebráraõ, eraõ lagrimas de piedade, e devoçaõ em acçaõ de graças ao Deos das Batalhas, que completou o noſſo triunfo com a tormenta, que mandou ſobre trinta Galéz, que os inimigos tinhaõ ſurtas na cóſta, e as ſubmergio. Com razaõ entendiaõ os noſſos, que dous ſucceſſos taõ vantajoſos, que tiravaõ aos inimigos a eſperança de ſoccorro; elles os obrigaſſem a render-ſe:

po-

Era vulg. porém os Barbaros, fiados na fortaleza da Praça, na ſua grande guarniçaõ, e muitos provimentos, deſmentíraõ as noſſas idéas, e quizeraõ moſtrar-ſe superiores á ſua fortuna. Nós nos vimos obrigados a batella com todas as maquinas, que ſe uſavaõ naquelle tempo, e ella a tudo reſiſtio conſtante até ao dia 18 de Outubro, em que ſe rendeo á diſcriçaõ. Fizemos dous mil priſioneiros, que foraõ os que reſtáraõ vivos da continuaçaõ dos aſſaltos; e demos liberdade ao General inimigo, que com cem dos ſeus primeiros Officiaes, abraçou o Chriſtianiſmo trez dias depois do rendimento de Alcacere.

Nós entregamos o ſaque da Villa ao arbitrio dos Cruzados, bem merecido pelo zelo, e fidelidade com que nos ajudáraõ em huma conquiſta taõ importante; contentando-nos com o dominio da reſpeitavel Povoaçaõ, que fiamos do valor dos Cavalleiros de Sant-Iago; aquelles bravos homens, que debaixo do commandamento do ſeu Grande Commendador D. Martim

Bar-

Barregaõ obráraõ gentilezas de pieda- Era vulg.
de, e valor; humas, que merecêraõ a aſſiſtencia viſivel do Ceo; outras, que contribuíraõ para a repetiçaõ de ſucceſſivas victorias. O veneravel Biſpo D. Sueiro, ou Matheus, inſtrumento principal deſta expediçaõ, ſe fez digno entre nós de gloria immortal; e occupado no jubilo de ver reduzidos á verdadeira Fé cem Mouros illuſtres, Alcacere reſtituida ao gremio da Igreja, naõ ceſſava de ordenar ſe deſſem a Deos tantas graças públicas, que faziaõ parecer as fileiras dos ſoldados coros bem ordenados de Religioſos.

Taõ cuidadoſo Deos das vantagens de Portugal neſte anno feliz, diſpôz mandar a elle, para ſe levantarem firmes, as duas Colunas, que a ſua Providencia deſtinára por ſuſtentaculos incontraſtaveis da Igreja, quero dizer, os Filhos dos grandes Patriarcas Amigos S. Domingos de Guſmaõ, e S. Franciſco de Aſſis, que entaõ acabavaõ de apparacer no mundo, ſahidos do ſeio da ſua meſma

Pro-

Era vulg. Providencia. Da primeira Familia veiő a Alemquer o V. Fr. Sueiro, que encontrou na Infante Santa Sancha aquelle acolhimento proprio da ſua caridade, e devoçaő ao Inſtituto Religioſo. Elle lançou como primeira pedra aos fundamentos do grande edificio da ſua Religiaõ em Portugal na fábrica do Convento de Montejunto, plantado no hermo reſpeitavel pelo horror da ſoledade entre Alemquer, e Tagarro.

Da ſegunda Familia apparecêraő em Portugal as duas figuras dos novos homens, companheiros do Santo Patriarca Franciſco, os VV. Fr. Zacharias, e Fr. Gualter, que com o modo eſtranho da ſua vida, e admiravel ſantidade levárao apoz ſi as noſſas ſuſpensões, todos os noſſos aſſombros. Elles encontrárao em Coimbra o favor da Rainha D. Urraca, em Alemquer o da meſma Infante, e em pouco tempo, naő ſó fundáraő nellas caſas, que reſpiravaő o ſuave cheiro de todas as virtudes; mas em Lisboa, Guimarães, Guarda, Covilhan, e e depois pelos mais Póvos principaes

do

do Reino. A Infante Santa Sancha, que quiz ſer teſtemunha ocular das virtudes de Fr. Zacharias, tanto ſe arrebatou na contemplaçaõ da ſua humildade profunda, que naõ ſe ſatisfez ſem lhe dar o ſeu meſmo Palacio para ſervir a grandeza do maior objecto de humildade maior aos Deſprezadores do Mundo. Era vulg.

O Rei D. Affonſo, generoſamente eſtimulado pelo bom ſucceſſo da empreza de Alcacere, ſe reſolveo a empregar peſſoalmente as armas na continuaçaõ da guerra contra os Mouros. He laſtima, que tantos ſucceſſos brilhantes, de que foi author, os eſcondeſſe a eſcuridade dos tempos, e a ignorancia dos homens! Authores Eſtrangeiros nos indicaõ, que innundára o Alem-Téjo, e Andaluzia com huma corrente de victorias, e conquiſtas, que abyſmáraõ os Barbaros; mas do que obrou, e como o fez, nós ignoramos a maior parte. Sabemos, que tendo os Reis de Sevilha, e Jaen cercada a Cidade de Elvas, cahio-lhes em cima, e fez o exercito em póſtas. 1218

En-

Era vulg. Entaõ os ſeguio por Andaluzia, e derramando o terror pelas ſuas comarcas, lhe deixáraõ livre o campo, aonde foi tal a cópia dos deſpojos, que todos os generos perdêraõ em Portugal a eſtimaçaõ. Na meſma expediçaõ livrou Serpa, e Moura do ſitio, que lhe pozeraõ os Barbaros, que pouco depois as ganháraõ; e como já neſte tempo o pezo das ſuas muitas carnes lhe fazia intoleravel a fadiga das campanhas, recolheo-ſe a deſcançar á ſombra da reputaçaõ.

1219 Porém na Provincia de Alem-Téjo tinha hum ſubſtituto bizarro no Meſtre de Aviz, o bravo Fernandeannes, de quem fallei, quando fiz memoria dos Monjes da Serra de Oſſa. Foi eſperar os Alcaides das Villas de Serpa, e Moura, já perdidas neſte tempo, e os desbaratou em bem diſputado combate. Naõ eſquecendo avançar as conquiſtas, que lhe eſtavaõ confiadas na circunferencia de Aviz, depois de crua guerra, que fazia aos Mouros viſinhos da forte Villa cinco legoas diſtante, plantada no ſitio,

tio, que hoje chamaõ Cabeço de Vayamonte: foi-se apoderando dos Lugares, que corriaõ de Portalegre a Veiros, Monforte, até Villa-Viçosa, e Borba. Tambem se presume, que por estes mesmos annos dous Fidalgos, chamados Pedro Rodrigues, e seu neto D. Alvaro Rodrigues, empregavaõ as suas armas em acções gloriosas além do Guadiana, e que huma dellas fora o bello estratagema, com que se fizeraõ senhores da Villa de Moura, que até áquelle tempo parece que ainda conservava o antigo nome de Arouce a Nova, e que da Africa Saluquia, sua donataria, tomou o de Moura. Era vulg.

Era Saluquia filha de Buaçon, Regulo poderoso na Provincia do Alem-Téjo, que a dotou com o Senhorio daquella Villa para haver de casar com o Mouro Brafama, que dominava o Castello de Arouche. Soubêraõ os dous Fidalgos referidos o dia, em que o navio havia vir a celebrar em Moura os seus desposorios; e vestidos á Mourisca com as suas

Era vulg. gentes, ſe emboſcárão nas matas, por onde a comitiva tinha de fazer o ſeu caminho. Ella marchava entregue ao alvoroço taõ proprio da plauſibilidade da funçaõ, quando de repente ſe vê rodeada de hum tropel, que á primeira face lhe pareceo ſer de mouros officioſos, e os golpes a deſenganáraõ, de que eraõ Chriſtãos reſolutos. Aqui ſe convertéraõ as cytaras em lutos; porque o noivo foi paſſado á eſpada; o reſto da comitiva em gemidos laſtimoſos ficou acabando de exalar as vidas, em quanto os bizarros aventureiros a todo o galope ſe fizeraõ na volta de Moura para acabarem de repreſentar dentro dos ſeus muros a viſtoſa ſcena, que principiáraõ no campo.

Com o disfarce de Mouros, chegáraõ fazendo grandes feſtas, algazarras em vozes Arabas, que indicaſſem a Saluquia os tranſportes de amor do ſeu Braſama. Ella ſe deixa ver do alto do Caſtello prompta para receber a deſejada viſita: ordena ſe abraõ as portas, e recebem os primeiros cum-

primentos da chegada as muitas cabeças cortadas, que começaõ a saltar pelas ruas. Deo o successo a conhecer o engano; e porque o susto, a desprevençaõ, o ajuntamento da plebe confusa naõ permitiaõ lugar para a defensa, tudo foi morrendo, fugindo, e clamando. Saluquia, que presumio desgraça semelhante succedida no caminho ao noivo, com desesperaçaõ gentil se arrojou do Castello, animosa para se sentir morrer, sem alentos para se vêr cativar. Ainda se conserva na Villa o nome de Moura; em huma das torres dos seus muros o de Saluquia; e o de Brafama no campo, em que se deo o combate, que precedeo a esta bem disposta sorpreza. Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da vida dos Santos Martyres de Marrocos a eſte Reino, e outros ſucceſſos do Rei D. Affonſo II.

FELIZ foi o Reinado de D. Affonſo em hum ſeculo de Santos. A Familia Real era hum Seminario de virtudes; porque cada filho do Rei D. Sancho I. parecia huma Idéa ſem paixões. Dous Luminares brilhantes illuſtravaõ Heſpanha, e Italia. Na primeira Regiaõ reſplandecia S. Domingos entre os Aſtros dos melhores Guſmães: na ſegunda era Franciſco Sol, que communicando luzes a huma quantidade numeroſa de Planetas, por todas as Esféras illuminava o Orbe. Elle nos mandou de Marrocos oſſos de Santos mortos em cambio de nos levar de Portugal em Antonio hum Santo vivo. Ardia o Serafico Patriarca em amor de Deos, e laſtimado das ruinas, que os inimigos do ſeu Nome faziaõ na ſua vinha plantada em Heſpanha, e nu-

nutrida com o rego do ſangue de tantos Santos; reſolveo mandar a ella Operarios, que lhe arrancaſſem os eſpinhos, levantaſſem os vallos, e a pozeſſem no eſtado antigo da ſua fecundidade. Empenhado no deſtino ſanto de reformar o mundo, quando ſe diſpunha para ir anunciar o Evangelho á Paleſtina, chamou a ſeis Diſcipulos da ſua Eſcóla, o Padre Fr. Vidal para Prelado, Berardo, Pedro, Acurcio, Adjuto, Otaõ, e os encarregou da Miſſaõ aos Mouros de Heſpanha. Era vulg.

Continuáraõ os novos Apoſtolos a ſua jornada até Aragaõ, aonde Fr. Vidal adoeceo gravemente, e dalli deſpedio os cinco companheiros para naõ retardar ás almas o fruto da ſua Prégaçaõ. Chegáraõ a Portugal, e encontráraõ a ternura, que inſpira a devoçaõ nos catholicos eſpiritos da Rainha D. Urraca, e de ſuas cunhadas as Santas Rainhas Sancha, e Thereſa. Paſſáraõ a Sevilha para fazerem ouvir as vozes da verdade no centro populoſo dos erros de Heſpanha, aonde o Rei Barbaro os tratou com a im-

pie-

Era vulg.

piedade deshumana, que desejavaõ os soldados ambiciosos de dar por Jesu Christo as suas vidas. Hum filho do Rei, naturalmente commovido dos máos tratamentos feitos a huns homens, que contemplava superiores á classe das outras gentes: persuadio a seu Pai naõ perseguisse huns pobres nús, que com o mundo senaõ embaraçavaõ, e se lhe eraõ perjudiciaes andando no seu Reino livres, os lançasse fora delle. Toma o Rei este conselho, e os envia ao Miramolim fartos de opprobrios, ou para que elle os consuma, ou para que examine no caracter dos Missionarios a solidez da sua doutrina.

Ouve-os o Miramolim, e atiça-lhe o fogo do furor o desprezo com que elles trataõ a sua Lei infame. Multiplicando os tormentos sem poder aballar a constancia, primeira, e segunda vez os lança de Marrocos como a insensatos. Outras tantas voltaõ os professores da ignorancia da Cruz para a darem a conhecer aos Barbaros pela mais alta sciencia, ou para morrerem

por

por ella, ſegundo os movem os impetos do eſpirito, que os governa. Depois de injurias, deſprezos, açoites, e crueldades inauditas, o meſmo Imperador impio por ſuas mãos córta as veneraveis cabeças dos Santos, e arvora cinco Eſtandartes gloriosos na frente da Religiaõ Sagrada dos Menores, que juſtamente ſe honra com eſtes ſeus Proto-Martyres. Entaõ ſe achava em Marrocos o Infante D. Pedro, que teve a gloria de preſenciar eſte triunfo da Fé; e podendo haver as Santas Reliquias, e permiſſaõ do Imperador, veio com ellas a Heſpanha, donde as mandou para Coimbra conduzidas por Affonſo Pires de Arganil, taõ temeroſo do deſagrado de ſeu Irmaõ, que ainda trazendo ao ſeu Reino eſte theſouro, naõ ſe attreveo a vir á ſua preſença. Foraõ collocadas no Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra, aonde tem obrado os milagres, que ſabemos, e parte dellas ſe mandáraõ para o de Lorvaõ á inſtancia da Rainha D. Thereſa, que entaõ vivia neſte Convento.

Era vulg.

1220

Aſ-

Era vulg. Aſſegura-ſe, que eſtes Santos diſſeraõ á Rainha D. Urraca, que morreria, quando as ſuas Reliquias entraſſem em Coimbra. Se elles fizeraõ eſta profecia, o ſucceſſo moſtrou a verdade della no dia tres de Novem-
1220 bro do meſmo anno, em que a virtuoſa Rainha foi a gozar na Patria o premio das ſuas virtudes. He conſtante na tradiçaõ, que os meſmos Santos com grande cópia de Bemaventurados vieraõ celebrar as ſuas Exequias no coro de Santa Cruz á viſta do V. Conego D. Pedro Nunes, que áquella hora eſtava em oraçaõ, e teve o recreio de ouvir recitar Matinas á celeſtial Communidade, que lhe diſſe as applicava por obſequio da ſua gratidaõ em honra da Rainha D. Urraca. Foi ſepultada no Moſteiro de Alcobaça, como diſpozéra na vida, e paſſados 352 annos, quando o Rei D. Sebaſtiaõ quiz ver os cadaveres dos Reis ſeus Predeceſſores, e mandou abrir os Monumentos dos que eſtaõ ſepultados naquelle Moſteiro, o da Raïnha D. Urraca naõ ſó ſe achou incorrupto; mas to-

todo o ſeu ornato ſem alteraçaõ na novidade, e aceio, como ſe entaõ a terra lhe principiaſſe a dar uſo. Era vulg.

D. Affonſo, que no principio do ſeu Reinado, com intençaõ pia, e animo catholico, havia eſtabelecido, e promulgado muitas Leis ſaudaveis para a economia, e felicidade dos ſeus Povos, para as iſenções, e regalias neceſſarias ao Eſtado Eccleſiaſtico, que aſſiſte no meio do Imperio amparado á ſombra do ſeu poder: nos ultimos tres annos delle foi taõ conſideravel a revoluçaõ, e diſcordia entre os dous Poderes, que reduzíraõ o Reino a huma conſiſtencia de calamidade. Entaõ dominava geralmente a ignorancia na noſſa Naçaõ, que entregue toda ao furor, e exercicio das armas, naõ empregava o eſpirito em outros diſcernimentos além daquelles, que lhe propunha a fantaſia, o orgulho, ou as idéas ſimplices dos intereſſes. Pouco mais claras, que as dos ſeculares, eraõ as luzes dos Eccleſiaſticos; e duas economias, que ſe deſcobriaõ com intercadencias continuadas na ordem

Era vulg. dem de ſe conduzir , neceſſariamente haviaõ cobrir de ſombras os objectos mais proprios de brilhar. A claridade da razaõ ſim nos moſtrava , que nos deviaõ cauſar pejo as idéas rudes da alma. Por iſſo neſtes tempos lavramos Leis eſcritas , em que nos impediamos o coſtume antigo de mandar vir defóra do Reino ſugeitos para toda a qualidade de empregos , em que quaeſquer Sciencias houveſſem de ter practica ; mas iſto foraõ Leis de eſtrondo , naõ de verdade ; eſcritas no papel , e o uſo para a obſervancia impoſſivel.

Os Padres Dominicos , e o ſeu Prelado D. Sueiro Gomes , que tinhaõ bebido os principios da verdadeira inſtrucçaõ em outras fontes , quizeraõ regular por elles os ſyſtemas do ſeu governo , e achárаõ o Rei em campo , que lhes embaraçou todos os projectos. O Arcebiſpo de Braga D. Eſtevaõ Soares da Sylva , e outros Biſpos , que liaõ os Livros , deſejavaõ a obſervancia dos Canones , e a integridade da Diſciplina da Igreja ; viaõ

com

com máo ſemblante os abuſos, que Era vulg.
os Officiaes das trópas, e os outros Miniſtros exercitavaõ com auſteridade ſobre o Clero. Os primeiros por ignorancia, e intrepidez obrigavaõ os Padres conſagrados ao miniſterio Santo do Altar a tomar as armas, e marchar na téſta dos exercitos contra os inimigos; os ſegundos forçavaõ os meſmos homens para reſponderem no juizo ſecular; para darem conta das rendas das Igrejas; pagarem dellas tributos, com outros actos ſemelhantes até entaõ naõ viſtos em Heſpanha. Como a maior parte do Eſtado Eccleſiaſtico a nada diſto quizeſſe dar conſentimento voluntario, aquelles Officiaes os obrigavaõ por força; e entendendo o Arcebiſpo de Braga, que tanta reſoluçaõ provinha delles eſtarem municiados com a authoridade Real, que os confortava; elle ſe poem em público, e começa a pezada diſputa, que levou o reſto da vida do Rei, e encheo de conſternaçaõ os ſeus Póvos.

Prin-

Era vulg. Principiou o Arcebiſpo a requerer por meio de huma exortaçaõ pathetica, pia, humiliante, immediatamente feita ao Rei, em que dava por Authores das deſordens ao ſeu Cancellario Gonçallo Mendes, Pedro Annes, e outros Miniſtros intereſſados, pedindo o remedio dellas. Como os rogos do Arcebiſpo de nada aproveitáraõ, as queixas chegáraõ a Roma, e movêraõ o Papa Honorio, que mandou aos Biſpos de Palencia, Tuy, e Aſtorga vieſſem a Portugal, eſgotaſſem todos os meios ſuaves, e
1221 inſinuantes para moderarem o Rei, que já neſte tempo tinha ordenado, ou permitido, que ſe fizeſſem damnos, e injurias graves á fazenda do Arcebiſpo, á ſua Peſſoa ſagrada, que por eſte reſpeito havia deſamparado o Reino. Eſta admoeſtaçaõ paternal, quando o Arcebiſpo tinha já feito ſoar em Portugal o trovaõ das Cenſuras, diſpôz o animo do Rei para huma concordia, que ou a grandeza do imaginado aggravo, ou novas ſugeſtões das peſſoas excommungadas, veio a fazer apparente.

En-

Entaõ Roma, que ſentio illudidos os ſeus bons officios, fulminou contra o Reino a tempeſtade dos raios de interditos, e cenſuras, que enchêraõ os animos de melancolia á viſta dos Templos fechados, dos Officios Divinos ſuſpenſos, dos ſinos mudos, de todos os homens atonitos. Eſtes males, que fizeraõ públicos entre nós os tres Biſpos referidos, vinhaõ acompanhados das ameaças, vulgares naquelles ſeculos do grande poder de Roma, que denunciavaõ ao Rei, como a authoridade Papal eximiria os ſeus vaſſallos da fidelidade, que lhe deviaõ, e faria com que outros Principes lhe entraſſem no Reino, e o deſpojaſſem delle, com outras vozes vivas, que a ignorancia do eſpirito da Religiaõ fazia entaõ eſpantoſas aos ouvidos dos Catholicos. O Rei as percebeo colerico, e mandou reſoluto, que as caſas do Arcebiſpo foſſem arrazadas até aos fundamentos: que o eſpoliaſſem de todo o movel, e fazenda: que as ſuas vinhas, pomares, e quintas ſe entregaſſem ao fogo; o Era vulg.

que

Era vulg. que tudo irrevogavelmente foi executado para chegar a diſputa em Roma aos ultimos pontos da deſordem.

1223 Neſte eſtado ſe achavaõ os negocios do Rei, e do Reino, quando chegou o dia 25 de Março, e nelle a morte a D. Affonſo aos 38 annos de ſua idade; gaſtando a maior parte dos do Governo na diſcordia com ſeus irmãos, alguns em acções glorioſas, os ultimos tres na controverſia, que acabo de referir. Pela ſua muita groſſura foi chamado o Gordo, e o ſeu cadaver enterrado no Moſteiro de Alcobaça, junto ao da Rainha D. Urraca, á qual ſobreviveo tres annos: Principe digno das memorias, e que ſeria mais digno ſe os meios, e fim dos ſeus doze annos de Governo correſpondeſſem ao principio delle.

CA-

LIVRO XIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Sancho II., e IV. de Portugal.

ENTRO na narraçaõ da vida, e acções de hum Rei, que ſendo taõ benemerito, nas pennas dos noſſos Hiſtoriadores naõ o houve mais deſgraçado. Figuráraõ o ſeu modo de viver taõ indigno de hum Principe, como ridiculo o veſtido com que lhe pintaõ de farçante a Mageſtade: quaſi hum Rei de Theatro nas occaſiões, e accidentes. Repreſentáraõ no da Europa taõ impropria a ſua figura, a da Raínha D. Mecia Lopes de Haro, ſua mulher, com tantas propriedades de mais, que os Eſcritores Eſtrangeiros, fazendo parallelo entre as qualidades do coraçaõ do Rei, e as de ſua cha- Era vulg.

Era vulg. chamada mulher D. Mecia, disseraõ, que o coraçaõ delle era baixo com extremo, o della alto com excesso. Depois de ser assim tratada a Pessoa, elles passáraõ aos accidentes della, e da Devisa de *Capello*, que lhe pozeraõ pela piedade com que honrou a insignia de hum Habito santo, o descrevêraõ em trages de ridiculo.

Naõ se contentou a critica, ou a ignorancia, com morder neste Principe em commum as qualidades da pessoa, e o modo de vestir, sem o atacar particularmente na vida, diminuindo-a; no valor, que lho representaõ taõ degenerado do de seus Avôs, que affirmaõ nunca perigára nas armas, nem déra passo na campanha; no estado, em que lhe figuraõ hum casamento, que nunca houve, para o mostrarem sem resistencia ás paixões, que o arrastavaõ. Sobre todos estes pontos, Duarte Nunes de Leaõ disse o que quiz, ou o que acreditou. Pedro de Mariz, que lhe ignorou o principio, e fim da vida, tudo confundio, e em tudo errou, tirando-lhe

sem-

ſem razaõ dous annos de vida. Pelo que reſpeita ao naſcimento de D. Sancho, o Doutor Brandaõ provou com Documentos poſitivos, e com huma Chronologia indiſputavel, que naſceo no anno de 1202, e que tinha quaſi vinte quando entrou a reinar por morte de ſeu Pai. Derrotar os outros erros a reſpeito do reſtante da vida de D. Sancho depois de Rei; eſcrever as acções glorioſas, que nella obrou, e o fazem benemerito de occupar huma das praças diſtinctas entre os Principes ſublimes; naõ eſconder alguns defeitos, que teve de homem, tudo vou a tratar com a verdade conſtante, que he a alma da Hiſtoria. Era vulg.

Chamáraõ a D. Sancho o *Capello*, e com eſte nome a ignorancia, naõ ſó profanou o ſagrado do habito; mas quiz com elle provar calumnioſa o eſpirito abatido, a frouxidaõ indigna do Monarca, que para ter aquella Deviſa, naõ houve mais motivo, que o coſtume piedoſo daquellas idades. Vivia nellas o grande Padre S. Franciſco, e eſtabelecendo a ſua Ordem Ter-

Era vulg. ceira, exemplar de todas as mais, que depois approvou a Igreja; as pessoas, que a professavaõ, traziaõ da parte de fóra o Capello do Habito; costume, que depois foi prohibido pelos Capitulos Geraes. Os Principes naõ se desprezavaõ de authorizar a magestade da Purpura com esta marca humilde; e entre os muitos, de que varios Authores fazem memoria, se distinguiaõ naquella idade S. Luiz, Rei de França, e o nosso D. Sancho, por esta razaõ sómente chamado o *Capello*. Laclede achou, que o habito era o de Santo Agostinho; mas enganou-se.

Imaginaõ os nossos Chronistas casado ao Rei D. Sancho por instancias dos seus validos, que queriaõ Rainha favoravel aos seus interesses; mulher, que podessem mandar, naõ Princeza a quem houvessem de obedecer: com D. Mecia Lopes de Haro, já viuva de D. Alvaro Pires de Castro, filho de D. Pedro de Castro, o Castalhano, e figuraõ huma desigualdade notavel de pessoas, que fazia o casamento improprio para hum Rei. Esta he

a primeira ignorancia de alguns dos nossos Escritores; porque D. Mecia naõ era de sangue taõ pouco alto, que D. Sancho se abaixasse com o seu casamento, a ser elle verdadeiro. Ella foi filha do Conde D. Lopo Dias de Haro, o cabeça brava, XI. Senhor, e Soberano de Biscaia, e de sua mulher a Condeça D. Urraca, filha do Rei Affonso IX. de Leaõ. Depois o sobrinho de D. Mecia, que nasceo de seu irmaõ D. Diogo Lopes de Haro, e se chamou como seu Pai, casou com a Infante D. Violante, filha do Rei D. Affonso o Sabio, e da Rainha D. Violante, filha de Jaime I. Rei de Aragaõ. Qualidade semelhante era a de D. Alvaro Pires de Castro, primeiro marido de D. Mecia, que acompanhando a sua da rara formosura, de que a dotou a natureza, naõ deve ser imaginada com desigualdade taõ notavel, que deshonrasse a D. Sancho, se a recebesse por mulher. Era vulg.

A idéa do casamento feito pelas intrigas dos Privados, e crido assim pela simplicidade, deo occasiaõ a di-

Era vulg. zer-ſe, que ella agradecida ao beneficio, que devia áquelles homens, que a fizeraõ mulher de hum, ſendo taõ deſigual: ella lhes fomentava os roubos, violencias, ſacrilegios, impiedades, com que revolviaõ a República, obrigada a tolerrallos ſem remedio, nem refugio; porque a Rainha era a fautora, e o Rei hum inſenſato. Com tudo, os Authores do erro ſuppoem aos Portuguezes ſem paciencia para ſoffrer deſordens deſte caracter, e figuraõ a Reimaõ Viegas Portocarreiro, hum Fidalgo de Entre-Douro e Minho, plantado na téſta de muitos deſcontentes, entrar pela Corte, chegar ao Paço, prender a Rainha, e metella no Caſtello de Ourem; tudo com impreſſaõ taõ pouco ſenſivel de D. Sancho, que no acto do roubo, nem depois delle teve corage para recobrar ſua mulher, quando ella lhe naõ faltou para reſiſtir depois ao irmaõ nas pertenções do Reino. Outros o perſuadem puchando hum corpo de trópas até aviſtar os muros de Ourem, para debaixo delles pe-

pedir humilde lhe reſtituiſſem ſua mulher pelo amor de Deos: que reſpondendo-lhe a caridade, que demandava, com ſettas, pedras, outros inſtrumentos de arremeço, o Rei ſe retirára choroſo, e elles para ſe livrarem de outros requerimentos ſemelhantes, e naõ ſe exporem a que a compaixaõ os moveſſe, ſe foraõ com a Rainha para Caſtella, donde naõ voltára mais a Portugal. Era vulg.

Bem ao largo organiſa Duarte Nunes eſta quimera logo no roſto da vida deſte Rei, na ſua penna infeliz. Porém o Doutor Brandaõ, que nos moſtra naõ fazer caſo algum da grande authoridade do Conde D. Pedro, hum dos fautores deſte erro, quando ella ſe encontrava com a verdade; jarreta, córta, degola a credulidade facil dos outros Authores, que occupados do eſpirito dos ſeus antigos, eſcrevêraõ as meſmas monſtruoſidades, que elles ſonháraõ. Neſte Eſcritor judicioſo da noſſa Hiſtoria, Tomo IV. Capitulo XXXI. do Livro XIII.; no Catalogo das Rainhas do

ſe-

Era vulg. ſevero D. Joſé Barboſa de paginas 161 até 213 ſe podem vêr as razões ſolidiſſimas, os Documentos irrefragaveis, com que elles derrotaõ a fabula do caſamento de D. Sancho com D. Mecia, e por conſequencia os mais ſucceſſos injurioſos á Mageſtade, que ſendo forjados em cerebros ocos, eſmagáraõ as cabeças mociças de homens ſólidos, que nos embaraçáraõ nas meſmas duvidas, em que elles fluctuáraõ.

Deixadas eſtas queſtões já convencidas neſtas idades melhor illuminadas, eu continúo a moſtrar o Rei D. Sancho tomando poſſe do ſeu Reino, que no tempo da morte de ſeu Pai ſupportava as concuſsões terriveis, que nelle havia agitado o eſpirito da diſcordia. Tantos damnos, perdas, e injurias feitas aos Infantes, e Rainhas, Tios do novo Rei, ao Arcebiſpo de Braga, e a todo o Eſtado Eccleſiaſtico; ellas cauſavaõ no animo piedoſo de D. Sancho movimentos de tanto eſcrupulo, que ſem as reſtituir, naõ podia achar doçura na ſuavidade do

Sce-

Sceptro. Todos os prejudicados ſe uniraõ reſpeitoſos para repreſentarem reverentes ao Rei a ſua juſtiça; compromettendo-ſe na ſua equidade, para que ella meſma foſſe Promotor, e Juiz nas ſuas cauſas. Como no fim do Reinado de ſeu Pai, elle de tudo fora teſtemunha, fez hum merecimento eſpecial de reſtituir ao Arcebiſpo, quantos damnos haviaõ as trópas cauſado nos territorios do Arcebiſpado, e nos ſeus bens patrimoniaes. Pelo que reſpeitava aos Juizes Seculares, como no tempo da confuſaõ elles haviaõ uſurpado a juriſdiçaõ Eccleſiaſtica, e arrogado os direitos, de que já mais tiveraõ poſſe: O Rei ſuſpendeo eſta uſurpaçaõ por huma Lei, que fez publicar a favor dos Eccleſiaſticos, e os reſtabeleceo na poſſe pacifica dos ſeus direitos, uſos, e coſtumes antigos. Era vulg.

Eſtas controverſias com a Igreja foraõ cauſa do Rei D. Affonſo naõ deixar decidido o pleito com ſuas Irmãs as Rainhas Santa Thereſa, e Santa Sancha, que ſeu ſobrinho naõ quiz

de-

Era vulg. demorar, e ordenou, que ao meſmo tempo ſe determinaſſe, como quem queria, que o ſeu ſe reſtituiſſe a ſeu dono. Para eſte effeito, a natural inclinaçaõ de D. Sancho a eſtimar mais a verdade, que os intereſſes, reſolveo, que ſuas Tias gozaſſem o uſo fructo de Alemquer, Monte-Mór, e mais Praças, que ſeu Pai lhes deixára; que além diſto lhes pagaria huma penſaõ vitalicia eſtabelecida em fundo certo, conforme a propoſta, que no Reinado de ſeu Pai lhes tinha ſido feita. Porque tantas offertas para as Rainhas taõ vantajoſas naõ pareceſſem quimericas, D. Sancho ſe quiz empenhar mais, authoriſando-as com o ſagrado do juramento, e promettendo nelle, que as faria cumprir com a ultima exactidaõ, para tirar ás Princezas, e ao Reino todo o aſſumpto de murmuraçaõ, e de queixa.

Depois deſtas primeiras acçǒes magnanimas do Principe, que nos quizeraõ perſuadir ſem eſpirito, e falto de intelligencia, immediatamente ſe lançou elle a outra, que he das mais

di-

dignas da Mageftade. Nas primeiras, Era vulg.
quiz D. Sancho formar hum Regulamento, que marcaffe o refpeito, que he devido á Igreja de Jefu Chrifto; que intereffava a memoria de feu Pai, e a tranquilidade de fuas Tias Santas. Agora na fegunda determinou eftabelecer conftante a reputaçaõ propria. Marchou a vifitar em peffoa as Comarcas principaes do Reino para fer teftemunha dos defconcertos, que neceffitaffem de prompto remedio, e applicar-lho. Fez novas Ordenanças a refpeito dos direitos, que fe levavaõ nas terras doadas pelos feus Predeceffores aos particulares para as cultivarem; e como os abufos, que até entaõ fe practicavaõ nefta materia eraõ muito grandes, o illuminado D. Sancho fez efcrupulo igual fenaõ os atalhaffe no mefmo inftante de os conhecer.

Na continuaçaõ defta vifita do 1224
Reino, D. Sancho fe aviftou no Sabugal com feu primo D. Fernando, Rei de Caftella, que fummamente fatisfeito da concordia celebrada com as

Rai-

lira vulg. Rainhas, tratáraõ os ſeus negocios com goſto reciproco, e D. Fernando deo a palavra, que exactamente cumprio, de lhe mandar entregar o Caſtello de Chaves, que os Leonezes nos tomáraõ, quando ſoccorrêraõ a Rainha D. Thereſa, e conſervavaõ em ſeu poder para maior ſegurança da peſſoa da meſma Rainha. D. Sancho para fazer mais conſtante a próva do reſpeito, e veneraçaõ para com as virtudes, e peſſoas de ſuas Tias, tomeu debaixo da ſua protecçaõ os Moſteiros de Coimbra, Cellas, e Alemquer, que ellas haviaõ fundado. Depois que o novo Rei executou eſtas acções pias, juſtas, heroicas, e illuminadas nos negocios Eccleſiaſticos, e Civís do ſeu Reino; determinou empregar o valor no exercicio das armas, para onde o chamava a inclinaçaõ propria, o exemplo dos ſeus paſſados, e que contra o commum ſentir dos noſſos Hiſtoriadores antigos, vou já a tratar no Capitulo ſeguinte.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Das emprezas militares do Rei D. Sancho II.

AS acções do noſſo Principe haveriaõ merecido eſtimaçaõ, e louvor, 1225
ſe aquelles que eſcrevêraõ a ſua Hiſtoria, tiveſſem feito ſobre ellas huma reflexaõ ſéria. Porém a maior parte daquelles juiſos, longe de ſe applicarem á averiguaçaõ da ſua probidade, e virtudes, fizeraõ aſſumpto de o tratar por hum Rei covarde, quaſi dementе. Como reputaçaõ ſemelhante de ſórte alguma convem ao caracter de hum Soberano bravo, e polido; vou a deſpir-lhe o Capello de Franciſcano, de que a ſua piedade o veſtio, e ornallo com os armamentos de ſoldado, que aos olhos dos Barbaros o moſtráraõ terrivel. Ainda naõ tinha dous annos de Rei, e apenas contava vinte e dous de idade, quando neſta figura, ſe poſtou na frente das ſuas trópas, á face das dos inimigos. Se

Duar-

Era vulg. Duarte Nunes aſſim o víra naõ diſſera, que naõ cuidava dos negocios do Reino; que era inhabil para o adminiſtrar; que deixava viver os vaſſallos á vontade; que tudo provinha da ſua brandura, e ſimplicidade, da malicia dos ſeus Conſelheiros, dos ſeus Validos; e que fora hum Rei, que nunca teve guerra com Chriſtãos, nem com Mouros.

O illuſtre Polaco, e ſabio Dominico Abrahaõ Bzovio, que na aſſiſtencia da Biblioteca do Vaticano ſe encheo de luzes para illuminar os Annaes de Baronio, he o primeiro, que nos fez ſaber, como neſte anno de 1225 o Rei D. Sancho ſe occupava na guerra contra os Mouros. Diz eſte Author, que pelo muito que D. Sancho obrou nella, que naõ cedia em nada ao que ſe tinha feito nos Reinados precedentes, o Papa Honorio III. o enchêra de louvores, o recebêra na protecçaõ da Santa Sé, e o tratára com expreſsões gratas pelos ſerviços, que fazia á Igreja no abatimento dos inimigos da Fé. Entrou com hum exer-

ercito poderoſo pela Provincia de Era vulg.
Alem-Téjo ; pondo a ferro, e fogo quanto pertencia aos Mouros até a Praça de Elvas, que elles com outras terras haviaõ recobrado. Deſta primeira invaſaõ, e dos eſtragos, que nella fez D. Sancho nas Povoações, e campos dos Infieis, com que voltou rico, e bem reputado para a ſua Corte, dá noticia honrada, ainda que breve D. Lucas, Biſpo de Tuy : que a memoria poſthuma do noſſo D. Sancho he mais obrigada aos Eſtrangeiros, que aos ſeus nacionaes, e vaſſallos.

Seguio-ſe á authoridade deſtes dous homens grandes, que próvaõ a guerra do anno de 1225, outra em nada inferior, qual he a do Arcebiſpo de Toledo D. Rodrigo Xemenes, que vivia neſtes tempos, e individua as
conquiſtas, que D. Sancho fizèra em 1226
peſſoa o anno ſeguinte na meſma Provincia áquem, e além do Guadiana. O empenho com que o Santo Rei D. Fernando de Heſpanha opprimia os Barbaros, lhes conquiſtava as melhores

Era vulg. res Praças, e hia tirando a eſperança do ſeu eſtabelecimento entre nós; foraõ eſtimulos fortes, que ſegunda vez movêraõ o noſſo Rei a voltar ao Alem-Téjo para aperfeiçoar, com a tomada de Elvas, a obra, que havia começado. Todos os Ricos-Homens, e Fidalgos, o Arcebiſpo de Braga D. Eſtevaõ Soares, para ſe moſtrar officioſo ao Principe, que com tanta magnanimidade lhe honrára o caracter, com tanto deſintereſſe lhe reſtituíra os damnos; quiz ſer hum do número dos ſobreditos, e acompanhar ao Rei neſta empreza. O ſitio de Elvas, pelo muito que teve de vigoroſo, deixou de ſer largo; e cedendo a contumacia dos cercados á violencia dos aſſaltos dos cercadores, no principio de Julho já os noſſos eſtavaõ Senhores da Praça, que leváraõ de aſſalto.

Do modo por que o Arcebiſpo D. Rodrigo trata eſta expediçaõ de D. Sancho ſe infere, que na meſma campanha ganhou as Villas de Jurumenha, Serpa, e Moura; mas nós hiremos vendo no fio da Hiſtoria a ordem deſ-

destes successos. Que D. Sancho distinguisse os valerosos Fidalgos, que no sitio cumpríraõ com os deveres da honra, se próva com a doaçaõ, que no mesmo anno fez a Affonso Mendes Sarrachines dos direitos, que lhe pagavaõ no Couto de Paredes, declarando na Carta: Que lhe fazia esta mercê em attençaõ aos grandes serviços, que lhe fizera principalmente em Elvas, aonde entrára nas Cavas expondo-se a perigo de morte por seu respeito. Assim remuneraria outros homens de igual caracter, e valor, que o Rei chamado insensato sabia conhecer, e premiar. Poucos annos depois passou D. Sancho á Cidade o mesmo Foral da de Evora, e declara nelle, que com as suas armas ganhára Elvas aos Mouros; mas como os nossos Escritores dos outros seculos, em que só o ruido das espadas, e das lanças fazia ecco sonoro, naõ se applicavaõ a ouvir as vozes de historias estranhas, nem se entretinhaõ em revolver as antiguidades veneraveis, que guardavaõ os Archivos; por isso nas suas

Era vulg.

idéas

Era vulg. idéas foi D. Sancho hum Rei taõ covarde, que nunca a Chriſtãos, nem a Mouros fez a guerra.

1227 Neſte anno morreo o Papa Honorio III. que tanto tinha trabalhado nos negocios de Portugal eſtes dous Reinados, e deixava os da Igreja em eſtado triſte pelas deſavenças pezadas, que antes ſe ſuſcitáraõ entre ella, e o Imperador Frederico II. agora mais aggravadas pelas cenſuras, que Honorio fulminára contra elle. O noſſo Eſtado Eccleſiaſtico eſtava entaõ em ſummo ſocego pela boa harmonia do Rei com o Arcebiſpo D. Eſtevaõ, e pelos eſtimaveis Prelados das outras Dioceſes. Na do Porto fallecêra neſte anno o ſeu Biſpo D. Martinho, que teve por Succeſſor a D. Juliaõ primeiro do nome. Na de Lisboa ainda governava D. Sueiro, o que rendeo Alcacere, que indo a Roma encarregado dos negocios do Rei D. Affonſo II. teve nella amizade com S. Boaventura, que nos fornece huma das próvas evidentes, de que elle naõ tinha o nome de Matheus, como lhe chamaõ

os

os nossos Chronistas; porque na vida Era vulg.
de Santo Antonio, que escreveo, diz,
que a maior parte daquellas noticias
lhas communicára em Roma o Bispo
Sueiro. Nos mais Bispados havia Prelados
benemeritos, que com fervor,
e zelo cuidavaõ em dar ás suas ovelhas
pastos saudaveis, e todos sustentavaõ
em paz formosa a unidade da
Igreja Lusitana.

Conservaõ-se entre nós memorias, 1230
que apontaõ alguns dos nossos Modernos,
especialmente o Doutor Brandaõ,
pelas quaes consta, que nestes
annos continuava o Rei D. Sancho a
guerra contra os Mouros, e fizera a
Praça de Elvas Quartel General da
Provincia do Alem-Téjo, que era o
theatro della. Tem toda a probabilidade,
que entaõ fora a conquista de
Jurumenha, e Serpa, que os Mouros
defendêraõ o mais largo tempo, e mais
vigorosamente, que elles podéraõ;
mas o Rei constante, e valeroso as
reduzio á sua obediencia. Houve de
parar este curso feliz das suas victorias
por occasiaõ das perturbações, que

Era vulg. sobrevieraõ ao Reino de Leaõ com a
morte do Rei D. Affonso IX. que no
1231 tempo que esteve casado com a nossa Infante Santa Theresa houve della as duas Infantes D. Sancha, e D. Dulce; e depois de separado daquella Princeza em razaõ do parentesco, tornou a casar com D. Berenguela, que o fez Pai do Santo Rei D. Fernando, que já neste tempo era Rei de Castella.

A disposiçaõ que D. Affonso fez dos seus Estados em favor das duas Infantes com prejuiso do Santo Fernando pouco amado de seu Pai, perturbou a tranquillidade da Familia, e traçava huma discordia, que derrotaria o repouso dos dous Reinos de Leaõ, e Castella, sem que deixasse de tocar a Portugal huma grande parte destes nublados. D. Fernando da sua propria equidade fazia assumpto para mostrar o seu direito com preferencia ao das Infantes por Principe Varaõ, e Successor ao Throno. As Infantes armavaõ-se com o testamento de seu Pai, que queriaõ sustentar válido, e de-

fen-

fendello. A importancia deſte grande negocio, que já agitava os eſpiritos de ambos os Reinos, pedia as attençóes do de Portugal, e D. Sancho naõ quiz demorar o effeito dellas. Para determinar as differenças antes de chegarem a rotura, elle diſpôz, que ſua Tia a Rainha Santa Thereſa paſſaſſe a Valença do Minho para tratar dos intereſſes das Infantes ſuas Filhas com a Rainha D. Berengueſa, Mãi do Santo Fernando. Da ſua parte mandou ás Cortes os Miniſtros mais habeis a offerecer a ſua mediaçaõ para o ajuſte amigavel de hum negocio taõ critico. Tudo conſeguio a prudencia de Thereſa, e Sancho, que fazendo ſuſpender a effuſaõ de ſangue, conviéraõ em que D. Fernando ficaſſe com o dominio do Reino, e as Infantes com ſenhorios, e rendas correſpondentes ao ſeu alto caracter. Era vulg.

Deſembaraçado D. Sancho deſte negocio, no anno ſeguinte renovou a guerra contra os Mouros no Algarve com ſucceſſos em nada menos glorioſos, que os das campanhas preceden- 1232

Era vulg. tes. Encarece Bzovio na Hiſtoria deſte anno a deſmedida corage com que D. Sancho ſe lançou ſobre os Barbaros, as conquiſtas que fez no Algarve, e os muitos cativos Chriſtãos, que livrou dos ferros da eſcravidaõ. Levantou D. Sancho naquelle Continente montuoſo o Eſtandarte da Cruz ſobre as ruinas dos altares profanos, que purificou dos ultrajes, que ſe haviaõ feito a eſte Symbolo do Chriſtianiſmo: zelo ſanto, que fez a impreſſaõ devida no Papa Gregorio IX. para encher de bençãos, derramar elogios ſobre o Principe, que nas ſuas acções memoraveis igualava, e unia a piedade, e a corage. Nos mais annos, que ſe ſeguíraõ até o de 1235 ſabemos, que D. Sancho naõ deſiſtio da guerra; mas ignoramos os ſucceſſos della, porque o Arcebiſpo D. Rodrigo, que a refere, o faz com tanta brevidade, que nem calcula os tempos, nem individua os caſos.

1235 No principio do dito anno foi tomada Aljuſtrel no Campo de Ourique, Mertóla, e Juſtiel, que dizem ſer

ſer emprezas do valor do Meſtre D. Era vulg.
Paio Peres Correa, e a Doaçaõ dellas á Ordem de Sant-Iago feita pelo Rei D. Sancho. Depois entrou eſte 1236
no Alem-Téjo talando os campos pelas partes de Portalegre, de Monforte, e entaõ parece que ganhou a Praça de Arronches, que doou ao Moſteiro de Santa Cruz de Coimbra. Porém tantas vantagens das armas de D. Sancho foraõ interrompidas pela renovaçaõ da controverſia com os Eccleſiaſticos, que com o poder, e ju- 1237
riſdiçaõ enfraquecidos, foſſe pelas uſurpações, que lhes haviaõ feito, foſſe por cauſa das deſordens da guerra; ſerviraõ-ſe deſta occaſiaõ para reſtabelecerem os ſeus direitos a expenſas meſmo da juriſdiçaõ ſecular. Como para eſta ſorpreza ſurtir effeito ſe neceſſitava da authoridade Real; dirigíraõ ao Rei muitos requerimentos, em que ſe queixavaõ dos Juizes Seculares, que com o pretexto de buſcarem culpados, os ſeus Officiaes lhes entravaõ pelas caſas, e ſobre lhes ultrajarem o reſpeito, roubavaõ dellas o que

que-

Era vulg. queriaõ. Extremamente ſe affligio D. Sancho com eſta demanda, a que a ſua piedade deſejava dar o prompto remedio, que prometteo aos Eccleſiaſticos na conſervaçaõ das ſuas immunidades. Foi principal inſtrumento da
1238 concordia o Arcebiſpo de Braga D. Sylveſtre, Succeſſor do memoravel D. Eſtevaõ Soares, que com a ſua prudencia moveo o Rei a dar as demonſtrações mais públicas de veneraçaõ á Igreja, como conſta do Decreto, que elle entaõ mandou lavrar, encaminhado ao meſmo Arcebiſpo.

CAPITULO III.

Continua-ſe com as emprezas militares, e outros progreſſos da vida do Rei D. Sancho.

1239 DÁ occaſiaõ para a probabilidade da conquiſta de Mértola, e Alfajar de Pena a Doaçaõ, que deſtas Villas fez o Rei D. Sancho no anno citado á Ordem de Sant-Iago, para que eſtabelecendo-ſe no ſitio vantajoſo da pri-

mei-

meira podesse dilatar com commodo as suas correrias, já para as partes do Alem-Téjo, já para as de Andaluzia, e Algarve. A este ultimo Reino mandou com consideravel reforço de trópas ao Mestre D. Payo Peres Correa para impedir as hostilidades, que os Mouros faziaõ no Paiz. Ellas eraõ taõ geraes, que naõ havia lugar illeso; e as exacções dos Barbaros tinhaõ tanto de frequentes, e de fortes, que naõ se conhecia alguem em estado de as satisfazer. Como os impios naõ se pagavaõ desta impotencia, e a sua avareza naõ se enchia, usavaõ de todos os generos de violencia, e castigavaõ a pobreza como delicto. Huma tal consideraçaõ no animo pio de D. Sancho o moveo a seguir os passos do Mestre D. Payo com todas as forças de mar, e terra para tomar conta aos Mouros das suas iniquidades. Naõ presumiaõ, que o Rei fosse em estado de passar os montes com tantas forças, e quando as viraõ descer, se entrincheiráraõ nos lugares fortes, deixando-nos livre toda a campanha.

Era vulg.
1240

Ca-

Era vulg. Cahio o primeiro golpe das armas sobre as Praças de Cacela, e Ayamonte, que sucessivamente se rendêraõ, e o Rei doou á Ordem de Sant-Iago.

Os cavalleiros, gratos a tantos beneficios do Rei D. Sancho, tomáraõ á sua conta a guerra do Algarve, e sahindo de Cacela com hum moço do mesmo Paiz, chamado Garcia Rodrigues, foraõ penetrando a terra, e depois de combates fortes dados á Cerca do Lugar de Estombar, a rendêraõ, e depois a Villa de Alvor. No mesmo anno marchou o Mestre D. Payo de Cacela á conquista de Paderne; mas sendo esperado no caminho por grande número dos Mouros de Tavira, Faro, e Loulé teve de os
1242 atacar em duas batalhas. Na primeira os venceo, e fez largar o campo com a perda de muitos mortos. Na segunda, mais reforçados os Barbaros, sustentáraõ o campo com desmedido valor o dia inteiro, até que a noite os separou, e ambos os partidos bem cortados, escolhêraõ pelo melhor recolher-se ás suas Praças.

De-

Depois deſtas refregas, as trópas do Rei de tal sórte segurárão o Paiz, que os Mouros, não só se recolhêrão ás suas trincheiras; mas pedirão ao Grão-Meſtre as tregoas de alguns mezes, que forão concedidas. Fiado nellas o Commendador D. Pedro Rodrigues com os Cavalleiros Mem do Valle, Durão Vaz, Beltrão de Caya, Alvaro Garcia, e Eſtevão Vaz, sahírão de Cacela a divertir-se no entretenimento da caça em hum ſitio junto a Tavira, que ainda hoje chamão as Andas. Os Mouros, que entendêrão desprezo a acção honeſta dos Cavalleiros obrada no meio da paz, vão nos seus alcances em grande número, resolutos a tirar-lhes as vidas, que determinão vender bem caras. No aperto do tempo fizerão huma debil trincheira, e despedindo hum criado com aviso ao Meſtre D. Payo do lance, em que eſtavão mettidos, esperárão os Mouros, que atacárão a trincheira furiosos. Acaso paſſava de Faro para Tavira o mercador Simão Rodrigues, que traficava com os Barbaros Era vulg.

Era vulg. de ambas as Cidades ; e vendo o perigo em que se achavaõ os Cavalleiros, preferindo a gloria de morrer entre elles ao amor da ganancia ; abandona aos criados as riquezas, que conduzia, e lançando-se ao palanque, bastou a gentileza da acçaõ para redobrar aos Cavalleiros a corage. Defendiaõ como Leões acoçados, em quanto o Mestre D. Payo marchava a todo o galope em seu soccorro, taõ occupado em salvar os seus camaradas, que atravessando pelo meio da Praça de Tavira, teve em menos fazer-se senhor della, que perder huns Cavalleiros de tanta honra, e foi em demanda do lugar do combate.

Quando D. Payo chegou a elle já os bravos Heróes haviaõ deixado as vidas nas mãos da desigualdade das forças, taõ rotos de feridas, que a compaixaõ convertida em furor, determinou vingar as mortes innocentes com golpes iguaes. Os Mouros, que ainda estavaõ no campo, e naõ tinhaõ outro partido, que o de se bater, os foraõ sentindo taõ pezados, que houvé-

véraõ de buſcar os muros da Praça para lhos interpôr como reparo; mas o Mouro Abem Fulula, que a governava, para que os noſſos naõ entraſſem com elles de envolta, fechou as portas ſobre os fugitivos, que ficáraõ ſendo alvo do furor, em que degenerára a colera juſta dos noſſos. De nada ſervio eſta prevençaõ advertida ſobre o valor eſtimulado, que arrojando-ſe a hum poſtigo, que ſe abrira para ſalvar por elle alguns dos acoçados; os cavalleiros o arrombáraõ, e entráraõ na Praça, que allagáraõ com o ſangue de todos os viventes, que havia nella. Seguio-ſe ao caſtigo dos Barbaros ſepultar na meſma Cidade os ſete cadaveres no lugar, que até ao preſente he em Tavira reſpeitado com veneraçaõ pia. Era vulg.

Informado D. Sancho da tomada de Tavira, e das gentilezas, que os cavalleiros de Sant-Iago obravaõ em ſeu nome na conquiſta do Algarve, lhes deo a propriedade da Cidade conquiſtada para lhes remunerar a perda de vidas, e fazenda, que nella tinhaõ

deſ-

Era vulg. despendido. Esta acção do Rei pareceo taõ louvavel ao Papa Innocencio IV. que confirmou a Doaçaõ por huma Bulla, que elle mesmo mandou de Roma ao Graõ-Mestre da Ordem. Depois de presidiada a Praça, naõ quiz D. Payo Peres perder a conjuntura de se aproveitar da consternaçaõ, que a sua tomada causára no resto das outras, que desta parte do Guadiana ainda conservavaõ a voz dos Mouros. Marcha outra vez sobre Paderne, donde envíou hum grosso destacamento a Estombar, que Aben-Afan, Rei de Silves, intentou sorprender. D. Payo, informado desta saida do Rei Aben, a toda a pressa se apresenta sobre Sylves com todas as suas forças, que se apoderáraõ das portas da Cidade para esperar a volta de Aben-Afan. Chegou elle a que ainda hoje se chama da Azoya, e tocou na repartiçaõ á mesma pessoa de D. Payo, que com valor desmedido se lançou sobre o Barbaro para ser a victoria toda sua.

Como ella se declarava á favor das armas Christãs, os Mouros da Praça, pa-

para ſalvar o ſeu Rei, abrírað as pórtas; mas andando já as tropas confundidas com a força da refrega, humas, e outras entrárað na Cidade combatendo, e acabárað nas ruas a batalha, que começára no campo. O Rei Aben-Afan, vendo tudo perdido, quiz dever a vida á ligeireza do ſeu cavallo, que ao paſſar o rio, ſe affogou com o dono no pégo, até ao tempo preſente, chamado de Aben-Afan, pouco diſtante da Cidade. A ultima empreza de D. Payo Peres no Algarve foi a tomada de Paderne: conquiſtas todas, que fez como General do Rei D. Sancho com as ſuas trópas, e os Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, ſendo até eſte tempo ſómente Commendador de Alcacere do Sal, ſem que para as ditas conquiſtas houveſſe, nem ſe neceſſitaſſe permiſſað do Rei de Caſtella. No anno poſterior a eſtas expedições he que a reputaçað de D. Payo fez, que foſſe chamado áquelle Reino para ſe lhe conferir a Dignidade de Grað-Meſtre, que entað ſó havia em Caſtella, e a elle eſtavað ſugei- Era vulg.

gei-

Era vulg. geitos os Cavalleiros de Portugal. Mas se como querem alguns, D. Payo foi eleito Graõ-Mestre immediatamente depois da tomada de Tavira, outros presumem, que ou elle naõ passou logo para Castella, ou que se o fez, a conquista de Sylves naõ he obra sua.

Das Historias daquelle Reino sabemos nós, que D. Payo, eleito Graõ-Mestre, immediatamente passou a servir na guerra de Andaluzia com o Rei D. Fernando, e que fora hum dos instrumentos principaes da conquista dos Reinos de Murcia, Jaen, e Sevilha. Esta verdade he taõ constante, e que o Mestre no anno de 1243 já servia em Castella, que nelle, por seu concelho, o Infante D. Affonso, filho do Santo Fernando, foi tomar posse do Reino de Murcia, que o Rei Mouro lhe mandou offerecer, sem para isso pedir permissaõ a seu Pai, que se achava em Burgos, e mostrou grande complacencia do que seu filho, e o Mestre obráraõ nesta empreza. Donde fica evidente, que as expediçoes feitas no Algarve pe-

pelo Portuguez D. Payo Peres Correa, naõ foraõ serviços, que elle fizesse ao Rei de Castella por ordem sua; mas ao de Portugal D. Sancho, que se achou em algumas, de quem D. Payo era vassallo, e Commendador no seu Reino, com as trópas do mesmo D. Sancho, e authoridade sua, sem dependencia, ou licença dos Reis de Castella, porque o direito da nossa conquista sobre os Mouros era igualmente illimitada, e livre. Era vulg.

Ao mesmo tempo que glorioso nas armas, D. Sancho naõ se quiz privar da gloria de zelador da Religiaõ; amparando os filhos dos Patriarcas S. Domingos, e S. Francisco, que achára no seu Reino com estabelecimento pouco firme. Este Principe lhes fez muitas gratificações, aonde a sua piedade naõ tinha menos parte, que a sua profusaõ: Liberalidade pia, de que se fizeraõ participantes as Rainhas D. Theresa, D. Branca, e D. Mafalda. Aos primeiros daquelles Religiosos, que viviaõ nos Conventos de Montejunto, e de Montiraz, destinou, e man-

Era vulg. dou edificar o de Santarem, logo o de Lisboa, e depois o do Porto, para que as ſuas virtudes eſcondidas no hermo, ſerviſſem de exemplares aos moradores deſtas Povoações principaes do ſeu Reino. Nada menos fervoroſas as ſuas demonſtrações para com os Franciſcanos de Lisboa, Alenquer, e Guimarães, que dilatou com a fundaçaõ do Convento do Porto. Mas as perturbações, o ruido do Reino, já naõ nos conſentem ouvir com ſocego o eſtrondo do valor, e magnificencia do noſſo Rei D. Sancho, que como exemplar primeiro entre nós, he attrevida, e miſeravelmente ſacrificado aos intereſſes de hum Irmaõ audaz, e ambicioſo, e á liberdade de huns poucos de vaſſallos dyſcolos, e rebeldes: Aſſumpto laſtimoſo, para que já me convida a Hiſtoria.

1245 No meſmo tempo feliz, e vantajoſo das armas de D. Sancho, elle começou a ſentir as deſordens, que ameaçavaõ o reſto dos annos do ſeu Reinado. Entrou a diviſaõ pelo meio dos Grandes, e foi taõ forte, e obſti-

na-

nada, que aſſolou as noſſas Provincias do Nórte. Os Póvos igualmente vexados pelos differentes partidos, foraõ as victimas deſte furor civil, que os Miniſtros eſquecidos da dexteridade, trabalhavaõ por occultar ao Rei. Naquellas Provincias tomou a ſediçaõ tanto corpo, que chegou a rotura manifeſta, e em hum choque junto ao Porto, em que ſe batêraõ os partidos de Rodrigo Sanches, filho baſtardo do Rei D. Sancho I. e de Gil de Soveroſa, ficou morto aquelle eſtimavel Principe, que tinha dado todas as próvas de bom Cavalleiro. Além diſto as chammas da diſcordia dos Miniſtros Eccleſiaſticos com os Civís, ainda conſervava com muito calor as cinzas: os primeiros deſcontentes do modo por que os ſegundos faziaõ ſe conduziſſe o Rei; e inexoraveis em conſervar, e avançar os intereſſes, e regalias, cuidáraõ em prevenir o Papa para o terem favoravel nos acontecimentos futuros, que já premeditavaõ. Era vulg.

He verdade que nós naõ deixamos de ſaber, que a deſprezo dos

Era vulg. conſelheiros prudentes, D. Sancho ſe guiava por huns poucos de intereſſados, que ſe embaraçavaõ ſó no que lhes convinha, ſem lhes fazerem impreſſaõ as pertuarbações do público, de que naſcia eſquecer o merecimento, fazer-ſe pouco caſo dos ſerviços, e os favorecidos com hum poder igualmente ſoberano, e injuſto, empregarem toda a attençaõ nas ſuas creaturas. Quaſi geralmente ſe viaõ triunfar da verdade, e da boa politica, derramados, e impunidos, a liſonja, o odio, a injuſtiça, o luxo, e a profuſaõ. Os Póvos opprimidos queriaõ apreſentar ao Rei os ſeus Memoriaes; mas achavaõ as portas fechadas, ou os ouvidos de D. Sancho preoccupados de rumores eſtranhos. Eſtas deſordens parecia impoſſivel deixarem de produzir muito máos effeitos no ſeu Reino em humas idades, que cingidas da ignorancia, faziaõ a authoridade Real reſponſavel na terra a outras authoridades além da de Deos. Como os clamores da maior parte da Nobreza, e de quaſi todo o Povo

naõ

naõ produziaõ os effeitos desejados, Era vulg. restavaõ as esperanças das representações, que se resolvêraõ fazer á Curia Pontificia, que se presumia encontrar favoravel por attençaõ aos Ecclesiasticos, que eraõ os mais sentidos.

Tentativas semelhantes, que estavaõ indicando no Reino huma mudança notavel, deraõ occasiaõ a que o Infante D. Pedro, filho terceiro do Rei D. Sancho I. entaõ Conde de Urgel, e residente em Aragaõ, pertendesse ter direito á Regencia, e depois á Successaõ da Coroa. D. Jaime, Rei de Aragaõ, que lhe fautorisava a idéa, mandou Embaixadores á nossa Corte para este effeito; mas os seus Officios foraõ mal attendidos. A resoluçaõ, que tomáraõ os Tres Estados do Reino, que se viaõ ligados com o juramento de fidelidade, foi mandarem o Arcebispo de Braga, o Bispo de Coimbra, e com elles varios Fidalgos descontentes, para representarem no Concilio Geral, que o Papa Innocencio IV. convocava em Leaõ, o estado miseravel do Reino

Era vulg. em tudo, quanto era reſpectivo ao ſeu Governo. O requerimento foi muito bem acceito tanto do Papa, como dos Padres do Concilio, que conforme o eſtylo do tempo, declaráraõ a D. Affonſo, irmaõ de Sancho, por Governador de Portugal, ſem fallarem palavra no infeliz Depoſto, a quem fizeraõ a mercê de conſervarem o titulo de Rei, e que ſe tiveſſe filhos, eſtes lhe ſuccedeſſem: Reſoluçaõ forte contra hum Rei pio, por ſe capacitarem, que tinha alguns deſmanchos de homem, e que as Bullas que ella fez lavrar, ſe inſertáraõ no Livro 16 *das Decretaes*. O Rei D. Sancho, quando ellas lhe foraõ notificadas, proteſtou contra ellas, como devia, e recuſou reconhecellas com força capaz de depôr hum Rei legitimo do ſeu Throno.

A determinaçaõ do Papa, e do Concilio liſongeou a ambiçaõ do Infante D. Affonſo, que eſtava em França caſado com Matilde, Condeça de Bolonha, e levantou em Portugal os eſpiritos do Clero, da Nobreza, e

Po-

Povo deſcontentes para romperem na audacia temeraria de faltarem ao reſpeito, naõ obſervarem as ordens, e apartar-ſe da vontade do ſeu Soberano. Em quanto a ſediçaõ em Portugal hia tirando os tropeços para a ſobida de D. Affonſo ao Throno; elle em França, no juramento ſolemne que deo de adminiſtrar nelle juſtiça; ſe foraõ francos em pedir o Arcebiſpo de Braga, o Biſpo de Coimbra, os inconfidentes Ruy Gomes de Briteiros, Gomes Viegas, e outros faccionarios do ſeu humor: D. Affonſo foi muito mais largo em prometter, bem facil em jurar, taõ facil no juramento, e nas promeſſas, como depois no repudio da propria, e legitima mulher: Tudo idéas de hum uſurpador, que nada o embaraça para lograr, nem depois o aſſuſta a falta no cumprir. Feita eſta ceremonia, dada obediencia ao Papa bem feitor, deſpedido de S. Luiz Rei amigo, entregue a Regencia dos Eſtados de Bolonha á Condeça Matilde: D. Affonſo na companhia dos Prelados, e Fidalgos ſeus fac-

Era vulg.

Era vulg. faccionarios, partio para Lisboa, aonde encontrou a maior parte dos animos bem diſpoſtos para a execuçaõ dos vaſtos projectos, que trazia no ſeu bem disfarçados com o véo de huma politica intrigante, ſe valeroſa, pouco juſta.

CAPITULO IV.

Trata-ſe da depoſiçaõ do Rei D. Sancho, e da delicada fidelidade, que uſáraõ com elle alguns dos ſeus fieis, e illuſtres vaſſallos.

COM a noticia da chegada do Infante D. Affonſo a Lisboa, o eſpirito marcial de D. Sancho, que naõ preſumia chegaſſem os negocios a huma ſituaçaõ taõ critica: que houveſſe na terra maõ ſem força de armas, que o arrojaſſe do Throno, que recebêra da de Deos: que contra hum Rei Catholico filho obediente da Igreja ella tomaſſe huma reſoluçaõ taõ eſtranha; e que o poder das Chaves aſſim abyſmaſſe os Sceptros: Elle advertido, e ani-

animoſo ſe reſolve a combater a força com a força, a injuſtiça com a reſiſtencia, para que o ſeu exemplo de omiſſaõ naõ foſſe cauſa, de que o veneravel das Mageſtades ficaſſe expoſto a ſer huma irriſaõ contínua da fortuna. Levado deſta idéa, que de antes devia eſtar melhor prevenida, cuidou em armar gente, em preparar-ſe para a defenſa, e moſtrar a ſeu irmaõ, que ſe vinha informado, de que encontraria hum homem taõ covarde, que a ſua ſombra o faria fugir, elle achava hum eſpirito bizarro, que ſaberia medir as eſtaturas ſem o largar dos braços, ſenaõ quando com o Reino juntamente lhe entregaſſe a vida. Mas obſervando, que a maior parte do Povo eſtava aterrado com o eſtrondo das Bullas do Papa: que todos os Prelados ſeguiaõ a voz do Infante: que boa parte dos Fidalgos ſe lhe encoſtava; e que ſem ſoccorro eſtranho poderia naõ prevalecer o ſeu partido, e romper a reputaçaõ com duas quebras: Elle determina ir em peſſoa a Caſtella amparar-ſe á ſombra Era vulg.

bra

Era vulg. bra das armas de ſeu Primo o Rei D. Fernando, que encontrou em Toledo favoravel aos ſeus intereſſes.

A importancia de hum negocio de tanto pezo o Rei de Caſtella a entregou á prudente direcçaõ de ſeu filho o Principe D. Affonſo, que acompanhado do Rei D. Sancho, dos Fidalgos mais illuſtres, e de exercito numeroſo veio a Portugal para reſtituir o ſeu a ſeu dono. O Infante intruſo, que receava o golpe, que o ameaçava, depois de attrahir as gentes com liberalidades, mercês, e privilegios: meios os mais ſignificantes para mover eſpiritos ambicioſos: faz, que o Arcebiſpo de Braga mande huma Deputaçaõ ao Principe de Caſtella, que o inſtrua, antes de ſe entranhar no Reino, nas determinações do Papa; nas penas de excommunhaõ contra os que contravierem á obſervancia das ſuas Bullas; em que elle naõ viera a Portugal mais que como hum ſimples Regente para ter maõ na deſordem dos Validos de ſeu Irmaõ, que ficava gozando o caracter de Rei; e que elle de-

devia moſtrar-ſe filho obediente da Igreja, naõ empregando as ſuas armas em huma contravençaõ eſcandaloſa ás decisões do Chéfe da meſma Igreja. Era vulg.

Como a ignorancia do eſpirito da Religiaõ neſtes ſeculos triſtes tanto reinava em Portugal, como em Caſtalla: o ecco daquellas vozes, obra do fulminante dos anathemas, e as expreſsões inſinuantes dos Deputados fizeraõ huma tal impreſſaõ no Principe Commandante, e nos ſeus ſubalternos, que ſem mais exame ſe reſolvêraõ a abandonar a empreza, e deixar hum Rei ſacrificado nas mãos da injuſtiça. O ſeu animo afflicto por deſamparado de todo o ſoccorro humano; mas ſem o abandonar a preſença do ſeu eſpirito ſublime; diſcorrendo, que ſe havia ſugeitar a viver em Portugal ſem reſpeito, ou em Caſtella pobre: tomou eſte partido, ſe menos vantajoſo, mais honrado: que he menos injurioſo, a quem foi Rei, levar a vida como particular entre os eſtranhos, que ſem a veneraçaõ da Mageſtade na face dos vaſſallos. Com

eſ-

Era vulg. eſta reſoluçaõ D. Sancho, os Fidalgos, que o ſeguiaõ, o exercito de D. Affonſo tudo voltou caras a Caſtella, e ficou Portugal huma preza da iniquidade dos revoltoſos.

He verdade que a depoſiçaõ de D. Sancho naõ fez declarar infieis a todos os ſeus vaſſallos, que entre elles havia Portuguezes honrados. Affirma-ſe, que ainda o Rei ſe achava com o exercito de Caſtella no lugar de Moreira, e que o vieraõ aqui buſcar D. Garcia de Souſa, e ſeus irmãos, que com outros Fidalgos eſtavaõ em Trancoſo, e depois de o tratarem com a ſubmiſſaõ devida ao ſeu legitimo Rei, D. Garcia lhe fallára em nome de todos neſtes preciſos termos: *Senhor, nós ſabendo, que vos achaveis aqui, vimos a ſupplicar-vos humildemente, com todo o reſpeito, que vos devemos, e que naſce da voſſa meſma Mageſtade, queirais fazer reflexaõ nas infelicidades, que tem aſſollado o Eſtado, e nos authores deſtas deſordens. Nós ſempre reconhecemos na voſſa peſſoa o caracter Real, e*

So-

Soberano. Nós teremos por gloria grande viver, e morrer vossos vassallos; mas he preciso, que sejais vós mesmo quem reine sobre nós, que então as nossas vidas, as nossas fazendas tudo he vosso. Que felices seremos nós se tudo sacrificarmos por hum Rei na realidade, que até agora o tem sido na apparencia! Mas quem he disto causa senaõ Martim Gil de Soverosa, que me está ouvindo? Permitti-me, Senhor, que eu o convença com a espada na maõ do abuso indigno, que elle tem feito do vosso favor. Eu me attrevo a protestar aqui, que todos os verdadeiros Portuguezes desejaõ com ardor, que vós escuteis favoravelmente as queixas humildes, e rogativas a vós mesmo interessantes para pores longe do vosso lado a este Ministro, que por querer reinar á sombra da authoridade Real da vossa Magestade, vos fará perder em hum dia, se assim me he permittido dizer-vos, todo o poder, que vós tendes sobre os vossos Povos, e sobre os vossos Estados. Apartai de vós a D. Martim Gil, e vinde comnosco para Era vulg.

Tran-

Era vulg. *Trancoso, que alli, e nos mais Castellos, que temos em nosso poder, nós seguraremos a vossa Pessoa, e vos firmaremos na cabeça a Coroa, que tendes taõ aballada.*

Pouca impressaõ fizeraõ estas vozes bem espiritualisadas em D. Sancho, que fez evidente lhe era mais estimavel viver com Martim Gil em Castella, que reinar sem elle em Portugal. Defeito de homem fragil foi este em D. Sancho; mas nós sabemos, que o Mestre, que veio corrigir-lhe os erros, naõ passado muito tempo deixou vêr, que os seus validos nada desacreditáraõ com a emenda os mesmos absurdos, que detestavaõ com as palavras. Em fim, D. Sancho foi passar o resto dos seus dias em Toledo, aonde, se em acçóes de heroicidade, naõ pode fazer a reputaçaõ estrondosa; em actos de virtudes heroicas se elevou na vida á sublimidade de homem feliz.

O Regente, que via longe de si, e occulta como sombra a luz, que lhe perturbava a vista, cuidou em pa-

pacificar o Reino; e porque muitas Era vulg.
Praças, de que tinhaõ feito homenagem Fidalgos eſcrupuloſos, e delicados na fidelidade duvidavaõ entregallas; elle pertendeo ſugeitar com o terror das armas aquelles, que naõ podia mover com o atractivo das promeſſas. Elle as deſcarregou ſobre a 1246
Villa de Obidos, que lhe reſiſtio com bizarria, e nós ſentimos naõ ſaber quem foraõ os Cavalleiros, nem as acções, que obráraõ neſte cerco os vaſſallos, que em ſituaçaõ tal, com o Rei longe, e cahido de fortuna, obſerváraõ com delicadeza os deveres da fidelidade. Como os bons Portuguezes olhavaõ traidores aos mais, que aſſim ſenaõ conduziaõ, na Comarca de Coimbra ſó Monte-Mór o Velho ſe ſugeitou ao Regente. Em Cerolico Fernaõ Rodrigues Pacheco, taõ illuſtre no ſangue, como no valor, moſtrou-ſe huma montanha de conſtancia a D. Affonſo, que ſupondo-o rendido pela fraqueza da fome; fazendo guizar huma truta, que acaſo deitára na Praça huma aguia, que a peſ-

Era vulg. pefcára no Mondego, lha offereceo com efte recado: Que S. A. fe defenganaffe de fer Senhor de Cerolico em quanto feu irmaõ viveffe, e elle Governador refpiraffe; e que fe prefumia, que a neceffidade o faria efquecer da honra, naquelle prato de peixe frefco lhe fazia ver a abundancia, com que tinha fornecida a fua Praça.

D. Affonfo, que quizera fer author defta gentileza, por naõ perder o tempo no combate de peitos immoveis, levantou o cerco, e marchou a experimentar em Coimbra outra heroicidade com todas as circunftancias de rara na peffoa do feu Alcaide D. Martim de Freitas. Mortes, feridas,
1247 fome, fede, e todas as calamidades, que combatem a humanidade foffreo Coimbra como infenfivel; mais facil a ver-fe arruinar pela teima, que a ceder hum ponto da fua Fé. Tempo largo durou o cerco, de que naõ defiftia a mefma porfia, que contemplava fer laftima, que hum Fidalgo como D. Martim, e huns Cavalleiros como os feus foldados houveffem de

fer

ſer victimas, ou do furor, ou da miſeria. Era vulg.
Mas a Providencia, que naõ quiz alongar ao infeliz Rei D. Sancho a ſua calamidade penoſa, o levou a gozar no Ceo o premio da ſua conformidade nos trabalhos. Divulgou-ſe a ſua 1248
morte no campo de Coimbra, e D. Affonſo para naõ perder tantos Heróes, que já eraõ ſeus vaſſallos, a fez communicar á Cidade. Que naçaõ, a naõ ſer a Portugueza, deixaria logo de entregar a Praça ao Rei já legitimo, que tinha á ſua viſta?

Porém Martim de Freitas propôz ao Infante: Que elle naõ duvidava da verdade da noticia; mas pelo que reſpeitava á ſua fidelidade, e cumprimento da obrigaçaõ, antes de lhe entregar a Cidade era indiſpenſavel chegar a Toledo fazer huma averiguaçaõ, e que para eſta jornada lhe pedia licença. O Infante a concedeo; e elle chegado a Toledo, naõ ſatisfeito com o depoimento das teſtemunhas de maior excepçaõ, que víraõ morrer el Rei, pedio lhe abriſſem a ſepultura, e poſtrado em terra, entre-

Era vulg. tregou as chaves de Coimbra nas mãos do Cadaver, acompanhando a acçaõ com eſtas vozes dignas dos bronzes immortaes: *Em quanto vos ſuppuz vivo, meu Rei, e meu Senhor, naõ houve trabalho, que no meu peito podeſſe aballar a fé, que vos jurei guardar: cumpri o que me encarregaſtes como devera: Agora que vos vejo morto, e naõ poſſo entregar-vos Coimbra, aqui vos faço entrega das ſuas chaves: Eu me deſobrigo aſſim nas voſſas mãos para as pôr nas do Infante voſſo Irmaõ. Receba-as elle como huma renuncia, que acceita de vós; mas naõ como hum triunfo, que as ſuas armas conſeguem de mim.*

De todo eſte facto mandou D. Martim de Freitas lavrar hum Inſtrumento authentico, que moſtrou em Coimbra aos ſeus camaradas, depois a D. Affonſo, que aſſim como deo as demonſtrações mais recommendaveis da fidelididade indeffectivel deſte Fidalgo, aſſim deverão envergonharſe os outros, que até entaõ o ſeguiaõ com todas as qualidades de perjuros,

da

da differença com que elles se conduzíraõ. Quizera o Infante, que D. Martinho continuasse no Governo de Coimbra; absolvendo-o a elle, e aos seus descendentes dos juramentos costumados em premio da observancia do precedente; mas o bravo Heróe recusou a mercê, e respondeo affouto: *Que elle amaldiçoava a sua posterida-de se acceitasse da maõ de Rei cargo semelhante áquelle, que punha em tantos perigos a honra.* Era vulg.

No tempo que D. Sancho esteve em Toledo gastou hum thesouro em esmolas; mortificou-se com penitencias incriveis, levou as adversidades com tolerancia pasmosa, e se affirma merecêra ao Ceo mandallo avisar do dia da sua morte por S. Lazaro, de quem D. Sancho era especial devoto. Como até a Coroa dos Principes remata em Cruz, este Rei soube fazer da perda da sua hum pezo bem leve: tomallo sobre os hombros, e seguir com a resignaçaõ os passos do Exemplar. A sua condiçaõ foi affavel, e tanto, que ella lhe traçou a

Era vulg. ruina pelo muito que a abusáraõ homens interessados, que activos em encher a medida dos desejos, foraõ covardes para sustentar a inteireza da Magestade.

LIVRO XIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da vida, e acções do Rei D. Affonso III., e V. de Portugal.

O INFANTE D. Affonso, que os Portuguezes desejavaõ por seu Rei, pela morte do irmaõ naõ pegou no Sceptro sem susto, e naõ obstante estar já Soberano legitimo, parece que bastou principiar usurpador para naõ poder deixar de perturbar-se. Propôz-lhe a idéa o primeiro crime; e como seu irmaõ tinha morrido em Castella, receou que em desaggravo da injuria nomeasse o Reino no Santo Fernando, ou no Principe seu filho, que tinhaõ forças, e corage para lhe disputar a Successaõ. Este receio o fez convocar a Lisboa os Tres Estados para arbitrarem os meios da defensa no ca- Era vulg.

Era vulg. caſo de ataque. Mas neſte tempo naõ ſe cuidava em Heſpanha ſenaõ em emprezas façanhoſas contra os Mouros; e o ſanto Rei, que lhe fazia huma viva guerra, queria empregar as forças no ſitio de Sevilha; Praça, que o ſeu rendimento ſe fazia importante igualmente á ſua gloria, que aos ſeus intereſſes. Eſta certeza, e muito mais a da equidade de hum Rei taõ juſto, deſterrou as imaginações de D. Affonſo, que determinou ſoccorrello naquella expediçaõ taõ vantajoſa á Religiaõ.

Enviou ao Rei D. Fernando hum reforço de trópas mui conſideravel debaixo das ordens do Meſtre D. Payo Peres Correa, de D. Martinho Fernandes, que o era de Aviz, e com elles foraõ voluntarios muitos dos noſſos Cavalleiros do Templo, que quizeraõ participar de hum feito, que levava as attenções de toda Heſpanha. Os Mouros haviaõ occupado todas as paſſagens do Guadalquivir, e poſtado nellas conſideraveis reforços de trópas, que commandava em peſſoa. Abem

Ha-

Hamafom, Rei de Niebla. Ainda que a profundidade, e a largura do rio, o número, e corage dos Mouros faziaõ a paſſagem difficultoſa; os dous Chéfes Portuguezes, atropelando perigos a cada paſſo, ſe avançáraõ a enveſtilla, e intrepidamente a forçáraõ. Os Barbaros, que haviaõ cedido o poſto, ſe amparáraõ das trincheiras, taõ temeroſos da noſſa reſoluçaõ, como dos noſſos golpes. Advertíraõ os noſſos Generaes, que lhes era preciſo ganhar a Praça de Gelves, ſituada entre o rio, e Sevilha, para poderem chegar aos muros deſta Cidade; e ſem formar campo, nem abrir trincheira', elles a inveſtem com valor incrivel. Os Mouros largo eſpaço cumpríraõ o ſeu dever; mas naõ podendo ſopportar o pezo dos noſſos repelões, houveraõ de ceder, e o muro foi levado de aſſalto. Era vulg.

Depois deſtes bons principios, os Portuguezes tintos de ſangue, e cobertos de pó, com os dous Graõ-Meſtres na ſua téſta, ſe apreſentáraõ ao ſanto Rei Fernando, que os eſti-

mou

Era vulg. mou ver com caras, e deviſas de vencedores, quando vinhaõ debaixo das ſuas bandeiras dar principio aos combates. Sem demora marchou o Rei com o ſeu conſideravel Exercito a plantar o ſitio ſobre Sevilha, de que nós tivemos boa parte na ſua duraçaõ longa, e penoſa. As ſahidas dos Mouros, os aſſaltos á Praça, o número, e valor dos ſitiantes, que rechaçavaõ toda a reſiſtencia, perſuadíraõ bem aos Barbaros, que naõ defenderiaõ a Sevilha muito tempo com a força, ſenaõ interviesſe algum eſtratagema ardiloſo, que a ajudaſſe. Com eſta idéa hum Mouro deſembaraçado, e bem inſtruido, veio ao campo do Infante D. Affonſo, e lhe propôz: « Que elle defendia huma das portas princi-
» paes da Cidade, por onde elle, e
» as gentes da ſua guarda queriaõ dar
» entrada a S. A., e fazello Senhor
» da Praça, ſe elle conſeguiſſe do
» Rei ſeu Pai premio corresponden-
» te para os authores de hum tal ſer-
» viço. Crêo o Infante ao Emiſſario,
» e o deſpachou ſatisfeito, ficando
» de-

» determinada a entrega para hum dia Era vulg.
» marcado. »

Mas o Principe prudente, que reconhecia nos Chéfes Portuguezes discernimento igual ao valor, os consulta sobre a proposta do Mouro, e lhes pede o voto. Todos asseguraõ, que a offerta he intriga para em alguma emboscada se apoderarem da pessoa do Infante, e ser ella a defensa de Sevilha no cambio pela sua liberdade. Determinou porém o conselho, que no dia destinado marchasse o Infante com forças, e cautela em frente da porta, aonde os movimentos descobririaõ os designios. Os nossos o seguíraõ; mas vendo o número de Mouros armados, que acompanhavaõ o traidor, e que o melhor da guarniçaõ era reserva da entrada da porta para assegurar o Infante: foi necessario principiar a peleija para no modo della se descobrir a verdade do projecto. Os Mouros se lançáraõ a ella com valor; os nossos intrepidos os batem, e poem em fugida; ficando prisioneiro o Emissario, que pagou

Era vulg. gou no campo com a cabeça o crime da ſua perfidia. Deſconcertou eſte ſucceſſo as medidas dos Barbaros; e mais attentos a livrar as vidas, que a defender a Praça, que até entaõ deſtemida, e vigoroſamente ſuſtentáraõ, fizeraõ della entrega ao Rei. Os ſerviços feitos neſte ſitio pelo Meſtre de Aviz D. Martim Fernandes foraõ taõ diſtinctos, e qualificados, que o ſanto Fernando o encarregou do governo da Praça, e com gratificações correſpondentes augmentou as rendas da ſua Ordem.

1249 Nós deixamos no anno de 1242 ganhada a Cidade de Tavira no Algarve, feitas outras conquiſtas pelo Commendador de Alcacere do Sal D. Payo Peres Correa, que no meſmo anno foi a ſer Graõ-Meſtre da Ordem de Sant-Iago a Caſtella: Conquiſta muito noſſa, feita com as noſſas armas, ſem dependencia, permiſſaõ, nem forças dos Reis de Caſtella, como deixo dito até ao fim do Reinado de D. Sancho II. Mas como a dita conquiſta por cauſa das alterações

do

do Reino ficára incompleta; o Rei D. Affonſo, depois que ſe vio ſenhor pacifico delle, cuidou em aperfeiçoar a obra, e lançar os Mouros das Praças, que ainda poſſuiaõ no Algarve. Deo tanto calor a eſta expediçaõ, que a conſeguio no meſmo anno de intentada, e já no ſeguinte fez doaçaõ da Villa de Albofeira ao Meſtre de Aviz D. Martim Fernandes. A eſta conquiſta toda noſſa, he que ſe ſeguio o contrato entre o Rei de Portugal, e o de Caſtella, de ficar o primeiro com o dominio do Algarve, e o ſegundo com as ſuas rendas; ajuſte feito no primeiro anno da Regencia de D. Affonſo, donde naſceo o erro evidente dos Hiſtoriadores, que ſuppozeraõ o Algarve conquiſta dos Reis de Caſtella, e elle doado por D. Affonſo X. a ſua filha D. Brites, mulher do noſſo D. Affonſo: Erro, em que tambem cahio o Author, que fez eſtampar a Regra, e Conſtituições da Ordem de Aviz, aonde affirma, que o Meſtre D. Martinho fora a Caſtella pedir a confirmaçaõ da doa- Era vulg.

çaõ

Era vulg. çaõ de Albofeira, com o receio, de que o ſeu Rei, como Senhor do Algarve, a revogaſſe: Quando he verdade, que o Meſtre, pela razaõ do contrato das rendas cedidas, foi requerer ao Rei de Caſtella lhe deixaſſe livre o que pertencia a Albofeira, que era da ſua Ordem: Requerimento, que ambos os Reis approváraõ, e de que mandáraõ paſſar Inſtrumento authentico, que provavelmente ſe guardará no arquivo da Ordem.

Entrou D. Affonſo no Algarve com as ſuas armas, e nos primeiros encontros derramou nelle o terror, que lhe abrio o caminho para a conquiſta da Cidade de Fáro. O Miramolim, a quem ella pertencia, a tinha feito fortificar, e entregue o commandamento a Aben Baran ſeu Alcaide, com o Almoxarife Aloandro, e huma guarniçaõ numeroſa, que por mar, e terra a defendia. Querem alguns, que o Meſtre D. Paio vieſſe encontrar-ſe com el Rei para o ajudar neſta empreza; outros o duvidaõ; mas ſe com effeito o Meſtre militou en-

entaõ no Algarve, dá mais probabilidade ás conjecturas, de que nesta segunda expediçaõ elle ganhára Sylves, e Paderne, e naõ successivamente depois da tomada de Tavira; porque nesse tempo partio elle para Castella a encarregar-se do Mestrado da Ordem. O Rei, que estava bem informado de quanto o Miramolim desejava a conservaçaõ de Fáro, quiz vir sobre esta Cidade em pessoa; e mandando huma Armada, que por mar impedisse os soccorros de Africa; elle postou o exercito em fórma, que ao mesmo tempo podesse bater a Praça, e segurar a campanha ás irrupções dos Mouros visinhos. Era vulg.

Os Mouros com corage igual se preparáraõ para a defensa; prevenindo-se com esforços extremosos para derrorar o nosso projecto, ou para conseguirem huma capitulaçaõ honrada. Elles se defendêraõ bem por opiniaõ, e a naõ serem os sitiantes Portuguezes costumados a atropelar difficuldades, e vencer perigos, elles os obrigariaõ a retirar-se. Porém a cons-

Era vulg. conſtancia triunfou da teima; e os Barbaros, que no principio do cerco ſe moſtráraõ façanhoſos, perdêraõ a corage, e temeroſos de ſe expôr ás contingencias da guerra, em fim capituláraõ. O Rei, ſempre humano, ainda que vencedor, permitio vieſſem ao campo o Alcaide, e Almoxarife, e lhes concedeo quanto pedíraõ, ſalvas as vidas; que poderiaõ ir para Africa os que quizeſſem, e os que ficaſſem feriaõ tratados como ſeus vaſſallos, pagando os tributos como antes ao Miramolim. Com os dous Mouros foi o Rei paſſeando, e fiado na ſua fé, entrou com elles no Caſtello, de que tomou poſſe, mandando ſahir delle a guarniçaõ para o corpo da Praça. Sentio-ſe a falta d'el Rei no campo, que temeroſo de alguma ſorpreza, como Leaõ derramado ſe lançou em hum corpo ao muro; pôz fogo ás portas, e ſe diſpunha a levar de hum golpe as gargantas dos Barbaros. O Rei, para ſocegar o tumulto, ſe moſtrou de huma das torres do Caſtello, donde podia ſer viſto, com as chaves da

Pra-

Praça na maõ. Ceſſou o combate das armas ; mas principiou o dos juiſos ; huns, que culpavaõ o Rei de temerario ; outros, que o louvavaõ de animoſo. Era vulg.

Entregue o Governo de Fáro a Eſtevaõ Pires Tavares, hum dos Fidalgos, que ſe haviaõ achado no ſitio de Sevilha ; diſpoſtas as couſas pertencentes á ſua conſervaçaõ : D. Affonſo mandou ao Meſtre de Aviz D. Martim Fernandes foſſe atacar a Villa de Albofeira, ſituada ſobre hum monte perpendicular á coſta do Oeſte de Fáro. O Meſtre ſe conduzio de huma maneira taõ prompta, e taõ gloriosa, que inveſtir, e render a Praça foi tudo o meſmo acto. O Rei, como fica dito, a deo de propriedade á Ordem, e naõ reſervou para ſi mais, que o direito de pôr as Juſtiças, e nomear os Officiaes. Ao meſmo tempo marchou o Rei ſobre Loulé, que ſendo atacada por modo extraordinario, lhe correſpondeo a reſiſtencia. O Rei, que ſe eſcandaliſava de defenſa ſemelhante de huma Villa na ſua face,

ce,

Era vulg. ce, e na de hum exercito victorioso, fez reforçar os aproches, e naõ desistir dos avances até ella ser rendida, ou arrazada. O rendimento destas tres praças foi o golpe, que abrio as portas da Villa de Aljezur, e dizem, que do Castello de Porches; mas neste Lugar humilde naõ ha, nem ninguem se lembra, de que junto a elle houvesse tal Castello, que se existio, como se assegura, o tempo o consummio de sorte, que por todos aquelles contornos senaõ conservaõ delle memorias, nem vestigios.

He necessario advertir, que os Reis do Algarve se chamavaõ Reis do Algarve Dáquem, Dálem mar, em razaõ, de que o Reino naõ se contrahia ás demarcações do pequeno Continente da nossa Coroa, que hoje se diz Algarve: mas porque o Algarve Dáquem corria da cósta do Cabo de S. Vicente até a Cidade de Almeiria: Terreno, que comprehendia hum grande número de Cidades, Villas, Lugares, e Castellos; humas que ficavaõ na Lusitania, as outras situadas

na

na Andaluzia. O Algarve Dálem mar Era vulg.
eraõ as terras de Africa, que correm do Estreito de Gibraltar até Tremecem, aonde se contem os Reinos de Féz, de Ceuta, e de Tangere, antigamente chamados o Reino de Benamarim. Como os Reis de Portugal, e 1250
Castella tem entre si repartido este terreno do Algarve, ambos elles tomaõ o titulo de seus Reis, sem que hum ao outro nada usurpe.

Como el Rei dentro do anno de 1249 felizmente concluio a conquista do Reino do Algarve; nelle se demorou alguma parte do anno seguinte, assistindo em Fáro, aonde na forma do costume antigo de Portugal, fez o Regulamento necessario para estabelecer entre os novos vassàllos a boa policia; submetellos ás Leis dos outros Póvos, e fixar a extençaõ das jurisdicções respectivas a cada Termo. Daqui se recolheo D. Affonso a Coimbra para prover nos negocios da economia civíl; porque com a tomada do Algarve se acabava a occasiaõ para o exercicio duro das armas, que na sua

maõ

maõ deitáraõ de todo aos Mouros fora de Portugal com huma guerra viva, e formidavel de 180 annos contínuos. Mas naõ se servio este Rei da paz para se recostar nos braços da ociosidade, senaõ para mostrar, que se até entaõ tinha ampliado o Imperio, agora se visse, que sábiamente o governava. Applicou todo o seu cuidado á restauraçaõ das Praças, Castellos, Lugares, e fundou Estremoz; obras, que justamente lhe merecêraõ o nome de Restaurador. Deo liberdades ao trato, e commercio dos Póvos, sem o qual naõ ha Reino feliz, e pôz taõ francos, e seguros os caminhos dos salteadores, antes atrevidos, que naõ havia que temer nos desertos, e caminhos desamparados da Monarquia.

Era vulg.

CAPITULO II.

Do Estado Ecclesiastico, e Politico de Portugal por estes tempos.

QUANDO D. Affonso foi encarregado do Governo de Portugal, o Estado Ecclesiastico se queixava das violencias, e usurpações de regalias, que lhe faziaõ os Ministros Seculares: Procedimentos, que entendia serem feitos, senaõ com ordem expressa dos dous ultimos Reis, ao menos com permissaõ tacita sua. Tinha na sua testa ao Arcebispo de Braga D. Joaõ Viegas, que havia succedido a D. Silvestre, Fidalgo illustre, que com o mesmo espirito dos seus Predecessores, quiz fazer valer a sua Dignidade com competencia ao Sceptro. Foi o instrumento principal da deposiçaõ do Rei D. Sancho pela idéa errada, de que as figuradas desordens do Reino já se naõ remediavaõ com expediente menos violento. Depois delle, ainda reinando D. Affonso, se lhe seguíraõ os Arce-

 bis-

Era vulg. biſpos D. Martinho Giraldes, D. Pedro Juliaõ, e D. Ordonho, que todos ſe lhe oppozeraõ pelos meſmos motivos, que D. Joaõ Viegas o fizera a D. Sancho. Deos ſabe ſe eſte ſucceſſo foi para D. Affonſo a pena de Taliaõ para ſentir na Mageſtade da ſua peſſoa os effeitos de reſoluçóes ſemelhantes áquellas, que promovêra contra a de ſeu irmaõ.

A D. Sueiro, ou Mattheus, que rendeo Alcacere do Sal, havia ſuccedido no Biſpado de Lisboa D. Ayres, que teve por Succeſſor outro Mattheus por todo o reſto do tempo, que governou D. Affonſo. Em Coimbra era Biſpo o illuſtre D. Egas Fafes, deſcendente de D. Fafes Luz, Alferes do Conde D. Henrique, e naõ ſabemos o motivo que o levou a França, aonde morreo na Cidade de Mompelher. A Cadeira do Porto eſtava occupada por D. Juliaõ, que teve por Succeſſor a D. Vicente, Prelado ao Rei eſtimavel, que nomeou entre outros para pedir ao Papa diſpenſa da illegitimade dos filhos, que teve da Rainha D. Brites, ſendo viva ſua primeira mulher a Conde-

deça Matilde; mas depois se oppôz ao Rei para conservar as isenções da sua Igreja. Em Lamego, depois de D. Payo, que alcançou o Reinado de D. Sancho, successivamente se seguiraõ no de D. Affonso os Bispos D. Egas, D. Pedro, e D. Domingos. Em Evora succedeo a D. Fernando D. Durando, que teve muito valimento com o mesmo Rei; e em Viseo se seguio D. Mattheus a D. Gil. No Mestrado da Ordem de Aviz o memoravel D. Martim Fernandes, que a deixou enriquecida com muitas mercês, entre ellas Albufeira, as Igrejas de Bórba, Estremoz, e suas Comarcas, teve por Successor a D. Simaõ Soares. Era vulg.

O Estado Politico se compunha de muitos, e grandes Fidalgos, que faziaõ brilhante a Corte do Rei D. Affonso. Entre elles saõ dignos da memoria os tres irmãos D. Joaõ Affonso, D. Affonso, e D. Martim Affonso Telles, que eraõ netos do Rei D. Sancho I. por sua Mãi D. Theresa Sanches, e primos irmãos do Rei reinante: Todos elles troncos illustrissi-

Era vulg. ſimos das caſas mais qualificadas, que até hoje ſe conſervaõ nos Reinos de Portugal, e Caſtella. Naõ menos illuſtres eraõ os quatro irmãos D. Garcia, D. Gonçalo, D. Joaõ, e D. Fernando, filhos de D. Garcia Mendes, e netos do Conde D. Mendo de Souſa, dos quaes o D. Gonçalo, que foi Conde, caſou com huma filha do Rei D. Affonſo, e o D. Joaõ foi Pai de D. Eſtevaõ Annes, que foi caſado com outra irmã da mulher de ſeu tio, filha do meſmo Rei. D. Martim Pires de Vide, e D. Gil Martins foraõ outros dous Fidalgos muito diſtinctos do meſmo tempo: o primeiro por deſcendente de D. Affonſo Telles o Povoador de Albuquerque: o ſegundo, que ſe fez memoravel pela fidelidade com que aſſiſtio ao Rei D. Sancho todo o tempo, que eſteve em Toledo, até a ſua morte, e voltou a Portugal, aonde por fiel mereceo a graça de D. Affonſo, que o fez ſeu Mordomo Mór.

Pôz termo feliz aos ſucceſſos de Portugal no anno, de que vou tra-

tan-

tando, a morte precioſa da noſſa Infante D. Thereſa, Rainha de Leaõ, e filha de D. Sancho I., que do Moſteiro de Lorvaõ paſſou a gozar no Ceo o premio das ſuas grandes virtudes, e hoje na terra he venerada por Santa. Quando ſentio, que era chegada a morte, fez-ſe levar ao coro, aonde entre colloquios amoroſos com o Eſpoſo das Almas, lhe entregou a ſua no oſculo ſuaviſſimo da paz. O ſeu cadaver, ſobre jucundo, e tractavel, deixou no coro por muito tempo a fragrancia ſuave do bom cheiro de Jeſu Chriſto que ella reſpirára na vida, e entráraõ os milagres ſucceſſivos a ſer próva da ſantidade do inſtrumento, de que a Omnipotencia ſe ſervia para os obrar.

Era vulg.

Como D. Affonſo já naõ podia extender as conquiſtas no Algarve, 1251
nem duvidava que o termo dellas eraõ os terrenos, que poſſuiaõ os Mouros, voltou as armas para as partes de Andaluzia, que já piſára ſeu avô, entrando nella com o poderoſo exercito, que depois da ultima expediçaõ ainda

con-

Era vulg. conſervava ſem reforma. Sabia elle, que as Praças de Aroche, e Arecena, que agora poſſuiaõ os Mouros, já as tiveraõ em ſeu poder os Reis Predeceſſores de Portugal; ſobre ellas ſe poſtou, e as rendeo. Dizem, que em todas as mais expedições deſta guerra de Andaluzia, que nós ignoramos, o acompanhára o Meſtre de Sant-Iago D. Payo Peres Correa, e que o Rei agradecido aos ſerviços, que lhe fizera, entre outras mercês doára á ſua ordem o Caſtello de Ayamonte, que recebêra da maõ do Rei Sancho ſeu irmaõ, declarando na Eſcritura: Que fazia iſto pelos bons ſerviços, que havia recebido de D. Payo Peres Correa, Meſtre da Ordem de Sant-Iago, e de Gonçalo Pires, Commendador de Mértola.

Porém D. Affonſo X. Rei de Leaõ, que acabava de ſucceder a ſeu Pai o ſanto Fernando no de Caſtella, cioſo das conquiſtas, que o Portuguez continuava na Andaluzia, ſe lhe oppôz com o ſemblante de quem olhava ao noſſo Principe, por bravo, ca-

paz

paz de emprehender, duro em desistir, e a sua opposiçaõ foi obstaculo, que o fez parar no meio das suas victorias. Naõ foi esta desistencia falta de corage; mas hum lance de politica em D. Affonso, que ainda se considerava pouco seguro no Throno para se occupar todo em negocios estranhos com esquecimento culpavel dos domesticos. Naõ ignorava, que entre os seus vassallos havia hum número consideravel de gentes grandes em qualidade, e poder, que naõ riscavaõ da memoria as iniquidades practicadas com o Rei D. Sancho: susto, que pedia hum desvelo effectivo para dissipar o partido, que podia crescer, e para o conseguir necessitava da paz com Castella. Era vulg.

D. Affonso, que se occupava em formar Leis saudaveis para a tranquillidade interior do Reino, naõ a pode conseguir com o novo Rei de Castella, que do objecto da guerra de Andaluzia, que lhe valeo para o primeiro rompimento, agora o dominio do Algarve, que dilatava muito as ensan- 1252

Era vulg. ſanchas de Portugal, lhe ſervio de pretexto para o ſegundo. Dous annos durou eſta guerra, cujos ſucceſſos nos ſaõ incognitos, nem della ſabemos mais, que haver-ſe pacificado os Principes belligerantes á inſtancias do Papa Innocencia IV. que os perſuadio
1253 empregaſſem as ſuas armas nos Infieis. Hum dos Artigos do Tratado foi, que ao Rei de Portugal ficaria a poſſe, e dominio do Reino do Algarve; mas que as rendas delle as desfrutaria o Rei de Caſtella em ſua vida ſómente: Obrigaçaõ, de que o meſmo Rei depois abſolveo a ſeu neto o noſſo D. Diniz. Para que a eſta uniaõ a apertaſſe laço mais eſtreito, D. Affonſo, que eſtava caſado com a Condeça Matilde, fez pouco eſcrupulo de receber por mulher a D. Brites, filha baſtarda do Rei de Caſtella, e de ſua Amiga D. Maior Gilhem de Guſmaõ; mas como ella naõ tinha idade para conſummar o chamado matrimonio, elle foi differido por mais dous annos, até que a natureza aperfeiçoaſſe a noiva. Seu Pai a dotou com as terras,

que

que já possuia sua Mãi, e naõ com o Reino do Algarve, como pensáraõ muitos Escritores, que nunca foi dos Reis de Castella; mas conquista nossa, como fica dito. Era vulg.

Nós devemos aqui dar lugar a todo o catastrofe do repudio de D. Affonso a sua mulher a Condeça Matilde de Bolonha, que sacodio do thalamo com a mesma violenca, com que arrancou o Irmaõ do Throno. Historiadores estrangeiros pertendêraõ persuadir, que D. Affonso tivera da Condeça Matilde dous filhos: o mais velho chamado Fernando, ou Pedro, o segundo Roberto, e que com o primeiro viera ella a Portugal, aonde morrêra o imaginado Principe, e fora sepultado na Igreja de S. Domingos de Lisboa. Do segundo Roberto affirmáraõ, que se lhe fizera a injustiça na successaõ de Portugal de lhe preferirem os filhos de D. Affonso, que nascêraõ espurios de D. Brites antes de ser sua mulher legitima: Que Roberto teve de se contentar com o dominio do Condado de Bolonha, aon-

Era vulg. aonde ſe conſervou a ſua deſcendencia, que por huma ideada transfuſaõ de ſangue ſe chegou a communicar á Rainha de França Catharina de Medicis, que era todo o fim deſta quimera para ſe provar na Rainha o direito, que ella tinha á noſſa Coroa, quando ſe quebrou a Varonia na morte do Cardeal Rei D. Henrique. Os mais, os melhores, e Eſcritores imparciaes, com argumentos, e próvas até agora irreſponſaveis, fizeraõ evidente a eſterilidade da Condeça, e que nos annos, em que ſeu marido teve com ella commercio, nunca concebêra, ou foſſe pela ſua infecundidade natural, ou por avançada em annos, quando celebrou eſte ſegundo caſamento, ſendo já viuva do Principe Filippe, filho de Filippe Auguſto, Rei de França.

O ſucceſſo verdadeiro que ſe deſcobrio entre as ſombras deſta Fabula da ſucceſſaõ de Matilde foi; que ſua irmã Alida caſára com o Conde de Auvergne, e tivera hum filho chamado Roberto, e que ſe deſte deſcendia a

Rainha Catharina de Medicis; ainda Era vulg.
que a Condeça Matilde foſſe morta em qualidade de Rainha de Portugal, como podia por cabeça de Roberto ſeu ſobrinho, que naõ tinha ſangue dos Reis de Portugal, communicar-lhe o direito á ſua Coroa? Em fim D. Affonſo ingrato repudiou a Matilde, que o fez Principe rico, quando era Infante pobre. Ella o buſca em Portugal ſendo já Rei, e pelos Emiſſarios, que lhe enviou de Caſcaes a Frielas, aonde eſtava D. Affonſo, lhe fez ſaber: Que o homem naõ podia apartar o que Deos unira no vinculo do matrimonio: Que ella mulher vinha de França buſcar ſeu marido a Portugal para lhe remunerar a fineza delle ir pertendente de Portugal procuralla a França para eſpoſa: Que lhe aſſeguravaõ, como elle, pizando todas as Leis Santas, ſe caſára com huma baſtarda de Caſtella; noticia, que lhe cauſava ſuſtos mortaes em quanto elle naõ pozeſſe em ſocego o ſeu eſpirito com as próvas, que derrotaſſem rumor taõ vago, já para ella injurioſo.

D.

Era vulg.

D. Affonſo trata auſtero, deſpede ſecco, e ſem reſpoſta aos Officiaes, que lhe apreſentáraõ a Carta de Matilde. Eſte golpe deshumano ſobre a primeira ferida mortal da Condeça a fez dar hum ai laſtimoſo nos ouvidos do Papa Alexandre IV., e de S. Luis, Rei de França, para que perſuadaõ a ſeu marido os ſeus juſtos deveres; para que embaracem a Affonſo o repudio ignominioſo; para que amparem huma Princeza, ſobre deſvalida, affrontada. S. Luis defende em Roma, com todos os esforços huma cauſa com juſtiça até ao fundo: o Papa manda lavrar huma Bulla, em que declara a Matilde por legitima mulher de D. Affonſo, e a D. Brites a põe para com elle na meſma claſſe, em que eſtava ſua mãi para com ſeu pai. D. Affonſo, firme na primeira reſoluçaõ, nada o move, e o Papa eſtimulado do deſprezo, fulmina ſobre elle o trovaõ das Excommunhões, e ſobre o Reino o raio do Interdicto, que eſpirou depois de doze annos com a morte de Matilde.

El-

Ella que via ſeu marido immovel no meio de tempeſtade tamanha, pertende abalallo com a preſença, e volta a Caſcaes, aonde entaõ ſe achava a Corte. Ella com olhos, lingua, e coraçaõ falla, diz, repete, quanto em occaſiões ſemelhantes coſtuma inſpirar o eſpirito de mais terno, mais tocante, mais ſenſivel. A tudo D. Affonſo ſe moſtra huma montanha, que faz ouvir a repercuſſaõ triſte dos eccos laſtimoſos muito longe della. Da ternura paſſa Matilde ás reprehensões, ás ameaças, ao deſpique da uſurpadora do lugar, que era ſeu, de que tinha a poſſe, o dominio, direito, e uſofructo. D. Affonſo recebe os repelões como o rochedo no meio do mar, que huma onda vai, outra vem, todas o batem, e elle rochedo. Deſenganada Matilde ſe retira a Bolonha, fulminando vinganças, que ſe reduzíraõ a fazer o ſeu teſtamento, em que deixava a ſeu marido Affonſo a ſomma de vinte mil libras, e mais quatro mil, que lhe deviaõ os Condes de Flandres. Em fim o ſeu amor, naõ podendo re- Era vulg.

Era vulg. reſiſtir mais tempo aos golpes da ingratidaõ, morreo rodeada de afflicções no anno de 1262.

CAPITULO III.

Do caſamento do Rei D. Affonſo com a Rainha D. Brites, filhos que della teve, e outros ſucceſſos deſtes tempos.

DEPOIS de fazermos narraçaõ das infelicidades da Condeça Matilde, vamos a tratar da ventura da Rainha D. Brites, que ajuſtado o ſeu caſamento no anno, em que eſtou tratando, logo que ella teve aptidaõ para conſummar o matrimonio, ainda viva Matilde, ſe ajuntou com ſeu marido. Já diſſemos, que naõ trouxera para Portugal mais dote, que as poucas terras, que o Rei de Caſtella D. Affonſo X., chamado o Sabio, déra a ſua mãi; porque o Algarve ſempre foi da noſſa Coroa. Mas como a fecundidade nas Princezas, que caſaõ, he o melhor dote; a Rainha D. Brites en-

enriqueceo com eſte o Reino em ſete filhos, que lhe deixou, e de que nós daremos a noticia com circunſtancias neceſſarias á Hiſtoria. O primeiro foi a Infante D. Branca, que naſceo em Guimarães a 28 de Fevereiro de 1259, foi Abbadeça de Lorvaõ, e das Huelgas de Burgos; o Infante D. Fernando, de que logo fallaremos; o Infante D. Diniz, Succeſſor do Reino, que naſceo em Lisboa a 9 de Outubro de 1261; o Infante D. Affonſo, Senhor de Portalegre, que naſceo a 8 de Fevereiro de 1263, caſou com D. Violante, filha do Infante D. Manoel, morreo em Lisboa a 2 de Novembro de 1312, e jaz no Convento de S. Domingos; a Infante D. Sancha, á qual alguns dos noſſos Chroniſtas chamaõ Conſtança, que naſceo a 2 de Fevereiro de 1264, morreo em Sevilha, e jaz em Alcobaça; a Infante D. Maria, que naſceo a 21 de Novembro de 1266, morreo a 6 de Junho de 1304, e jaz em Santa Cruz de Coimbra; o Infante D. Vicente, que naſceo a 22 de Janeiro de 1268, e jaz em Alcobaça. Era vulg.

Era vulg. A Infante D. Branca he hum alto aſſumpto das opiniões deſcomedidas, que animáraõ pennas inſolentes; repreſentando-a na face do mundo taõ arraſtada pelo ſeu appetite, que a abateo a ſer mãi de D. Joaõ Nunes do Prado, Meſtre da Ordem de Calatrava, gerado do concubito infame com Pedro Eſteves Carpinteiro, que outros dizem Carpentos. Deo cauſa a eſte teſtemunho vil o Chroniſta de D. Affonſo II. de Caſtella, e deſte canal immundo foi correndo a noticia, que bebêraõ todas as idades até a noſſa. A nós naõ nos admira, que caiaõ as torres eminentes, ainda as formadas de pedra, quanto mais as que ſaõ feitas de carne; que ambas as qualidades de quéda ſaõ couſa bem natural. O em que nós reparamos he, que á qualidade ſublime ſe faça huma reputaçaõ ſem exame, que haja de moſtrar com evidencia, como naõ he huma calumnia. Aſſento, que a paixaõ deſordenada, com que os Genealogicos Heſpanhoes ſempre quizeraõ deſcobrir no tronco das arvores hum

Rei,

Rei, ainda que lhe fique na raiz hum Mouro, frase com que o nosso Faria e Sousa os satyrisa: Elles para fazerem apparatosa a da Familia de Prados, introduzírao nella o enxerto bastardo com rotura enorme, e cicatriz insanavel no credito de huma Princeza illustre. Era vulg.

No mundo ainda nao havia a Infante D. Branca, e já existia em Hespanha a Familia de Prados, de que Sandoval nos dá noticia na Chronica do Rei chamado Imperador D. Affonso VII., que no anno de 1142 fez mercê a Martim Dias do Prado da Villa de Alvires no Reino de Leao. Que esta Familia por ser mais antiga, que o nascimento da Infante, lhe nao désse principio no filho, que lhe imaginárao: o Marquez de Monte-Bello o próva á plana 32 do Nobiliario do Conde D. Pedro. Além de que a Infante foi Abbadeça, e governou o Convento de Lorvao, depois o das Huelgas de Burgos, fundaçao de D. Affonso o das Navas, a que rendiao sugeiçao doze Mosteiros. Nao se faz

Era vulg. crivel, que huma juriſdiçaõ taõ larga foſſe premio da incontinencia de D. Branca, ſellado com a marca do filho baſtardo do Carpinteiro, que andando á face de todos; antes que a benevolencia, elle provocaria para com ſua mãi o furor de huns Principes taõ ſeveros, e taõ eſcrupuloſos, como eraõ os Reis de Portugal, e de Caſtella ſeus Progenitores.

O Infante D. Fernando he certo, que morreo menino, e conſta da ſua ſepultura, ou do Epitafio della, que eſtá em Alcobaça, que fora no anno de 1262: Demonſtraçaõ, que deſmente as mais noticias contrarias, e ſe corrobora com a ſupplica, que fizeraõ os Prelados de Portugal ao Papa Urbano IV., pedindo-lhe, que em attençaõ á utilidade pública do Reino, levantaſſe o interdicto, e diſpenſaſſe com o Rei no ſegundo matrimonio, que contraíra, vivendo ſua primeira mulher, que já era morta, e legitimaſſe os filhos, que tinha de D. Brites.

Da

Da Infante D. Sancha disserão Manoel de Faria e Sousa, e Duarte Nunes de Leão, que se chamava Constança; mas não tiverão noticia do *Livro da Noa*, aonde se faz menção do nascimento da Infante por estes termos: Na Éra de 1302 (anno de Jesu Christo 1264) a 2 de Fevereiro nasceo a Infante D. Sancha, filha de el Rei D. Affonso, e da Rainha D. Brites. Com a authoridade de Fernão Lopes próva Brandão, que tudo o que aquelles dous Escritores dizem da vida, e lugar da morte de Constança, forão acontecimentos da Infante D. Sancha. D. Nicoláo de Santa Maria, Chronista dos Conegos Regulares, mostra com o *Livro dos Obitos de S. Salvador de Moreira*, que a Infante D. Maria foi Conega de Santa Cruz no Mosteiro das Donas, e que morreo a 6 de Junho de 1304. Era vulg.

Continuando com o fio da Historia, he huma idéa bem fundada entendermos, que D. Affonso no ajuste da paz com Castella se sugeitou ás condições pesadas, que lhe pôz aquel-

Era vulg. le Rei, eſpecialmente a de lhe ceder as rendas do Algarve: Porque no ſeu Reino, e ſerviço andavaõ muitos Fidalgos de alta conſideraçaõ, que naõ podiaõ eſquecer-ſe do Rei D. Sancho, ignominioſamente depoſto, e ſe receou tanto delles em Caſtella, como dos ſeus amigos, e parentes em Portugal. O Papa Innocencio os protegia, e eſcreveo com inſtancia ao ſabio Affonſo, para que os amparaſſe, e conſeguiſſe do de Portugal admittillos no Reino com honra. Elle para ſe fazer amavel com dar providencias ſaudaveis ao Eſtado, convocou Cortes,
1254 que foraõ celebradas em Leiria, e entre outras graças, ſe concedêraõ nellas vantagens aos moradores do Porto, aos da Villa de Gaya, e de Santarem. O Biſpo daquella Cidade experimentou neſtas Cortes huma grande québra tanto nas ſuas rendas, como na authoridade Secular, que tinha na Capital do ſeu Biſpado: que o Rei politico, attento ao muito poder dos Biſpos nos Reinados precedentes, que tanto lhe valeo para ſer Rei, agora

que

que já o era, eſtimou ter occaſiaõ de abatella, para que as Mitras naõ diſpozeſſem das Coroas, nem os bagos inclinaſſem os Sceptros. Era vulg.

A Rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I., e mulher que foi de Henrique II. Rei de Caſtella, vindo paſſar em Portugal a ſua viuvez no exercicio das heroicas virtudes, que eſcondia entre as paredes do Convento de Arouca, paſſou a gozar a vida eterna; e depois de ſeculos, quando reinava neſte Reino Filippe III. foi o ſeu corpo, e mortalha achados incorruptos. Pelo meſmo tempo o Rei D. Affonſo ſe occupava em moſtrar-ſe liberal com os vaſſallos, que lhe eraõ, e tinhaõ ſido fieis, em fazer forte, e formoſo o Eſtado com muitas fundações, e refórma de Lugares. Fez edificar no Alem-Téjo a Villa Monforte, e mandou reedificar Béja, Eſtremoz, e Villa-Viçoſa ſituadas na meſma Provincia. Entre Douro e Minho diſpendeo com maõ larga na conſtrucçaõ de Viana, Monçaõ, e Melgaço. Tal era o eſtado dos negocios civís em 1256

Por-

Era vulg. Portugal; mas os Eccleſiaſticos já principiaõ a pedir as noſſas attenções.

1258 Em tempo dos Reis Predeceſſores de D. Affonſo tinhaõ ſido feitas as demarcações dos Biſpados, declarados os Metropolitanos, e os ſeus ſuffraganeos, eſpecialmente os que pertenciaõ a Braga, e a Compoſtella, que lhe ficáraõ incluidos os que antes eraõ de Mérida, entre elles Lamego, e a Guarda, que até ao tempo do Rei D. Joaõ I. ſe conſerváraõ ſuffraganeos da Igreja de Sant-Iago. D. Affonſo deo providencias para ſe obſervar eſta ordem, e naõ duvidou pedir ao Arcebiſpo de Compoſtella a confirmaçaõ para D. Pedro Annes, que acabava de
1259 ſer nomeado Biſpo de Lamego. Com piedade naõ menos edificante mandou fundar a obra mageſtoſa do Convento de Santa Clara de Santarem; e no meſmo anno ſervio de explendor luminoſo a Portugal o tranſito feliz de S. Gonçalo de Amarante; Varaõ igualmente admiravel em virtudes, e milagres.

Quan-

Quando aſſim hiaõ tendo princi- Era vulg.
pio os grandes ſucceſſos Eccleſiaſticos, 1260
que levaráõ a ſua ordem nos tempos devidos; o Rei de Caſtella pedio ſoccorros a D. Affonſo parà lançar os Mouros de Andaluzia. Outro Principe, que naõ foſſe elle, duvidaria render eſte bom officio, ſem o mover a paz, nem a alliança pouco antes contraida; mas D. Affonſo, que preferia os avances da Religiaõ ás razões de Eſtado, elles o fizeraõ eſquecer os ſeus intereſſes. Sem o embaraçar a lembrança, de que concorria para engrandecer hum Principe viſinho, que poderia vir a ſer ſeu inimigo, mandou-lhe ſoccorros mais numeroſos, do que o meſmo que os pedia, chegaria a pertender. Em quanto elle os punha prom- 1262
ptos, recebeo a noticia da morte da Condeça Matilde; e com eſta boa nova os Prelados do Reino ſe ajuntáraõ, e pedíraõ em ſeu nome ao Papa Urbano IV. a validade do caſamento do ſeu Principe, a legitimaçaõ dos filhos, que lhe naſcêraõ da Rainha D. Brites em vida de ſua primeira mulher: Ro-

ga-

Era vulg. gativa taõ juſta, que o Pontifice condeſcendeo a tudo o que lhe pediaõ, e hum taõ bom paſſo talvez foſſe auſpicio feliz para o bom ſucceſſo das armas, que marchavaõ a empregar-ſe no ſerviço da Religiaõ contra os Barbaros.

1263 Ainda que a paz anterior entre os dous Reis eſtava reveſtida de todas as ſolemnidades neceſſarias para ſer de longa duraçaõ: Quizeraõ ratificalla de novo por meio de hum Tratado, que regulaſſe as demarcaçoẽs de ambos os Reinos, com eſpecialidade as do Algarve; e eſta convençaõ voluntaria he a que nós daqui em diante devemos entender nos limitou as conquiſtas ſobre as terras dos Infieis, que até entaõ nos eraõ illimitadas pelo direito das armas ſobre os Barbaros com quaſi ſeis ſeculos de poſſe nos Dominios, que com o meſmo Direito que elles, os poſſuíraõ os Godos. Eſta determinaçaõ dos dous Monarcas bem parece hum effeito da ſua equidade natural, e huma diſpoſiçaõ ingenua de fazerem gozar os ſeus Póvos o bene-

fi-

ficio da tranquillidade, arrancando pe- Era vulg.
la raiz as ſementes da futura diſcordia.

O Rei de Caſtella, querendo ainda dar ao de Portugal ſeu genro hum teſtemunho mais ſenſivel do ſeu reconhecimento pelo ſoccorro, que lhe havia mandado contra os Mouros; cedeo do contrato de compenſaçaõ, que lhe déra direito para cobrar em ſua vida as rendas do Algarve, com condiçaõ, que D. Affonſo lhe enviaria cincoenta lanças, quando lhas pediſſe para ſerviço da ſua Peſſoa, ou do ſeu Eſtado, naõ como tributo, naõ como feudo, naõ como demonſtraçaõ de vaſſallagem, que indicaſſe inferioridade de ſoberania; mas em ſua vida ſómente, aſſim como lhe foraõ cedidas as rendas do Algarve, em agradecimento delle as abandonar agora ao Rei ſeu genro, que neſta fórma ſe deo por obrigado. Tanto que ſe vio nos termos de gozar livremente do ſeu Reino do Algarve, entrou a tratallo como dependencia da ſua Coroa; formando para elle regulamentos reſpe-

cti-

Era vulg. ctivos ao governo politico, e boa arrecadaçaõ da fazenda Real, conformes aos mais expedientes practicados em Portugal a estes assumptos.

1265 Neste anno, que cito, acabou o curso maravilhoso da sua vida o Santo F. Gil, que nasceo de pais nobres, e levou a mocidade entre vicios taõ infames, que chegou a aprender dos mesmos Demonios a arte da Negromancia. Mas Deos, que naõ quer a morte do peccador, o tocou com auxilios taõ fortes, que mudou em servo seu o escravo de Satanaz, e fez do escandalo das gentes hum Santo, que illustra a respeitavel Ordem

1266 dos Prégadores. No anno seguinte succedeo em Santarem o prodigio admiravel, que vulgarmente chamamos o Santo Milagre: Testemunho estupendo, com que Jesu Christo perpetuamente nos está persuadindo a existencia real do seu Corpo no Sacramento do Altar; entaõ para confundir os Judeos, que persuadíraõ á afflicta mulher a fazer-lhe desacatos; agora para continua edificaçaõ nossa, e argumento

con-

contra a impiedade dos hereges, que Era vulg.
o negaõ.

Ainda que os ſucceſſos tinhaõ corrido á medida dos deſejos do Rei D. Affonſo; á ſua ſoberania independente naõ ſe fazia toleravel a obrigaçaõ de mandar a Caſtella 50 lanças cada vez que lhas pediſſem: Imitador glorioſo dos Reis ſeus predeceſſores, que naõ queriaõ ter a ſua Coroa dependente mais que de Deos, livre de tudo quanto pareceſſe tributo, que ſempre he origem de diſcordias entre o Principe, que o paga, e o que o cobra. Occupado deſta idéa a que deſejava ver o fim; com o pretexto do Infante D. Diniz receber da maõ de ſeu Avô a Ordem da cavallaria; o mandou na idade de ſete annos a Caſtella com a magnificencia devida a hum Principe ſucceſſor. Além das muitas peſſoas, que faziaõ o ſequito brilhante, o Rei nomeou outras de caracter capaz de fazer amigos na Corte de Caſtella, que facilitaſſem a condeſcendencia ás pertenções, de que o Infante hia encarregado. A negociaçaõ foi conduzi- 1267

Era vulg. da com tanta dexteridade, que o Rei D. Affonſo em attençaõ a ſeu Neto, contra o voto dos ſeus Miniſtros, abſolveo o Reino do Algarve da penſaõ das 50 lanças, que era obrigado a pagar em ſua vida pela demiſſaõ das rendas, que deixamos ditas.

Eſte caſo foi o tropeço de todos os Eſcritores Caſtelhanos, que dominados pela ambiçaõ de repreſentar no mundo a Portugal tributario do Reino de Leaõ, com bem pouco eſcrupulo o perſuadíraõ, naõ que o Infante D. Diniz fora pedir a relaxaçaõ das 30 lanças contratadas ſobre o Algarve; mas a de 300 que pagava Portugal de tributo, depois que Affonſo VI. o deſanexou da ſua Coroa, e o deo em dote ao Conde D. Henrique. A verdade he, que na conjuntura ſobre que eu eſtou tratando, os Miniſtros de Caſtella lembráraõ ao Rei eſta pertençaõ. Fallando em ſeu nome, e no de outros D. Nuno de Lara, diſſe ao Rei: Que elle naõ ſó devia eſcuſar-ſe da aboliçaõ das 50 lanças, que eraõ huma próva da ſua Soberania

nía ſobre o Algarve; mas applicar todos os meios para reentrar na poſſe das regalias, que os Reis ſeus Predeceſſores haviaõ tido em Portugal antes de o ſeparar da ſua Coroa: Que elle naõ podia deſpojar-ſe dos direitos de Soberania, de que naõ era mais que hum Depoſitario: Que ſe o amor para com ſeu Neto o movia, lhe déſſe joias, riquezas, theſouros; mas que das prerogativas do ſeu Eſtado nada diſpozeſſe; porque dellas ficava reſponſavel a Deos, e aos homens. Era vulg.

Dizem varios Authores, que vi: Que eſte deſembaraço de D. Nuno de Lara irritára o Rei, que o tomára em tom de reprehenſaõ contra a ternura, que moſtrava a ſeu Neto: Que naõ lhe reſpondêra palavra; mas que com ar colerico ſe voltára para os outros Conſelheiros, e lhes pedira o voto: Que a maior parte delles applaudíraõ a ſua reſoluçaõ, e rogáraõ concedeſſe ao Infante quanto lhe pedia, ſem reſervar para ſi regalia alguma de honra, e intereſſe a reſpeito do Algarve, e eſtimaſſe eſta acçaõ como

Era vulg. mo huma deviſa da amizade, que tinha ao Principe ſeu Neto, e como huma generoſidade, que enchia a ſua reputaçaõ de nova gloria: Que com eſtes ultimos conſelhos D. Affonſo authoriſára as ſuas boas intenções, mas que fazendo-ſe pública a ſua liberalidade, naõ o eſcuſou de ſe dizer em Caſtella, que neſta conjuntura Affonſo naõ merecêra ſer chamado o ſabio.

Eſtas ultimas vozes, e as do parecer de D. Nuno de Lara ſaõ huns esforços da paixaõ; porque Portugal nunca pagou tributo ao Reino de Leaõ, como tem moſtrado com próvas incontraſtaveis os Eſcritores mais exactos. No Reino do Algarve ſuccede outro tanto, nem os de Leaõ, e Caſtella podiaõ ter ſobre elle direito, que naõ foſſe imaginario, quando os Mouros o poſſuiaõ com dominio diuturno pelo meſmo direito das armas, com que o adquiríraõ os Godos; quando qualquer dos Reis Catholicos das Heſpanhas o podia tirar do poder dos Barbaros; quando era huma conquiſta noſ-

noſſa, feita pelas noſſas trópas, ſem Era vulg.
ſoccorro, authoridade, nem licença dos Reis de Leaõ, e Caſtella, que naõ neceſſitavamos; em fim, quando a acçaõ, que elles tinhaõ no meſmo Algarve era por convenções, lances de politica, e intereſſes, que coſtumaõ os Reis ter huns com os outros, ſem avance, nem abatimento da ſua Soberania mutua. Tenho moſtrado, como a ceſſaõ das rendas do Algarve, depois a obrigaçaõ das 50 lanças foraõ huns contratos vitalicios entre os dous Reis, naõ porque o de Portugal recebeſſe o dito Reino do de Caſtella: Reino, que começou a ſer conquiſtado pelo Rei D. Sancho I.; que continuou a conquiſta ſeu neto D. Sancho II. e agora a concluio D. Affonſo III. tambem ſeu neto, ſem dependencia de Caſtella.

He huma próva bem evidente do que acabo de dizer, a propria Carta do Rei de Caſtella, eſcrita neſta occaſiaõ a ſeu genro, que o Doutor Brandaõ extrahio da Torre do Tombo, e a inſertou no *IV. Tomo da Mo-*

nar-

Era vulg. *narquia Lusitana*, *Livro XV. Capitulo XXXIII.* Nella diz aquelle Monarca: Que para todo sempre dá por acabados todos os pleitos, conveniencias, posturas, e omenagens, que foraõ póstas em razaõ do Algarve: *Que nós tenemos de vós en nuestros dias, y no màs.* Na mesma Torre do Tombo ha outra Carta semelhante, com expressões conformes, que tambem traz Brandaõ no *Capitulo XXXIV. do Tomo citado*, aonde nota a Duarte Nunes de Leaõ de a haver viciado; porque como seguia a opiniaõ, de que o Rei de Castella dotára sua filha D. Brites com as terras do Algarve, a estas palavras do Rei: A nada sejais theudos em razaõ dos Castellos, e terras do Algarve: Accrescentou Duarte Nunes: *Que vos dei*: clausula, que affirma aquelle Escritor severo, e exacto se naõ acha no original, que elle vio. Donde fica evidente, que o Algarve entre os dous Reis entaõ existentes, principiou a ser hum assumpto de litigios, que deraõ occasiaõ ás convenções differentes, que mutuamente

te celebráraõ, e que elles impediaõ a D. Affonſo o uſo-fructo do Paiz, que havia regado com os ſeus ſuores nas fadigas da guerra. Porém depois da ceſſaõ feita ao Infante D. Diniz, em que tiveraõ fim as diſputas precedentes, D. Affonſo ajuntou o titulo de ambos os Reinos, e ſe dizia Rei de Portugal, e do Algarve. Era vulg.

CAPITULO IV.

Das controverſias, que por eſte tempo ſe moveraõ entre o Rei, e o Eſtado Eccleſiaſtico, e outros ſucceſſos do ſeu Governo.

DOM Affonſo, que era naturalmente liberal, e taõ caritativo com os pobres, que chegava a empenhar a cópa da ſua caſa para os ſoccorrer: Seja por que via muitos bens da Coroa alheados em poder das Ordens Militares de Sant-Iago, de Aviz, e do Templo; ſeja porque ſeu irmaõ D. Sancho com maõ taõ larga as havia dotado; ſeja porque ſe quiz enriquecer; entre

Era vulg. as mesmas Ordens, e o Rei teve principio huma disputa bem debatida sobre varias Villas, Castellos, e rendas, que depois de allegações fortes por ambas as partes, se veio a compôr com interesses vantajosos a D. Affonso. Como elle tinha a D. Sancho em conta de hum prodigo, eraõ escrupulosas para o seu espirito as mercês, que aquelle Rei havia feito. Por isso naõ contente com o que acabava de obrar a respeito das Ordens Militares, mandou tirar inquirições exactas por todo o Reino dos titulos, por que cada hum possuia as terras, e propriedades, de que era Senhor, para que naõ houvessem fraudes, que deteriorassem a Coroa.

Mas estes negocios escondêraõ os vultos, quando appareceo á vista delles o da renovaçaõ das controversias entre os dous Poderes Ecclesiastico, e Secular: Controversias nascidas da rotura das immunidades, que os Canones concedem ás Igrejas; que foraõ o labyrinto intrincado, aonde D. Affonso II. acabou a sua vida; o mesmo

em

em que viveo ſeu filho D. Sancho; o mesmo em que agora ſe embaraçou ſeu Irmaõ, e Succeſſor D. Affonſo III. quando ſe chegava ao fim da vida. O poder Eccleſiaſtico facilitou a D. Afſo a uſurpaçaõ do Throno: o ſeu repelaõ violento deitou delle abaixo a D. Sancho. Por iſſo o Uſurpador em França lhe fez grandes promeſſas, e deo juramentos os mais ſolemnes de promover todas as ſuas vantagens, que entaõ julgou injuſtamente abolidas. Em quanto á Coroa teve pouca firmeza na ſua cabeça, houveraõ diſſimulações, que pareciaõ beneficencias; mas depois que ella fez aſſento com direito, e poſſe legitimos, os juramentos naõ ſe guardáraõ, e as promeſſas eſquecêraõ. Nós naõ decidiremos ſe a Peſſoa obrou injuſta, ſe a Mageſtade ſe moſtrou ingrata, e ſó cuidaremos em cumprir na narraçaõ dos ſucceſſos com as obrigações de Hiſtoriador. Era vulg.

Alguns de caracter muito mais ſublime, que o meu, entendem, que do pouco eſcrupulo que el Rei D. Af-

Era vulg. fonſo fez de caſar com D. Brites ſendo viva ſua primeira mulher, deſprezando as cenſuras da Igreja; que dos lances de incontinencia, em que preſiſtira, ſe fora arrojando a outros exceſſos, que o conduziraõ a depôr a violencia com que parecia, que amparava os Eccleſiaſticos: Declarando-ſe abertamente contra elles: ſoprando das cinzas as paixões antigas em nova oppreſſaõ dos Biſpos: Permittindo, que o Clero foſſe obrigado a reſponder no Juizo Secular; e outros exceſſos deſta qualidade, que obrigáraõ a unir-ſe os Prelados do Reino para uſarem de todos os meios, com que ſe podeſſem oppôr á violencia, que entendiaõ ſe lhes fazia. O ſeu primeiro paſſo foi o rendimento humiliante, que appreſentou o Memorial dos juramentos, e promeſſas feitas em Pariz, que pedia ſe obſervaſſem; mas como elle, nem as propoſtas mandadas fazer pelo Papa Clemente IV. pouco antes da ſua morte, produziraõ effeito: em que romperiaõ os Biſpos, que ſe imaginavaõ ingratamente correſpondidos?

A

A maior parte deſtes Prelados rompeo no exceſſo de ſe pôr a caminho, e irem elles meſmos em peſſoa á Curia Romana queixar-ſe ao novo Papa Gregorio X. das deſordens ſuccedidas em Portugal, que pediaõ os remedios promptos, que entaõ mettia em uſo o eſpirito dos tempos. O Papa, e os ſeus Curiaes ſe aſſombráraõ deſte tumulto dos Miniſtros da paz, e quiz commetter com ella ao Rei para naõ exaſperar a guerra. Encarregou aos Prelados das Religiões de S. Domingos, e S. Franciſco a commiſſaõ de repreſentarem ao Rei com termos doces, e ſuaves, quanto era odioſa, e injuſta a perſeguiçaõ, que fazia aos Miniſtros do Senhor; mas o Principe ſe moſtrou taõ inflexivel a tudo, quanto ſe lhe diſſe de mais tocante, de mais forte, e de mais terno, que em couſa alguma mudou de ſentimentos. Entaõ o Clero, com arrojo temerario, tirou a público o deſcomedimento de faltar com o reſpeito á Peſſoa Sagrada do Rei, a queixar-ſe altamente da uſurpaçaõ, que fazia da ſua juriſdiçaõ, Era vulg.

e

Era vulg. e dos ſeus bens, a notallo de avarento, até de incontinente.

O Papa, prevenido por tantos
1273 Prelados, e por todo o Clero da Igreja Luſitana, nas idades em que o pouco diſcernimento fazia ſubmetter os Sceptros com tanto prejuiſo da ſua Soberania Temporal: Elle ſe reſolveo a admoeſtar aſperamente ao Rei por meio de huma Bulla, em que o notava de ingrato para com a Santa Sé, que lhe dera o Reino; da ſua falta de palavra no cumprimento das promeſſas, que fizera, todas reſpectivas aos intereſſes da Religiaõ. Depois de outras expreſsões naõ menos vivas, e fortes, que ſe animavaõ no juramento dado pelo Rei em Pariz: Gregorio X. paſſou das perſuasões ás ameaças, declarando, que ſe D. Affonſo em tres mezes, ou os ſeus Succeſſores dentro em hum anno naõ cumpriſſem fielmente as ſuas promeſſas, ſeriaõ excommungados nas ſuas Peſſoas; e que ſe depois de hum mez da declaraçaõ os negocios naõ mudaſſem de ſemblante, havia por excommunga-

ga-

gados em geral os Reinos de Portugal, e do Algarve. A groſſura deſte tom, que fazia no mundo hum ecco da meſma corpulencia da voz coſtumada a cauſar tremor nos mais altos montes; moveo a D. Affonſo para publicar alguns Editos favoraveis ás Igrejas, e aos ſeus Miniſtros, que ſuſpendêraõ por entaõ as demonſtrações fulminadas ſobre o Rei, e os ſeus Reinos. Era vulg.

Quando veio a morte ao Papa 1275
Gregorio já o haviaõ feito conceber as imagens triſtes, de que o Rei nada do que promettêra cumpria, e eſtava reſoluto a executar quanto ameaçára. Com a meſma deſconſolaçaõ acabáraõ Innocencio V., e Adriano V. que depois de Gregorio obtiveraõ o
Pontificado pouco tempo. Foi ſeu 1276
Succeſſor Joaõ XXI. Portugez, antes chamado Pedro Joaõ, filho do Medico Juliaõ, e elle em Lisboa profeſſor da meſma arte de ſeu Pai. Dizem delle, que deixára hum grande Receituario para a conſervaçaõ da ſaude; que depois ſeguíra o Sacerdocio; fo-

Era vulg. fora Arcediago, e Arcebiſpo de Braga; que o Papa Gregorio X. o criára Cardeal, e ultimamente foi Pontifice. Os que duvidaõ tiveſſe as qualidades de bom Filoſo, o perſuadem exceſſivamente applicado á Aſtrologia judiciaria, ſem outro exercicio, que o de eſcogitar meios para viver muito, conformes com os Syſtemas da meſma Sciencia. Affirma-ſe, que levantára o ſeu horoſcopo; mas contou taõ mal o calculo, que naõ previo tinha de ficar ſepultado nas ruinas do ſeu quarto no Palacio de Viterbo em 1277, hum anno depois da ſórte o fazer Papa, e ſe levantar a figura. Naõ obſtante ſer eſte Pontifice Portuguez, mandou hum Nuncio a Lisboa para notificar ao Rei cumpriſſe a palavra, que tinha dado aos ſeus predeceſſores; mas o Nuncio, que naõ teve mais ventura que os outros, vendo que nada avançava ſobre o eſpirito de D. Affonſo, ſe retirou á ſua Corte.

1279 Aſſim corriaõ os negocios de Portugal, quando Deos com as enfermidades, que tocaõ no coraçaõ do homem,

mem, bateo a D. Affonſo, que occupado em ſi meſmo, cuidou ſériamente nas deſordens de tanta duraçaõ entre elle, os Prelados, e o Clero do Reino. A ſua meſma conſciencia lhe principiou a accuſar as tolerancias ſobre as uſurpações, que ſe haviaõ feito na juriſdiçaõ, e bens da Igreja; na ſua oppoſiçaõ a Decretos da Sé Apoſtolica, que já reconhecia ſaudaveis; na pouca attençaõ, que lhe levavaõ os conſelhos, e os Miniſtros Eccleſiaſticos; nas infelicidades, que a ſua teima cauſára no Eſtado; no eſcandalo, que as controverſias haviaõ dado ás Potencias catholicas: E movido o eſpirito com eſtas reflexões, tocado do temor da morte, que ſentia proxima, reſolve-ſe a dar de tudo huma ſatisfaçaõ pública, que ſobre ſer util ao meſmo eſpirito, ſeja tambem para o mundo Chriſtaõ edificante. Era vulg.

Na preſença do Biſpo de Evora, e de grandes peſſoas da Corte mandou D. Affonſo lavrar o Acto, que ſe guardava no arquivo da Sé de Lisboa, don-

Era vulg. donde o copiou Brandaõ, e o transcreveo no *IV. Tomo da Monarquia*, *Livro XV. Capitulo* 47: Acto, em que o Principe dá as demonstrações mais sensiveis de penitente; jurando aos Santos Evangelhos de observar dalli em diante as Bullas Pontificias; de render á Igreja as honras, que lhe eraõ devidas; de restituir aos seus Ministros todos os damnos, que lhes havia causado. Para fazer mais significante esta disposiçaõ, quiz que a presenciasse o seu Successor D. Diniz para lhe encarregar tomasse parte nestes seus sentimentos, e intenções; para no futuro resarcir os prejuisos, que entendesse causados pelas suas ordens, e permissões: Encargos, que o Principe protestou naõ seria omisso em satisfazer, para que a penitencia de seu Pai fosse a Deos acceitavel, e a sua reputaçaõ se conservasse gloriosa na memoria dos homens.

Já illuminada a alma, que se desatava das prizões da carne, D. Affonso mostrou hum pezar excessivo do aborrecimento grande, que teve a

sua

ſua primeira mulher, do amor demaſiado, que rendeo á ſegunda; ambos os extremos cauſas motivas dos exceſſos a que o arrojáraõ as duas paixões taõ contrarias, que agora ſe uniaõ na dor, que crêmos faria expiaveis os crimes. Com eſtas diſpoſições taõ catholicas morreo D. Affonſo III. aos 69 annos da ſua idade, e 33 de Governo. Foi ſepultado na Igreja de S. Domingos de Lisboa, donde ſeu filho D. Diniz o transferio para a do Moſteiro de Alcobaça, aonde jaz com a Rainha D. Brites ſua mulher. Teve huma grandeza de corpo taõ extraordinaria, que quando o Rei D. Sebaſtiaõ mandou abrir o ſeu ſepulchro, todos os que o viraõ ſe admiráraõ da ſua eſtatura. Era vulg.

De ſua primeira mulher já diſſe, que naõ tivera filho algum, ainda que a adulaçaõ, e liſonja imagináraõ o contrario contra a reſoluçaõ dos homens mais ſabios, e diligentes, e contra as declarações expreſſas do Teſtamento da meſma Condeça Matilde.

Da

Era vulg. Da Rainha D. Brites, teve a ſucceſſaõ, que já deixo declarada. Os Baſtardos foraõ muitos, e de alguns naõ fallá-raõ os noſſos Eſcritores, ſendo troncos de grandes Familias; o primeiro foi Fernando Affonſo, Cavalleiro Templario, que foi ſepultado em S. Braz de Lisboa, aonde ſe conſervou muitos annos o Epitafio, que dizia quem era ſeu pai; o ſegundo Gil Affonſo foi Bailio da meſma Igreja de S. Braz, aonde tambem foi ſepultado hum ſeu filho chamado Lourenço Gil, que foi da Ordem de S. Joaõ, hoje de Malta; o terceiro Affonſo Diniz, caſou com D. Maria Ribeira, e foraõ pais de cinco filhos varões, cujas deſcendencias trata o Conde D. Pedro; o quarto Martim Affonſo Chichorro naſceo de huma Moura, dizem que filha de Aloandro, Almoxarife de Fáro, da qual o Rei ſe namorou quando conquiſtou a Cidade, e fez nella eſte filho, que caſou na familia dos Souſas, e delle deſcendem muitas das que diz Faria, que levaõ o Rei no tronco, e lhes fica na raiz a Moura; a quinta

foi

Era vulg.

foi D. Leonor, que caſou com o Conde D. Gonçalo Garcia. Naõ tiveraõ noticia os noſſos Eſcritores antigos de D. Urraca Affonſo, que conſta de Memorias da ſua idade fora filha de D. Affonſo, que lhe deo a Aldea do Lamegal, e caſou com D. Pedreannes, filho de D. Joaõ Martins dos de Riba de Viſella, e de ſua mulher D. Urraca Abril. A meſma ignorancia houve a reſpeito de outra Leonor, differente da Condeça, que foi Freira em Santa Clara de Santarem, e o Rei deixou dito a tivera de Elvira Eſteves; e de Rodrigo Affonſo, que foi dotado por ſeu pai com muitas herdades em Santarem, e Guimarães.

O Rei D. Affonſo deo nova fórma ás Armas do Reino. Como acabára a conquiſta, e ſe vio Senhor pacifico do Algarve, lançou como orla ao Eſcudo Real, para deviſa do novo Dominio, hum campo de purgura ſemiado de Caſtellos de ouro. Sobre eſtas Armas pôz as de Portugal abbreviadas, de modo que as do Algarve ſe deſcobriſſem por toda a circunfe-

ren-

Era vulg. rencia, e nas do centro tirou dous pontos do número, que até entaõ coſtumava levar o eſcudete. Floreſcêraõ no ſeu tempo Heróes memoraveis, e entre nós ſempre digno de lembrança o grande Meſtre de Sant-Iago D. Payo Peres Correa, Joſué Portuguez, que na opiniaõ de Authores ſevéros, e judicioſos, fez parar o Sol, quando na batalha da Serra Morena, junto á Igreja de Santa Maria de Tentudia, contra os Barbaros, aquelle Planeta ſe eſcondia, antes que elle aperfeiçoaſſe a obra, clamou á Mãi do Omnipotente, dizendo: *Santa Maria de ten tu dia.* Brado, a que o Sol no horiſonte reſpondeo parando. Quatro annos antes da morte do Rei D. Affonſo paſſou D. Payo da vida mortal a receber o premio das ſuas virtudes na eterna, e jaz na Cidade de Tavira no Algarve.

Feitos glorioſos nas expediçóes daquelle tempo obráraõ D. Fernando Peres Guimarães, D. Egas Henriques Portocarreiro, D. Egas Gomes Barroſo, D. Gueda Gomes, D. Martim Fer-

Fernandes de Novaes, D. Ramiro Quartela, D. Raimundo Viegas de Siqueira, D. Pedro Soares, D. Lourenço Fernandes da Cunha, D. Affonſo Peres Ribeiro, D. Mem Rodrigues de Tougues, D. Lourenço Gomes Maceira, D. Gonçalo Peres de Belmir, D. Eſtevaõ Peres de Tavares, D. Guterre Aldaire, D. Pedro Fernandes do Valle, D. Eſtevaõ Martins Petir, D. Joaõ Pires de Vaſconcellos, D. Mem Paes Mogundo de Sandim, Pedreannes do Portal, Joaõ de Aboim, e outros Varões célebres, de que a antiguidade, e o deſcuido nos roubou os nomes, e as noticias para naõ as podermos dar illuſtres de tantos filhos benemeritos da Patria, que tem criado em todas as idades para a fazerem luminoſa. Era vulg.

F I M.

Era 1169 Fernandes de Novaes; D. Ramiro Gonçalves; D. Ramon Viegas de Sequeira; D. Pedro Soares; D. Affonso Bermudes de Cunha; D. Affonso Pires Ribeiro; D. Mem Rodrigues de Tavares; D. Lourenço Gonçalves Magalhães; D. Gonçalo Peres de Ribeira; D. Lourenço Pires de Tavares; D. Gaspar Alvares; D. Pedro Fernandes do Valle; D. Lourenço Martins Pestana; D. João Pires de Vasconcellos; D. Mem Paes Mergulhão de Sandim; Pedro Nunes de Portugal; João de Abuim; e outros Varões celebres, de que a antiguidade, e o descuido nos roubou os nomes, e as noticias para mais espe-cificar das illustres familias filhos benemeritos da Patria, que tem estado em todas as idades para a fazerem luminosa.

F I M.

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO IX.

CAP. I. *Vida, e obras do Grande Rei D. Affonſo Henriques, I. Rei de Portugal.* 5

- - II. *O Rei D. Affonſo Henriques paſſa o Téjo, e ganha ſobre Iſmar, e cinco Reis Mouros a milagroſa batalha do Campo de Ourique.* 21

- - III. *Tata-ſe das Peſſoas principaes, que ſe achárão na batalha do Campo de Ourique: Prova-ſe a apparição de Jeſu Chriſto ao Rei D. Affonſo, e ſe eſcreve a formação das Armas do Reino.* 46

- - IV. *Continua-ſe com os ſucceſſos da vida do Rei D. Affonſo Henriques.* 63

- - V. *De outras conquiſtas do Rei D. Affonſo Henriques, eſpecialmente a de Liſboa.* 87

LIVRO X.

CAP. I. *Fundaçaõ de Alcobaça, e outros ſucceſſos da vida de D. Affonſo Henriques.* 98

- - II. *Referem-ſe outras conquiſtas do Rei D. Affonſo Henriques, e os ſucceſſos da guerra com ſeu genro o Rei de Leaõ.* 114

- - III. *Expedições do Infante D. Sancho, mandadas fazer por ordem de ſeu Pai, e outras de ſeus Capitães.* 131

- - IV. *Da Invaſaõ formidavel do Miramolim de Marrocos ſobre Portugal, e batalha milagroſa, em que o Rei D. Affonſo o desbarata.* 149

- - V. *Da morte precioſa do Rei D. Affonſo Henriques, e ſuas heroicas virtudes.* 160

LIVRO XI.

CAP. I. *Da vida, e acções do Rei D. Sancho I., e II. de Portugal.* 170

- - II. *Continua o Rei D. Sancho a conquista do Reino do Algarve, e se referem outros successos.* . . . 182

- - III. *Continua-se com outros successos da vida do Rei D. Sancho.* 196

LIVRO XII.

CAP. I. *Vida, e acções do Rei D. Affonso II., chamado o Gordo, III. de Portugal.* 205

- - II. *Das differenças que o Rei D. Affonso teve com seus Irmãos, da guerra com o Rei de Leaõ, e outros successos.* 217

- - III. *Das expedições militares do Rei D. Affonso II. contra os Mouros.* 227

CAP. IV. *Da vinda dos Santos Martyres de Marrocos a este Reino, e outros successos do Rei D. Affonso II.* 244

LIVRO XIII.

CAP. I. *Da vida, e acções do Rei D. Sancho II., e IV. de Portugal.* 255

- - II. *Das emprezas militares do Rei D. Sancho II.* 267

- - III. *Continua-se com as emprezas militares, e outros progressos da vida do Rei D. Sancho.* . . . 278

- - IV. *Trata-se da deposiçaõ do Rei D. Sancho, e da delicada fidelidade, que usáraõ com elle alguns dos seus fieis, e illustres vassallos.* . 294

LIVRO XIV.

CAP. I. *Da vida, e acções do Rei D. Affonso III., e V. de Portugal.* 307

CAP. II. *Do Eſtado Eccleſiaſtico, e Politico de Portugal por eſtes tempos.* 321

- - III. *Do caſamento do Rei D. Affonſo com a Rainha D. Brites, filhos que della teve, e outros ſucceſſos deſtes tempos.* . . 334

- - IV. *Das controverſias, que por eſte tempo ſe moveraõ entre o Rei, e o Eſtado Eccleſiaſtico, e outros ſucceſſos do ſeu governo.* 353

CAP. II. *Do Estado Ecclesiastico, e Politico de Portugal por estes tempos.* . . . 321

- - III. *Do casamento do Rei D. Affonso com a Rainha D. Brites, filhos que della teve, e outros successos destes tempos.* . . 334

- - IV. *Das controversias, que por este tempo se moveraõ entre o Rei, e o Estado Ecclesiastico, e outros successos do seu governo.* 353

ERRATAS DOS TOMOS I., E II.

Erratas	Lea-ſe
TOMO I.	
Na Prefaçaõ pag. XXI. Os *meſmos* brutos	os *menos* brutos.
Pag. 120. Rendeo Fabio *Cines lugares*	*cinco Cidades.*
Pap. 140. Para *arraſtar* o outro	para *arroſtar.*
Pag. 236. Villa nova de *Taſcoa*	de *Faſcoa.*
Pag. 292. Conhecermos as *fadigas*	conhecermos as *figuras.*
TOMO II.	
Pag. 34. Morto *Theodoro*	morto *Theodoſio.*
Pag. 47. Walia que *paſſava*	que *paſſeava.*
Pag. 135. *Iria* da paz	*Iris.*
Pag. 153. Como de *taõ* valido	de *tal* valido.
Pag. 173, e ſeg. D. *Truela*	D. *Fruela.*
Pag. 248. D. *Bernardo*	D. *Bermudo.*
Pag. 255. *Reſolveo* os de Toledo	*revolveo* os de Toledo.
Pag. 301. Do Livro II. deſte Tomo	do Livro *V.*
Pag. 306. Naõ ſó difficultoſa, mas *poſſivel*	mas *impoſſivel.*
Pag. 386. Naõ perdoára a Egas	naõ *ſó* perdoára.
Ibid. Que entaõ ſe *acha* em Roma.	ſe *achava.*
Pag. 387. Foi o Principe *reſpeitado* por hum herege	*reputado* por &c.
Pag. 418. Em cima a nodoa da *eſcuridade*	nodoa da *eſcurtilidade.*

Era vulg.

Da
que
foraõ
raõ
cos
foi F
plario
de Li
tos a
era ſe
Bailio
de tan
lho ch
da Or
o terc
D. M
cinco
cias tr
to Ma
de hun
Aloand
qual o
quiſtou
lho, qu
e delle
Faria,
lhes fica